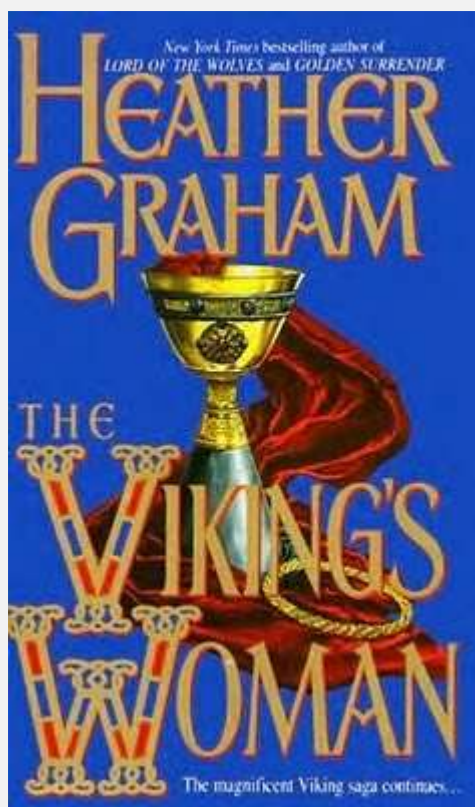


Romances Históricos

Heather Graham

A mulher do Viking



Segundo livro da Trilogia Viking

Realização/ Créditos:

Tradução/Pesquisas: GRH

Revisão Inicial e Final: Ana Paula G.

Formatação e Arte: Ana Paula G.





Nota da Revisora Ana Paula G.

Amei esta trilogia desde que fiz a revisão final de RENDIÇÃO DOURADA, o primeiro livro desta série!

Linda história, personagens cativantes, cheios de paixão e personalidade! Trechos hot, mas tudo de extremo bom gosto e sensualidade! Heróis e heroínas apaixonantes, histórias cheias de detalhes de época (coisa que eu adoro)!

Resolvi fazer esta revisão também em homenagem a minha grande amiga Bel que adora um viking, revisou o primeiro desta trilogia e, por motivos profissionais, se afastou dos grupos!

Aproveitem, este livro vale a pena!!!

Pelas cenas hot leva dois leques!!





Foi concebido durante uma tempestade, em uma noite dominada pela ira e a paixão.

E nasceu no preciso instante em que caía um raio; as tormentas estavam destinadas a reger sua vida. O terrível açoite de um raio rasgou o céu, e Erin, rainha de Dubhlain, ofegante e atormentada pelas contrações rápidas e implacáveis, lançou uma afogada exclamação de dor. Mordeu o lábio porque estava certa de que o parto iria bem e não desejava assustar aos que a rodeavam, nem ao seu senhor e marido, o Rei. A dor se intensificou, chegou ao topo e começou a diminuir lentamente. Fez uma profunda inspiração, fechou os olhos e conseguiu sorrir, recordando a noite em que, com toda certeza, tinha sido concebido esse filho.

Haviam se afastado muito a cavalo e a tormenta os surpreendeu longe dos muros da cidade, nas cavernas. Nesse dia se zangou com Olaf, embora não recordava por que. Mas a fúria jamais tinha sido um impedimento para eles, tampouco essa noite. As coléricas e entrecortadas palavras simplesmente aumentaram o ardor que inflamava sua paixão.

Recordava tudo muito bem. Tinha gritado com Olaf e ele tinha respondido com igual fúria; mas com o doce e feroz ataque de seu beijo, Erin esqueceu a briga.

No meio do furor da tormenta, ele a jogou no chão na beira do escarpado sob o qual rugia o selvagem e perigoso mar. Juntos tinham criado então a vida que nesse momento se agitava em seu interior. Amada vida, porque amava muito seu senhor. Recordava com toda clareza o aspecto de seu marido naquele dia. Seus olhos cor de cobalto, sempre ternos, embora acesos de desejo. Sim, conservava a doce e nítida lembrança: a força de seus braços, o ardor de seus beijos, as carícias de suas mãos. Havia sentido o fogo de seu corpo, como o raio, profundo em seu interior.



Amava-o muito. Ambos eram geniosos e sempre dispostos para a paixão, mas sempre estava ali o amor.

— Ai, Meu Deus! — voltou a excluir ao sentir-se transpassada por outra pontada de dor. Sentiu medo. Recordando o difícil parto de Leith, tinha rogado a Deus que este segundo filho viesse ao mundo com mais facilidade. Mas nesses momentos a dor era igualmente dilacerante, dava a impressão de que ia partí-la em duas. Sentiu a suave carícia de sua mãe na frente.

— Por que, mãe? — sussurrou — Por que tem que ser tão difícil?

Maeve sorriu meigamente, tentando aparentar tranquilidade.

— Carinho, não é fácil dar a luz aos filhotes do Lobo.

Maeve ergueu o olhar. Ele estava na porta, o Lobo da Noruega, o rei de Dubhlain. O majestoso e gigantesco rei loiro olhou às duas mulheres e depois se aproximou da cama de sua esposa.

— Estou aqui, princesa. Lute por mim, lute por mim outra vez. Dê a luz ao meu segundo filho.

Ela sorriu. Ele pensou em sua frágil beleza e na força que se escondia atrás dela. Erin tinha os olhos de uma cor esmeralda intensa, tão fulgurante e vivo como sua força interior, essa força que tomou seu coração. Essa força pertenceria a todos seus filhos. Era a paixão que pertencia a todos os habitantes da ilha Esmeralda, e era o poder dos invasores do mar do Norte.

Apertou sua mão com força, feliz de que estivesse ao seu lado.

— Desta vez é uma menina! — disse ela, conseguindo rir.

— Não. — O rei meneou energicamente a cabeça —. É um filho.

— Um filho?

— Sim. Mergwin me disse.

— Ah! — exclamou ela, mas não voltou a gritar, porque ele estava ali.

Entrelaçou os dedos com os dele, para extrair sua força. Outra dolorosa contração a rasgou, como um ferro em brasa, e então suspirou aliviada, porque o bebê estava abrindo caminho e avançava para o nascimento.

— Já vem! — anunciou.

Olaf tinha estado junto a ela em seu primeiro parto e sabia como sustentá-la. E depois ela riu e chorou, e ele a beijou, porque tinha dado a luz ao seu filho. Maeve assegurou que, com certeza, tratava-se de um varão.

— É formoso? perguntou Erin.

— Incrivelmente formoso — assegurou Olaf.



A donzela de Erin limpou rapidamente o bebê e o entregou a sua mãe, que arregalou os olhos ao ver o tamanho do pequeno.

— Outro loiro! — murmurou.

Olaf pôs-se a rir e beijou as úmidas mechas de cabelo negro como o ébano.

— Parece-me que deveria ter uma filha, carinho. Talvez ela tenha o cabelo negro como a noite— brincou.

— E me fala de ter mais filhos neste momento? — protestou ela com fingida indignação.

— Assim que seja fisicamente possível — sussurrou ele sorrindo, e ambos sentiram o calor do amor que havia entre eles. Ele pensou que seu amor era maravilhoso, como tudo na vida.

— E seus olhos...?

— Azuis também, como os de seu pai — respondeu Maeve com um suspiro. Deu uma piscada para Olaf e continuaram olhando o bebê.

— Podem mudar —disse Erin.

— Leith tem olhos irlandeses — recordou ele.

— Certamente os olhos podem mudar de cor — afirmou Maeve.

— Ah, mas estes não mudarão — replicou Olaf muito seguro.

O bebê estava na cama entre sua mãe e seu pai, e sua avó o contemplava. Golpeava os lençóis com os punhos, com os olhos alertas, a boca aberta e fazendo ouvir sua voz sonora e dominante.

— Ah, este é exigente — comentou Olaf.

— Como seu pai — disse Erin.

Já estava apaixonada pelo recém nascido. Reclinou-se e guiou a boquinha de seu filho para seu peito. O bebê o agarrou e imediatamente começou a chupar, com tal segurança e força que ela afogou uma exclamação e pôs-se a rir. Olaf, ao seu lado, acariciou-lhe o cabelo. Esse era um momento de doce e suprema paz. Eles mereciam, pensou. Tinham tido que confrontar tantas dificuldades... Notou que os olhos de Erin se entrecerravam; seus longos cílios formavam uma meia lua negra sobre suas bochechas. Maeve o olhou e ele assentiu. Dispôs-se a agarrar o bebê, mas Erin despertou rapidamente, abrindo os olhos sobressaltada. Segurou com força a seu filho.

— Não, não tirem meu filho! — sussurrou.

Olaf percebeu que estava assustada. Não muito tempo atrás seu primeiro filho, Leith, tinha sido raptado pelo inimigo de Olaf, Friggid o Dinamarquês. Friggid já tinha morrido pelas mãos de Olaf,



mas Erin não tinha superado o medo de que pudessem voltar a arrebatá-lo, e agora ao seu novo filho.

— Sou eu, carinho — tranquilizou-a ele — Sou eu. Deixe que o agarre para que as criadas troquem os lençóis e sua mãe possa te banhar. Sou eu, Erin.

Ela voltou a fechar seus deslumbrantes olhos esmeralda e dedicou a Olaf um sorriso formoso e aprazível.

— Eric — murmurou —. Vai se chamar Eric. Leith por meu irmão, Eric pelo teu.

— Eric — sussurrou Olaf, satisfeito.

Olaf levou ao recém nascido até a janela e ali o contemplou. Tinha o cabelo abundante e quase branco, e seus olhos eram de um azul nórdico. O menino era grande.

— Vai ser exigente — murmurou Olaf.

— Um bom viking — disse uma voz a suas costas.

Olaf se sobressaltou e voltou-se para olhar fixamente ao ancião que acabava de entrar no quarto. Era Mergwin, um homem que parecia não envelhecer, viking e druida, filho de um professor de runas nórdico e uma lendária sacerdotisa irlandesa de um antigo culto druida. Tinha servido a Ard—RI, o rei supremo da Irlanda, pai de Erin, e embora ainda o servisse, estava acostumado a passar a maior parte do tempo com Erin de Dubhlain, sua favorita entre os filhos de Aed Finnlaith, o Ard—RI. Mergwin era o homem mais leal de Erin e portanto também de Olaf.

Certamente era leal a Olaf, embora de vez em quando, surgissem diferenças entre eles.

Pelo visto, Mergwin sabia mover-se como a fumaça pelo tempo e o espaço. Tinha vindo de sua casa do bosque sem que ninguém o tivesse mandado chamar, nem tivesse avisado. Tinha sabido que o menino nasceria nesse dia.

Outro raio rasgou novamente os céus, lançando uma curiosa luz sobre o rosto de Mergwin e sua barba, que caía até o chão. A luz iluminou também o bebê, que pareceu resplandecer nos braços de seu pai.

— Viking? — perguntou sorridente Olaf, e fez um gesto com cabeça para sua esposa, que dormia na cama. As criadas se moviam com cuidado, trocando os lençóis e lavando o rosto de Erin

— Não diga em voz muito alta — advertiu ao ancião — A sua mãe não gostaria.

Mergwin tocou a face do menino. O bebê agarrou o dedo do druida e o apertou com força.



- Leith é irlandês, como sua mãe. Totalmente. Algum dia será o Senhor dos Lobos, seguirá o exemplo de seu pai e será um bom rei de Dubhlain. Mas este, este Eric... colocou-lhe um nome viking, meu senhor.

Olaf franziu o cenho ao perceber certo tom de advertência e estreitou com mais força seu filho contra seu poderoso corpo, como se pretendesse protegê-lo do futuro.

- Fale, velho embusteiro!

— O Lobo sabe muito bem que não deve me grunhir — disse Mergwin com calma. Guardou silêncio um momento e inspirou profundamente — Este menino, senhor Lobo, é teu. É um viking. Como seu pai, cruzará os mares do mundo, participará com frequência de batalhas e aprenderá a deter qualquer ataque com a espada. Com a habilidade de sua mente e sua destreza com a espada, governará muitos. Vai ...

—Vai o que? — A voz de Olaf soou tensa, porque embora já amasse o pequeno que embalava em seus braços, Eric era seu segundo filho. Se ele fosse reinar em Dubhlain implicava perigo para seu irmão Leith. Advertindo a ansiedade na voz de Olaf, Mergwin negou com a cabeça.

- Seu destino está em outras terras. Enfrentará graves perigos.

—Mas vencerá esses perigos! —replicou Olaf. Mergwin o olhou fixamente. Não havia mentiras entre eles.

—Este menino está regido por Odín. Cruzará os mares em meio a grandes tormentas, e desse modo a tempestade entrará em seu coração e no mundo onde ele procurar seu destino. Quando for mais velho haverá escuridão... mas...

- Fale!

- Também haverá luz.

O rosto de Mergwin estava sério, e Olaf, o Senhor dos Lobos, não sabia se rezava ao Deus cristão, que tinha adotado para agradar sua esposa, ou a Loki, Odín e Tor, os deuses de seu passado. Oraria para todos, decidiu. Apertou as mandíbulas.

Mergwin, temendo que o grande guerreiro triturasse o menino, resgatou-o de seus braços, e sentiu o calor do corpinho do bebê. Fechou os olhos.

—Sim, será muito parecido com seu pai. O perigo o acompanhará sempre devido a sua natureza apaixonada, mas...

- Mas o que? — rugiu Olaf.



Mergwin sorriu por fim, embora seus olhos mantinham uma expressão solene.

—Treine-o bem, senhor Lobo. Treine-o para a batalha, ensine-lhe a ser ardiloso. Torne forte seu braço com a espada e boa sua audição. Será um viking e deverá enfrentar terríveis e traiçoeiros inimigos. Mergwin ficou em silêncio. O bebê o olhava com os olhos de gelo e fogo de seu pai. Ao contemplá-lo, ao ver esses olhos que o observavam como se o pequeno entendesse a sorte que lhe vaticinava o druida, o sorriso de Mergwin se alargou.

— Nasceu valente, orgulhoso, com o indomável espírito de sua mãe e o poder e a vontade de seu pai. Transmita a ele a sua sabedoria, Olaf, e depois deixe-o livre, porque, como seu pai, encontrará seu próprio coração.

—Nada de enigmas, druida — disse Olaf com o cenho franzido.

—Não falo em enigmas, digo o que sei. Deixe-o livre e lutará contra seus dragões, seus demônios. E depois...

—Depois?

—Bom, depois, meu senhor, talvez se imponha e triunfe porque, como seu pai, ele também conhecerá uma mulher com o poder de Odín, com a força da tormenta, o raio e o trovão. Ela desafiará seu poder a todo momento, vai levá-lo a enfrentar muitos perigos, mas também lhe brindará a salvação. Será uma arpia, uma mulher tempestuosa de beleza inesquecível, e seu ódio será mais profundo que o oceano que separa seus países de origem.

Sim, senhor Olaf, o triunfo será deles, se o lobo conseguir domar a raposa. — Mergwin ficou um instante pensativo—. Ou se a raposa conseguir domar o lobo —acrescentou com um sutil sorriso que ocultou de seu senhor viking.



Capítulo 1

A primeira proa dragão apareceu no horizonte no mesmo instante em que o primeiro relâmpago riscava o céu e o primeiro terrível trovão retumbava no firmamento.

Depois surgiram numerosas proas dragões, semeando o pânico nos corações já receosos. Com as altas proas erguidas e selvagens sobre as águas, como bestas místicas, os vikings entravam nos portos levando destruição e morte.

A ferocidade dos nórdicos era bem conhecida ao longo das costas da Inglaterra. Os dinamarqueses há anos faziam estragos na terra, e toda a cristandade tinha aprendido a tremer à vista dos rápidos navios dragões, açoite de terras e mares.

Os navios vinham do oeste nesse dia, mas nenhum homem ou mulher se deteve para pensar nesse detalhe ao ver o enxame de navios vikings que navegavam com as velas tão cheias que pareciam a ponto de romper—se. Viram a interminável fileira de escudos que cobriam de proa a popa as embarcações e observaram que era o vento, e não os remadores, que as faziam avançar como a ira de Deus.

Os raios e relâmpagos iluminavam e faziam crepitar o céu cinzento. O vento assobiava, rugia e depois ululava, como se pressagiasse a violência que aconteceria. Vermelhas e brancas, as velas vikings açoitavam o céu escuro e cinzento como o aço das armas, desafiando ao implacável vento.

Rhiannon se achava na capela quando ouviu a primeira voz de alarme. Orava pelos homens que batalhariam contra os dinamarqueses em Rochester. Rezava por Alfredo, seu primo e seu rei, e por Rowan, o homem a quem amava.



Não tinha suspeitado que o perigo viria sobre sua costa. A maioria dos homens tinham partido para prestar seus serviços ao rei, já que os dinamarqueses estavam se reunindo ao sul. Estava sem exército.

Egmund, seu mais fiel guerreiro, já ancião, que tinha servido muitos anos a sua família, encontrou— a ajoelhada na capela.

—Senhora! Navios dragões, milady!

Por um momento ela pensou que o homem estava louco.

—Navios dragões? —repetiu.

—No horizonte. Estão vindo para cá!

—Do oeste?

—Sim, do oeste!

Rhiannon ficou em pé com um salto, saiu correndo da capela e subiu pelas escadas para a paliçada que rodeava a casa. Correu pelos parapeitos, olhando para o mar.

Os vikings se aproximavam, tal como havia dito Egmund. Revolveu-lhe o estômago e esteve a ponto de gritar de medo. Toda sua vida tinha sido uma contínua luta. Os dinamarqueses tinham chegado a Inglaterra como uma praga, semeando o terror e a morte. Tinham matado seu pai. Jamais esqueceria aqueles momentos em que o teve em seus braços, tentando reanimá-lo.

Alfredo lutava contra os dinamarqueses e os derrotava com frequência. E de repente, ameaçavam sua terra, e ela não tinha ninguém que a defendesse porque seu povo tinha ido ajudar seu rei.

—Meu deus! —exclamou.

—Fuja, senhora, fuja —aconselhou Egmund—. Pegue um cavalo e vá rápido até o rei. Chegará a ele amanhã, se cavalgar depressa. Leve suas flechas e uma escolta, e eu protegerei esta fortaleza. Ela o olhou fixamente e depois sorriu.

—Egmund, não posso fugir, sabe disso.

—Não deve permanecer aqui!

—Não nos renderemos. A rendição nada significa para eles; cometem as mesmas atrocidades, tanto faz se lutarmos ou não. Ficarei aqui e lutarei.

—Milady...



—Posso ferir ou matar muitos, Egmund, sabe disso.

Sim, sabia. Era uma extraordinária atiradora. Rhiannon supunha que o ancião, ao olhá-la; via a menina pequena a quem tinha protegido durante anos. Entretanto, o velho Egmund não a via como uma menina, mas sim como uma mulher, e temia por ela. Rhiannon era muito bela, preciosa, com olhos azuis de sereia e cabelos dourados como um pôr—de—sol. Era prima e afilhada de Alfredo, e por ordem dele tinha recebido uma boa educação. Sabia falar com voz doce e suave e rir com os homens; administrava com encantadora facilidade as vastas propriedades que tinha herdado. Seria um valioso prêmio para qualquer viking, e Egmund não podia suportar a idéia de que caísse nas mãos de um homem assim.

—Rhiannon, suplico. Servi a seu pai...

A mulher se aproximou dele e dirigiu um carinhoso sorriso, agarrando entre as suas as calejadas mãos do ancião.

—Querido Egmund!, pelo amor de Deus, não consigo compreender este ataque do oeste. De qualquer modo, não me renderei e não te deixarei aqui para que morra por mim. Fugirei quando e se não houver mais nada a fazer. Como filha de meu pai, não partirei sem antes ter enviado ao inferno alguns desses pagãos. Chame Thomas e convoque todos os guardas que restam, Egmund. Avise aos servos e os camponeses. Depressa!

—Rhiannon, tem que se pôr a salvo.

—Que tragam meu arco e minhas flechas. Não sairei do parapeito —assegurou.

Sabendo que de nada adiantaria discutir, Egmund desceu depressa pelos degraus de madeira, vociferando ordens. Mandou que fechassem os enormes portões, que os poucos guerreiros que restaram montassem seus cavalos e que os lavradores se apressassem a procurar armas. Todos estavam aterrorizados, pois a brutalidade dos vikings era bem conhecida.

Um menino entregou a Rhiannon seu arco e suas flechas. Ela observou o mar. O céu estava mais cinzento, e o vento soprava com força, como se os elementos pressagassem o horror que estava chegando. Ao avistar os navios estremeceu. Fechou os olhos e tratou de afastar de sua mente a lembrança de incursões Vikings passadas. Tinha perdido muito nas mãos dos dinamarqueses, como a Inglaterra. Ela também estava aterrorizada, mas tinha que lutar. Ser capturada ou assassinada sem lutar era inconcebível.



O ataque não tinha nenhuma lógica. Alfredo deveria estar informado dos movimentos dos dinamarqueses. Deveria tê-la avisado.

Os navios se aproximavam cada vez mais. Nem o céu, nem o mar pareciam ter poder para detê-los.

Tremeu de medo ao ver que os navios já quase estavam na praia. Só as proas, esculpidas em forma de horríveis faces de dragões, bastavam para amedrontar qualquer um. Entretanto, os marinheiros ainda não tinham preparado suas flechas. Rhiannon rezou para que seus soldados lançassem uma primeira enxurrada de flechas; talvez poderiam acabar com alguns dos invasores antes que estes os matassem. Fechou os olhos e rogou: «Amado Deus, estou assustada; ajude-me.»

Abriu os olhos. Distinguiu uma figura sobre o navio principal. Tratava-se de um homem alto e loiro que se mantinha firme em meio a tempestade sem perder o equilíbrio, com os braços cruzados sobre o peito. Certamente era um dos chefes, muito alto, de ombros largos, de quadris estreitos, um guerreiro forte e musculoso do Valhalla. Rhiannon voltou a estremecer e tirou uma flecha. Esticou o arco com resolução.

Tremeram—lhe os dedos. Jamais tinha tentado matar um homem. Agora devia fazê-lo. Sabia que trato dispensavam os vikings aos homens e as mulheres quando os capturavam.

Secou-lhe a boca e um terrível calor domino seu corpo. Fechou os olhos, inspirou profundamente e quando voltou a abri-los não compreendeu o que tinha ocorrido. O vento parecia sussurrar que o viking de cabelos dourados seria parte de seu destino. Impaciente, afastou essa sensação e jurou que não voltaria a tremer. Se era difícil apontar para um homem e matá-lo, só tinha que recordar a morte de seu pai.

Tentou de novo, desta vez com os dedos notavelmente firmes. «Mate o chefe — tinham—lhe aconselhado com frequência seu pai e Alfredo—, e os homens sob seu comando fugirão em disparada.» O gigante loiro era um dos chefes vikings. Tinha que acabar com ele. Isso lhe tinha sussurrado o vento, decidiu. Tinha que matá-lo, embora aquele homem parecesse desafiar ao vento, o mar e os deuses nórdicos e cristãos.



Nesse momento Eric de Dubhlain ignorava que sua vida estava ameaçada. Não tinha ido ali com a intenção de atacar, mas como convidado de Alfredo de Wessex.

O mar estava enfurecido, mas conhecia o mar e não o temia. O céu escureceu ainda mais e depois cintilou outro raio, uma assustadora linha dourada, como se o próprio Deus o tivesse lançado para iluminar a catástrofe que se aproximava. Deus ou Odin, o senhor das hordas vikings, do povo de seu pai, estava trabalhando. Odin lançava seus raios quando cavalgava pelos céus em seu cavalo negro, Sefir, e seu carro. Odin, deus dos pagãos, lançava a tormenta, escurecendo o céu e iluminando—o com raios de puro fogo.

Eric estava de pé, erguido e imponente como um deus contra o vento, com uma bota apoiada firmemente contra a proa. O vento açoitava cabelo, dourado como o sol; seus traços, nitidamente cinzelados, eram de áspera beleza, com olhos de um ardente azul cobalto, maçãs do rosto pronunciadas, sobrancelhas bem definidas e mandíbula firme. Sua boca, larga e sensual, formava uma linha reta enquanto contemplava a costa. Usava a barba e o bigode bem aparados, de tom mais avermelhado que seu cabelo, e tinha a pele belamente bronzeada. Vestia uma capa carmesim que um broche de safira fechava na parte da frente. Não precisava usar roupas finas para ostentar sua nobreza, já que sua estatura e a confiança que emanava dele faziam tremer aos homens.

Sua figura, assustadora e impressionante para as mulheres de qualquer raça ou credo, revelava sua vitalidade. Estava dotado de um extraordinário poder nos músculos dos ombros e no peito. Suas pernas, firmes sobre o navio balançado pela tempestade, eram fortes como o aço, depois de anos de cruzar os mares, cavalgar, correr, lutar e cometer as loucuras próprias de um viking.

Entretanto, Eric não era um viking típico, porque por suas veias corria sangue irlandês e nórdico. Seu pai, Olaf, o Senhor dos Lobos, rei da cidade irlandesa de Dubhlain, também tinha cometido loucuras em sua juventude. Mas tinha se apaixonado pela terra de sua esposa irlandesa e tinha assinado uma curiosa paz com Aed Finnlaith, o grande Ard—RI, o rei supremo de toda a Irlanda, avô materno de Eric. Aed Finnlaith ainda governava sobre todos os reis irlandeses desde Tara, até muito longe, nas terras geladas da Noruega, seu avô paterno, o pai de Olaf, reinava como grande chefe dos nórdicos. Eric tinha recebido uma educação muito completa. Tinha estudado com monges irlandeses em grandes monastérios, onde tinha aprendido a religião do Deus cristão, escrita e literatura.



Na corte de seu pai, tinha conhecido muitos estrangeiros e professores. Mergwin, o druida, tinha—lhe ensinado a escutar às árvores, o bosque e o vento. Tinha aprendido a semear e colher.

Era o Segundo filho. Tinha acompanhado nas batalhas seu pai e seu irmão mais velho e amava a sua família irlandesa, tanto como honrava seus irmãos nórdicos. Seus tios paternos o tinham levado consigo em suas viagens pelo mar para lhe proporcionar outro tipo de educação; para que aprendesse a ser um viking.

Tinha sido criado para a civilização, porque os homens já proclamavam essa época como a «idade de ouro» da Irlanda.

Também tinha sido treinado para participar das incursões que tinham feito famosas as selvagens expedições dos vikings por toda a Europa, Ásia e inclusive as Russias. Não havia melhores navegantes que os nórdicos, nem lutadores mais destemidos, e tampouco homens mais brutais que eles.

Mas nesse dia não se lançou ao mar para combater. Embora quando mais jovem tinha acompanhado aos melhores guerreiros vikings em suas incursões, também tinha descoberto uma coisa melhor: a busca pela terra.

Eric tinha sido enviado ao mar pela primeira vez quando era só um menino, sob a tutela de seu tio, cujo nome lhe tinha sido dado em sua homenagem. Com os melhores homens de seu avô paterno tinha percorrido intermináveis mares e rios e explorado extensos territórios. Tinha navegado por Dniéper, chegado às portas de Constantinopla e aprendido os costumes dos príncipes muçulmanos. Tinha conhecido diferentes culturas e povos, e incontáveis mulheres. Ser viking era um modo de vida. E ele era viking.

Enquanto os relâmpagos iluminavam o céu e o mar se agitava à medida que se aproximavam da costa inglesa, perguntou—se o que o tinha feito mudar. A mudança não aconteceu com rapidez nem facilidade. Tinha sido como o lento derretimento das neves na primavera, entrando em seu coração e seu ser.

Iniciou—se muito longe das terras geladas do norte que eram o lar do espírito viking. originou—se nas costas da África, quando batalhavam contra o califa de Alexandria e o povo tinha tido que pagar com ouro por sua vida e sua liberdade.

Ela tinha sido um presente para ele. Chamava—se Emenia, e ignorava o significado do rancor e do



ódio. Tinha-lhe ensinado tudo a respeito da paz e da ternura, quando ele só conhecia a violência. Tinha—lhe ensinado as artes mais exóticas de fazer amor no melhor harém do país, mas tinha sido a doce beleza de seu coração e seu incondicional amor por ele que o tinham cativado. Tinha imensos olhos amendoados e o cabelo negro como a noite. Sua pele era da cor do mel, tinha sabor de mel e doces especiarias, e cheirava a jasmim.

Emenia tinha morrido por ele. O califa estava determinado a traí-lo. Ela soube e tratou de avisá-lo. Eric descobriu mais tarde que os homens do califa a tinham surpreendido, quando corria pelos salões do palácio. Mataram-na para silenciá-la, lhe cortando o pescoço. Eric jamais tinha sido um lutador que perdia a razão, brigando impulsionado por uma fúria selvagem. Eric era partidário de manter a cabeça fria na batalha e jamais tinha gostado da morte desnecessária. Mas naquela noite se converteu em uma fera raivosa.

Tinha açoitado os assassinos, sozinho, enfurecido, e já tinha matado metade dos guardas do califa quando este se prostou de joelhos, jurando que não tinha ordenado a execução de Emenia, mas a sua. De algum jeito, ao recordar o amor de Emenia pela vida e a paz, conseguiu dominar—se e não cortar o pescoço do califa. Nessa noite, saqueou todo o palácio e esteve sentado velando sua amada; depois abandonou aquele quente e duro país.

Aquilo havia acontecido há muitos anos. Tinham transcorrido muitos invernos e verões depois da morte de sua amada, e ao longo das estações, a violência o tinha guiado de novo. Nesse tempo descobriu que Emenia tinha-lhe deixado algo de seu desejo de paz e que também tinha ensinado algo sobre as mulheres.

Era irlandês e viking ao mesmo tempo. E assim como seu pai buscou seu lugar na terra, Eric estava decidido a fazer o mesmo. Seu irmão Leith governava em Dubhlain. Eric tinha sido sempre a mão direita de Leith, assim como de seu pai. Dariam—lhe terras, sabia disso.

Mas seu orgulho e sua determinação eram tão selvagens como seu coração. Traçaria seu próprio caminho, como tinha feito o Lobo. Todos eles eram lutadores. Inclusive sua amável e formosa mãe irlandesa possuía um orgulho inquebrantável. Atreveu—se a ameaçar com uma arma ao Lobo.

Agora ela ria daquilo, mas Mergwin jamais se cansava de contar a história, nem de narrar como os dinamarqueses tinham ameaçado ao Lobo nórdico e sua esposa irlandesa.



Olaf da Noruega tinha partido para a Irlanda com desejos de conquista. Tinha sido um invasor insólito para os irlandeses e seu Ard—RI, apoderando—se da terra, mas evitando a perda de vidas e reconstruindo a cidade quando assegurou a terra conquistada. A luta entre o invasor norueguês e o supremo rei da Irlanda terminou de maneira inesperada: seu pai tinha reclamado Erin e Dubhlain em troca da paz. O trato horrorizou e indignou Erin, que tentou capturar Olaf quando este estava ferido. Escapou do Lobo, mas não conseguiu escapar à vontade de seu pai, o rei.

Eric sorriu ao pensar em seu pai. Olaf tinha dado muitíssimo mais a Irlanda que tinha recebido. Tinha servido Aed Finnlaith unindo—se a ele na batalha contra o feroz invasor dinamarquês Friggid e na luta se converteu em um irlandês. Combatendo juntos para proteger sua terra e sua família, Olaf e sua esposa irlandesa tinham descoberto um amor que ardia com tanta intensidade como sua paixão. Mergwin tinha sido testemunha de tudo aquilo e, por motivos que Eric nunca tinha compreendido, orgulhava—se de que tudo tivesse terminado bem.

Eric se entristeceu ao sentir a rajada de vento contra seu corpo e a água do mar que lhe salpicava o rosto. Os dinamarqueses que continuavam assolando as costas irlandesas tinham lhe apelidado «Feto do Lobo», ou às vezes o Senhor do Trovão, porque onde quer que batalhasse a terra tremia ante a força de sua espada.

E para eles, sempre tremeria, jurou em silêncio. Seu ódio pelos dinamarqueses era inato. E tinham pedido que lutasse contra eles.

O pedido de Alfredo, o rei saxão dos ingleses, que depois de muito tempo tinha conseguido finalmente unir os nobres contra a devastadora onda de dinamarqueses que combatiam com tenacidade para conquistar os reinos de Wessex, Sussex e o sul da Britania.

De repente, Rollo, seu companheiro e braço direito, disse:

—Eric, esta é uma estranha recepção de boas-vindas.

Enorme como um velho carvalho, Rollo apontava para a terra. Eric franziu o cenho. Realmente se tratava de uma recepção muito estranha. As portas de madeira estavam fechando—se ao redor da cidade, e por cima das paliçadas se avistavam homens armados, que tomavam suas posições.

—É uma armadilha! —murmurou friamente, com um brilho de fúria nos olhos.

E de fato, parecia, porque quando seus navios atracaram no porto, percebeu o aroma de azeite que estavam esquentando para jogar sobre eles.



—Pelo sangue do Odin! —bramou ao compreender a traição.

A fúria quase o cegou. Alfredo tinha enviado mensageiros à casa de seu pai para suplicar que o ajudassem. E de repente, se encontrava com essa recepção.

—Traiu—me. O rei de Wessex me traiu.

Os arqueiros corriam pelos parapeitos, e suas flechas apontavam para os marinheiros. Eric resmungou uma maldição e entreabriu os olhos. Algo brilhante refletia a luz do relâmpago, um manto dourado, comprido e radiante. Viu que era uma mulher que estava de pé no parapeito e que o manto de ouro eram seus cabelos, nem loiros, nem vermelhos, mas de uma tonalidade de fogo que combinava os dois. A mulher, rodeada de arqueiros, dava ordens.

—Por Odin! E por Cristo e todos os Santos! —exclamou Eric.

Do parapeito, veio uma enxurrada de flechas. Eric se agachou e conseguiu esquivar-se da que a mulher tinha lançado contra ele, que caiu contra a proa, inofensiva. Ouviram—se os gritos dos homens feridos. Eric apertou a mandíbula, furioso pela traição.

— Estamos nos aproximando rapidamente da praia — advertiu Rollo.

—Bem, que assim seja.

Voltou—se para seus homens; a ira cintilava em seus olhos azuis como o gelo. Tinha aprendido a guerrear com controle e ganhar, e jamais manifestava suas emoções, que nesse momento se revelavam na aterradora frieza de seus olhos e na tensão das mandíbulas.

—Pediram—nos que viéssemos aqui para lutar com eles! Suplicaram—nos que ajudássemos a um rei legítimo! — disse a seus homens. Ignorava se suas palavras chegariam aos outros navios, mas sabia que sua cólera sim—. Fomos traídos! —Elevou a espada— Pelos dentes de Odin, pelo sangue de Cristo! Pela casa de meu pai, não aceitaremos a traição! —Guardou silêncio por um instante—. Adiante, vikings!

O grito subiu pelos ares e assobiou, levado pelo vento.

Os navios atracaram na praia. Rollo pegou sua arma. Eric preferia sua espada. Chamava—a Vingança, e isso era o que queria obter.

Chegaram aos bancos de areia, e os navios vikings tocaram o fundo. Com suas botas forradas de pele, Eric e seus homens caíram nas águas.



Soou um corno, e o grito de batalha começou como um suave cântico e foi elevando—se até converter—se em um arrepiante uivo. Tinham chegado os vikings.

Subitamente abriram-se as portas da fortaleza e apareceram homens a cavalo armados como a tripulação irlandesa e nórdica de Eric, com espadas de dois fios, lanças e maças. Entretanto, não estavam à altura da ferocidade dos Vikings, nem da cólera de Eric.

Este jamais lutava como uma fera raivosa. Seu pai lhe tinha ensinado que a raiva podia ser controlada e transformar—se em gelo. Jamais permitia que sua fúria dominasse seu braço armado, que o impulsionasse a agir com temeridade. Combateu frio e implacável, matando o primeiro homem que o enfrentou. Os defensores combatiam corajosamente, e em meio a matança Eric pensou que aquilo era uma lamentável perda de vidas e forças. Havia poucos guerreiros ali, certamente homens do rei, vassalos que dedicavam a vida a sua defesa. Mas a maioria eram simples granjeiros, lavradores, cidadãos livres e servos, que lutavam com lanças, enxadas e tudo que puderam encontrar.

Morriam rapidamente, e seu sangue alimentava a terra. Cada vez era maior os vikings montados a cavalo e o número de homens de Wessex que jaziam no chão.

Ouviram—se mais gritos. Montado em um cavalo castanho, arrebatado de um homem que matou, Eric levantou sua espada Vingança, jogou a cabeça para trás e lançou o arrepiante grito de guerra da Casa Real de Vestfald. Um raio rasgou o céu e começou a chover.

Embora os homens escorregassem no lodo, a batalha não cessou. Eric esporeou o cavalo e se dirigiu para as portas. Sabia que o seguiam Rollo e um grupo de seus homens. Os arqueiros continuavam a atirar. Impassível, ordenou que fossem ao navio para trazer um aríete. Apesar das flechas que voavam e o azeite quente que lhes jogavam das muralhas, não demoraram para romper as barreiras. Os vikings entraram na cidade. A população se livrou de um combate corpo a corpo, e cada momento que passava contribuía para mais uma vitória dos homens do Eric. Ordenou em inglês a seus homens que baixassem as armas. Iniciava—se a pilhagem; depois de uma travessia pelo mar e uma batalha, os homens exigiam sua recompensa. Entretanto, a fúria e a sede de sangue de Eric se aplacaram. Não conseguia compreender por que Alfredo, famoso por ser um guerreiro feroz e um sábio rei, tinha lhe traído. Escapava a toda lógica.

Mais e mais homens começaram a depor as armas. Muitas das casas estavam em chamas, os



parapeitos caíam, e a cidade se converteu em ruínas. No meio dos escombros, corriam porcos e vacas, espantados, chiando e mugindo. Os homens que restavam com vida se amontoavam junto às portas que davam para os campos. Eric ordenou a Rollo que cuidasse deles. Esses homens se transformariam em seus servos.

Girou seu cavalo ao ouvir gritos e compreendeu que seus homens atacavam às mulheres da cidade. Apressou—se a chegar ao centro das ruínas. Um grupo de seus homens rodeava uma garota de cabelos negros, que não tinha mais de dezesseis anos. A moça, com a túnica rasgada, chorava e gritava aterrada.

—Basta! —exclamou com voz severo.

Do alto do imenso cavalo baio contemplou a cena. Quando seus homens se detiveram e fizeram silêncio, só quebrado pelos soluços da jovem, observou seus guerreiros com seu frio olhar e depois voltou a falar:

—Fomos traídos, mas ainda não compreendo por que. Não maltratem, nem abusem desta gente, sejam homens ou mulheres, porque os reclamo como meus; a eles e este lugar. Repartiremos as riquezas da cidade, mas o gado viverá e manteremos férteis os campos, porque esta será nossa terra na costa de Wessex.

A garota não entendeu suas palavras em nórdico, mas pareceu compreender que lhe concedia um indulto. Com os olhos cheios de lágrimas e escorregando pelo lodo, correu para ele, que continuava montado, e beijou sua bota.

—Não, moça...

Agarrou—lhe as mãos com impaciência e lhe falou em inglês. Ela o olhou com seus olhos escuros, e ele negou de novo, com a cabeça. Ordenou que Hadráic, um de seus capitães, se ocupasse dela.

No momento em que o viking obedecia sua ordem, ouviu—se um assobio. O cavalo baio relinchou e caiu. Eric compreendeu que uma flecha destinada a ele havia ferido sua montaria, que caiu no chão. Eric saltou rapidamente e olhou para as casas, as que ardiam e as que continuavam de pé. Um grito de fúria se elevou entre seus homens. Veio uma segunda flecha. Eric sentiu uma dor ardente como o fogo na coxa. Jogou a cabeça para trás e, apertando os dentes, estendeu a mão para agarrar a flecha.



Seus homens correram para ele, mas ele se defendeu atrás do cavalo morto e levantou a mão para indicar que se detivessem. Suado e atormentado pela dor, agarrou a flecha e a tirou. De seus lábios saiu um grito de dor, quando conseguiu extrai-la. O sangue cobriu suas mãos e uma sombra nublou seus olhos. Permaneceu sentado no lodo, empapado pela chuva, temendo desmaiar.

A fúria o reanimou. Arrancou uma parte de sua capa, cobriu a ferida com ela e conseguiu ficar em pé com dificuldade. Com as mandíbulas tensas, seus olhos de gelo esquadrinharam os arredores.

Atrás dele se elevava uma casa de dois pisos; não estava em chamas e havia uma janela no piso superior. Dali podia ter vindo a flecha do assassino.

—Pare, Eric —exclamou Rollo. Ele elevou uma mão e moveu a cabeça.

—Não; devo encontrar esse assassino. —interrompeu—se um segundo para assinalar o cavalo em agonia—Tenha piedade desta besta e livre-o de sua dor.

Encaminhou—se para a casa sem preocupar—se com outra flecha que poderia ser lançada contra ele. A cólera o cegava, sabia que não havia ninguém à espreita na janela. Quem quer que o tivesse atacado tinha a intenção de fugir, mas não lhe daria tempo para escapar.

Entrou no edifício. Tratava—se de uma bela casa, com uma enorme sala, na qual, em uma das paredes, reluziam vários escudos. No centro, ardia uma lareira.

Eric desviou o olhar para a escada. Sem dúvida, o agressor, certo de que ele subiria, teria descido ; estaria aguardando para atacá-lo pelas costas. Por essa razão, não se dirigiu para a escada, mas passou os olhos pela sala. Viu uma formosa mesa sobre a qual estavam dispostos pratos, taças com cerveja e aguamiel. Arrastando a perna ferida, se aproximou e se serviu de um bom gole de aguamiel.

Esperou, observando atentamente a sala, e se viu recompensado. No outro extremo, em uma espécie de dispensa, percebeu um ligeiro movimento sob uma mesa coberta por uma toalha. Com ar distraído se inclinou para puxar a adaga que levava na coxa. Aproximou—se devagar da dispensa. Repentinamente, ergueu a toalha e se preparou para atacar o homem escondido debaixo dela.

Lançou uma maldição quando uma nuvem de farinha foi lançada em seu rosto, cegando-o. Um suave ruído lhe indicou que o homem tentava escapar. Ignorando a ardência que sentia nos olhos e a dor da perna, Eric se atirou sobre seu adversário, que tentava fugir. Suas mãos se fecharam sobre



um braço, e não demorou para derrubar seu agressor. Caiu sobre ele e se apressou a levantar a adaga, disposto a matá-lo.

Então ouviu um gemido e viu que acabava de apanhar a mulher que tinha visto no parapeito, a dona daqueles cabelos cor de fogo que disparava flechas mortais. Deteve—se.

Ela estremeceu debaixo dele, furiosa por ter gemido. Tinha os olhos banhados pelas lágrimas que não se permitia derramar. Eram azuis, quase prateados e, embora seus cabelos possuíssem aquela curiosa tonalidade de fogo, estavam emoldurados por cílios negros como a noite. Tinha a pele branca, tão suave como uma rosa. Estendida debaixo dele, tentava recuperar o fôlego;

Seus seios subiam e desciam, firmes montes marcados pelo suave tecido de lã de sua túnica orlada com peles.

Ele observava suas formosas curvas quando, de repente, ela apertou os lábios e lhe cuspiu.

Eric se atirou para trás e ficou sentado sobre ela, prendendo-lhe os quadris com as coxas. Com um ligeiro movimento, colocou a lâmina da adaga sobre a garganta. Notou como lhe acelerava o pulso e engolia em seco. A jovem tinha uma longa e brilhante cabeleira, que lhe chegava até as nádegas. Não havia piedade para ela. Um homem não podia lhe cuspir e seguir com vida. Mas uma mulher...Limpou o rosto e depois a mão nos seios da mulher. Notou como ela se encolhia e sentiu a suavidade e brandura sob a roupa.

—Feriu-me gravemente, senhora —disse em seu idioma.

Ela percebeu o veneno em sua voz, mas respondeu:

—Queria te matar, viking —replicou com veemência

—Pena que tenha errado o alvo —disse ele.

Passou a folha da adaga pela bochecha e logo voltou a colocar, fria como o gelo, sobre a garganta. Ao sentir como estremeceu a mulher, retirou a arma e ficou de pé. Com um puxão, a obrigou a levantar-se. Com o esforço, brotou—lhe mais sangue da ferida na coxa e sentiu a vista embaçar. Devia ter pedido a seu médico que limpasse e enfaixasse a ferida antes lançar—se contra o inimigo, qualquer inimigo, fossem eles dez homens armados com espadas e maças ou essa jovem arpia de cabelos de fogo. A moça sabia disparar flechas, e seus olhos prateados lhe indicaram que estava esperando o momento de vê-lo enfraquecer com a perda de sangue. Estremeceu, mas seus olhos destilavam ódio.



Subitamente, ela levantou o joelho e lhe deu um forte e cruel golpe na virilha. Ele ficou sem fôlego com a nova dor e dobrou—se, aturdido. Porém, não a soltou. Com os dedos firmemente grudados em seus pulsos, caminhou cambaleando, em busca de uma cadeira, arrastando sua agressora consigo. Depois de sentar—se, forçou—a a ficar de joelhos diante ele. Desejou matá—la nesse mesmo instante, golpeá—la com toda a força de seu poder, com a mão até lhe romper o pescoço. Tentou recuperar o fôlego e se obrigou a abrir os olhos. Por um instante tão fugaz, que acreditou ter imaginado, percebeu um terror puro e selvagem no olhar da jovem, como a de um animal apanhado em uma armadilha. A expressão desapareceu rapidamente. Embora Eric tivesse conseguido dominar sua fúria, estava certo de que ela conhecia a magnitude de sua raiva, porque, ajoelhada como estava, começou a lutar freneticamente para se libertar.

Ele quase se esqueceu da briga enquanto a contemplava e analisava. Era uma beldade pouco comum; um pescoço comprido e delicado, traços belamente cinzelados, emoldurados pelo glorioso manto de sua resplandecente cabeleira. Evidentemente era nobre: as finas roupas de linho e as peles de seu manto evidenciavam uma elevada posição.

Observou—a por um longo momento. Ao notar que ele afrouxava a pressão com que a segurava, a moça mordeu-lhe a mão. Eric soltou seu pulso para agarrá—la, com força, pelos cabelos e sorriu implacável ao ouvi—la gritar de dor. Podia ser uma beleza, mas era também rápida e ardilosa, e decididamente, sua inimiga. Atraiu—a para si e seu olhar escrutinou os olhos dela, como uma cruel adaga:

—O que houve aqui? —perguntou.

—O que houve? —repetiu ela—. Uma praga de corvos sanguinários chegaram pelo mar. Ele a estreitou ainda mais.

—Repito, senhora, o que houve aqui?

Com lágrimas nos olhos, lhe arranhou os dedos. Sem querer, descobriu seu ponto débil. Golpeou—lhe a coxa. Eric viu estrelas. Afrouxou a pressão. ia desmaiar. Obrigou—se a cair para frente, arrastando—a com ele. Ambos rolaram, ele esforçando—se para não perder a consciência. O lodo que cobria suas roupas manchou o vestido da moça. Suas pernas se entrelaçaram, e na resistência a saia da túnica da jovem subiu. Ela gritou de medo e fúria. Assaltado por um inesperado desejo, deslizou suas mãos de guerreiro pela carne nua e a encontrou suave e sedosa.



Ela soluçou, debatendo—se freneticamente. Eric sentiu arder a febre em seu interior ao tocar aquelas coxas quentes e firmes. Não tinha pensado nos prazeres carnavais, nem sequer quando reparou na beleza de seus olhos, nem quando o manto de seus cabelos se enredou, de forma sensual.

Mas nesse momento, ao notar esses seios esmagados sob a malha que lhe cobria o peito, enquanto suas mãos apalpavam a suave pele de sua perna, uma onda de desejo lhe percorreu o corpo.

Apertou os dentes e observou que ela tinha os olhos muito abertos, assustada. A jovem tentou, em vão, se libertar. Lançando maldições, a garota lhe arranhou. Eric agarrou suas mãos e as colocou atrás da cabeça para olhá—la friamente.

Tinha ordenado a Rollo que se mantivesse por perto, mas onde diabos estava nesse momento? Precisava dele. Fraquejavam—lhe as forças, pois tinha perdido muito sangue. Tinha batalhado contra incontáveis homens sem receber um arranhão; em troca, essa harpia de olhos prateados estava prestes a derrubá—lo.

Ela deixou escapar um suave gemido e desviou os olhos para não olhá—lo. Eric viu que mordida o lábio inferior

—Morrerá por isso! —exclamou ela de repente, com veemência.

—Por isso? Por que exatamente, milady? Por chegar a sua costa ou por me negar a morrer, apesar de sua excelente pontaria? Ah, ou por te tocar... assim? —ergueu-se um pouco, tentando vencer a escuridão que o ameaçava, e percorreu brandamente com os dedos o interior da coxa nua.

Ela avermelhou-se de ira, e possivelmente de outra emoção, e ele pôs—se a rir. Mas a dor voltou. Tinha lhe disparado uma maldita flecha, tinha lhe golpeado, mordido e arranhado; era um estúpido se não compreendesse que uma inimiga formosa também podia ser uma inimiga mortal. Armou-se contra sua beleza, contra o desejo que tinha se acendido com a briga e o contato com sua pele suave e nua.

—Não tema, bruxa inglesa —burlou—se, e deslizou mão ao passar pela coxa, aproximando—se perigosamente de seu sexo—. Não é nem doce, nem terna ou atraente para mim, Milady. Minhas opções são: te matar ou te fazer minha escrava; isso é tudo. Só me interessam as mulheres dispostas e atraentes. Não me provoque, porque se fosse tocar em você, faria isso com implacável brutalidade.



—Que outra coisa pode se esperar de um Viking, além de brutalidade e morte? —replicou ela.

Ele apertou os dentes, reprimindo a tentação de golpeá-la e se obrigou a sorrir. Deus santo, onde estava Rollo? Via tudo através de uma névoa vermelha, e mesmo através dessa névoa, ela era formosa... e ambos estavam enroscados em meadas de ferozes cabelos dourados, tão perfumados como as flores de primavera, suaves como fios da mais fina seda. Seus olhos grandes e belos, resplandeciam ódio. Seus seios subiam e desciam, quase saindo dos limites de sua túnica.

—Talvez deva te possuir —sussurrou.

Acariciou—lhe a bochecha com os nódulos e ela virou a cabeça, violentamente. Ele passou os dedos pelo pescoço para descer até seus seios. Colocou a mão sobre um seio, acariciando—o, movendo ritmicamente o polegar ao redor do mamilo, que se endureceu. Ela inspirou profundamente e sacudiu a cabeça; seus olhos brilhavam de raiva.

—Não! Viking! —amaldiçoou.

Eric franziu o cenho, perguntando—se por que ela insistia em ofender sua linhagem Viking, quando ele procedia da Irlanda. É óbvio, Eric nunca toleraria nenhum insulto contra seu pai ou a raça dele. Deixou de atormentá-la, dominado de novo pela ira. Não dispunha de muito tempo.

—Quero saber o que houve —exigiu.

Ela o olhou fixamente por um instante, absolutamente em silêncio. Eric soltou suas mãos e se esticou para recolher a adaga. Já ia embainhá-la quando se sentiu fraco novamente; a ferida voltava a sangrar.

Esforçou—se por permanecer consciente.

—Milady, quero que me diga quem é o senhor deste lugar e por que...

Sua voz falhou. Começava a perder os sentidos. Inclinou—se, lutando contra a escuridão que se abatia sobre ele.

la morrer. O grande guerreiro estava a ponto de morrer porque essa mocinha o assassinaria assim que fechasse os olhos.

—Ai!

Notou que ela se revolia debaixo dele. Empurrou—o para um lado, e um horrível torpor se apoderou dele. A jovem se ajoelhou e contemplava seus olhos azuis. Ela estendeu a mão para lhe arrebatara a adaga, e Eric fechou a mão sobre a arma, a ponto de perder os sentidos.



Desesperada, a moça tentava tomar-lhe a adaga. Ele a ouviu soluçar. Queria matá—lo, necessitava da arma.

—Meu senhor! Onde está?

Por fim apareceu Rollo. Ouviu o trotar de cascos de cavalo e depois o ruído cessou. Eric agarrou com força a adaga.

A garota ficou de pé, e o viking viu como lhe palpitavam a veia do pescoço. Quando ela se voltou para correr, Eric se ergueu, empunhando a arma. Ao chegar à sala, a jovem deu a volta, e por um momento ele a viu como numa neblina, apanhada pela luz do dia, alta, esbelta e majestosa, envolta em sua cabeleira, que ondulava como uma gloriosa auréola dourada.

Ao ver a adaga e o glacial olhar do homem, a mulher conteve o fôlego, apoiada contra a parede; ele tinha sua vida em suas mãos. Poderia tê-la matado ali mesmo, nesse instante, ambos sabiam. Em troca ele apontou cuidadosamente e lançou a adaga, que se cravou na manga da moça, à esquerda de seu coração. Dirigiu-lhe um sorriso letal e arrepiante.

—Sou viking, como você mesma disse, e está viva. Reze, reze a seu Deus com todo seu coração para que nunca voltemos a nos encontrar.

Os formosos olhos emoldurados por cílios escuros, revelaram terror e ódio quando olhou para ele. Lançando um grito, voltou-se, rompendo a manga da túnica presa pela adaga, e pôs—se a correr novamente. Em um instante, tinha desaparecido.

—Eric! —chamou nesse momento Rollo, entrando pela porta.

—Aqui!

Rollo se aproximou dele e inclinou-se para ajudá—lo a ficar de pé.

—Leve-me para uma cama —pediu quase sem fôlego—. Traga um médico e cerveja ou aguamiel.

—Quanto sangue! —gemeu Rollo—. Depressa, temos que enfaixar a ferida. meu príncipe, não deve morrer.

Eric sorriu, com implacável determinação.

—Não morrerei, juro, não morrerei. Viverei para me vingar do que aconteceu hoje. Saberei o que aconteceu aqui, ou Alfredo de Wessex se encontrará muito, em breve, batalhando, não só contra os dinamarqueses, mas também também contra os noruegueses e os irlandeses.



No alto de um escarpado, do qual se avistava a destruição da cidade de Wessex, um jovem magro sentado na terra ficou de pé, retrocedeu até as árvores e pôs-se a correr. Suas jovens e ágeis pernas o levavam velozmente pelo bosque, por um antigo caminho romano. Embora o coração lhe pulsasse de forma acelerada e as pernas doessem, continuou correndo até entrar em uma clareira onde encontrou dois nobres ingleses de Wessex, montados a cavalo. Eram elegantes senhores do reino, o mais velho embelezado com uma capa de lã azul, e o mais jovem com uma capa ornamentada com peles de raposa branca.

—E então, menino, conte o que houve —disse o nobre mais velho.

O rapaz mal podia falar de cansaço, mas eles o apressavam, de modo não muito amável.

—Tudo foi como desejavam. Lorde Wilton de Sussex comandou a batalha e caíram sob as espadas vikings. Ninguém sabia do convite do rei, nem que nos navios vikings havia irlandeses também. Wilton e Egmund morreram, e podem ser acusados da traição. Receberam os vikings como invasores. A cidade está ardendo. Os homens que não morreram foram capturados. Serão escravos, e as mulheres, concubinas.

O homem mais velho esboçou um cruel sorriso, e o mais jovem falou com ansiedade:

—O que aconteceu com as damas, Adela e Rhiannon?

—Adela escapou, tal como imaginávamos. —O menino interrompeu-se, temendo a ira dos dois nobres. Rhiannon se negou a abandonar os homens que se mantiveram fiéis a ela desde que nasceu; ficou para participar da batalha.

O nobre mais jovem começou a proferir maldições. O servo se apressou a acrescentar:

—Um dos vikings a surpreendeu na casa, mas eu a vi fugir pelo portão, em direção ao bosque.

—Diz que um Viking a capturou ?

—Sim, mas escapou —respondeu o menino.

—Sim, mas... a tempo? —perguntou o nobre, olhando seu companheiro mais jovem, que tinha uma expressão de tristeza

— Por que se preocupa? Oxalá o viking a tenha violado, e sem piedade. Isso aceleraria a aceitação de meu pedido de casamento, porque então não estaria em posição de recusar minha oferta. Usada e desprezada por um inimigo dessa índole. Vai agradecer as migalhas que ofereço.



—Talvez esteja enganado —replicou o outro, sem olhar ao homem mais velho—. Está apaixonada por Rowan, e Rowan por ela. Nunca aceitará outro homem.

—Fará o que lhe ordenarem.

—Só o rei pode lhe dar ordens.

Essas palavras foram recebidas com uma gargalhada, dura e estridente.

—Depois de hoje, estou certo de que o rei lhe dará ordens. E não permitirá que se case com um noivo morto de fome, disso não tenho dúvidas. Vamos, a missão está cumprida e triunfamos. Devemos comunicar ao rei a terrível notícia do ocorrido.

—Senhores! —exclamou o menino, o espião. O velho o olhou, entreabrindo seus ardilosos olhos.

—O que foi?

—Minha recompensa! Prometeu me pagar em prata.

—Sim, prometi —disse o homem. Aproximou o cavalo do menino—. Está certo de que todos os homens que mencionei morreram?

—Certo. Cumpri minha parte. Prometeu uma recompensa.

—Sim. —O velho sorriu.

O menino abriu os olhos, surpreso, quando o nobre desembainhou sua espada. Não teve tempo de gritar; sua vida foi sulcada rapidamente, e caiu no chão, em um atoleiro de sangue.

O lorde mais jovem protestou, com uma exclamação afogada.

—Era nece..., meu Deus, era necessária essa brutalidade?

—Sim. —O ancião limpou, com toda tranquilidade, o sangue da espada— Sim, completamente necessário. Ouça bem, meu amigo, se cometer traição, não deixe pistas — Cruelmente, guiou seu cavalo para que saltasse por cima do cadáver do rapaz. — Vamos, temos que visitar o rei.



O coração martelava em seu peito, ardiam seus pulmões, mas Rhiannon continuou correndo, entrando mais e mais no bosque, afastando—se da cidade que tinha sido seu lar, sua propriedade de direito. Tinha tido que lutar toda sua vida, mas jamais se encontrou tão perto do terror e o desespero como nesses momentos.

Finalmente desacelerou o passo, já no coração do bosque, uma escuridão verde. Conhecia bem a região e se alegrou de que começasse a anoitecer. Deteve—se ante uma rocha coberta de líquen para recuperar fôlego, aguçando o ouvido para comprovar se as hordas vikings a perseguiam. Se acalmou pouco a pouco. Ao que parecia, não a tinham seguido. Talvez não soubessem quem era, ou possivelmente não lhes importava.

Pôs—se a tremer ao pensar que aquele homem podia tê—la matado. E se não tivesse estado tão gravemente ferido, não teria permitido que escapasse.

Estremeceu e fechou os olhos para dominar—se. Mas não podia fechar os olhos à lembrança; via o viking em sua mente, loiro, poderoso, e parecia que ainda aspirava seu sutil aroma masculino, ainda sentia suas mãos tocando—a...

Inspirou profundamente. Poderia tê—la matado, ter enfiado a adaga em seu coração, mas não o fez. Sem dúvida sabia que ela fugiria, que se apressaria a avisar o rei, e entretanto a deixou com vida.

Não o fez por piedade, pensou, pois tinha se comportado com bastante crueldade. E por que lhe perguntou o que tinha ocorrido? Rodeou—se com os braços, desejando poder gritar de medo, fúria e frustração. O que tinha ocorrido? Uma horda de vikings apareceu de repente e destruiu sua casa. Devia continuar avançando. Tinha que ver o rei. Rhiannon se levantou para retomar seu caminho e não demorou para chegar ao regato que atravessava o bosque. Perguntava—se se os vikings teriam destruído a cidade.



Muitos haviam morrido: nobres, cidadãos livres e servos haviam falecido após lutar orgulhosa e corajosamente. Os olhos se encheram de lágrimas. Egmund tinha morrido. O querido e leal Egmund, com seus bigodes largos e seus melancólicos olhos castanhos. Rhiannon não podia suporar. Egmund tinha acompanhado Garth, seu pai e o príncipe do Gales, quando foi resgatar a sua mãe, Allyce, dos dinamarqueses que tinham saqueado a costa da Cornualha. O pai de Alfredo tinha honrado Garth pela façanha, oferecendo Allyce por esposa, além de muitos condados e terras férteis. Rhiannon recordava que Egmund estava acostumado a agarrá-la em seus braços quando era pequena e balançá-la nos joelhos. E como ela, Egmund tinha passado sua vida lutando, contra os vikings, a horrível horda da morte.

Ajoelhou-se e afundou a cabeça na água fresca e borbulhante. Despejou água por todo o corpo para limpar-se do lodo e do contato do viking. Começou a tremer de novo e se obrigou a ficar em pé para afastar-se do riacho. A tempestade tinha terminado, e os relâmpagos já não iluminavam o céu. Devia prosseguir caminhando até chegar a Alfredo.

Voltou a estremecer... Queria tanto ver o rei. Ansiava entregar seu cansado ser aos seus cuidados e lhe contar a história. Não queria preocupá-lo mais, mas Alfredo era o único que podia vingá-la.

Alfredo parecia destinado a guerrear contra os vikings, que, antes que ele nascesse, já tinham invadido a Britania, semeando a morte, vencendo os homens de Dorset, Lincolnshire, East Anglia, Kent, Londres, Rochester e Southampton. Tinham-lhe oferecido recompensas como gado, mas ao que parecia os escandinavos tinham o pé mais firmemente situado na terra. Alfredo, o mais novo dos filhos de Atelwulf, tinha perdido três irmãos, reis guerreiros, antes de proclamar-se rei. Certa vez tinha pago aos vikings o preço da paz, mas estes eram traiçoeiros e não respeitavam as tréguas, de modo que Alfredo se via obrigado a lutar. Quando os dinamarqueses abandonaram Wessex, dirigiram-se para Mercia e acamparam em Londres. Burhred, o rei da Mercia, casado com a irmã de Alfredo, renunciou depois de uma longa luta e partiu. Nesses momentos ocupava seu lugar um inglês, um dos nobres fiéis a Alfredo. Em troca, o rei Edmundo tinha morrido em East Anglia nas mãos dos dinamarqueses, o povo mais poderoso do norte, onde Alfredo não dispunha dos homens necessários para combater. Por esse motivo estava decidido a conservar Wessex e a partir dali empreender, algum dia, a luta para o norte.

Alfredo, bom guerreiro e audaz, prudente e apaixonado, tinha conseguido reunir sob sua bandeira a mais homens que qualquer outro rei.



Rhiannon o amava profundamente. Nesse momento, um exército dinamarquês tinha Rochester sitiado. Alfredo estava preparando—se para atacá—los e oferecer ajuda aos homens que durante o longo inverno tinham defendido valentemente a cidade de dentro das muralhas.

Mal resistimos a ofensiva, pensou Rhiannon. Tinham caído em um dia. Não tinham contado com defesa alguma, pois todos os homens treinados para a batalha se achavam com Alfredo porque não tinha havido nenhum aviso do ataque.

Pôs—se a tremer de novo. Rowan se encontrava com o rei. Graças a Deus não estava com ela, porque jamais teria se rendido aos invasores e teria morrido. Ela já tinha perdido muitos seres queridos. Seu pai tinha morrido quando participava, com Alfredo, em uma batalha contra Guthrum; sua mãe não tinha demorado para segui—lo. Tinham sucumbido tantas pessoas sob o aço viking que não suportava a idéia de que Rowan morresse também.

Começou a caminhar mais depressa. Demoraria alguns dias para chegar até o rei. Sua intenção tinha sido fugir a cavalo, mas o senhor viking tinha transtornado seus planos, e não tinha restado outra alternativa que escapar a pé. Não tinha cavalo, estava cansada e triste, mas devia continuar. Não se atrevia a permanecer perto dos vikings.

Rodeou—se de novo com os braços porque voltou a tremer. Não desejava que o gigantesco invasor loiro a capturasse. Seu rosto tinha ficado impresso em sua memória; aquela face angulosa com aqueles olhos azuis, ferozes e frios como o gelo. Em sua mente ressonaram as palavras de advertência que o homem lhe tinha dirigido, e isso a impulsionou a apressar o passo. Orou fervorosamente, rogando não voltar a vê—lo nunca mais em sua vida.

Recordou o momento em que o viu pela primeira vez do parapeito, quando a praga mortal caiu sobre eles. Tinha—o visto de pé no navio, como se nem sequer o mais feroz raio da natureza pudesse abatê—lo. Insolente e arrogante, aquele homem provocou a destruição de todos seus seres queridos. Tinha desejado com desespero a morte do viking.

Houve um grande silêncio quando ela apontou a flecha, e ele, no último instante, se afastou para um lado. Rhiannon desprezava seu orgulho, sua suprema segurança em si mesmo e a mortandade que tinha causado. Devia ter escapado antes, mas ao vê—lo no pátio, o horror da morte se apoderou dela, e desejou desesperadamente acabar com ele.

E quão perto tinha estado ela da morte!

Um ardente estremecimento percorreu seu corpo. Havia acordado a fúria do nórdico, a pressão de sua mão, como grilhões de aço, seus músculos, que tinham queimado em contato com sua pele.



Jamais havia sentido um terror e um ódio tão intensos. Nunca esqueceria seus olhos, de gelo e fogo, que a perfuravam, abrasavam e pareciam violar sua alma. Por sua culpa, a cidade estava em ruínas, e seus habitantes se converteram em escravos. Egmund jazia em um atoleiro de sangue, junto com o querido lorde Wilton, seu paladino, como fora Egmund, durante tantos anos. O valente Thomas também tinha perecido, como tantos outros.

Voltou a deter—se, apertando o estômago para vencer a dor que a transpassava. Levantou os olhos para o céu e rogou que Adela tivesse escapado. Sua prima Adela, viúva de um nobre de Wessex, estava sempre ao seu lado como sua donzela e amiga. Rhiannon estava segura de que Adela não teria sobrevivido à crueldade do nórdico. Disso estava certa.

—Pai do céu — orou —, faça com que esteja a salvo.

De repente ficou paralisada ao perceber um movimento de ramos à esquerda. O coração acelerou e fincou um joelho no chão, procurando refúgio atrás de um carvalho. Paralisada pelo medo, não conseguia afastar de sua mente o rosto do viking, coberto de lodo e farinha, severo, arrepiante e surpreendentemente imóvel. Sentiu o poder de seu contato, o vigor de sua figura barbaramente musculosa. «Roga — havia dito — roga que jamais voltemos a nos encontrar.»

Deixou escapar um gemido. O inferno tinha tomado vida entre aqueles arbustos. Sentiu faltar-lhe o fôlego.

Nesse instante saiu da mata um cavalo com um aspecto lamentável.

Rhiannon começou a chorar.

Tantos mortos! Os vikings tinham arrebatado tudo; nem sequer podia retornar, não podia oferecer um enterro cristão a seus bons amigos, companheiros e defensores. Os abutres e os lobos fariam um festim com eles.

Pareceu—lhe que o cavalo a olhava como se fosse louca, e então ela pensou que realmente tinha enlouquecido. Conseguiu ficar em pé com dificuldade. Necessitava do cavalo, pois cavalgando talvez chegasse onde se encontrava o rei, ainda pela manhã. Chamou o animal, que não fez menção de fugir. Vinha da batalha e as rédeas arrastavam pelo chão. Rhiannon se perguntou quem teria montado o cavalo e morrido. A sela estava esfaqueada e rota. Apertando os dentes para reprimir o pranto, desamarrou a sela e a atirou entre os arbustos. Depois recolheu a túnica e saltou no lombo do cavalo. Estava anoitecendo. Rezaria para que a lua a guiasse, porque não podia deter—se.

Enquanto o cavalo avançava, Rhiannon pensava nos anos passados. Uma vez, quando ainda viviam seus pais, teve que escapar para Londres, afastar—se da casa de Alfredo e Waringham, porque os



dinamarqueses estavam muito próximos. Em outra ocasião se viu obrigada a fugir pela costa; por sorte, dessa vez, os invasores eram um grupo pequeno, com apenas três navios. Seu pai, Egmund e Wilton conseguiram acabar com todos e devolveram seus navios ao mar, em chamas. Sim, tinha conhecido o medo antes. Sempre tinha havido perigo, o suficiente para que seu pai decidisse treiná-la no manejo do arco e na arte da esgrima. Sempre o tinha acompanhado ao bosque para caçar javalis e cervos com os falcões. Rhiannon destacava-se sobretudo no uso do arco. Seu pai estava acostumado a gabar—se de que ela era capaz de acertar uma agulha com uma flecha a uma distância de cem passos; todos riam, mas sabiam que isso não estava muito longe da verdade. De fato era capaz de acertar qualquer alvo. Exceto nesse dia, quando era tão importante.

Perguntou—se, com amargura, por que tinha errado o tiro, por que o viking tinha lançado a adaga procurando não matá—la. Intuíra que se quisesse acabar com ela, teria feito.

Inspirou profundamente e exalou um forte suspiro. Não desejava pensar no gigante loiro. Não queria tremer nem recordar seu calor, sua força e a ameaça de seus olhos azuis e frios como o gelo.

«Roga, senhora, roga que nunca voltemos a nos encontrar.»

Um pássaro cantou, e Rhiannon esteve a ponto de cair do cavalo. Reafirmou sua posição. Despontava a lua, que iluminaria o caminho. Tinha decidido não deter—se.

Estava esgotada, e de repente se sentiu terrivelmente sozinha. Não pôde evitar de recordar o momento em que levaram à sua mãe o cadáver de seu pai. Ela tinha visto seu rosto, formoso e orgulhoso, reduzido à cinzenta palidez da morte. Tinha visto a enorme ferida aberta pela arma de guerra dinamarquesa, que lhe partiu em dois o crânio. Sustentando a cabeça ensangüentada, chorou e gritou, embalando—o como se assim pudesse fazê—lo reviver. Finalmente sua mãe a obrigou a sair. Então quase deixou de acreditar que existisse um Deus no céu.

E agora haviam falecido Egmund, Wilton e Thomas. E tantos outros.

Rhiannon jogou a cabeça para trás e lançou um grito, um alarido dilacerador e terrível. Não voltariam a lhe arrebatá-la nada mais. Jurou. Não voltariam a lhe arrebatá-la nada... nunca mais. Antes, preferia morrer.



Alfredo, rei de Wessex, tinha saído da capela e se dirigia à casa. Deteve—se e ergueu os olhos para o céu matutino. Tinha deixado de chover, e teve a impressão de que as manchas carmesins que tingiam o céu pressagiavam um novo derramamento de sangue. Homem piedoso, acreditava na única Igreja Católica de Cristo. Entretanto, nessa manhã o céu lhe pareceu uma advertência pagã. Suspirou. Não estava preparado para retornar para casa, ver o rosto de sua esposa e escutar seus filhos, que deixariam de rir e ficariam tensos ante sua presença.

Apertou os punhos com força.

«Deus que está nos céus, em sua infinita misericórdia, faça com que esta batalha seja a que aplaque definitivamente à besta que nos acossa.»

Não recordava nem um só momento em que sua vida não tivesse estado dominada pelos dinamarqueses. Sua primeira lembrança da infância era uma peregrinação a Roma, viagem realizada por um menino de quatro anos, porque seu pai e seus irmãos não podiam abandonar a batalha. Seu pai e seus três irmãos mais velhos tinham morrido sem ter oportunidade de envelhecer.

Uma rocha situada entre a capela de madeira e a grande casa formava um assento natural em que Alfredo se acomodou. De repente, percebeu que tinha os punhos fortemente cerrados.

Primeiro tinha lutado contra os dinamarqueses junto com seu irmão; quando este morreu, ele tinha vinte e um anos, e sua jovem esposa esperava um bebê. Essa filha estava a ponto de fazer quinze anos; alegrava—lhe que a primogenitura tivesse correspondido a uma mulher, e que não a obrigasse a participar dessa interminável guerra. O segundo filho, em troca, sim foi varão, e não faltava muito para atingir a maioridade.

Olhou para o céu e se perguntou o que pressagiavam aquelas manchas cor de sangue. O que teria ocorrido ou o que estava para acontecer? Embora não tivesse o dom de clarividência dos celtas, sabia que a Inglaterra não tinha banido por completo o paganismo e que o primeiro ataque dos vikings tinha sido vaticinado em oráculos. Ainda rondavam druidas pelos bosques, e apesar ter abraçado o cristianismo, a maioria de sua gente era tão supersticiosa como os dinamarqueses pagãos. Algum perigo estava para cair sobre eles.

Voltou a rezar. Rogou que o sinal significasse uma vitória, enfim. Deus já lhe tinha concedido muitos triunfos. Alfredo sabia que seu povo o tinha proclamado o soberano maior depois do legendário Artur. Tinha derrotado muitas vezes aos inimigos em escaramuças.



Era rei, e os homens se inclinavam diante dele e lutavam por sua honra, mas ele desejava mais; desejava a paz. Desejava que a Inglaterra se convertesse em um lugar onde se protegesse a cultura, que seus filhos aprendessem a ler e escrever, e estudassem com eruditos de todo o mundo.

Ele não tinha aprendido a ler até os doze anos; embora fosse pequeno quando morreu sua mãe, jamais tinha esquecido como lia para ele, como sua voz parecia uma melodia alegre e ligeira quando recitava um poema. A falta de tempo o impedia de receber instrução, mas tinha aprendido a ler antes de seus irmãos. Gostava de estudar e desejava isso para Wessex. A paz era imprescindível para conseguir esse objetivo. Tinha trinta e seis anos. Já não era jovem, mas também não era um velho. Restavam muitos anos pela frente. Ainda tinha tempo de fazer muitas coisas. Os artesãos ingleses eram famosos em todo mundo por suas obras em metal e pedra; formosas jóias se fabricavam ali. Em outros tempos, os monges ingleses tinham trabalhado nos monastérios criando obras de grande beleza. Agora os monastérios eram saqueados, e os metais e as pedras preciosas roubadas, junto com tudo de valor. Era afortunado o inglês que conseguisse conservar sua parte de terra.

Ajoelhou—se diante da rocha, agarrou um punhado de terra e o observou.

—Deus de meus pais, permita-me destroçar os dinamarqueses desta vez. Ajude-me a expulsá-los de minha terra e obrigá—los a ver o verdadeiro caminho de Sua luz.

Enquanto falava, sentiu tremer o chão. Era Allen de Kent, um de seus homens de confiança, e aproximava—se à galope. Alfredo se apressou a ficar de pé. Allen desmontou e se ajoelhou ante o rei guerreiro, que imediatamente compreendeu que seu soldado trazia más notícias.

— Levante-se, Allen, e me explique o que houve. Acaso, o príncipe irlandês mudou de opinião e se nega a vir? —O céu o tinha advertido. Esperou a resposta.

—Não, meu rei. Pelo contrário, veio e provocou um desastre. Não chegou nenhuma mensagem à costa. O povo acreditou que se tratava de uma invasão e se dispôs a atacar. Lady Rhiannon deu a ordem. O príncipe irlandês não recebeu boas vindas, mas sim uma chuva de flechas.

Com o coração dilacerado, Alfredo agarrou Allen pelos ombros.

—Como soube disso?

—Quando ia me encontrar com lady Rhiannon, esbarrei, no caminho, com um sobrevivente que vinha para informá-lo do que aconteceu.

Allen não sustentou o olhar do rei, que se perguntou o que o rapaz ocultava; depois pensou que o soldado baixava os olhos por tristeza e temor por Rhiannon.



—E é verdade? Tem certeza?

—Sim, tenho. A cidade está quase destruída.

—Imagino! —disse o rei.

Tinha pego uma besta pela cauda, uma besta civilizada, pensava. Mas conhecia a reputação do homem, e rogava que as repercussões se limitassem ao que já tinha acontecido. Eric de Dubhlain poderia estar marchando sobre Wessex nesse momento, com seu grito de guerra, procurando vingança. O príncipe irlandês devia imaginar que o rei de Wessex o tinha traído. Rhiannon o teria traído? Impossível! Alfredo pensou em sua prima, inquieto, mas falou como rei. Não tinha alternativa. Era rei antes de mais nada. Só havia uma maneira de conservar uma parte da Britania para os saxões.

—Onde se encontra Eric agora?

—Ocupando a cidade.

—Não se dirige para cá? Como pode saber?

—Na cidade reina um silêncio de morte. Sei, senhor, porque cheguei até a costa para comprovar o acontecido antes de lhe comunicar.

Alfredo agradeceu, em silêncio, a Deus que o viking irlandês não havia se lançado, imediatamente, rumo a vingança. Depois, perguntou por Rhiannon.

—E minha prima?

—Não a viram —respondeu Allen, pesaroso, movendo a cabeça—. Mas o homem que encontrei no caminho estava convencido de que tinha escapado.

Alfredo jogou sua capa para trás e contemplou, novamente, o céu da primavera.

—Allen, procure Rowan e lhe diga que saia com seus homens em busca de lady Rhiannon. Se estiver viva, se for possível achá-la, seu amor o guiará.

—E você, meu senhor?

Alfredo olhou a seu homem e vacilou. Allen tinha quase a sua idade. Ambos estavam em forma graças à eterna prática da guerra. Allen era moreno, de vivos olhos cinzentos, e sua gênio podia inclinar—se para a crueldade. Todos tinham endurecido como o granito, pensou o rei.

—Eu irei ver Eric de Dubhlain. Tratarei de consertar o engano. — deu meia volta e se encaminhou para a casa, arrastando a capa atrás de si. Deteve—se e se voltou para Allen—. Como pôde ocorrer isto? Não foi enviada uma mensagem?



—Senhor, sei que foi enviado um mensageiro. Entretanto, o homem com quem falei não sabia nada. Disse que talvez o velho Egmund, devido ao ódio que sentia pelos nórdicos, negou—se a comunicar a sua senhora. Egmund morreu no campo de batalha, de modo que jamais saberemos.

—Ah, sim saberemos, Allen. — O rei sorriu com tristeza—. Descobriremos tão logo seja possível.

—Senhor!

Era uma voz aguda e feminina. Alfredo voltou-se para esquadrihar a mata. Sentiu—se aliviado porque conhecia aquela voz.

Viu Rhiannon, que, despenteada, suja e com a túnica rasgada, mas formosa, como sempre, cavalgava em direção à ele pela pradaria.

—Deus meu! —sussurrou Alfredo.

Pôs—se a correr para ela. Os cascos do cavalo faziam saltar o lodo. A jovem se deteve, apeou e, banhada em lágrimas, jogou—se em seus braços.

O rei a abraçou, afastou—lhe o cabelo do rosto e a ergueu em seus braços. Agradeceu, em silêncio, a seu deus que a houvesse devolvido.

Não sabia por que a queria tanto, como a um de seus filhos. Talvez porque, em outros tempos, tinha admirado e amado sua mãe, ou possivelmente porque era seu padrinho. Ignorava os motivos de seu coração, mas a amava como uma filha. Estreitou—a e a abraçou. Ela era bastante alta para uma mulher, mas esbelta e bem feita como uma fada, fácil de ser elevada nos braços. Esquecendo—se de Allen, Alfredo se encaminhou para a casa, chamando sua esposa.

Rhiannon ia agarrada a ele, confiante como uma menina. Seus olhos, tão incrivelmente azuis, encontraram—se com os do rei.

—Fomos atacados pelos dinamarqueses, meu senhor. Desembarcaram e caíram sobre nós; foi um banho de sangue.

Fechou os olhos. Tinha frio; estava empapada e esgotada depois de ter cavalgado toda a noite sob a chuva. De repente, a fúria pela brutalidade e a perda inútil de vistas penetrou em Alfredo como uma faca. Moveu a cabeça, sem deixar de abraçá-la.

—Não eram dinamarqueses.

—Meu senhor! Primo! Eu estava ali. Caíram sobre nós como lobos famintos...

—Enviamos uma mensagem, Rhiannon. Pedi ajuda a um príncipe irlandês de Dubhlain, um homem que odeia os dinamarqueses com tanta ferocidade quanto nós.



Ela negou com a cabeça. Alfredo não a entendia.

—Não vi nenhum irlandês! —assegurou. Apertou com força os dentes. Não podia esquecer do viking a quem tinha estado a ponto de matar; loiro e glacial como o vento de sua terra—. Chegaram em navios dragões —sussurrou.

Não se atrevia a contar a Alfredo sobre seu encontro com o homem, pois seu primo se enfureceria porque não tinha fugido imediatamente.

—A embarcação seria viking, Rhiannon, como também alguns de seus homens.

Ela voltou a negar com a cabeça. Não conseguia fazer com que o rei compreendesse a situação.

—Meu senhor, talvez esteja confusa, não estou entendendo...

—Não —disse com firmeza Alfredo, que começava a zangar—se. Sentia—se doente por toda as pessoas que tinha sofrido tão inutilmente e temia muito que uma traição lhe custasse a ajuda do príncipe irlandês quando mais a necessitava. Estreitou com muita força a Rhiannon. Não a culpava. Estremeceu de emoção e raiva.

— Não, expressou-se muito bem, mas você não entende o que digo. Traiu—me. Ordenou atacar a um homem a quem eu havia convidado. Ergueu sua mão contra mim.

Ela afogou um grito, horrorizada.

—Eu jamais o trairia, Alfredo. Como pode me acusar assim? Lutei contra o inimigo. Sempre lutamos contra o inimigo.

— Não a acuso, mas digo que devia ter dado boas-vindas a esse homem em lugar de atacá—lo.

— Juro que não sabia!

Gostava muito de Rhiannon. De repente, já não podia olhá—la nos olhos. Não podia perder as forças que necessitava nesse momento, quando a vitória estava muito perto; já quase a saboreava. Não poderia suportar que a tirassem de suas mãos. Necessitava do príncipe de Eire, e se este exigisse algum castigo, ele se veria obrigado a pagar o preço.

Entraram na casa. Conduziu Rhiannon até a lareira e a acomodou ali.

—Alswitha! —Chamou sua esposa.

Ali estava ela, sua noiva de Mercia, com Althrive, sua filha mais nova, em seus braços. Alswitha se aproximou para deixar à menina no chão e correu para abraçar Rhiannon, dirigindo a seu marido um olhar de recriminação.

—O que aconteceu com ela? —perguntou consternada, ao ver o deplorável aspecto de Rhiannon.



Alfredo não conseguiu aplacar a raiva que tomou conta dele.

—Alguém de sua casa decidiu não acatar a ordem do rei; foi isso que aconteceu.

—Não; não pode ser verdade —protestou Rhiannon. Alfredo estava tremendo. Sua prima era incapaz de compreender a intensidade de sua emoção e estava assombrada ao vê-lo tão furioso com ela, que tinha ido até ele em busca de auxílio.

—Não a acuso de nada, Rhiannon, mas alguém nos traiu; a mim e a você. E o ocorrido pode trazer terríveis conseqüências, muito mais desastrosas para nossa causa do que já aconteceu.

Rhiannon se separou dos braços da rainha e enfrentou, trêmula, a seu primo.

—Mais terríveis que o mar de sangue que banha minha cidade? Esqueceu, Alfredo? Homens, homens bons, meus queridos amigos, estão mortos...

—E você esquece, senhora, que sou o rei? —replicou ele, com voz de trovão—. Além disso, Rhiannon, seus queridos e leais amigos poderiam ser os traidores. Por que foi enviada uma mensagem para anunciar a chegada do príncipe de Eire, que deveria ser recebido com toda cortesia e escoltado até aqui.

—Não chegou nenhuma mensagem, meu senhor! —exclamou ela—. E, me acredite, senhor, não vi nenhum príncipe irlandês; só vi uma horda de piratas vikings.

Ele deu meia volta, sem lhe dar atenção.

—Por todos os Santos, Alfredo! —exclamou Alswitha—. Como pode ser tão cruel para duvidar da garota?

Ele se voltou para olhar as duas, com rosto inexpressivo.

—Porque todo Wessex poderia depender disto; porque a paz poderia depender do capricho e a cólera de um príncipe estrangeiro. — envolveu—se na capa e a abotoou — Eu, minha senhora, partirei para a costa. Rhiannon sobreviveu e se encontra, confio, a salvo contigo.

Dito isto, partiu. Alswitha parecia mais magoada que Rhiannon.

— Ele gosta de você —disse a jovem— E muito.

Rhiannon se voltou para ela e tentou, em vão, sorrir.

—Sim, gosta, mas não tanto quanto de Wessex.



—Nem sequer a mim quer tanto quanto a Wessex —disse secamente Alswitha. Ao ver que a moça estava tremendo, chamou sua criada, que entrou silenciosamente na sala— Rápido, terá que esquentar água e banhar lady Rhiannon, antes que adoeça.

De fora, se ouviam os cascos dos cavalos e o ruído dos homens ao selá—los para empreender a cavalgada. Alswitha passou um braço pelos ombros de Rhiannon e a conduziu para a parte leste da casa, o solar das mulheres. Ali lhe prepararam o banho. Alswitha não a deixou sozinha. Ela mesma lavou seu cabelo e tratou de manter uma conversa, falando do folclore, do povo, da casa.

Quando estava pronta, Rhiannon se envolveu em uma toalha e se acomodou diante da lareira. Começou a tiritar de novo. Alswitha, formosa com seus olhos de cor mel e seus delicados traços, sentou—se junto a ela para tranquilizá—la.

—Celebraremos missas por seu povo. Rezaremos por eles nesta mesma tarde.

Rhiannon assentiu e engoliu a saliva.

—Alswitha, tem que acreditar. Não eram irlandeses; eu os vi. Eram vikings.

—Rhiannon, sei que conta o que viu. O que ocorre é que ignora que o pai desse príncipe irlandês é norueguês. Por esse motivo, talvez se pareça muito com um viking. Os construtores de navios vikings são os melhores, de modo que as embarcações podem ter na proa uma figura de dragão. E possivelmente, muitos de seus homens lutam como bestas furiosas. Alfredo necessita de guerreiros assim para deter os loucos dinamarqueses. O príncipe irlandês a quem Alfredo quer agradar pertence à casa de Dubhlain, mas é nórdico por herança paterna.

Envolta na toalha, Rhiannon estremeceu.

—Temo que Alfredo pactuou com os demônios. Eu os vi, e não eram cristãos irlandeses, mas pagãos.

Pagãos de cabelos dourados como o sol do norte e olhos azuis de frieza cristalina. E Alfredo tinha um trato com eles. Era possível que voltasse a ver o capitão viking.

—Meu Deus! —sussurrou.

Sentiu—se doente. Sem dúvida o viking loiro teria explicado ao príncipe irlandês que uma mulher saxã tinha lançado flechas em sua direção. Alfredo, que já estava furioso com ela, zangaria—se ainda mais quando chegasse à costa.

—Como posso lhe importar tão pouco? Como pode lhe importar tão pouco minha gente, o que ocorreu? —disse, soluçando—. Sou de seu sangue, e ele é meu protetor. E se zanga comigo porque defendendo minhas posses?



Alswitha permaneceu por um longo momento em silêncio. Depois falou com doçura:

—Ele é o rei, Rhiannon; Wessex lhe pertence.

—É cruel.

—É severo e pode mostrar—se implacável. O destino o tem feito assim, porque deve ser forte. Lembre-se que é seu protetor, seu rei e que te quer muito bem. —Acariciou—lhe o cabelo, ainda úmido, e sorriu—. Preocupa—se com seu bem—estar. Não pretendia te ofender, e nunca o fará. Rhiannon desejava acreditar. Amava ao rei. Alfredo, Alswitha e seus filhos eram sua família, a única que restava. Flexionou os joelhos e rodeou as pernas com os braços. Enquanto contemplava o fogo, lágrimas silenciosas rolavam por suas bochechas.

—Foi espantoso! —murmurou—. Tantos mortos, tanto sangue. Eu gostava muito de Egmund e Wilto. Pense nas viúvas, que nunca voltarão a amar, pense em seus filhos. — De repente, ergueu a cabeça—. E Adela! Não a vi quando escapei. Deve estar perdida, Alswitha. Não sei se a capturaram ou se ainda vaga pelos bosques.

—Alfredo a encontrará.

—Ai! E eu, tão egoísta, não disse nada sobre ela a Alfredo.

—Estará a salvo, tenho certeza. Os homens de Alfredo a encontrarão.

—E se os vikings a capturaram?

—Se fugiu para o bosque, por que vão perseguir uma mulher cuja existência ignoram?

Rhiannon ficou em silêncio. Não perseguiriam Adela, mas o nórdico a quem tinha ferido tão gravemente poderia enviar alguém atrás dela e, em seu lugar, encontrar Adela. Preferiu não manifestar seus temores. Não se atrevia a mencionar a Alswitha o ocorrido com o viking, pois ela poderia achar que deveria contar a seu marido.

—Vamos, Rhiannon —animou Alswitha—. Tem que comer e depois tratar de dormir. —Vacilou um momento, observando—a—. Por que tem tanto medo ainda?

—O que? —Rhiannon a olhou, com olhos assustados.

—O que te aconteceu? Por que tem tanto medo ainda? —repetiu.

—Não tenho medo —disse ela, negando com a cabeça—; agora não. Estou aqui, contigo, a salvo.

Mas não sabia se encontrava-se a salvo ou não, nem se voltaria a estar alguma vez em sua vida. Não conseguia esquecer do viking. Não podia esquecer o fogo de seu corpo, nem aqueles olhos de



gelo, nem o rouco timbre de sua voz quando a tinha avisado: «Roga, senhora, roga que nunca voltemos a nos encontrar.»

E não voltaria a vê-lo nunca, jamais. Ficaria com Alswitha e os meninos enquanto Alfredo combatia com seu exército mercenário contra os dinamarqueses em Rochester. Jamais, jamais voltaria a vê-lo.

Seus dentes começaram a bater. Estava rogando, tal como o viking tinha aconselhado. Também rogava que Alfredo não soubesse de que modo tinha participado da batalha.

Preocupada, Alswitha lhe deu uns tapinhas nas costas.

—Vamos, deve dormir. Há outra pessoa aqui que te quer muito; já sabe a quem me refiro.

—Rowan —exclamou Rhiannon, dando um salto. Quase tinha esquecido de seu amor querido.

—Sim, Rowan. Sem dúvida, acompanhou o rei e provavelmente não retornará até amanhã. Assim, tem que comer agora e depois recuperar toda uma noite de sonho. Não vai querer que te veja neste estado, não é?

—Não, não, é obvio que não —apressou—se a responder.

Não podia permitir que Rowan soubesse do que tinha acontecido. Ele não estava apaixonado por Wessex, mas sim por ela, e certamente poderia desejar vingar-se do nórdico que a tinha tratado tão mal.

Quando por fim se deitou, embelezada por uma longa camisola de linho, entre lençóis limpos e agasalhada por uma grossa manta de lã, não sonhou com Rowan, como tinha suposto. Não; em seus sonhos não apareceu o jovem a quem amava, o saxão de alegres olhos verdes e cabelos castanho escuros, mas sim o gigantesco viking de barba e cabelo dourados, largos ombros, fortes como o aço, e cujos olhos, duros e frios como uma pedra de gelo, tinham—lhe penetrado até o coração.

Ouviu sua risada, recordou suas carícias, sentiu o repentino ardor que lhe tinham provocado suas mãos ao deslizar com tanta liberdade e intimidade por suas coxas, de forma tão suave em comparação com a fúria de seus olhos e a violência da briga. Ouviu suas palavras sussurradas, que a acoassavam uma e outra vez.

«Roga, senhora, roga que nunca voltemos a nos encontrar.»



Despertou. As lembranças se negavam a abandoná-la, e não conseguia conciliar o sonho. Tremia. Tinha lhe percorrido esse mesmo estremecimento de apreensão na primeira vez em que o viu. E depois sentiu seu olhar fixo nela, sentiu seu contato. Tinha acreditado que ele morreria na batalha. Mas tinha se enganado. O viking estava vivo, tinha certeza. E voltariam a se encontrar.

Não...

Sim, estava certa. Ele tinha chegado acompanhado pela tormenta e as selvagens ondas do mar. Estava destinado a sacudir sua vida como as tempestades.



Seu sonho tinha sido intranquilo. Imagens desconexas, retalhos de seu passado, desfilavam por sua mente. Viu as curiosas mesquitas árabes e os magníficos palácios dos mouros de pele negra. Viu o mar, amaldiçoou e empurrou os homens à morte com letal tranqüilidade. Evocou a viagem a Paris pelo Sena e inclusive, anterior no tempo, a sala de estudo do formoso castelo de pedra de seu pai em Dublin. Leith, o herdeiro, estudioso e sempre conciliador, sabia a história da Irlanda como um senescal, e Eric, sempre ciumento, encarapitava—se à mesa e, brandindo uma espada imaginária, jurava que conquistaria o mundo.

Então ouvia a melodiosa voz de sua mãe, que o repreendia com doçura e firmeza. Suas fantasias de conquistas se desvaneciam quando ela os reunia em torno de si: Leith, Eric, Bryan, Bryce, Conan e Conar, e as meninas, Elizabeth, Megan e Daria. Falava—lhes de Tuath Do Danaan, as tribos antigas, a honra da hospitalidade irlandesa e o orgulho de sua raça. Podiam percorrer o mundo inteiro, assegurava sua mãe, mas jamais deviam esquecer que eram irlandeses. Levavam a raça no sangue, era parte deles e sempre os acompanharia. O som das gaitas de fole os comovia, e eram capazes de ouvir a fada agoureira, fantasma da morte, no vento. E sabiam que gente diminuta fazia jogos e truques nos bosques e que a terra era sagrada. Enquanto Erin contava contos e lendas, seus travessos filhos escutavam, em silêncio, sentados a seus pés. Então aparecia Olaf na porta e tratava de atrair sua atenção, explicando as sagas de Odín, Tor, Loki e o resto dos deuses de seu povo. Sempre havia calor e carinho no castelo de Dubhlain. Calor e amor.

Essas cenas permaneceram em sua mente enquanto se revolia inquieto em seu sonho. A grande lareira, os cães, a terra. Os dias em que viajavam a Tara para sentar—se com os reis de todo o país, os dias em que seu avô Aed Finnlaith governava com justiça e sabedoria os irlandeses.



Também os dias em que o enviavam ao bosque para que o velho druida Mergwin o instruisse. Os dias em que o vento soprava e assobiava, e rugiam os trovões, e o ancião tolo ficava fora, sob a chuva, com os braços erguidos para o céu. «Sinta, filho; sinta o vento, sinta o falcão quando voa e a terra que pisa. E recorde sempre que as respostas não se encontram em outros homens, mas dentro de sua alma; você e a terra são um. »

Mergwin o tinha obrigado a ler e estudar manuscritos em latim, franco, nórdico, irlandês e inglês. Tinha levado Eric pelos pântanos e tinha lhe ensinado que ervas serviam para anular o efeito dos venenos, que plantas podiam ser preparadas para fazer uma compressa que estancasse uma hemorragia. O druida tinha exigido muito, muito mais que a seus irmãos e irmãs. Uma vez ele protestou:

—Basta, velho; sou um príncipe. Sou filho do Lobo, neto do grande Ard—RI.

Mergwin o olhou de cima a baixo, e replicou:

—Sim, Eric, é tudo o que diz. Portanto, faça com que a força de seu corpo esteja à altura de sua soberba. Corte lenha destas árvores e não pare até que o monte seja muito alto, porque este promete ser um frio inverno.

Jamais compreendeu por que obedecia o velho. Possivelmente, porque sua mãe amava Mergwin, e até seu pai procurava seus conselhos.

O druida jamais se enganava. Soube até mesmo quando morreria Emenia.

Deitado na casa conquistada, Eric gemeu e deu outra volta na cama. O druida tinha tratado de impedir que partisse em viagem com seu tio, embora Eric já tinha deixado para trás a juventude. Mergwin tinha ido à praia. A barba, o cabelo e a roupa se agitavam ao redor do ancião, que parecia um corvo gigante. Resistiu ao vento e esperou até poder falar com ele a sós.

—Não vá —adverteu.

—Mergwin, devo ir o prometi a meu tio. —Corre um grave perigo. Não sei te dizer de onde procede nem o que te ameaça. Seu coração, sua alma e sua vida estão em grave perigo.

Recordava que aquele dia havia sentido um enorme carinho por seu velho tutor. Rodeou os fracos ombros do druida com os braços:

—Sou príncipe do Eire, Mergwin. Não falto a minha palavra e, como meu pai antes que eu, devo viver em perigo. Mergwin não discutiu mais.



E partiu de viagem, conheceu Emenia, e seu coração e sua alma estiveram realmente em perigo. Em seus sonhos via a beleza nua e flexível de seu corpo, seu sorriso quando o montava. Sentia de novo o suave e sedoso roçar de seus cabelos, negros como a noite, brilhantes.

Ela sabia onde acariciar um homem, como se estivesse dentro dele, como se soubesse o que necessitava, quando, onde e como. Via seu corpo, resplandecente pelo suor depois da tempestade que se desencadeava entre eles; a forma de seus seios, seus mamilos escuros. Sentia seu aroma.

Tinha matado muitos homens naquela noite. Enviou-os para descansar com Alá, no céu, à Valhalla ou ao inferno, não sabia bem onde. Mas, com tal derramamento de sangue, não conseguiu aplacar a dor que o assaltava e que passou a ser parte dele; nunca cessaria, jamais deixaria de transpassá-lo e acossar seus sonhos.

Voltou a gemer. Doía—lhe a perna. Mergwin, o velho druida, com seu rosto magro, voltava a aparecer em seus sonhos. Eric sorriu, com tristeza.

—Vá embora, druida. Deixe em paz meus sonhos.

—Não está sonhando —ouviu.

Piscou e moveu a cabeça, mas o rosto continuava ali. Eric se ergueu, sentindo-se tonto. Esforçou-se para vencer o atordoamento e, pouco a pouco, o quarto deixou de girar.

De fato, o druida estava diante dele. Eric o observou, furioso, com o cenho franzido.

—Velho morcego do inferno. Por Odín, o que faz aqui?

Mergwin se sentou ao seu lado na cama. Eric fez uma careta de dor, apertou os dentes e percebeu que o druida estava curando a ferida da coxa.

—Pelo sangue de Cristo! Isso dói! —exclamou. O druida moveu a cabeça, pesaroso.

—Eric, fala em Cristo, Odín e o inferno, tudo em questão de segundos. Decida-se a respeito de seus deuses, jovem Lobo, e reze corretamente se puder.

—Como chegou aqui?

Mergwin amarrou a compressa com uma atadura de tecido. Eric se surpreendeu ao comprovar que a dor diminuía quase instantaneamente, como se o toque do velho tivesse verdadeira magia. O druida o observou, com expressão reflexiva, sem responder.

—Fale! —disse Eric.

«Este tem o gênio de seu pai —pensou Mergwin—; não, mais.» De todos os filhos do Lobo e sua princesa, esse era o que mais se parecia com seu pai. Possuía seu próprio código de honra, e ninguém podia transgredi-lo. Era exigente com todos que cruzavam em sua vida e se mostrava



implacável na batalha, em qualquer batalha. Era tão alto como seu pai, tão loiro quanto ele, mais largo de ombros, muito musculoso e entretanto esbelto, flexível e ágil.

Sabia caminhar silenciosamente sobre as folhas das árvores, ele mesmo se encarregou de ensinar e entretanto, caminhava com firmeza. Não pedia a seus homens mais do que ele dava. Tratava—os com franqueza, e os homens não hesitavam em segui—lo. Embora sua espada pudesse ser cruel, seu julgamento era sempre justo e sábio. Seu defeito, pensou Mergwin, era essa veia de teimosia que o dominava.

—Joguei as runas —disse, por fim, o druida.

—Jogou as runas? —repetiu Eric.

Mergwin era filho de mãe irlandesa, uma bruxa, conforme diziam muitos, e um professor nórdico de runas. As runas eram pedras simbólicas que podiam predizer o futuro, se um homem acreditava em seu poder. Muitos não saíam a navegar se as runas não profetizassem uma boa viagem.

—Queria descobrir para onde você se dirigia —disse Mergwin. Arrumou—lhe a atadura da perna que com tanto cuidado tinha amarrado —. Os navios já tinham partido, mas eu os segui o mais rápido que pude.

—Por que?

O druida se ergueu e elevou os braços, para assinalar a casa e a terra que a rodeava.

—Isto! Esta é uma traição!

Eric o olhou, carrancudo, e jogou os lençóis para um lado, decidido a levantar—se.

—Deveria ficar quieto. Do contrário, a ferida voltará a sangrar —avisou Mergwin.

—Não posso ficar quieto.

Encaminhou—se para uma mesa em que estava uma bacia e um jarro com água. Doeu—lhe a perna mas não permitiu que o druida o advertisse. Colocou cabeça na água, e o frio da água o despertou completamente.

—A ferida teria curado com mais facilidade —disse o druida, mordaz—, se tivessem extraído a flecha corretamente. Mas não, o príncipe dos parvos teve que romper o músculo e a pele ao tirá-la ele mesmo.

Eric o olhou zangado e secou o rosto com uma toalha de linho.

—Curou minha perna, e sua advertência de traição chegou muito tarde. Talvez, druida, devesse retornar ao lugar de onde veio para chatear meu irmão, que certamente necessita ajuda para algum de seus projetos.



Ignorando—o, Mergwin arrastou uma cadeira de madeira até a lareira, que ardia com fogo suave. As chamas iluminaram sua barba incrivelmente longa, barba que jamais se enroscava e parecia ser parte da cabeleira que lhe cobria as costas.

Eric se dirigiu para a porta e abriu. Achava—se na planta superior da casa, e provavelmente o quarto que havia escolhido era do senhor, porque a formosa cama em que havia dormido se elevava sobre um pedestal, e o colchão era de plumas. A lareira era belamente entalhada, e o suporte da chaminé, adornado majestosamente com Santos e gárgulas. As paredes estavam decoradas com tapeçarias, e o jarro, em cuja asa havia jóias incrustadas, e bacia da mesinha eram obras de artesanato.

Sim, o quarto tinha pertencido ao amo do lugar, que possivelmente o compartilhava com sua lady. Ou possivelmente, tinha pertencido à perversa mulher que o tinha deixado no lamentável estado em que se encontrava.

—Rollo! —chamou.

Nesse instante, viu a garota de cabelo escuro a quem tinha resgatado dos entusiasmados avanços de seus homens na tarde anterior. Estava vestida com uma túnica larga e recatada; usava o cabelo preso em um coque, e seu rosto, com seus grandes e adoráveis olhos, era muito bonito.

A moça se apressou a inclinar—se, em uma reverência.

—Meu senhor, estive esperando para servi-lo.

Ofereceu—lhe uma bandeja com ave assada, pão fresco e uma jarra de cerveja. Ele a olhou e assentiu.

— Diga-me como se chama.

—Judith, meu senhor.

—Judith, sempre viveu aqui?

—Sempre, meu senhor.

— Diga-me, onde está seu amo? Mataram—no ontem na batalha? Por que me atacou? Sabe?

A garota negou com a cabeça, surpresa.

—Não há amo aqui desde que morreu o príncipe Garth, há muitos anos.

—Nenhum amo? perguntou Eric.

De costas para Eric e contemplando o fogo, Mergwin disse:

— Pergunte por sua ama, meu príncipe.



—Lady Rhiannon—disse a jovem.

—Ah, Lady Rhiannon —repetiu Eric—. Uma ninfa esbelta, de cabelo vermelho dourado que cai até os quadris? —«E que possui uma perversa habilidade para lançar flechas, acrescentou em silêncio.

—Sim, essa é minha senhora.

Quanto desejava voltar a pôr as mãos em cima dela. Sorriu, com ar despreocupado.

—Bem, então o que me diz de Lady Rhiannon? Por que me atacou? Eu vim aqui convidado pelo rei.

—Veio em um navio dragão, milord.

—Sim, construímos navios dragões; são bons navios —disse ele— De qualquer forma, eu deveria ter sido bem recebido, a menos que houve uma traição, contra mim ou contra o rei.

—Não sei nada disso —disse a moça.

Ele a olhou, atentamente. Era bonita, mas uma simples criada, muito jovem. Não poderia ajudá-lo.

—Obrigado, Judith—disse, despedindo—a.

Ela ruborizou, fez outra reverência e entreabriu os olhos.

—Posso servi-lo em algo mais?

—Sim. Procure Rollo, o homem grande e ruivo. Diga que venha aqui.

Ela voltou a inclinar—se.

— Imaginava que milord... —interrompeu—se.

—Vamos, garota, vá buscá-lo —ordenou ele, com o cenho franzido.

Ela se inclinou, beijou—lhe rapidamente a mão, ergueu—se e partiu precipitadamente. Eric a seguiu com os olhos, moveu a cabeça e entrou no quarto. Ao sentar—se à mesa descobriu que tinha uma fome canina. Entusiasmado, deu uma dentada no frango e o achou saboroso. Olhou para Mergwin, que contemplava as chamas.

—Diga, Mergwin, você que sabia deste perigo, qual foi a causa deste desnecessário derramamento de sangue?

Mergwin encolheu os ombros, sem afastar a vista do fogo.

—Ignoro. Não sou vidente.

—Ah, claro, não é vidente —replicou secamente Eric.

Levou a cerveja aos lábios. Tinha muita sede e esvaziou a jarra. Alguém bateu na porta, e imediatamente Rollo entrou no quarto, nervoso, empurrando um sacerdote muito magro. Eric arqueou uma sobrancelha, de forma interrogativa.



—O que aconteceu? —perguntou, em nórdico.

—Fale, pai, e rápido —apressou Rollo.

O homenzinho umedeceu os lábios, e os olhos aumentaram ainda mais ao ver o gigante loiro sentado à mesa, vestido somente com uma túnica curta de couro, com os ombros nus, deixando a descoberto os músculos de seus braços, maciços e duros. Eric se levantou e o monge pareceu encolher—se. Depois de benzer—se e avançar um passo vacilante, balbuciou umas palavras. Eric cruzou os braços, aborrecido e divertido, ao mesmo tempo.

—Vamos, pai, fale. Não somos bárbaros.

O monge pareceu duvidar dessas palavras.

—Sou o pai Paul —disse por fim—, da antiga ordem de são Beda. Venho por parte do rei Alfredo de Wessex.

—Ah, sim? —disse Eric com severidade. Esticou—se. A lembrança da traição o golpeou.

—Por favor, querido príncipe. O rei está aborrecido e não sabe mais que você sobre esta traição. Jura que averiguará o que aconteceu. Envia—lhe aguamiel, lã, peles e jóias criadas por seus melhores ourives.

—O rei me oferece o que teme que eu roube —replicou Eric.

O monge se ergueu com impressionante dignidade.

—Alfredo é um grande rei e um homem de palavra.

—Bem dito —murmurou Eric.

—E certo —acrescentou em voz baixa Mergwin.

O monge se voltou para olhar as costas do druida, com certa fascinação. Eric se aproximou da lareira e se apoiou no suporte. A compressa que Mergwin tinha aplicado em sua perna estava surtindo efeito, e se sentia como se um novo vigor e uma nova força lhe percorressem as extremidades. Esfregou o queixo com os dedos, observando o monge, que continuava maravilhado pelas costas do druida.

—Que deseja o rei?

—Deseja., quer dizer..., o rei deseja encontrar—se com milord. Espera sua resposta no bosque e quer um refém, porque imagina que está zangado.

—Não enviarei nenhum refém. —Eric se interrompeu quando Mergwin se voltou; uma fraca figura sempre parecida com um corvo.

—Sim, meu príncipe. Eu irei.



Eric franziu o cenho. O druida estava acostumado a ser um espinho em seu flanco, mas o amava tanto como a qualquer familiar e não queria pô-lo em perigo.

—Não, não deve ir.

—E por que não?

—É muito velho para este jogo.

—Quando for muito velho, morrerei.

Mergwin se inclinou em uma profunda, respeitosa reverência diante de Eric e depois se voltou para o monge, que o olhava com a boca aberta, e sorriu.

—Vamos?

O monge olhou para Eric. Rollo pôs-se a rir.

—Não pratica a magia negra, pai. É simplesmente o ermitão de meu senhor. Não o transformará em corvo. —voltou—se para Mergwin—. Verdade que não, druida?

O ancião encolheu os ombros.

—Não, hoje não.

—Não sei se é um louco... —começou o monge. Eric o interrompeu:

—Diga a seu rei que leva uma pessoa muito querida para mim, meu mentor, um homem que está acostumado a ter minha força em suas mãos. Diga que leva um tesouro, e se cometer traição toda a Inglaterra pagará. E que venha quando quiser; falaremos nessa sala. Saíram os homens; o monge mais nervoso que quando chegou, Mergwin estóico, e atrás deles Rollo, que sorria divertido. Quando partiram, Eric acabou sua comida e depois se dispôs a vestir-se. Em algum momento da noite Rollo tinha levado seu baú para o quarto. Como devia receber um rei, decidiu vestir-se como filho de um soberano e neto de dois. Escolheu uma roupa irlandesa: meias de lã, uma suave túnica azul adornada com pele e um cinturão que se fechava com uma cruz celta belamente lavrada. Prendeu na capa real carmesim a insígnia da casa de seu pai, o lobo e a coroa.

Uma vez pronto, passeou os olhos pelo quarto. Rollo tinha lhe instalado no melhor quarto da casa, de modo que se não era o do senhor do lugar, devia ser o da senhora. Cheio de curiosidade, aproximou-se do baú ao pé da cama e o abriu. Continha roupa de mulher, largas túnicas de tecidos finos guarnecidos com peles e jóias.



Pelo visto lady Rhiannon governava ali. Ele a tinha expulsado de seu lar. Tenso, apertou as mandíbulas e contraiu os músculos. Tinha ocorrido uma traição, e tinha certeza de que essa tal Rhiannon era a culpada. Aquelas eram suas terras, tinha assegurado a criada. Sem dúvida tinha sido ela quem tinha ordenado o ataque, que continuou até seu sangrento final. Tinha lançado aquela chuva de flechas, tinha ferido Eric, e desejado matá-lo.

—Bruxa! —resmungou.

Sim, era uma bruxa, com seus olhos azuis, seu cabelo de fogo puro e seu profundo ódio. Agarrou uma adaga com jóias incrustadas, pensando em todo o que aconteceu. Talvez devesse ter lançado a adaga em seu coração. Aquela traição havia ceifado muitas vidas. E se voltasse a ter a oportunidade, pensou, a jovem o mataria sem hesitar. Tinha estado mais perto que qualquer homem de acabar com sua vida. Não era uma moça doce e recatada; tinha lutado como uma harpia e o tinha ferido. Sabia onde apontar contra um homem.

—Bem, senhora orgulhosa —disse em voz alta, fazendo girar a adaga em suas mãos—, já pagou em parte por suas ações, porque renunciará a esta terra, estas roupas e tudo que tomei. Juro que jamais as recuperará. Talvez assim aprenda a se mostrar humilde, e se alguma dia tiver a oportunidade, encarregarei—me de que aprenda bem.

Não podia esquecer a raiva que tinha provocado nele. E tampouco podia esquecê-la. Mesmo fervendo de ódio, seus olhos eram formosos, com aquele tom azul cinzento e o denso marco de cílios escuros. Não lhe inspirava ternura, mas tinha despertado um urgente desejo em seu interior. Sorriu. «Lástima que tenha nascido dama. Com certeza, para ela ser entregue como concubina a um homem que considera viking seria uma cruz difícil de suportar.»

Jogou a adaga dentro do baú e o fechou. Nenhuma mulher, por mais bela que fosse, valia tanto para ele como a terra. E embora o sabor da vingança fosse doce, desejava com paixão essa parte de terra e as enseadas que a circundavam. Se o rei não tinha participado da conspiração, ele reclamaria a terra. Como príncipe cristão, não podia lhe exigir que lhe desse uma dama para convertê-la em concubina.

Desceu ao primeiro piso, onde se achavam alguns de seus homens, sentados ao redor da grande lareira. Cães mastins rondavam pela sala, e os servos tinham retomado suas tarefas. «A bênção de ser escravo!», pensou com ironia Eric. Porque se o amo era decente, o servo não mudava muito de posição em sua vida, triunfasse quem triunfasse, governasse quem governasse.



Hadraic, Rollo e Michael de Armagh bebiam cerveja. Hadraic era filho de um dos homens de seu pae e uma criada irlandesa; Rollo era puramente nórdico, e Michael era tão irlandês como a rainha Erin. Ao observá-los, Eric pensou que a aliança de seu pai com seu avô tinha sido boa. Tinham aprendido a ser amigos e tinham prosperado.

Eric gostava desses três homens; lutavam juntos, se davam bem e eram ferozmente leais.

E como ele, procuravam algo; talvez conquistas próprias.

Rollo ergueu os olhos para Eric, que descia pelas escadas.

— Ordenamos que se prepare um festim para o rei de Wessex. Enviou um jovem nobre de East Anglia como refém, e mandamos uma escolta para que se reúna com seu grupo. Acredito que agora deveríamos sair para receber o rei do Wessex.

—De acordo —disse Eric, se aproximando da lareira para esquentar as mãos. Depois olhou fixamente para Hadraic. — Fizemos prisioneiros durante a noite?

—Não, Eric. Capturamos os homens que restaram no final da batalha, e às mulheres, mas nenhum era da casa. Há granjeiros, servos e artesãos. Todos prestaram juramento de lealdade a você.

—Ótimo.

Negociaria com o rei, mas de forma alguma renunciaria aquele lugar. De qualquer forma, desejava ter à garota para agarrar seu arco e suas flechas e quebrá-los um a um. Ou talvez fosse bom a moça passar algumas noites em solidão a pão e água... retirou-se de perto do fogo e olhou aos três homens.

—Vamos?

Michael, Hadraic e Rollo assentiram. Eric encabeçou a marcha para o pátio. Já era outro dia, percebeu. Pelo pátio passeavam porcos e frangos. Mais à frente viu um menino que incitava um boi para que andasse. Seus homens estavam por toda parte. Reclinados contra o celeiro, alguns afiavam suas facas à maneira escandinava, enquanto outros, receosos, mantinham-se alertas, com as mãos nas armas.

Com um amplo sorriso Denis de Cork se aproximou dele, num imponente garanhão branco.

—É uma beleza, milord Eric. De excelente criação, rápido e forte. Agradou-me vê-lo aqui, e imediatamente soube que não aceitaria a ninguém, além de milord.

—Sim, é um belo cavalo —concordou Eric. Acariciou o focinho do animal, que bufou. Eric notou sua poderosa força e sorriu



— Sim, Denis, será muito útil.

Montou rapidamente e ergueu uma mão para seus homens, que proferiram um grito. Levantando as rédeas do garanhão, Eric empreendeu a marcha para os portões, seguido por seus capitães.

No topo do monte que dominava a cidade, Alfredo observava como se aproximava o perigoso príncipe a quem havia convidado. A figura de Eric de Dubhlain era inconfundível; sua estatura ultrapassava o que haviam dito. Cavalgava um imenso garanhão com a comodidade de um guerreiro, confortável na sela, imponente com seu gigantesco corpo e sua resplandecente cabeleira. Os cascos do cavalo golpeavam a terra fresca e perfumada depois da tormenta.

O rei estudou atentamente o príncipe irlandês em busca de algum defeito, mas não encontrou nenhum. Os olhos azuis que o escrutinaram, sem pestanejar, eram severos, implacáveis. Sustentou seu olhar com expressão de exigência, certo receio e indiscutível franqueza.

—Alfredo de Wessex? —perguntou o guerreiro.

O rei assentiu.

—Eric de Dubhlain?

Eric assentiu também.

Acompanhavam Alfredo vários cavaleiros, provavelmente nobres, por suas vestimentas. Entretanto, nesses momentos iniciais carregados de tensão nenhum os dois se fixou nas pessoas que os rodeavam. A importância do encontro estava na fé e na confiança que podiam oferecer mutuamente.

Alfredo se aproximou com seu cavalo e estendeu sua mão enluvada para Eric, que a apertou após um ligeiro vacilo. O homem era valente ao aproximar—se assim, ou acreditava em sua fama de honradez, ou odiava todos os dinamarqueses. Estava disposto a correr qualquer risco para acabar com eles. Ao contemplar o rei, Eric gostou do que viu. Alfredo era um homem de estatura média, olhos castanhos e cabelo e barba castanhos escuros. «Pouco escapa a este homem», pensou Eric. Parecia sábio e cansado. Na profundidade de seus olhos havia inteligência. Além disso, Mergwin acreditava nele, recordou quando sentiu a firmeza de sua mão.



—Voltaremos para a cidade —anunciou Eric—. As mulheres estão atarefadas preparando um festim de boas-vindas ao grande rei de Wessex.

O rei assentiu sem afastar os olhos de Eric, que compreendeu que Alfredo sabia que ele reclamaria a cidade e que concordava com isso. Observou que o rei era um excelente cavaleiro e pensou que ambos tinham lutado contra os inimigos dinamarqueses desde seu nascimento, embora, aparentemente, o rei fosse uns cinco anos mais velho que ele.

Chegaram às portas e Eric, o rei Alfredo e suas respectivas comitivas entraram na cidade. Pelo visto nenhum dos dois grupos estava disposto a abandonar seus líderes; a confiança demorava mais em chegar aos seguidores. Já na grande sala, o rei ordenou a seus homens que esperassem fora. Eric fez um gesto a Rollo e os outros. Ficaram sozinhos na enorme sala da casa. Eric ordenou que lhes servissem aguamel, e os dois se sentaram nas cadeiras em frente a mesa e se observaram mutuamente, sem reservas.

Eric esperou que o rei falasse primeiro, já que era ele quem tinha que dar explicações. Observou Alfredo com semblante sério. O rei se inclinou sobre a mesa.

—Suponho que não preciso contar como foi nossa vida, porque os dinamarqueses também assolam as costas irlandesas desde que me conheço por gente.

—Meu pai e meu avô lutaram contra os dinamarqueses, e eu também luto contra eles.

—Como eu.

Eric bebeu um gole e se reclinou em sua cadeira, olhando o rei por cima da taça.

—Então, Alfredo de Wessex, por que atacaram meus navios quando cheguei aqui em resposta a sua petição de ajuda?

Alfredo moveu a cabeça e se afundou na cadeira. Eric não duvidou de sua sinceridade.

— Houve uma traição, embora ignore de quem. Juro que não descansarei até descobrir. Muitos suspeitam que um dos homens mortos foi o traidor, que preferiu combater a recebê-los.

—E o que me diz da garota?

—A garota? —perguntou o rei.



—Lady Rhiannon. Esta é sua terra. Foi ela?

—Não, não —apressou—se a negar Alfredo.

—Como pode estar tão certo?

—É minha afilhada, e minha parente.

Eric não acreditava que a garota pudesse ser declarada inocente com tanta facilidade, mas decidiu não acrescentar nada mais sobre o assunto, no momento.

—Quero esta casa e esta terra —disse.

—Já a tomou — repôs Alfredo secamente, talvez com um pouco de amargura.

— Criou-se um clima de suspeita —disse Eric.

—Sim — reconheceu Alfredo, que de novo se inclinou para Eric. O ardor de seu desejo brilhou em seus olhos— Veio para lutar contra os dinamarqueses. Não é sua terra natal que vai defender, e por isso me encarregarei de que sua recompensa seja grande.

Eric se levantou, sorveu um gole de sua bebida e se dirigiu para a grande lareira para apoiar—se no suporte da chaminé. Voltou a cabeça para o rei.

—Que recompensa?

Alfredo se sobressaltou. Ficando em pé, aproximou—se da lareira. O fogo ardia entre eles, da mesma forma que o profundo ódio que ambos sentiam pelo inimigo.

—O que quer? —perguntou.

—Mais terras —respondeu Eric— Quero as enseadas que rodeiam esta propriedade e uma parte da costa do norte. Há uma baía resguardada, flanqueada por elevados escarpados. Ninguém poderia conquistar essa terra. Percebi que é fértil, a vegetação é exuberante. É um porto natural; avistei—o do mar.

Alfredo vacilou. Eric arqueou friamente uma sobrancelha e o rei pensou que seus olhos podiam converter—se facilmente em gelo.

—Considera muito pelo sangue que me pede para derramar?

—Não, não se trata disso. Eu entregaria essa terra sem hesitar, mas não me pertence.

—Então fale com seu senhor, seu nobre, que tome outras terras. Conquistaremos algumas dos dinamarqueses:

—Não é um senhor que possui essa terra —murmurou Alfredo. Viu que Eric franzia o cenho—. A proprietária é minha afilhada, lady Rhiannon.



Eric assentiu, compreendendo a situação.

—Então ela deveria oferecê—la, de muito boa vontade, pela sua causa.

—De fato, já entregou algo — disse o rei com certo humor—. Esta era sua cidade, conquistada por seu pai.

A imagem da mulher de cabelos cor de fogo, sedenta de sangue, apareceu na mente de Eric, que sorriu com certa malícia.

— Então, também tiraria essa posse de lady Rhiannon?

—Sim —sussurrou o rei, retornando à mesa— Rhiannon é a senhora de toda esta costa. Seu pai, Garth, um excelente guerreiro, lutou ao meu lado com grande lealdade. O povo ainda recorda seu nome. Se ofender sua filha, terei que combater contra meu próprio povo.

—Não renunciarei a esta terra —afirmou Eric.

E não o faria. Estava banhada pelo sangue de seus homens.

E jamais devolveria nenhum punhado de terra a lady Rhiannon.

Alfredo franziu o cenho furioso com o implacável príncipe e mais furioso ainda com Rhiannon. Por seus olhos glaciais e a inexorável expressão de seu rosto, deduziu que Eric de Dubhlain jamais mudaria de opinião. Viu como se desvanecia diante dele seu sonho de paz em Wessex. Podia lutar e o faria, e por tudo o que era mais sagrado venceria; era um grande rei.

Entretanto, não podia batalhar sem mais homens. Os ingleses se apressaram a unir—se a ele. Homens sem treinamento para a luta tinham morrido por sua causa. Necessitava dos vikings irlandeses, esses guerreiros intrépidos, valentes, orgulhosos e preparados para o combate. Necessitava deles para vencer.

—Suas tropas e as minhas poderiam ter que enfrentar batalhas aqui, se eu tirasse de Rhiannon o que possui —disse Alfredo.

—Ah, bem, então talvez possamos chegar a um acordo, porque acredito que tenho que solucionar certos assuntos com a lady —afirmou Eric.

—Com Rhiannon?

—Ela ordenou que atacassem meus navios.

Eric se perguntou por que não desejava contar ao rei do que aconteceu em seu encontro mais íntimo com a jovem. Alfredo umedeceu os lábios.



—De acordo. Entregarei lady Rhiannon como esposa, e desse modo terá todas suas terras, mais ainda do que pediu.

—O que? —exclamou.

—Darei lady Rhiannon como esposa, e assim será o senhor de todas suas terras. O povo aceitará um matrimônio cristão e verá que estamos unidos por esses laços. E quando oferecer a minha própria afilhada, seus homens compreenderão que eu não o traí.

Alfredo se surpreendeu ao ver a expressão divertida que apareceu no belo rosto do príncipe irlandês.

—Senhor —protestou Eric—, eu não desejo uma esposa. O rei retrocedeu ofendido. Todos os nobres de sua corte e muitos de terras longínquas disputavam Rhiannon. Deus não tinha criado um anjo mais belo do que ela, nem tinha concedido a outra mulher tal graça; tampouco lhe tinha dado essas terras para que servissem de prêmio.

—Eric de Dubhlain —disse bruscamente, tamborilando os dedos sobre a mesa—. Falamos de uma mulher de meu próprio sangue, filha da casa real de Wessex e descendente de duas das casas reais de Gales. E lhe oferecemos uma propriedade que supera qualquer sonho de conquista, porque é excepcionalmente fértil; uma terra que ambiciona.

Eric apertou os dentes. Ele desejava vingança, não uma esposa. Uma vez tinha aprendido o que era o amor e o tinha perdido. Jamais pôde chamar Emenia de esposa, e não desejava outra. Seu coração se endureceu. Uma coisa era encontrar prazer na companhia de uma puta com talento e outra muito diferente, era contrair matrimônio. A mera idéia parecia repulsiva.

Além disso, Alfredo não falava de uma esposa qualquer. Queria casá—lo com a moça que tinha fogo nos cabelos e fúria no coração. Quase pôs—se a rir. Certamente essa união seria um inferno.

—Alfredo, não pretendo te ofender. Em primeiro lugar, quero lhe recordar que sou filho de um rei, neto do Ard—RI de toda a Irlanda, e um rei norueguês muito poderoso. Não costumo aceitar, apressadamente, qualquer negociação.

—Não o considero imprudente, senhor. Ofereço meu próprio sangue.

—Duvido que a jovem aprove bodas assim.

—Fará o que eu ordenar. Sou seu protetor e seu rei.



Eric encolheu os ombros. Quase sorriu pela ironia da situação. Tinha recomendado à moça que rogasse a Deus que não voltassem a se encontrar. Certamente suas orações não tinham sido escutadas. O rei estava resolvido a seguir adiante.

De repente, Eric sentiu uma rajada fria. Olhou para a porta e viu que estava aberta. Os homens do rei e os seus olhavam para o interior da sala, com expectativa. Todos desejavam, esperançosos, que esquecesse a traição, a batalha e o sangue que derramado. Mas ele não queria casar—se com aquela jovem! Detestava—a e desprezava porque, em sua ignorância, odiava tudo o que fosse nórdico, sem entender. Ansiava vingar—se daquela garota malcriada, caprichosa e arrogante. Mas negava—se a honrá—la como sua esposa.

—Maldito seja! —exclamou o rei— Não há mulher mais formosa no mundo. Rasga—me o coração oferecê-la a você.

Eric arqueou uma sobrancelha, observando o rei.

—Alfredo, a dama não estará de acordo com este matrimônio.

—Estará —assegurou Alfredo. Ele era o monarca, e sua palavra era lei. Apertou as mandíbulas. Tinha precisado de toda sua força de vontade para oferecê-la a outro homem, sabendo que estava apaixonada por Rowan e que este e sua amada acreditavam que seu matrimônio receberia a bênção do rei. Mas nesse momento, não podia permitir—se recordar que Rhiannon e Rowan se amavam. A batalha contra os dinamarqueses era mais importante que sua prima, Rowan e o amor.

— É a única maneira! —disse com dureza.

A única maneira, pensou Eric. Alfredo precisava dele e estava disposto a recompensá—lo generosamente. Mas nunca cederia a terra sem combate, a menos que ele desposasse a jovem.

E o que importava? A frieza tomou conta dele. O matrimônio era um contrato que ele se limitaria a aceitar; nada mais. A moça estaria submetida a ele até que a morte os separasse, e talvez esse fosse o pior castigo para ela.

Por fim, teria a oportunidade de possuir sua própria terra, fértil, exuberante, verde, com um formoso porto; não herdada, nem concedida, mas ganha por seu próprio esforço.

Tinha que conseguir aquela terra! Já a saboreava, sentia—a. Começou a entusiasmar—se com a idéia; desejava ser o amo e senhor daquela costa. De um modo ou de outro, a conquistaria. E se a mulher não se resignasse a sua sorte, enviaria—a para a Irlanda e assim se livraria dela.



O matrimônio seria de conveniência, uma base de pactos e alianças.

Por um fugaz e demolidor instante recordou a sensação de tê-la sob seu corpo. Evocou a firmeza de sua pele, a raiva e paixão de seus olhos, o violento desejo que o dominou. E recordou que naqueles momentos a tinha tomado como um viking, como o bárbaro que ela acreditava que era.

E essas tinham sido suas terras. Tinha lançado flechas contra ele. Se havia sido ela quem tinha traído tanto ele quanto o rei de Wessex, se por sua culpa havia sido derramado, desnecessariamente, o sangue de irlandeses, noruegueses e ingleses, pagaria muito caro por todos os dias de sua vida. Se o rei não cuidasse disso, encarregaria—se ele mesmo. E teria a liberdade para fazê-lo. Casaria—se com ela, como exigia o rei.

Seu rosto, impassível, não revelava nem suas emoções, nem seus pensamentos. Alfredo sabia que o príncipe refletia, mas seus pensamentos eram um mistério, oculto na névoa ártica de seus olhos.

Eric se aproximou da mesa e despejou mais aguamel nos dois cálices.

—Por uma longa e duradoura amizade —brindou, estendendo uma taça ao rei.

—Pela morte dos dinamarqueses —disse o rei. —Por sua destruição.

O rei bebeu sem afastar os olhos do príncipe irlandês. Qualquer mulher desejaria este homem!, Pensou, tratando de tranquilizar—se. Assim que sua prima o visse, não se sentiria tão triste. Por suas veias corria sangue real, as forças de duas nações poderosas. Era nobre, tão bem formado, musculoso e esbelto como o melhor cavalo de raça; seus traços eram impressionantes, duros, belos, e seus olhos, cativantes... às vezes, arrepiantes como o gelo.

Sim, qualquer mulher o desejaria. Era culto e justo. Falava muitos idiomas e conhecia bem a arte da guerra.

Qualquer mulher... Exceto Rhiannon.

Espantou esses pensamentos de sua mente. Ele também era bom conhecedor da arte da guerra, como o guerreiro loiro. E, como ele havia aprendido a ter a dose necessária de crueldade. Alfredo voltou a levantar o cálice.

—Por seu matrimônio, Eric de Dubhlain. Vamos, chamaremos nossos escribas e selaremos este pacto, tal e como estabelecemos.



Capítulo 4

Embora o rei estivesse ausente de Wareham, seus homens se preparavam para a guerra. Durante todo o dia se ouviam os ruídos do treinamento, os gritos, as ordens e o contínuo entrecostar de aço.

Rhiannon acreditava que jamais seria capaz de ouvir esses ruídos, sem reviver o horror do que tinha acontecido na costa, sem recordar o sangue e a morte. Com cada golpe das armas, com cada clamor, voltava a sobressaltar—se, vendo em sua mente os maços, as tochas e as espadas. Na casa do rei passava o tempo com as crianças. Alfredo demonstrava um verdadeiro interesse pelo mundo da cultura. Ela sabia o quanto lamentava a interrupção de sua aprendizagem, que desejava retomar, e que estava decidido que seus filhos e filhas recebessem uma boa educação. Muitas vezes Alfredo comentava com tristeza a penosa situação a que tinham chegado, porque no século anterior a Inglaterra tinha vivido uma idade de ouro. Naquele tempo, os monges tinham criado os mais belos manuscritos, e as palavras dos poetas eram presentes para os homens menos eloqüentes. Alfredo tinha contratado professores para que ensinassem seus filhos o latim, ciências e matemática. Rhiannon falava galês, idioma que Alfredo considerava importante para seus filhos, já que ele e os reis galeses ou se aliavam para lutar contra os dinamarqueses, seu inimigo comum, ou brigavam entre si.

Três dias depois da batalha, Rhiannon estava sentada em uma sala com as crianças menores, falando com eles em seu idioma, mas sua mente vagava, porque o interminável entrecostar de aço a impedia de concentrar—se na lição. Decidiu levar as crianças à pradaria situada na parte posterior da casa, dentro dos muros da fortaleza.

A tarefa que deu as crianças era alimentar os gansos, porque na casa do rei todo mundo trabalhava.



Edmund, o mais velho dos meninos, pôs-se a correr com seu punhado de cevada, e outros o imitaram, alegres. Rhiannon os deixou brincar e sentou-se no chão, mastigando ociosamente uma folha.

Custava a acreditar que Alfredo tivesse solicitado ajuda de estrangeiros para lutar contra os dinamarqueses. Vikings contra vikings! Inconcebível. Além disso, nesses momentos, quando se achava a salvo na casa do rei, parecia impossível aceitar que aqueles bárbaros tivessem invadido seu lar, o lugar onde tinha nascido e seus pais tinham vivido.

Tranqüilizou-se pensando que Alfredo os expulsaria imediatamente. Mas um pressentimento se instalou em seu coração, e estremeceu. Jamais nada havia enfurecido tanto ao rei como aquela batalha. Certamente tinha acreditado nele, que nada sabia do convite. Deus santo, seu povo tinha morrido ali, tinha entregue sua vida e jazia em atoleiros de sangue. Nem sequer tinham tido a possibilidade de vencer, porque a maioria dos homens treinados para a luta estavam a disposição do rei.

Ele não permitiria que os vikings se instalassem em seu lar; não podia aceitar. Era seu primo e protetor. Sem dúvida, se encarregaria de que a justiça fosse feita.

Não foi difícil convencer-se disso, nesse momento. Alfredo dizia que tinha pedido a ajuda de um príncipe irlandês, mas ela só tinha visto uma horda de nórdicos sanguinários e brutais. Começou a orar, rogando que o rei não lamentasse essa ímpia aliança. Seus olhos se encheram de lágrimas. Alfredo não precisava daqueles homens! Toda a Inglaterra o amava e respeitava. Tinha vencido os inimigos várias vezes, e os guerreiros não hesitavam em apoiá-lo. Dirigiria-se para Rochester e libertaria a cidade sitiada, disso estava certa.

Mas de novo, foi invadida pelo desânimo; tinha acreditado que seu pai era imortal. Sim, tinha sido formoso, valente e amável, mas de carne e sangue, e tinha morrido como qualquer outro homem. As crianças riam. Já tinha chegado a primavera, e os pequenos se alegravam ao sentir a renovação da vida. Observou-os correr no gramado, deixou que se dissipasse a tempestade de sua alma e conseguiu sorrir. Amava o pequeno Edmund. Tinha os olhos como os de seu pai e o cabelo escuro, mas também tinha herdado alguns traços de sua mãe; era um menino formoso.

Começou a pensar com quem se pareceriam seus filhos, se com Rowan ou com ela. Seu amado tinha o cabelo castanho, muito semelhante ao do rei, o bigode e a barba de um tom mais escuro e os olhos, muito expressivos, de cor castanho claro.



Era mais alto que o monarca, magro mas forte. Para ela Rowan era maravilhoso.

Recostou—se um momento sobre a relva e fechou os olhos. Rowan se encontrava com Alfredo nesse momento; rogou que retornasse logo. Quando ele a abraçasse, Rhiannon se sentiria melhor, conseguiria esquecer seus pesadelos e deixaria de temer o desconhecido de olhos glaciais.

E quando o rei tivesse expulsado os dinamarqueses de Rochester, ela se casaria com Rowan. Alfredo andava muito ocupado na guerra para autorizar sua união. Assim que voltasse, ela suplicaria que fizesse ler as admoestações na igreja. Sabia que seu primo apreciava Rowan, que não colocaria objeções. Sempre tinha sorrido, benevolente, ao vê—los tão apaixonados.

Era um sonho encantador. O rei a entregaria a seu noivo, e Alswitha riria com ela e lhe daria conselhos para a noite de bodas. De qualquer forma, estava apaixonada e não a intimidava o leito nupcial. Tinha gostado dos beijos lentos e apaixonados que tinha trocado com Rowan, e estava docemente entusiasmada por saber mais. Entregar—se a seu amado parecia um fato natural e formoso. Adorava imaginar o que aconteceria entre eles na noite de bodas.

Sobressaltou—se quando um tremor no chão a tirou de seu sonho. Edmund gritava, exaltado, e guiava suas irmãs por entre as altas folhas. Rhiannon se levantou e viu que os portões se abriam; o rei tinha retornado. Olhando para a casa, viu que Alswitha saía e, em vez de correr para receber seu marido, detinha—se para esperá—lo na entrada. Alfredo anunciou a seus homens que tinham o dia livre, antes de conduzir seu cavalo em direção a casa. Desmontou e, enquanto um rapaz agarrava seu cavalo, saudou sua esposa. Rhiannon os observou por um instante, contente pelo amor sentiam, e depois percorreu com o olhar a multidão de homens que tinham retornado, até que viu Rowan. Seu coração deu um salto, porque o viu cansado e muito triste. A raiva se apoderou dela, e se perguntou o que teria ocorrido na costa para que se mostrasse tão abatido. Como Alfredo e seus nobres importantes, Allen, Edward de Sussex, William da Northumbria e Jon de Winchester, Rowan se dirigia para a casa, atrás do rei. Ia celebrar-se uma espécie de reunião, pensou Rhiannon. Mas talvez Alfredo lhe concedesse um momento com Rowan, antes que se iniciasse.

— Crianças, venham! —chamou— Seu pai retornou.

Na verdade, não precisava avisá—los, porque os pequenos já corriam para a casa. Ela os seguiu, primeiro correndo e depois caminhando, com mais discrição, mais de acordo a sua idade. Mas quando alcançou a casa, se precipitou pela porta com a mesma rapidez que as crianças.



Os servos se apressaram a servir cerveja ao rei e seus homens. Alswitha os saudava com cordialidade. As crianças se aproximaram, rapidamente de seu pai, reclamando sua atenção. O olhar de Alfredo pousou em Rhiannon, para logo em seguida, desviar—se. Isto surpreendeu a jovem, porque o rei sempre olhava nos olhos de todas as pessoas, homens e mulheres. Edmund já estava a seu lado. Ele abraçou seu filho e voltou as costas para Rhiannon, que imediatamente ficou rígida. Então, ainda estava zangado com ela, embora o acontecido não tivesse sido culpa dela.

Não importava, pensou.

A quem queria enganar? Claro que importava!

Não gostava dele porque era o rei, mas sim porque o admirava como homem. Apreciava sua mente rápida e sua intuição, e adorava quando ele falava de seus sonhos sobre uma Inglaterra onde, novamente, florescesse a cultura.

Rhiannon saudou Allen, Edward, William e Jon com uma inclinação de cabeça. Estimava Jon e Edward; ambos eram aproximadamente de sua idade, risonhos, engenhosos e sempre seus defensores. Allen era muito carrancudo, mas o perdoava, porque era fácil compreender sua natureza. William a assustava às vezes, quando a observava e estudava, retorcendo o magro bigode negro; então ela se perguntava o que estava tramando. A atitude daquele homem a incomodava, mas o saudou. Então, se deu conta de que todos eles a olhavam com expressão séria, grave e triste. Não compreendeu. Todos tinham retornado, então era certo que o príncipe irlandês devia ter negociado. Não era possível que tivesse havido outra batalha.

O rei continuava abraçando o pequeno Edmund, e ela se sentiu livre para sorrir aos outros, passando apressadamente por eles para aproximar—se de Rowan e se jogar em seus braços.

—Rhiannon! —sussurrou ele, com voz apagada. Soube imediatamente que algo estava errado. Olhou Rowan nos olhos e observou que os tinha empapados pelas lágrimas. Além disso, ele não a abraçou, mas sim, lhe agarrando os braços, manteve—a afastada. Rhiannon mal pôde suportar a decepção que sentiu.

—Rowan, o que houve?

—Já não tenho direito de te abraçar —murmurou ele. Só nesse instante, a jovem percebeu que todos os presentes a olhavam: o rei com dureza e frieza, Alswitha confusa, e os outros homens com pena e muito desconforto. Todos sabiam algo que ela ignorava.



—O que aconteceu? —perguntou.

Fosse o que fosse, devia ser terrível. Voltou a olhar para Rowan, que, com as feições tensas pela dor, segurou-a com firmeza, longe dele. Um calafrio percorreu o corpo de Rhiannon.

—Rowan...

—O rei explicará para você —disse ele. Separou-a dele e se dirigiu rapidamente a Alfredo com voz apagada— Eu prefiro me retirar, senhor.

O monarca assentiu. Rhiannon o olhou, exigindo uma resposta com os olhos.

—O que aconteceu? —perguntou finalmente.

Então compreendeu. Não tinham conseguido expulsar os vikings de sua terra. Os vikings?, pensou amargamente. Não, os irlandeses. O rei insistia em que os invasores eram irlandeses.

—Perdi minha casa —disse ela.

—Deixem-nos sozinhos —ordenou Alfredo.

—Alfredo... —começou a dizer Alswitha.

—Deixem-nos sozinhos! —repetiu o rei.

Rhiannon ouviu quando os homens saíram da sala. Não os viu, pois tinha o olhar cravado nos olhos do rei. Alswitha chamou as crianças, e Alfredo e sua prima ficaram sozinhos. Um espantoso terror se apoderou da jovem.

—Alfredo, diga! - exclamou com voz rouca.

Por um instante, pensou que ele não abordaria a questão diretamente, que falaria com doçura para suavizar o que ia contar. Entretanto, Alfredo falou sem rodeios, com um tom de voz que jamais tinha empregado com ela.

—Vai se casar.

Casar. Tinha sonhado com isso. Mas se fosse com Rowan que devia desposar, não haveria aquela horrível tensão na sala.

—Me casar? —perguntou com voz tão glacial quanto a dele.

—Imediatamente.

—Com quem, meu rei?

A inflexão tensa de sua voz não passou despercebida a Alfredo.

—Lamento feri-la desta forma, Rhiannon, mas cumpro com meu dever. Concedi sua mão a Eric de Dubhlain. As bodas vão acontecer dentro de duas semanas.



Rhiannon não podia acreditar. As palavras pareciam cair sobre ela, como frias gotas de chuva.

—Não. Isto é uma brincadeira —disse, movendo a cabeça.

—Não, Rhiannon, não se trata de uma brincadeira.

ficou gelada. Ele pretendia entregá-la a um príncipe desconhecido, um irlandês, um estrangeiro com sangue nórdico. Tinha usado-a como uma peça em um tabuleiro de jogo, uma peça para consertar o que aconteceu.

—Alfredo, não fala a sério. Não pode fazer isto. Rowan e eu estamos apaixonados.

—Rhiannon, o amor é um luxo que não posso permitir a você neste momento. Rowan compreendeu que não tenho outra alternativa. Você deve fazer o mesmo.

Transcorreram alguns segundos. Ela o olhou, magoada. Pela primeira vez em sua vida não sabia como falar com o rei. Súplicas, pensou rapidamente. Ela sempre tinha sido uma de suas favoritas. Conseguiria convencê-lo.

—Não, por favor! —sussurrou, jogando-se de joelhos a seus pés— Alfredo, se o ofendi de alguma forma, rogo que me perdoe. Peço misericórdia. Por favor...

—Basta! Basta! —rugiu ele— Levante-se. Não me ofendeu. Isto não é um castigo. Obedecerá porque eu ordeno. Não estou fazendo nada errado. Entrego você ao filho de um rei e neto do grande rei de toda a Irlanda. Não vai me envergonhar se opondo a este acordo. —Fez um gesto com a mão e se voltou— Levante-se.

Ela o olhou surpresa, atônita. Não podia acreditar que lhe desse as costas com tanta crueldade. Ficou de pé lentamente, e com voz trêmula disse:

—Não o farei; não posso. Talvez seu príncipe irlandês não tenha lutado, mas seus guerreiros nórdicos destruíram minha cidade e assassinaram meu povo. Não me casarei com esse homem.

—Casará! —replicou ele, voltando—se, furioso.

—Não —insistiu ela com voz suave.

Sentia—se muito fria, quase insensível. O rei não estava zangado, não procurava vingança, e ela não podia defender—se diante dele. Era um homem obcecado, que tinha tomado uma decisão e dado a ordem. Era o rei.

—Não tem escolha —disse ele— Se continuar discutindo comigo, farei de você uma prisioneira até o dia das bodas.



—Faça o que quiser! Repito que não me casarei com esse homem! —jurou.

—Não me obrigue a tomar certas medidas, Rhiannon. Ela se manteve em silêncio.

—Allen! —exclamou ele.

—O que vai fazer?

Não queria perder o controle, sua dignidade. Entretanto, ao ver que chamava um dos homens que menos lhe agradavam, perdeu a compostura. Ele era seu primo, seu protetor. As lágrimas apareceram em seus olhos. Abandonando sua dignidade, Rhiannon correu para ele e golpeou seu peito, com fúria. Agarrando—a pelos braços, Alfredo a deteve. Ela o olhou nos olhos e acreditou perceber neles certa satisfação por sua ira, como se o rei se alegrasse daquele arrebatamento de cólera, que de certo modo, o absolvía.

—Alfredo, a quem os ingleses aclamam como o grande Rei —sussurrou mordazmente — jamais o perdorei por isto. Nem contrairei matrimônio com esse homem.

Por um instante, ele pareceu abrandar—se. Abriu os lábios como se quisesse falar, fez um gesto como se fosse lhe acariciar o cabelo. Entretanto, empurrou—a, afastando-a de si.

—Allen! —repetiu.

Allen se aproximou e tocou o braço da jovem, que, por sua vez, manteve-se junto ao rei.

—Nego—me! Não pode me obrigar! Recorrerei às irmãs santas, procurarei refúgio em Paris. Irei aos dinamarqueses!

Essa última frase surpreendeu ao rei.

—Não, senhora, não o fará! Permanecerá encerrada a chave até o dia das bodas. E se persistir nesta infâmia, orarei para que seu prometido seja mais viking que irlandês e adote todas as medidas necessárias para te silenciar. Allen! —bramou—. Leve—a; -Allen lhe agarrou o braço com firmeza. Ela se voltou para ele e percebeu em seus olhos um brilho malicioso, como se desfrutasse com seu sofrimento.

—Solte-me, Allen —ordenou—Irei onde quiser, mas tire as mãos de cima de mim.

Ele esboçou um sorriso, quase oculto por seu bigode, e seu olhar se obscureceu.

—Senhora, vigie sua nobre língua —advertiu.



—Não vigiarei nada! —exclamou ela. Libertou—se, passou como uma exclamação junto a ele e saiu da sala. Em poucos segundos, Allen caminhava atrás dela. Voltou a agarrá—la pelo braço no momento em que Edward os alcançava.

—Por favor, permita que eu a acompanhe —rogou Edward.

Ela não olhou para Allen, pois estava a ponto de chorar. De repente, percebeu Edward ao seu lado. Tropeçou, surpresa de que o sol continuasse brilhando apesar de sua desgraça e de ouvir ainda o entrecocar das espadas dos homens que exercitavam—se na arte da guerra. Já não restava ninguém perto da casa do rei.

—Sinto muito, Rhiannon —disse Edward—. Sinto muitíssimo.

—Para onde está me levando?

—Ao depósito de provisões.

Tratava—se de um lugar pequeno, situado na ladeira do vale, onde se armazenavam mantimentos que se conservavam frescos graças à água do riacho. Nesse momento, estava vazio. Só havia uma janela alta.

—Não me encerre. Deixe-me escapar —suplicou.

—Sabe que não posso —disse Edward com tristeza. Ela conseguiu erguer os ombros e entrou na pequena construção. Fechou a porta com um estrondo e se deixou cair no chão de terra.

Por fim, começou a chorar, procurando afogar os soluços para evitar que o soldado que estava guardando a entrada a ouvisse. Chorou em silêncio até que anoiteceu. Ninguém a visitou. Ninguém levou sequer uma gota de água. Permaneceu sentada no escuro e silencioso aposento, sentindo—se absolutamente desgraçada. Reafirmou sua resolução.

Dormiu, e seus sonhos estiveram infestados de terror. O príncipe irlandês a cedia a seu loiro soldado nórdico. Com a coxa atravessada pela flecha que lhe tinha lançado e a perna ensangüentada, exclamava: «Roga, senhora, roga que nunca voltemos a nos encontrar.»

Na manhã seguinte foi visitada pela rainha. Rhiannon, pálida, esgotada e abatida, disse a Alswitha que desejava ver o rei.

Alfredo a tinha traído, tinha entregue Rhiannon ao inimigo, mas ela não acataria suas ordens. De algum jeito, enganaria a todos, e eles jamais suspeitariam.



Alswitha a levou a casa do rei. Rhiannon se ajoelhou ante Alfredo e sussurrou que se submetia a sua vontade. Não se atreveu a olhá-lo de frente, enquanto mentia, já que este era o único caminho para a liberdade. Ele a abraçou e disse que estava contente e agradecido; que a queria e sempre a protegeria.

«Odeio você!», exclamou ela, em pensamento.'

Na verdade, não o odiava. Lembrou de seu pai e compreendeu que Alfredo podia morrer a qualquer momento. Abraçou-o também. Amava-o.

Simplesmente não podia perdoar o que tinha feito. Não podia aceitar. Ele se mostrava inflexível, e ela também podia ser assim. Mas se não fingisse aceitar o casamento, teria poucas possibilidades de mudar seu destino.

Ao menos já tinha conseguido ser libertada do depósito de provisões.

Na manhã seguinte se encaminhou para os estábulos. Ansiava montar o cavalo que a tinha levado até ali e fugir, voar com o vento para o norte, o sul, o esquecimento. Entretanto, devia ter paciência, agir com astúcia. Lamentava ter discutido tão acaloradamente com o rei quando lhe comunicou a notícia, porque agora se via obrigada a ganhar novamente sua confiança. Ficaria um momento no estábulo para observar os animais. Falaria—lhes e escolheria a melhor montaria. Precisava de um cavalo forte e rápido. Não era fácil julgar, mas estava familiarizada com os cavalos e suas raças e saberia escolher uma boa montaria, quando se apresentasse a oportunidade de escapar.

Sorriu ao aproximar—se do cavalo. Não era o mais nobre dos animais, mas a tinha salvado uma vez do perigo iminente. Deteve—se para acariciar o focinho do animal e nesse momento, ouviu seu nome sussurrado com voz rouca, de causar pena:

—Rhiannon!

Voltou—se; reconhecia essa voz. Ali estava Rowan, alto e bonito com a camisa de linho, a túnica de couro curta e a espada embainhada. Seus olhos expressavam sofrimento, e seu rosto estava pálido. Ela pensou que precisava de muita coragem para ir até ali, depois que o rei decretou seu destino.

Murmurou seu nome e correu para ele. Rowan a abraçou, levantou—a do chão e a levou até um monte de feno, onde caíram juntos. Ele a estreitou, como se fosse um grande tesouro. Ela brincou com os cachos que lhe cobriam a nuca e acariciou o barbudo queixo.



—Rowan! —murmurou e começou a soluçar.

O jovem deslizou a ponta dos dedos pelos lábios de Rhiannon. De repente, ela recordou por que o amava. Ele tinha tomado parte no grupo que tinha escoltado o cadáver de Garth até a costa; quando ela se precipitou sobre seu pai morto chorando, com uma tristeza insuportável, Rowan a ergueu em seus braços. E durante os dias seguintes, falou da valentia e determinação de seu pai. Só por isso poderia adorá-lo por toda a vida.

Ele a afastou e lhe acariciou as bochechas, contemplando seu rosto como se pretendesse gravá-lo para sempre em sua memória. Ela sentiu medo novamente, porque nesse momento compreendeu em toda sua magnitude, o fato de que ele tinha aceitado totalmente a vontade do rei.

—Deveríamos ter nos casado antes —disse ele— Se estivéssemos casados, o rei não poderia fazer isto.

—Ainda não pode —murmurou ela.

—Rhiannon...

Estendeu-a sobre o feno e se colocou em cima dela. Repentinamente ela foi consciente do que a rodeava; percebia o aroma do feno, ouvia o escoicear dos cavalos, sentia a textura da pele de Rowan. O dia estava absurdamente belo do outro lado das paredes do estábulo, pensou. Era primavera em Wessex; a grama estava verde, e os rios e riachos borbulhavam com vida nova. E ela amava o homem que estava ao seu lado.

Se os surpreendessem juntos, ambos seriam condenados por desafiar a vontade do rei. Não, era muito mais grave, porque não só estava em jogo a vontade do rei, mas também também sua honra; a honra de Alfredo, e talvez a vida de Rowan.

—Rowan! —exclamou, levantando-se— Se aos guardas aparecerem... Tenho medo.

—Chist... Ninguém me viu. Nunca colocaria em perigo seu futuro.

—Meu futuro!

De novo, estendeu a mão; precisava acariciá-lo. Ele a tinha beijado e abraçado algumas vezes antes. Conhecia suas carícias e as amava. Talvez não experimentasse uma emoção poderosa, mas sentia-se amada e segura em seus braços.

Lamentou com amargura não ter se entregado a ele antes. Depois de ter sido vendida a um pagão, a honra pouco importava. Poderia ter seguido adiante, se ao menos tivesse tido a doce lembrança de ter sido amada. Sorriu para ele, meigamente.



—Não pense em minha honra, meu amor, porque já não me importa. Temo por você, querido Rowan. O rei falou...

—Sim, o rei falou —disse ele, com voz inexpressiva— E eu fico como um tolo.

—Não me casarei com ele —jurou ela.

Ajoelhou—se e ele apertou o rosto de sua amada contra seu peito.

—Meu Deus, pensar que poderia ter sido seu marido —suspirou.

—Não me casarei com ele. Conseguirei escapar. Meu querido Rowan... —murmurou.

Não sentia sua paixão, mas sim sua dor e sua emoção e não se importaria de deitar com ele sobre o feno, desafiando o mundo. De repente ouviu risadas, e compreendeu que os homens se aproximavam do estábulo em busca de seus cavalos.

—Rowan! —exclamou.

—Não vou deixar você, como se nos envergonhássemos deste amor...

—Deve fazê—lo. — Separou—o, com um empurrão —Pelo amor de Deus, Rowan! Não permita que sua vida seja o preço de nosso amor.

Ele se negava a partir. Rhiannon ficou de pé com um salto, resolvida a sair do estábulo. Ao ver o desesperado olhar que Rowan lhe dirigia, correu para ele.

—Estaremos juntos —murmurou—. Nunca me casarei com o invasor que destruiu minha cidade.

Depois pôs—se a correr, saindo rapidamente do estábulo para a mata.

O sol estava alto. Cordeiros recém—nascidos baliavam nos campos. Toda a Wessex cheirava a primavera. Escaparia dali, prometeu. Quando o grupo irlandês e o rei estivessem distraídos, sua família e os servos estivessem ocupados, fugiria.



Os dias transcorreram em uma guerra fria e silenciosa entre Alfredo e Rhiannon. Ela permanecia quieta, enquanto experimentavam os esplêndidos ornamentos que usaria nas bodas: uma túnica larga de linho, branca pela pureza, orlada com arminho escuro, sobre um vestido confeccionado com uma seda excepcionalmente fina, delicada e cara, adquirida na Persia. O sutiã era incrustado com jóias, e o rei lhe tinha presenteado com um diadema de ametistas. Não agradeceu o presente. Tampouco deixou de sonhar com sua fuga.

Quando só faltavam três dias para as bodas, Alfredo apareceu na porta do solar das mulheres, onde as damas trabalhavam, costurando as jóias no vestido e terminando as meias de suave lã que a noiva usaria.

O rei pousou o olhar sobre ela, que o encarou com frieza. Rhiannon sentiu o coração saltar, e odiou o muro que havia se erguido entre eles.

Quando Alfredo entrou no quarto, as mulheres retrocederam. Ele ergueu uma mão para indicar que desejava estar a sós com Rhiannon. As damas se inclinaram em uma reverência e se retiraram. A jovem permaneceu de pé, ereta e orgulhosa, embora frágil debaixo do vestido branco.

—Aceitou realmente? —perguntou ele. Nesta ocasião também não conseguiu olhá-lo no rosto. Passou os olhos pela sala e logo os baixou. Elevou a mão um gesto vago.

—Você ordenou.

—Obedecerá.

—Sempre obedeci.

—Isso não é verdade. Além disso, não me perdoou.

Dirigiu-lhe um olhar veemente.

—Não! Não posso perdoá-lo!

Ele fechou as mãos e emitiu um grunhido de ira e impaciência.

—Rhiannon, isto é fácil para mim.

—Ah, senhor, ama mais à terra do que às pessoas.

—Sim! —replicou ele, furioso—. Sim, amo esta terra, amo a Inglaterra. —agarrando-lhe as mãos, conduziu— a até a janela que dava para o oeste, onde se estendiam as colinas cobertas de narcisos amarelos e suaves violetas púrpuras— Sim, senhora, amo esta terra, tanto quanto você. Seu pai lutou e morreu por ela, e admita ou não, você também a ama. Compartilhou comigo o sonho de um



tempo em que reinará a paz, a música flutuará pelos bosques, os homens saibam ler e a arte floresça. Mas para tornar realidade esse sonho, devo expulsar os dinamarqueses desta terra. Por nosso amado Senhor, Rhiannon! —exclamou, impaciente—. Foi criada em uma casa nobre e sabe muito bem que os matrimônios sempre são contratos; raríssimas vezes são por amor. Foi educada para cumprir seu dever e honrar seu rei. Deve compreender que deste enlace depende uma aliança, que está em jogo o futuro da Inglaterra.

Ela permaneceu imóvel e o observou, com semblante sombrio antes de falar:

—E você deve compreender que na terra habitam pessoas. Compartilhei seus sonhos, sim, e tive os meus. Agora, você, meu rei, acabou com minhas esperanças, minhas ilusões e minha felicidade com toda despreocupação e crueldade.

—Não ofereci você a um homem velho, mas a um príncipe viril, pertencente a uma casa nobre.

—Um viking.

O rei ficou calado e muito quieto durante um momento. Ela viu que apertava os punhos e depois os afrouxava.

—Repito que é irlandês. Mas teria entregue você ao próprio Satã, Rhiannon, se precisasse. Sinto por ti e Rowan. Desgraçadamente, uma mulher é parte de sua terra, e você, senhora, é parte da sua. Ele considerou-me um traidor, porque seu povo atacou os hóspedes convidados...

—Alfredo! Já disse que... —interrompeu—se quando o rei ergueu a mão.

—E eu acreditei. Entretanto, eu, em seu lugar, agiria com muita cautela, porque o homem com quem vai casar sabe que você instigou o ataque.

—Acreditei que pretendiam nos invadir! As proas dragões...

—Não voltemos a falar disso. Não piore a situação, nem lance mais vergonha sobre nós. Concedi sua mão a esse homem, e você cumprirá minha promessa. Não confio em você, Rhiannon. Temo que se negue quando estiver no altar. Gosto de você como gosto de meus filhos, mas se me envergonhar agora, se me desonrar e provoca um novo derramamento de sangue entre meu povo, voltarei as costas e te amaldiçoarei. — Manteve-se em silêncio um momento para observar o efeito de suas palavras—. Bom dia, Rhiannon. —E, com isto, inclinou a cabeça e saiu do quarto.

Os olhos de Rhiannon se encheram de lágrimas e esteve a ponto de correr atrás dele. Não podia suportar a frieza que havia se instalado entre eles; tinha perdido tudo, e de repente também perdia o rei.



Nessa noite mal conseguiu dormir. Ficou acordada, refletindo sobre as palavras do rei. Depois a assaltaram horríveis visões de proas dragões que cruzavam o mar e chegavam a terra. Os dragões se aproximavam dela, lançando fogo e, como serpentes, enroscavam—se em seu corpo e a afogavam. Despertou tremendo e jurou que não se casaria com o viking.

Mas tampouco desejava provocar a morte de mais homens. Já não era capaz nem de pensar, nem de sentir.

Pela manhã, Alswitha a acompanhou à capela para que se confessasse. Sussurrou que não podia obedecer o rei. O pai Geoffrey a animou a falar, mas ela não se atreveu e saiu correndo sem esperar a absolvição.

Precisava ver Rowan a sós; só uma vez mais. Desejava saborear o amor que poderiam ter desfrutado juntos. Embora não tivesse perdoado o rei, perguntava—se se devia escapar.

Se fizesse isso, os homens se veriam obrigados a combater; o irlandês para vingar sua honra, e o rei porque não restaria outra alternativa.

Pensava com frequência em seu pai, que tinha amado a sua mãe além da razão, tinha lutado para conseguí—la e a tinha exigido para ele. Rowan não podia rebelar—se contra Alfredo. E seu sofrimento aumentava à medida que o dia das bodas se aproximava. Todas as noites Rowan e Rhiannon se viam durante o jantar. Seus olhares se encontravam através da mesa de banquete da sala, e ela intuía que o rei os observava. Rowan baixava a cabeça pesaroso.

«Rapte-me —desejava dizer ela—. Tire-me daqui no cavalo mais rápido do rei e viveremos para sempre nas montanhas de Gales.»

Não escutava os músicos que tocavam o alaúde e a gaita de fole durante a noite, nem ouvia as histórias de coragem e grandeza que relatavam os senescais. Olhava para Rowan e sonhava com um cavalo alado.

Rowan não iria resgatá—la.

Entretanto, embora normalmente a evitasse, uma noite se aproximou dela, quando faltavam apenas dois dias para as bodas. Agachou—se, simulando agarrar a delicada faca para cortar a carne, e sussurrou:

—Preciso ver você! —O coração de Rhiannon deu um salto— Encontraremos—nos ao amanhecer no carvalho partido, junto ao riacho —acrescentou Rowan.



Ela assentiu. Retirou—se para seu quarto tremendo, alterada. Custou para conciliar o sono, e permaneceu estendida na cama, atormentada. Podia salvar seu coração e desonrar o rei; ou ceder ante a honra e a obrigação e torturar sua alma.

Quando, por fim, adormeceu, voltaram a tomar vida as proas dragões. Caiu em um profundo poço infestado de dragões e gritou tentando afugentá—los. Ao seu redor estava o rei e seus senhores feudais: Allen, William, Jon... até mesmo Rowan. Observavam seus esforços para escapar dos dragões e ouviam seus gritos. De repente, uma mão forte e poderosa tomou a sua. Rhiannon viu seus dedos entrelaçados com outros mais longos, ásperos e calejados.

Um fulminante olhar azul se cravou em seus olhos. Ela abriu a boca e voltou a gritar. Ouviu risadas ao seu redor, e envolta em uma neblina foi erguida pelos braços do viking de cabelos dourados, musculoso e de gigantesca estatura. «Roga, senhora...», sussurrou.

Ela começou a gritar; e então despertou.

Estava tremendo quando amanheceu e se levantou, ainda agitada.

Quem quer que fosse esse príncipe irlandês devia ser meio pagão. Alfredo pedia muito. Ela não conseguia distinguir entre a ameaça da Noruega e o terror dinamarquês; todos eram vikings.

Além disso, o bárbaro de olhos de gelo e fogo tinha que ser um dos capitães mais próximos ao príncipe. Quase o tinha matado. E estava a ponto de ser lançada a mercê de um príncipe bárbaro. Não, tinha muito orgulho para suportar isso.

Olhou para o quarto onde tinha estado com tanta frequência, onde tinha rido com Alswitha e as crianças, e onde seu amor e seu carinho a tinham abrigado.

O calor e o carinho tinham desaparecido. Até o calor da vida lhe era negado.



Capítulo 5

Montado no lombo do belo garanhão branco, Eric contemplava a costa, avaliando quanto podia ver com seus olhos azuis. Sua capa se erguia e balançava atrás dele com curiosa majestade; ao cair delineava a largura de seus ombros e a ereta posição com a qual estava sentado sobre sua montaria.

Às suas costas, as muralhas da cidade estavam sendo reconstruídas. A brisa marinha lhe acariciava o rosto e refrescava suas bochechas. Era uma sensação agradável.

A terra é como uma amante —havia dito certa vez seu pai— Terrivelmente exigente, que cativa os sentidos com uma sedução que torna impossível escapar.» Essa terra o tinha cativado.

Um ligeiro sorriso se desenhava em seus lábios.

Em certa ocasião, quando era um menino, enquanto brincava no alto dos escarpados de Eire brandindo uma espada de madeira, Leith se aproximou dele, e ambos se enfrentaram em uma batalha simulada. Seu irmão soltou a espada, e ele avançou um passo, proclamando—se vencedor. —Não, idiota! —protestou Leith, sorrindo maliciosamente.

—O que? Não sou um idiota. Eu diria que sou o melhor, porque venci.

—Idiota, não me venceu! Porque eu serei o rei, e você, meu irmão, será meu vassalo. Lutará por mim e me obedecerá.

—Não obedecerei a nenhum homem! Eu regerei meu próprio destino!

Erin, que se achava sentada sobre uma manta com sua filha pequena, levantou—se com um salto e se interpôs entre eles. Eric apertou as mandíbulas com teimosia.

—Vai ser ele o rei, mãe?

—Sim, mas os dois honrarão a seu pai, durante muitos anos.

—Sempre honrarei a meu pai —resmungou Eric.



—E a seu irmão —disse com doçura Erin.

Ele refletiu e depois ficou de joelhos diante de seu irmão.

—Leith, honrarei você, como honrei a meu pai. Sim, sempre erguerei minha espada em sua defesa. Quer dizer, até que tenha meu próprio reino. —Pousou os olhos em sua mãe— Terei minha própria terra?

—Seu pai é rei. —Ela sorriu— Seu avô foi um grande rei. Sem dúvida, possuirá suas próprias terras. Eric se aproximou dela e apoiou as mãos nos quadris.

—Não deve sentir pena de mim, porque eu conquistarei minha própria terra. Como meu pai, participarei de incursões vikings e encontrarei a terra que me pertencerá.

Erin agarrou seu obstinado filho nos braços e o estreitou contra seu peito.

—É irlandês, meu carinho: Encarregaremos—nos de que tenha terras aqui...

—Não, mãe. Eu devo conquistar minha terra.

—Faltam anos ainda...

—Meu pai compreenderá.

E realmente, seu pai compreendeu. Todos cresceram, todos partiram para a guerra. Eric se lançou ao mar em muitos navios vikings e, com o tempo, criaria seu próprio exército e adquiriria grandes riquezas. Mas ainda não tinha conseguido possuir a terra de seus sonhos.

Nesse momento, ela se estendia diante dele como um grandioso e vasto tesouro. Combateria para defender essa terra e então ela lhe pertenceria. Tinha que lutar e aceitar por esposa a uma ameaça de cabelos cor de fogo, que talvez tinha traído seu rei. Isso era parte do contrato, e parecia um preço muito baixo comparado com a aceleração de seu coração e o triunfo de sua alma.

Ao ver o porto, as pradarias e o escarpado que se estendiam diante dele, com toda a doce majestade da primavera, pensou que podia mostrar—se generoso. Ofereceria a paz àquela mulher. Perguntou—se se seria possível a paz entre eles, e recordou a maneira com a qual ela o tinha observado, com o olhar afiado, e a veemência com que tinha falado. Não, certamente não haveria paz.

Encolheu os ombros para afastar tal pensamento. Raras vezes precisaria vê-la. Se podia tratá-la com amabilidade, faria. Não a incomodaria. Deixaria—a entregue a seu ódio. Mas sua união seria benta Por Deus, pensou, e o invadiu de novo o amor pela terra.



Os homens partiam em busca de propriedades para criar grandes dinastias, e ele não era diferente. Já tinha vagado pelo mundo durante tempo suficiente. Nesse momento, desejava ter herdeiros. Certamente ela compreenderia seus deveres a respeito.

Estranhamente, acelerou seu pulso e uma crescente excitação se apoderou dele. Não lhe inspirava ternura, mas tinha despertado um desejo voluptuoso nele. Entretanto, não gostava da profundidade desse desejo que sentia em seu interior. Não era um bárbaro. Se orgulhava da raça de seu pai tanto quanto da de sua mãe, porque conhecia o lado civilizado dos vikings. Ele tinha aprendido com seu pai e tinha comprovado o enorme potencial daquela raça que cruzava os mares. Quando não combatiam, os nórdicos eram excelentes construtores. Cultivavam a terra no verão e esculpiam formosas obras quando açoitavam os frios ventos do norte. Contavam sagas, possuíam suas leis e se regiam por elas. Edificavam cidades e comercializavam com muitos povos.

Apertou as mandíbulas. Não eram selvagens, muito menos bárbaros.

—Eric?

Rollo se aproximava. Eric girou o magnífico cavalo branco. Atrás de Rollo se estendia uma longa coluna de homens que o aguardavam.

—Vamos para Wareham! —anunciou. Levantou seu escudo, um escudo de lobo, e proferiu o grito de batalha. O vento elevou os gritos de resposta, que chocaram-se contra o mar e voltaram como ecos à terra. O cavalo branco se ergueu e relinchou. Depois, a terra tremeu sob o grupo que se lançava em marcha para Wareham.

Eric, meditando, cavalgava a frente, observando atentamente sua rota pelas colinas e os vales, por caminhos romanos que assinalavam o trajeto através dos frondosos bosques. E com o passar do percurso, sentiu a terra; correu por entre as flores primaveris e navegou através do tempestuoso mar. Diante dele, saltavam cervos e faisões, abrindo suas poderosas asas, sobrevoando o bosque.

Quando começou a escurecer, já se encontravam perto de Wareham. Eric ordenou que seus homens parassem e montassem as barracas, para pernoitar ali. Avistava as muralhas da casa real de Alfredo, mas não se sentia preparado para entrar por elas ainda. Estava tomado por uma estranha tristeza e desejava estar sozinho.

Acenderam fogueiras e prepararam o jantar.



Eric se manteve afastado, apoiado contra uma árvore, bebendo aguamel inglês e contemplando a luz noturna que recortava a casa do rei e seus arredores murados. Eric admirava enormemente Alfredo, um homem de ação, que desejava ver tempos melhores; um rei que derramava sangue, mas lamentava ter que fazê-lo.

Tomou um gole de aguamel e se perguntou o que seria daquelas bodas. Temia que houvesse uma batalha se a jovem decidisse desonrar seu prometido. Já se tinham lido as admoestações cristãs, e estavam em jogo sua honra e a de seus homens. Encolheu os ombros. Confiava no rei, que não correria o risco de voltar a ofendê-lo.

—Tome cuidado, meu jovem senhor.

Voltou—se, consciente de que Mergwin o tinha seguido. O druida estava ali. A luz da lua iluminava sua longa barba e seu cabelo, de tal modo que parecia um mago louco. Seu velho rosto estava curtido, cheio de rugas.

—Sempre tomo cuidado, Mergwin. Se me seguiu através do mar para me advertir sobre isso, deve saber que essa lição aprendi muito bem. Mergwin não sorriu nem fez menção de partir.

—Voltei a jogar as runas hoje.

—E? = perguntou Eric, erguendo levemente a taça.

—Hegalez, e depois a runa negra.

—Hegalez avisa das tormentas, as tempestades e o grande poder dos trovões sobre a terra. E sabemos que isso ocorrerá, sem dúvida, porque devemos lutar contra os dinamarqueses em Rochester.

— Certa vez, li as mesmas runas —murmurou Mergwin.

Eric pensou que o velho divagava, que finalmente a idade começava a cobrar seu tributo. Dava a impressão de que tinha vivido eternamente, porque Mergwin tinha servido seu avô Aed Finnlaith, o Ard—RI de todo o Eire, desde que era menino.

Falou—lhe com amabilidade porque certamente amava muito a seu ancião e mentor.

—Mergwin, não se preocupe comigo. Eu encaro a verdade da batalha e não temo à morte. Não, antes prefiro temer a vida na qual um homem esqueça que a morte será seu guardião um dia, tanto faz que tenha sido um valente ou um miserável covarde. Tomarei cuidado quando lutarmos contra os dinamarqueses. Combaterei junto a Rollo e formaremos um muro inexpugnável.



Mergwin se aproximou e, apoiando as costas contra a árvore, suspirou.

—Há uma escuridão muito próxima. Há uma nuvem através da qual não consigo ver.

—As nuvens fazem parte da vida.

O druida se afastou da árvore. Olhou fixamente para Eric e depois moveu um dedo diante dele.

—Tome cuidado, porque a traição está perto. E não vem do inimigo que vê, mas sim do inimigo que «não» vê.

—Mergwin —disse Eric, cansado—. Seguirei seus conselhos e terei muito cuidado. Mas esta noite estou muito cansado. —E após dar um tapinha nas costas do ancião, afastou—se.

Não desejava a companhia de seus homens. Queria sentir a terra sob seus pés e a lua sobre sua cabeça, desfrutar da escuridão e a solidão da noite.

Entretanto, levou Vingança com ele, porque as palavras do druida o tinham inquietado. Além disso, ele se mostrava sempre receoso. Caminhou até um rumoroso riacho e se sentou ali. O murmurar da água era como uma melodia tranqüila e aprazível para sua alma atormentada. Estendeu a capa e se deitou para dormir.

Chegou a aurora.

Rhiannon saiu sigilosamente da casa, envolta em sua capa, em cuja bainha tinha costurado com esmero as jóias que sabia que não necessitaria.

Iria encontrar-se com Rowan. Tinha fazê—lo porque o amava, tinham sonhado juntos e estavam apaixonados. Além disso, tinha que se despedir dele. Já não alimentava a esperança de escapar. Não fugiria com ele.

Não tinha sido o temor a Alfredo o motivo pelo qual tinha decidido acatar sua vontade, mas o medo à mortandade que provocaria sua resolução de não respeitar o pacto com o príncipe irlandês. Alfredo se veria obrigado a guerrear contra o homem cuja ajuda tinha solicitado. O próprio rei lutaria, e inúmeros homens poderiam morrer. Já tinha presenciado o derramamento de sangue na costa.



E se os irlandeses e os homens de Wessex se aniquilassem uns aos outros, os dinamarqueses obteriam a vitória final. Não desejava ser a responsável por um horror semelhante.

Já nos estábulos, se apressou a escolher uma égua com manchas cinzentas, selou—a, montou e saiu. Se os rapazes que cuidavam dos cavalos estavam acordados, não a ouviram.

Quando o sentinela encostado na porta a viu, limitou—se a saudá—la com a mão e a deixou passar. Chegou ao carvalho e esperou. A luz da alvorada despontava, e Rowan não aparecia. Doeu—lhe o coração e lamentou o tempo que poderiam ter desfrutado juntos. Rowan era outra razão para não fugir. Se o surpreendiam com ela, matariam—no. Se explodisse a guerra entre as tropas irlandesas e inglesas, o sangue vertido a atortnmentaria. Tinha ansiado libertar—se e lutado contra os demônios de seu coração, mas não podia escapar.

Ouviu um ruído suave entre os arbustos e se voltou, temendo que os homens do rei tivessem ido para arrastá—la até Wareham e rogando que se tratasse de seu amado, que por fim se apresentava.

—Meu coração!

O premente sussurro a encheu de alegria. Separou—se da árvore e correu para ele. Jogou—se em seus braços, esquecendo que logo se tornaria a esposa de outro homem, que tinha ido até ali para despedir—se. Ele a abraçou, procurou seus lábios e fundiu sua boca com a dela. Acariciou—lhe o cabelo e a olhou nos olhos. Voltou a beijá—la, introduzindo delicadamente a língua em sua boca.

Era só um beijo, pensou ela; uma doce lembrança que a sustentaria durante os dolorosos e vazios anos que a aguardavam. Deus a compreenderia e perdoaria.

Estava a ponto de contrair matrimônio em uma cerimônia cristã. Mas tinha o coração partido em dois e não conseguia afastar-se do calor do terno beijo de Rowan.

Foi ele quem afastou a boca. Estreitou—a contra seu peito.

—Quero você! —soluçou ela— Quero tanto...

—Eu também te amo! Estaremos juntos.

—Ai, Rowan! Não poderemos estar juntos nunca mais.

Ele pareceu não escutá—la. Estreitou—a com mais força ainda, sussurrando. Ambos caíram juntos sobre a relva. Mal começava a clarear e estavam sozinhos. Rhiannon esqueceu o temor de que pudessem surpreendê—los. Esqueceu que iria tornar-se esposa do viking.



Abandonou—se à beleza da aurora. A quem faziam mal compartilhando esses últimos minutos de palavras e sussurros e um par de beijos?

Rowan, seu querido Rowan, olhou—a, acariciando sua bochecha.

—Já é tarde —suspirou— Devemos nos apressar.

Ele não tinha compreendido ainda; acreditava que ela se propunha a fugir com ele. Rhiannon negou com a cabeça, compungida, e ele franziu o cenho.

—Temos que agir depressa, carinho, porque perceberão nossa ausência. Eu daria minha vida por ti, mas prefiro estar ao seu lado.

—Maldito seja o rei! —resmungou ela.

—Não pronuncie essas palavras, meu amor; é traição.

Beijou—lhe os dedos, e ela olhou amorosamente em seus olhos, seus traços viris.

—Maldito seja, Rowan —repetiu— Que tenhamos vindo aqui, embora somente para nos despedirmos, já é traição. Que dano posso causar com palavras?

—Vamos fugir...

—Não, Rowan, escute; não devemos.

Ele demorou um momento para compreender aquelas palavras.

—Apanhariam—nos —sussurrou ela com tristeza—. Poderiam te matar.

—Meu carinho, não posso ver você casando com esse homem.

—Deve. Meu Deus, Rowan! Refleti muito sobre este assunto. Não tenho escolha, a menos que queria provocar mais mortes. Oxalá fosse de outra forma. Rowan, Rowan, me parte o coração te causar tanta dor.

O jovem a olhou com expressão tão angustiada que ela não pôde suportar.

—Oh, Rowan, juro que sempre te amarei. Quero você tanto, tanto...

—Meu Deus! Eu também te quero.

A paixão e a dor que revelavam suas palavras foram tão intensas que, de repente, ela se encontrou de novo em seus braços. Os ardentes lábios de Rowan pousaram sobre os seus em um beijo doce, embriagador.

E então... houve mais.



Ela não soube quem seduziu quem, nem como tudo aconteceu. Foi o momento, a amargura da separação, a dor do amor perdido. Ele estava lhe acariciando os ombros nus. As mãos do homem passeavam pela pele nua, porque a capa tinha sido jogada para o lado. E ela murmurava:

—Quero você, quero você. Estou prometida a um monstro, a um vil viking bastardo, mas amo você. O sussurro de Rowan a acariciava, ardente, terno. Então ela se deu conta de até onde tinham chegado, do que estava a ponto de fazer. Devia parecer certo, porque o amava. E ele pronunciava apaixonadas palavras, cheias de amor.

O que faziam não estava bem, e ela sabia. Estava prometida a outro homem, casaria—se com ele diante de Deus.

—Rowan!

Seu violento grito o deteve. Olhou—a nos olhos, com tristeza e amargura.

E a paixão que tinha brotado entre eles se desvaneceu. O jovem continuou abraçando—a, mais brandamente agora. Nunca se arrependeria desses momentos, pensou Rhiannon. Estreitou a seu amado e ouviu os gorjeios de um pássaro, pensando que por toda a sua vida recordaria desses minutos que tinha passado a sós com ele.

Ignorava que não se encontravam sozinhos.

Eric, príncipe de Dubhlain, achava—se de pé, duro e frio, a menos de vinte passos deles.

Durante a noite, tinha sonhado com serpentes. Os vis e repugnantes animais tinham levantado suas cabeças, e ele tinha erguido sua espada Vingança para defender-se. Lutou com todas as suas forças, mas as serpentes continuavam pelo chão. Emenia se encontrava junto a ele. Recebeu suas suaves carícias, sentiu—se envolvido em seus cabelos, notou suas pernas entrelaçadas com as dele. Lutou contra as serpentes, matou—as várias vezes, mas quando se aproximou dela, de sua garganta brotou um grito de agonia que se elevou até os céus. A mulher estava coberta de sangue, que não parava de jorrar. Agarrou—a em seus braços e tentou salvar sua vida, mas o sangue se interpôs entre eles como uma tempestade. De repente se deu conta de que não era Emenia, mas outra mulher, que estava junto a ele, outra mulher cujos cabelos o envolviam. Tentou afastar do rosto as mechas ensangüentadas, mas ela começou a afundar no atoleiro de sangue que crescia cada vez mais, arrastada por serpentes. Eric estendeu as mãos para a mulher e voltou a gritar...

Despertou tremendo e ofegando, no meio da noite.



Ficou de pé com um salto, empunhando Vingança.

Pouco a pouco, sua respiração se acalmou. Zombou de si mesmo por assustar—se com um sonho quando não hesitava em enfrentar todo o exército dinamarquês.

Voltou a deitar—se. Contemplou a lua, e as lembranças começaram a acossá-lo, impedindo de conciliar o sonho. Por fim, adormeceu.

Sentiu a chegada do amanhecer, o beijo da aurora, a tênue carícia do sol. Ouviu o suave burburinho do riacho em um agradável estado entre a vigília e o sonho. Percebeu vagamente um ruído furtivo no bosque. Pensou que não representava um perigo para ele, de modo que não se levantou. Aproximava—se uma mulher, em busca de silêncio e solidão. Eric decidiu não incomodá—la. Não desejava importuná—la, alertando-a de sua presença.

Pouco depois, apareceu um homem. O príncipe irlandês ouviu fragmentos de sua conversa sussurrada. Desejou deixar sozinhos os amantes, mas não podia fazê—lo sem ser visto.

De repente, espiou a deliciosa beleza das costas da garota, nua, com seus cabelos presos em uma trança ao redor da cabeça. Era incrivelmente bela; vislumbrava os pequenos seios, suas formosas nádegas e a estreita cintura. Seu pescoço era longo e elegante, e seus ombros pareciam arredondados e macios. Conteve o fôlego ao observá—la e depois desejou, novamente, estar longe, porque não queria interromper um par de desventurados amantes.

Então ouviu com clareza suas palavras, e em um instante identificou à mulher. Tratava—se de Rhiannon, sua prometida.

A fúria explodiu em seu interior. Não podia consentir. Não tinha sido sua intenção introduzir—se na vida daquela jovem, mas a tinham entregue, e Eric guardava zelosamente o que lhe pertencia.

la ser sua esposa!

Esforçou—se para controlar a ira que tomou conta dele. Talvez os amantes se encontrassem ali muitas vezes.

Não estava disposto que o traíssem de novo. Se levantou rapidamente e agarrou a espada, caso o tolo rapaz resolvesse desafiá—lo.

Não teve tempo de chegar até os amantes, por que o silêncio do bosque foi quebrado subitamente pelo ruído de cascos de cavalo.

—Encontrem! —exclamou alguém—. Pela honra do rei, encontrem!



Rhiannon lançou um grito e ficou de pé com um salto. Não tinha tempo de vestir-se, mas seu amante se ergueu e a cobriu com a capa.

—Corra! —disse ele—. Corre até a clareira.

—Não, o rei não me matará. Poderia matar você. Ai, Rowan, se lhe fizerem algum mal...

—Vá! —ordenou o jovem apaixonado, empurrando—a para o lugar onde estava Eric.

—Não partirei. Se não nos encontrarem juntos, não poderão te acusar de meu desaparecimento, nem de... —interrompeu—se, de repente, muda pela tristeza.

—Fugirei! —prometeu ele empurrando—a de novo. Ela caminhou cambaleando por entre a folhagem. Eric permaneceu imóvel, tratando de controlar-se. Ao longe, os cavaleiros avançavam pelo bosque, e o príncipe observou que ela estava desesperada por evitá-los. A jovem cruzou o regato, tropeçou e caiu diante dele. Viu a ponta da capa de Eric e se agarrou a ele.

—Senhor, amável senhor, suplico que me ajude. Meu protetor me prometeu a um bastardo viking, e preciso, desesperadamente, impedir que me encontrem neste momento. Por favor! Passarei minha vida com um bastardo cruel, mas...

Por fim, ergueu os olhos para ele; seus olhos se arregalaram de surpresa. Reconheceu-o, mas Eric compreendeu que não sabia exatamente quem era ele. Um espantoso terror substituiu o assombro inicial, e seu rosto empalideceu, tornando-se branco como a neve.

Rhiannon compreendeu com horror que se achava diante do viking. Não podia esperar ajuda dele. Deus, estava diante do desastre.

—Oh, não! —exclamou— Você!

Devia fugir desse homem. Levantou-se com a rapidez de um raio e deu meia volta. Mas antes que pudesse escapar, ele a alcançou. A bota do homem pisou na capa, que caiu de seus ombros. Eric a fez voltar-se, e Rhiannon se encontrou, nua, agarrada brutalmente entre seus braços.

Talvez, não se lembrasse dela.

Não; impossível. Era evidente que lembrava. Recordava suas flechas e seu joelho, sem dúvida. Jamais em sua vida tinha visto uma fúria tão tenebrosa no rosto de um homem. Sentiu-se fraca. Certamente se tratava do maldito soldado do príncipe irlandês. Entregaria—a a Alfredo ou a seu próprio senhor. Ou talvez a matasse ali mesmo, e o rei nem sequer poderia protestar.

—Tenha piedade! —sussurrou, jogando para trás a cabeça.



A trança se desfez, e os cabelos caíram em cascata sobre suas costas. Desejou envolver—se neles para cobrir sua nudez.

Entretanto, ele não contemplava seu corpo; olhava—a fixamente nos olhos, e os seus destilavam ódio.

—Piedade? —perguntou com voz suave, mas mortalmente ameaçadora— Piedade?

Ela lançou um grito quando ele a atraiu para seu quente e poderoso peito. Agarrou—lhe as mãos com tanta força que ela acreditou que quebraria seus pulsos, e se viu obrigada a sentir a ira brutal que irradiavam seus olhos glaciais.

—Combati contra vocês porque acreditei que iam nos atacar —apressou—se a explicar—. Não teria lhe ferido se soubesse que eram convidados do rei. Por favor, deixe-me partir agora. Tenha piedade...

—Não, senhora, não.

—Mas...

—Isto nada tem a ver com a flecha mortal que me lançou, nem com a que me feriu a coxa e me faz coxear. Nada tem a ver com o golpe na virilha, nem com os murros no peito. Não, senhora, talvez pudesse perdoar todo isso.

—Então...

—Não terei piedade de você porque, como disse, eu sou esse bastardo cruel, o viking bastardo e bárbaro ao qual está prometida.

Rhiannon abriu a boca, horrorizada. A seguir jogou para trás a cabeça e lançou um grito de puro pânico, movendo freneticamente as mãos para escapar. Gritou uma e outra vez, enquanto o terror a invadia, frio, glacial. Estava em seu poder, nua e vulnerável. Sentiu a tremenda força de seu peito, suas coxas e seus braços.

—Você!

—Sim, senhora, eu.

Esse não podia ser o príncipe irlandês.

—Meu Deus, não! —murmurou.

Debateu—se, selvagem como uma tigresa. Devia livrar—se dele e escapar. Ao não conseguir, mordeu—lhe e, como isso falhou, levantou o joelho como uma perversa ameaça contra ele.

—Quieta! —ordenou ele furioso, agarrando—a e jogando—a no chão.



Sem fôlego, com o cabelo emaranhado como um fogo celestial, Rhiannon o olhou. Tinha os seios nus sob o manto de seus cabelos. Um gemido escapou de sua boca ao tentar erguer—se.

Ele passou o pé por cima de seu corpo para prender os quadris da jovem com suas botas, pisando em seus cabelos para imobilizá—la.

Depois se agachou lentamente, colocando—se sobre ela. Ela levantou os punhos para golpeá-lo no peito, mas as mãos masculinas capturaram seus pulsos e os apertaram com força contra o chão, na altura da cabeça. A moça sentia o corpo dele, duro e implacável, poderoso e vibrante, como aço. Era impossível libertar—se.

Enquanto ele a observava, mantendo a férrea pressão, com os lábios reduzidos a uma linha de fúria, ela compreendeu com dilacerante terror que seu sonho tinha sido profético: seu adversário viking era o príncipe de Dubhlain.

—Voltamos a nos encontrar, senhora —murmurou ele. O fogo de seus olhos azuis lhe perfurou a alma, rasgando—a. Perguntou—se o que teria visto, o que teria ouvido.

Tudo...— E em circunstâncias... muito interessantes —prosseguiu ele— Eu quase tinha decidido que talvez existisse uma pequena possibilidade de paz entre nós; e entretanto, ao chegar a Wareham para minhas bodas, o que descubro? A minha noiva, completamente nua, me esperando.

Finalmente se afastou um pouco dela, mantendo—se sentado sobre seus quadris, equilibrando o peso com as pernas. Rhiannon notou o frio ar da manhã, e os mamilos endureceram sob o olhar do homem: Ele, que mal tinha reparado até então em sua nudez, observava—a, de repente, com descarado desdém, seus olhos queimando a carne exposta.

Rhiannon recuperou as forças. Revolveu—se debaixo dele tentando escapar da pressão de suas coxas.

—Deixe-me levantar. Solte-me.

—Não, senhora, não —disse ele, com suavidade. Seu olhar cravou—se nela, golpeando o coração como uma arma de frio aço. Voltou a inclinar—se sobre ela, e seu fôlego lhe roçou os lábios— Não a soltarei até o dia de sua morte, minha preciosa.

Presa pelo pânico, lutou, decidida que não o deixaria perceber seu medo.

—Diga ao rei que não me deseja! —sussurrou ela com ardor—. Diga que...

—Quer que exploda uma guerra tão terrível que corram rios de sangue por seu país? —perguntou ele com dureza.



—Por certo não me deseja... —interrompeu—se ao ouvir de novo o ruído dos cascos dos cavalos; os homens do rei se aproximavam.

O viking ficou de pé e a levantou, agarrando—a pelos pulsos.

Por um momento, a estreitou contra si.

—Não, senhora, não desejo me casar com você —assegurou.

Soltou—a. Depois de olhá—lo por um instante nos olhos, Rhiannon se voltou e instintivamente pôs—se a correr. Ele fechou, de forma brutal, os dedos ao redor de seus cabelos; ela gritou ao ficar, novamente, presa entre seus braços.

—Vamos, não deve ser covarde agora —sussurrou Eric com voz severa —Eu admirei sua coragem.

Ela o observou, e o ódio que sentia por ele soltou sua língua.

—Não, não temo. Jamais o temerei. Não tem poder para me ferir, nunca!

O príncipe irlandês esboçou um sorriso implacável.

—Recomendo que aprenda a me temer, senhora. Sim, aconselho. Tem muito que temer.

Ela desejou manter a cabeça erguida, mas estava nua, e aquele gélido olhar azul a percorria de cima abaixo, desapixonadamente, com desprezo.

Os cascos dos cavalos se ouviam cada vez mais perto. Eric desviou os olhos e se ajoelhou, agarrou a capa e a jogou sobre os ombros da mulher, que desejou voltar a correr, mas mal podia respirar. Surpreendeu—se que ele cobrisse seu corpo nu. As lágrimas ameaçavam brotar; Rhiannon não demorou para descobrir que não tinha agido assim por amabilidade.

—Acredito que por hoje já exibiu bastante o que supõe-se que me pertence, não é, milady? —disse ele, arqueando uma sobrancelha. É obvio que não esperava resposta.

Quando ele se voltou para chamar seu cavalo com um assobio, ela recuperou a voz:

—Jamais serei sua!

O animal se aproximou, e ela afogou uma exclamação de surpresa. Era Alexander, seu cavalo favorito.

—Esse é meu cavalo! —exclamou.

—Meu cavalo —corrigiu ele.

Tinha esquecido que ele havia tomado tudo que era dela.

Seu sorriso arrepiante não se apagou de seu rosto quando se voltou para ela.



—Meu cavalo —repetiu—. E como este cavalo, senhora, você também será minha. E aprenderá a vir quando eu chamar. Uma coisa é um cavalo usado, e outra muito diferente é uma esposa usada.

—Vil bastardo... —interrompeu—se para protestar, quando sentiu novamente a tenaz de seus dedos se fecharem ao redor de seu braço— Não! —exclamou aterrada.

Sem alterar—se, o homem a ergueu em seus braços. Em pânico, Rhiannon o golpeou e arranhou para tentar escapar. Em seguida ele agarrou suas mãos e a imobilizou com um único olhar.

—Não me provoque mais, milady.

Ela apertou os dentes e tratou de dominar o medo que começava a consumi—la. Ele quase a jogou sobre o lombo do cavalo branco e a seguir montou atrás dela.

—Não resista —advertiu—lhe— Nem pense sequer, porque prometo que, se te atrever a me morder de novo, não hesitarei em surrá-la.

Ela engoliu a raiva que lhe provocaram suas palavras.

—Bárbaro!

—Quer que demonstre isso? —perguntou ele, com os olhos ardentes.

Rhiannon não respondeu. Quando ele instigou o cavalo e começaram a galopar, a moça estremeceu entre os poderosos braços que a rodeavam.

Os homens do rei estavam muito perto, e de repente ela não pôde suportar. Tinha desonrado Alfredo. Deus santo, quando por fim tinha decidido obedecê-lo, tinha lhe desonrado. Realmente, havia resolvido submeter—se e contrair matrimônio para assim selar a aliança que o rei desejava.

Tudo tinha dado errado. E tinha sido surpreendida precisamente pelo homem com quem estava prometida, o bárbaro que já tinha jurado vingar—se dela. E agora não podia esperar a ajuda do rei.

« Rowan! », pensou desesperada. O odioso viking os havia visto juntos; procuraria Rowan para exigir uma compensação, e correria sangue por culpa dela.

De repente, tudo escureceu e a piedade que tinha suplicado chegou por fim. Desmaiou e no preciso momento que perdia os sentidos, Rhiannon teve consciência de estar entre os fortes braços do homem de quem desejava, com tanto desespero, escapar.

Seu amo viking.



Capítulo 6

A piedosa inconsciência não durou muito. Uma forte palmada na bochecha despertou-a. Estava apoiada no ombro do viking. Teria se afastado bruscamente, se ele não a tivesse erguido para depositá-la, sem nenhuma delicadeza, no chão. Rhiannon perdeu o equilíbrio e caiu. Ergueu os olhos diante da imponente estatura do homem e encontrou aqueles olhos implacáveis e glaciais.

—Sua roupa, senhora —disse secamente.

Tinha conduzido Rhiannon até onde ela tinha deixado sua roupa sobre a relva. Ela desejou olhá-lo com desdém, orgulho e ódio, mas baixou os olhos e os pousou em seus pertences: a suave e fina camisa, a larga túnica, as meias e os sapatos de couro.

Suas bochechas arderam. Não podia esperar muita cortesia por parte daquele bárbaro depois do modo como a tinha encontrado, mas de maneira nenhuma tiraria a capa e se vestiria diante dele. Além disso, era inocente, como Rowan, embora o príncipe irlandês jamais acreditaria nisso. Ergueu o queixo, mas não os olhos.

—Se me fizer o favor de...

—Não farei.

—Conceda-me essa cortesia!

—Primeiro, pediu piedade, agora cortesia. Já é difícil para mim poupar sua vida. Vista-se, e rápido.

«Ao demônio com este bastardo!», pensou ela, furiosa. Armou-se de coragem, uma coragem de tola, talvez. Levantou-se lenta, majestuosamente, olhando-o em franco desafio. Cobriu-se bem com a capa, arqueou uma sobrancelha, e em seus lábios se desenhou um sorriso depreciativo.

—Mate-me, se quiser, senhor viking. Talvez esse seja um destino melhor que ser sua esposa.

Ele apertou os dentes, e ela, contra a sua vontade, sentiu um calafrio ante o frio controle que demonstrava seu inimigo.



—Sim? —murmurou ele amavelmente— Sinto muito que pense assim, senhora. —E, mudando bruscamente de tom, acrescentou— Vista-se —ordenou, com voz rouca como o som de um trovão— Agora mesmo. Rhiannon moveu a cabeça com resolução.

—Faça —disse.

— O que?

Ela se obrigou a não tremer enquanto olhava o homem montado no enorme cavalo, muito erguido, majestoso e magnífico com sua vestimenta, porque naquele dia usava suas roupas de príncipe. As jóias dos arreios do cavalo e o broche com que o irlandês prendia a capa no ombro lançavam reflexos brilhantes. Ela tinha se levantado, mas ainda parecia estar muito abaixo dele, envolta nas dobras de sua capa, com o cabelo emaranhado que a cobria como uma cascata de fogo e os olhos prateados vivos e cintilante de orgulho e desafio.

—Faça! —repetiu— Tire sua espada pagã e me atravesse com ela.

Então gritou assombrada ao ver que ele desembainhava a espada. O cavalo escoiceou e arranhou o chão com os cascos, e o implacável viking se inclinou com frieza para ela e colocou a ponta da espada em sua garganta. Ela não podia mover-se.

—Vista-se. Não tenho nenhuma intenção de matá-la, milady, agora que nos aguarda um belo futuro. Como segue se negando, apearei e a vestirei eu mesmo.

—Como se atreve? —soltou ela, tremendo.

—Como me atrevo? —repetiu ele, com raiva contida. Desmontou rapidamente e ali, de pé diante dela, continuou com a espada contra seu pescoço. Depois a embainhou. Embora a jovem não fosse baixa, ele parecia gigantesco ante ela— Como me atrevo, milady? —disse com voz enganosamente doce. Agarrou a capa pelas pontas que se fechavam sobre o peito e puxou-os para atrair à moça, totalmente ruborizada, para si. Seu fôlego lhe roçou a bochecha quando disse— E ousa me falar assim quando a surpreendi aqui, da maneira como estava? Será melhor que tome cuidado, minha pequena saxã, muito cuidado. Não esqueça que sou, segundo suas próprias palavras, um bárbaro. E os bárbaros se atrevem a tudo.

Dito isto, arrancou a capa com enganosa suavidade. Ela ficou tão surpresa que permaneceu imóvel por um instante, olhando—o. Quando se deu conta de que estava nua, quase pôs—se a correr, aterrada. Mas se manteve firme e ergueu o queixo.



—Um bárbaro, sem dúvida —disse com tom zombador. Voltou—se, tratando de dominar o pânico. O que faria ele?

Rhiannon se agachou junto ao carvalho para recolher a camisa, sentindo todo o tempo, sobre ela, o abrasador frio de seu olhar. Com certa estupidez, por causa do medo que a assolava, passou a suave camisa pela cabeça, colocou a túnica e prendeu o cinturão.

Ele não se moveu. A apreensão que a jovem sentia aumentou à medida que se prolongava o silêncio entre eles. Com dificuldade, conseguiu colocar as meias e os sapatos, de costas para ele. Quando por fim terminou, agarrou a capa e a jogou sobre os ombros com toda a dignidade que foi capaz de reunir. Então ouviu gritos e compreendeu que os homens do rei prosseguiram a busca. Desesperada, perguntou—se se Rowan teria conseguido escapar.

Percebeu um movimento e pensou que o viking tinha montado de novo em Alexander. Em seguida, se voltou para olhá—lo, receosa. Ele a observou, e ela percebeu que lhe lia seus pensamentos, tranqüilo e imponente no lombos do garanhão. Sua espada continuava embainhada. Impassível, lhe estendeu uma mão. A moça notou a fúria que emanava dele.

—O que pensa fazer? —sussurrou, tentando dar um tom imperioso a sua voz.

O viking incitou Alexander com os joelhos para que avançasse. Ela começou a retroceder, mas ele a alcançou com rapidez e a levantou quase sem esforço, agachando—se para lhe rodear a cintura com o braço. De novo, estava sentada diante dele. Sentiu a robusta dureza de suas coxas e os músculos de seus braços. Ele esporeou o cavalo e retomaram o galope. O príncipe irlandês tinha os olhos fixos à frente. Ela voltou a cabeça para ver para onde olhava e notou o suave roçar de sua barba contra seu rosto.

William e Allen cavalgavam para eles, mas ainda estavam a certa distância.

—Se este fosse o país de minha mãe —disse ele—, repudiaria você e a devolveria à família de seu pai desonrada.

Não tinha pai, pensou ela; devolveria—a ao rei, que sem dúvida alguma a expulsaria. Seria desprezada para sempre, mas seria livre; livre desse homem. De qualquer modo, assustava—lhe que ele pudesse fazer o que dizia. Por mais que odiasse aquele bárbaro, gostava de Alfredo e de Wessex, apesar do que o rei lhe tinha feito.

—Não me importaria —assegurou ela.



Ele continuou, como se ela não tivesse falado.

—Se este fosse o país de meu pai —acrescentou em tom de advertência—, a puta seria vendida como escrava. Acredito que eu a ofereceria diretamente a tripulação de dinamarqueses mais repugnantes que encontrasse. Em seu caso, procuraria uma fera raivosa.

Ela ficou rígida e sufocou um grito colérico, mas não pôde fazer mais que amaldiçoá-lo, porque os braços do príncipe a apertaram com tanta força que foi impossível mover-se. As lágrimas apareceram em seus olhos, mas não permitiu que escorregassem.

—Já me entregaram a um viking. O que importa vem da Noruega ou Dinamarca?

—Ou Irlanda.

—Ou Irlanda!

—Talvez exista uma enorme diferença, milady. Talvez chegue a descobrir qual é.

Rhiannon estremeceu. Alfredo se enfureceria mais com ela que com o viking. Tinha desobedecido a seu rei, tinha—o desonrado, e talvez Rowan morresse por sua culpa. Além disso sua própria vida se transformou em um pesadelo.

—Desprezo você! —resmungou com veemência.

—Basta! —ordenou ele bruscamente, quando viu se aproximando os cavaleiros. Estreitou—a ainda mais com os braços— Realmente é tão egoísta para desejar ver mais sangue derramado neste chão?

Ela ficou em silêncio, perguntando—se se haveria alguma maneira de evitar a tragédia. Sem dúvida o viking não a aceitaria por esposa depois do ocorrido. E se ele a repudiasse, poderia haver uma guerra entre os ingleses e os homens do príncipe irlandês.

—Esta será nossa batalha—disse ele em voz baixa, roçando a bochecha com seu sussurro e desencadeando uma espiral de calor em seu interior— Com sorte, senhora, não morrerão mais tolos por sua traição.

—Não sou culpada de nenhuma traição! —protestou ela indignada, voltando a cabeça para ele.

O olhar que o homem lhe dirigiu era arrepiante. Ele jamais acreditaria. Então ele ergueu os olhos.

—Por fim —disse brandamente—, encontramos—nos.

—Eric de Dubhlain! —saudou William, lançando um rápido olhar lúgubre a Rhiannon— O rei pede perdão pela forma como foi recebido...



—irei ver o rei —anunciou Eric.

—A garota será...

—Eu levarei a garota—disse Eric friamente.

O garanhão avançou entre os cavalos dos dois homens e depois iniciou um suave galope. Rhiannon notou o fresco vento primaveril. O ar lhe pareceu insuportavelmente gélido. O movimento do cavalo a impulsionou para os braços do viking, e estremeceu ao notar sua força, produto de sua destreza nas batalhas.

Já o tinha chamado de bárbaro, e ele tinha ouvido o insulto. Provavelmente era o guerreiro mais hábil que tinha conhecido em sua vida. Tinha surpreendido Rhiannon com Rowan e poderia matá-lo com toda a facilidade.

Não, devia afastar de sua mente tais pensamentos, pois ele notava como estremezia cada vez que lhe assaltavam esses temores.

Não demoraram para chegar aos portões. De todas partes do bosque apareciam homens do rei e do contingente irlandês e norueguês. Rhiannon não viu Rowan entre eles, e rogou a Deus que tivesse conseguido esconder—se entre as árvores.

Os portões se abriram e o imenso garanhão passou entre eles em direção à casa. O rei os esperava no pátio da frente. Observou Eric até que este deteve a montaria a alguns passos dele. O irlandês levantou Rhiannon e a ajudou a descer do cavalo.

A jovem se encontrou diante do rei. Mal podia ficar em pé diante dele, pois lhe fraquejavam os joelhos por causa do medo. O desaparecimento e o desprezo do viking não a afetavam tanto como a fúria e o ódio que percebeu no frio olhar do rei. Este se aproximou de Rhiannon, que logo adivinhou que ele sabia de seu encontro Rowan. O que sem dúvida ignorava era que ela tinha decidido acatar sua ordem e que somente encontrou-se com Rowan para despedir—se dele. Alfredo achava que o tinha traído voluntária e premeditadamente.

O monarca a olhou e a seguiu, a esbofeteou com tal força que ela gritou e caiu de joelhos. O viking desceu do cavalo. Retornavam os cavaleiros; as imponentes tropas inglesas e as do príncipe irlandês entravam em formação dentro do pátio.

—Eric de Dubhlain —disse o rei—, eu o libero de sua promessa de aliança e de seu compromisso matrimonial.



O viking se inclinou para Rhiannon e a pôs em pé segurando—a pelo cotovelo. Ela sentiu que se desencadeava uma tempestade em seu interior e desejou livrar—se desse contato, mas não se atreveu. Mordeu o lábio para reprimir o pranto.

—Alfredo, rei de Wessex —disse Eric—, proponho que entremos em sua casa para falar a sós e tentar reparar o dano causado.

O rei assentiu.

—Então, bem—vindo, Eric de Dubhlain; bem—vindo a minha casa.

Rhiannon não pôde mover—se, pois os dedos de Eric se cravaram em seu braço até que ela gritou de dor. Contemplou aqueles olhos nórdicos, com o queixo erguido e sentiu seu poder.

—Milady? —disse ele, com um tom nada educado. Ela conseguiu manter—se erguida e seguiu Alfredo. O viking não a soltou.

Quando entraram na casa, os criados retrocederam, à espera das ordens do rei. Alswitha, sorrindo nervosamente, apressou—se a colocar-se ao lado de seu marido. Fez uma graciosa reverência diante do convidado, olhando rapidamente a palidez de Rhiannon e a fria cólera no rosto de seu marido. Gaguejando, ofereceu a Eric cerveja, pão e arenques. Os criados se aproximaram. O irlandês aceitou uma taça que continha cerveja, mas declinou a comida. Levantando a mão, o rei disse a Alswitha:

—Leve Rhiannon.

O viking tinha a mão apoiada no ombro da moça, que sentiu, aterrada, como era empurrada para uma das cadeiras que havia junto a lareira.

—A garota fica —anunciou Eric, obrigando—a a sentar—se.

A inquietação de Rhiannon aumentou ao comprovar que ele se colocava atrás dela. Engoliu a saliva. Desesperada, olhou para Alswitha, que não podia lhe oferecer nenhuma ajuda. A Rainha retrocedeu e se colocou discretamente atrás de Alfredo.

—Não desejo que os homens combatam de novo por esta garota—disse Eric.

Rhiannon se levantou com um salto, disposta a explicar que ela não era a responsável pela matança anterior. Entretanto, ao sentir como se cravavam em seus ombros os dedos do viking, compreendeu a ordem de permanecer calada e quieta.

—Tem todo o direito de romper sua promessa —afirmou Alfredo.



—O direito, rei de Wessex, mas não o desejo. Tomarei a dama e a terra, mas com estas condições: partiremos para Rochester para lutar contra os dinamarqueses antes das bodas; Rhiannon será confinada em uma casa Santa, até que se possa determinar que não leva a semente de outro homem. Se morrer em batalha, as terras que reclamei passarão a meu pai, o rei de Dubhlain, para que a distribua entre meus irmãos, conforme julgar conveniente. E a garota será entregue a minha família, que decidirá seu destino.

—Portanto, mantemos a aliança para lutar contra os dinamarqueses?

—Sim —respondeu o viking, erguendo a taça.

—Será feito como quer, príncipe —prometeu Alfredo.

Os dois homens apertaram, firmemente, as mãos. Rhiannon se agarrou aos braços esculpidos da cadeira; o sangue pareceu congelar—se:

—O que ocorreu não ficará sem castigo —acrescentou o rei, dirigindo um fugaz olhar a Rhiannon. Jamais o tinha visto tão frio, nem tão cruelmente indiferente. Tinha ouvido dizer que podia mostrar—se desumano e que tratava brutalmente os traidores, mas nunca tinha sido assim com ela. Tinha—a amado. Tinha sido severo, mas a tinha amado.

Agora não mais.

O rei voltou a falar com raiva selvagem:

—Prometo que ensinarei sua esposa a ser humilde e que o homem que, conhecendo minha vontade e minha promessa, não a respeitou, pagará por isso.

—Não, Alfredo —disse o viking — Eu reclamo minha vingança.

Para Rhiannon as mãos do irlandês pareceram fogo e aço sobre os ombros, e a determinação de suas palavras sacudiu cada fibra de seu ser. Não se tratava de uma ameaça acalorada, mas sim de uma severa declaração de intenções. Com certeza, bateria nela até deixá-la as portas da morte, pensou com amargura. De repente a invadiu um medo espantoso; não por ela, mas sim por Rowan. Subitamente, as portas da casa se abriram sem a permissão do rei. Alfredo se voltou furioso. Entraram seus vassalos William e Allen e entre eles, preso por ambos os braços, Rowan, ensangüentado e vencido.

Para salvar o pouco que restava de sua honra deveria ter permanecido sentada, mas não pôde suportar ver Rowan ferido.



Rhiannon se esqueceu de tudo, exceto do doce amor que tinham compartilhado. Escapou da odiosa força do viking e ficou de pé com um salto, proferindo um grito. Ia começar a correr quando uns fortes braços a rodearam pela cintura e foi esmagada contra o peito do viking, que a apertou contra si.

Por isso não se afastou dela, pensou amargamente Rhiannon. Não permitiria que desonrasse ainda mais a ele e Alfredo.

Rowan, meio aturdido, olhou—a nos olhos e esboçou um triste sorriso; depois desabou entre os dois homens. Estes o empurraram para que caísse aos pés do rei.

—Senhor —disse William, percorrendo com seu tenebroso olhar a sala— não sabemos se estiveram juntos, mas o encontramos fora dos portões, não muito longe de onde tinha fugido o cavalo de lady Rhiannon.

—Saia —ordenou o rei.

—Mas, senhor... —protestou William.

—Está intacta, meu señor—murmurou Rowan. Brotou sangue de sua boca, e Rhiannon voltou a gemer, odiando os braços que a aprisionavam. Rowan cuspiu um dente. Ergueu os olhos, aturdido, e os cravou em Alfredo e no viking —.Está intacta, juro —acrescentou.

O rei se aproximou, agachou—se e agarrou Rowan pelo colarinho da camisa. Rowan caiu para frente, e Rhiannon gritou de novo, arranhando sem piedade as mãos que a imobilizavam, porque acreditou que seu amado tinha morrido.

—Pelo amor de Deus, me solte! —suplicou.

—Basta! —rugiu o rei— Já não nos envergonhou o suficiente? —Tomou o pulso de Rowan— Está vivo... por enquanto.

Rhiannon sentiu as lágrimas escorregarem pelas bochechas. O viking a soltou de repente. Ela tropeçou, caiu junto a Rowan e comprovou que realmente estava vivo. Rodeou—lhe os ombros com os braços, e lágrimas silenciosas deslizaram por suas bochechas.

O rei ordenou aos criados que levassem Rowan. Rhiannon sentiu que lhe tocavam as costas; um roçar absolutamente cruel. O viking voltou a erguê—la e segurá—la.

Levaram Rowan. O rei e Eric continuaram falando, mas ela já não escutava suas palavras, rogava fervorosamente não ser a causadora da morte de Rowan. Não podia imaginar como seria a



vingança do viking. Perguntou—se se poderia suplicar pela vida de Rowan, se seria capaz de humilhar—se para conseguir um pouco de piedade. O viking já tinha negado a piedade antes.

—Será feito agora mesmo —disse o rei—. Neste momento. —Ordenou a um criado que fosse procurar seu médico e uma parteira. Depois disse a Alswitha—: Leve—a ao seu quarto.

O viking tirou as mãos de seus ombros, e Alswitha lhe estendeu a mão. Rhiannon retrocedeu de maneira instintiva, observando os presentes, perguntando—se que novo horror tinham planejado para destruí-la.

—Vamos, Rhiannon —urgiu Alswitha.

Rhiannon olhou para o rei, que estava carrancudo e pensativo. Olhou ao gigantesco viking, que a observava com indiferença.

Eric encolheu os ombros, como se lhe importasse muito pouco.

—Continuo pensando que as bodas devem esperar —disse ao rei.

—Prometi esta mulher, e estava sob minha responsabilidade. É como minha filha. Quero averiguar a verdade sobre esse assunto.

—Rei de Wessex, eu posso descobrir a verdade por mim mesmo e ditar as ordens de minha própria casa.

—Ela está ainda sob a tutela da casa de Wessex, e quero cumprir meu juramento.

A porta se abriu de novo, e entraram o médico de confiança do rei e sua robusta criada. Esta olhou para Rhiannon com seus olhos ardilosos e sorriu maliciosamente, como se desfrutasse ao imaginar alguma crueldade. Nesse momento, a jovem compreendeu o que se propunham e abriu desmesuradamente os olhos, envergonhada e horrorizada.

—Não! —exclamou com ferocidade.

Desejou começar a correr como uma louca para a liberdade, mas sabia que nunca conseguiria escapar. Dominando a fúria e o pânico, se obrigou a caminhar lentamente, não para o rei, mas para o senhor irlandês. Alfredo a tinha repudiado, tal como tinha jurado fazer. Talvez sofresse em seu interior, mas não o revelava. O viking, por seu lado, já a tinha tachado de puta, já tinha reclamado sua vingança. A proposta não havia partido dele.

—As coisas não são sempre o que aparentam, meu senhor. Eu não cometi traição contra você antes, e embora agora talvez pareça que... —interrompeu—se, tentando reunir a dignidade e a



força suficiente para convencê-lo— Eu não quebrei a promessa do rei. E embora ele jure que me quer, não confia em mim. Não permita que faça isto! —pediu com veemência.

Estremeceu, sabendo que os métodos do irlandês poderiam ser muito piores. Depois pensou que nada poderia ser tão humilhante como o que tinham planejado. De qualquer forma, fizessem o que fizessem, isso não a salvaria quando a jogassem nas garras do viking. Acreditou distinguir em seus olhos um curioso brilho de admiração, mesmo enquanto rechaçava seu pedido.

—Milady, eu não solicitei que façam isto —disse.

—Isto me fará odiá-lo até o último dia de minha vida —afirmou ela, apertando os punhos. Não conseguia aceitar o fato de que não podia escapar à vontade do rei. Negava—se a voltar a rogar ao viking.

Este lançou um suspiro.

—Milady, reconheço que tenho muito poucos motivos para gostar de você, mas asseguro que não pedi isso. Alfredo é o rei e seu guardião. Não fui eu quem tomou a decisão. Tenho meus próprios meios para descobrir as verdades que procuro. Seu rei falou, e nesta casa ele é a lei. Em minha casa, senhora, obedecerá somente a mim.

Suas palavras não eram absolutamente tranquilizadoras, escondiam uma ameaça categórica. Entretanto, era o rei quem tinha decretado sua humilhação, e a ele se dirigiu:

—Deveria acreditar em minha palavra!

—Não posso confiar em sua palavra, Rhiannon. Colocou-nos a beira do desastre.

Alswitha tomou Rhiannon pelo braço e a olhou com os olhos empapados de lágrimas.

—Pelo bem de Rowan, se submeta! —rogou, em um sussurro.

—Que a levem! —trovejou o rei.

Nesta ocasião, não pediu a Alswitha. Da cozinha vieram duas mulheres fortes que agarraram Rhiannon pelos braços. Ela gritou e resistir, em vão. Tiraram—na arrastada da sala e a conduziram ao anexo da casa, onde estava seu pequeno quarto. Lutou e se debateu, o que não impediu que a estendessem na cama e lhe rasgassem a roupa. Depois, já profundamente humilhada, deixou de se debater. Alswitha, ao seu lado, acariciava—lhe o cabelo. Ainda imóvel, Rhiannon se refugiou no mais profundo de sua mente para não sentir as frias mãos que a tocavam. Saltaram as lágrimas quando abriram suas pernas e a tocaram.



Vagamente, ouviu o médico dizer a Alswitha que ainda era virgem, que o hímen estava intacto.

Jamais em sua vida havia sido tão ultrajada. Permaneceu ali, deitada, envolta em um manto de sofrimento e vergonha tais que nem sequer teve forças para rogar que pelo menos sua vergonha pesasse a favor da vida de Rowan.

Jurou que jamais perdoaria à praga viking que tinha chegado com o vento para destroçar sua existência. Não importava que Deus não a perdoasse. Oraria cada dia para que Eric de Dubhlain fosse tirado da face da terra. Rogaria para que, quando chegasse sua hora, morresse com tal sofrimento e angústia que amaldiçoaria o dia em que nasceu.

Eric cavalgava pela pradaria, observando os homens que realizavam práticas de combate, fazendo um comentário aqui, aplaudindo uma ação ali e repreendendo a um jovem inglês que ficava exposto ao ataque ao segurar, com descuido, o escudo.

Ao chegar ao final das filas, voltou—se para contemplar a cena. O rei também presenciava os exercícios de seu cavalo. Na manhã seguinte, partiriam para Rochester. A cidade sitiada já não podia resistir por mais tempo aos dinamarqueses acampados fora de suas muralhas. Eric observou os homens que treinavam com as lanças. Outros se exercitavam com espadas e maças, enquanto em um campo distante, os arqueiros praticavam tiro. Diante dele Svein de Trondheim brandia sua poderosa maça, arma tipicamente viking, dado que na maior parte da Europa consideravam incivilizada essa mortífera arma de guerra.

Sabia que seu ardiloso avô irlandês tinha tirado dos vikings o que julgava oportuno e conveniente para obter a vitória. Tinha sido capaz de deter a ameaça norueguesa e dinamarquesa que se abatia sobre sua ilha, porque sempre estava disposto a aprender com o inimigo. Antes que ele governasse, a maioria dos irlandeses lutavam com armaduras de couro, se é que a usavam. Aed Finnlaith tinha visto a malha metálica nos corpos de seus adversários e descoberto que esta salvava vidas; portanto tinha ordenado a seus homens que a utilizassem. Eric tinha comprovado que a maça era



uma arma mortífera e formidável, e tinha incitado seus homens, irlandeses e noruegueses, a que aprendessem a manejá-la.

No dia seguinte partiriam para combater contra os dinamarqueses, adversários terríveis. Não seria uma luta civilizada. Eric não temia à morte. Havia recebido uma educação cristã, mas sua mãe jamais tinha negado o estudo da religião nórdica. Estava disposto a acreditar no amável Cristo e em um supremo Deus Pai, mas se aderisse à crença viking de que nenhum homem podia fugir da morte, e que sempre era melhor adiantar—se; se caísse, encontraria os grandes deuses do Valhalla ou mesmo ao Senhor cristão do Universo.

Olhou ao rei a quem tinha decidido apoiar e que se encontrava no outro extremo do campo. Alfredo era um bom cavaleiro. Não era um homem corpulento, mas irradiava autoridade que se exigia para governar. Na noite anterior tinha permanecido por um longo momento sentado com o monarca junto a lareira central; embora soubesse que o rei saxão era normalmente muito moderado com a bebida, ambos tinham tomado muitos chifres do vinho francês que Eric armazenava em seus navios. Dubhlain tinha enriquecida graças ao comércio; os navios zarpavam e atracavam continuamente em seus portos.

Uma vez que os muçulmanos tinham conquistado grande parte do Mediterrâneo, os ardilosos mercados sírios e judeus tinham perdido parte de seu poder comercial no Oriente. Entretanto, em Dubhlain podiam obter—se especiarias, perfume, sedas finas e vinhos porque os vikings que cruzavam os mares estavam dispostos a arriscar tudo em sua busca de riquezas.

Ao conversar com o rei saxão, Eric ficou fascinado. Estava certo que Alfredo também tinha ficado fascinado com ele e que tinha invejado muitas coisas que ele considerava normais. Aos dez anos Eric já sabia ler em latim e grego, assim como o idioma irlandês de sua mãe e o nórdico de seu pai. Tinha lido sobre as proezas de Alexandre, o Grande, e os costumes dos califas que regiam o mundo árabe de sua sede em Bagdad. Tinham—lhe explicado as façanhas de Carlos Magno. Tinha estudado matemática, ciências e música, além disso estudou as leis Brehon da Irlanda, tão importantes para qualquer homem que quisesse governar ali. Tinha assistido aos conselhos celebrados em Tara, sob a autoridade de seu avô. Tinha ouvido as lendas dos grandes homens de Eire, desde são Patrício, Cuchulain e a poderosa tribo Tuath Do Danaan. Tinha participado das batalhas contra piratas que tinham assolado as costas irlandesas. E tinha vivido em uma formosa casa construída por seu pai, uma fortaleza com altos muros e muitos quartos.



Alfredo tinha sido obrigado a fugir com frequência durante a noite, e muitas vezes tinha compartilhado alojamentos com vacas e porcos. Seu pai Atelwulf teve muitas vitórias, como seus filhos mais velhos. Alfredo tinha apenas vinte e um anos quando foi proclamado rei ao morrer o último de seus irmãos mais velhos, Atelred I. Então, dedicou-se a guerrear. Em maio de 878 Alfredo partiu para Egbert's Stone, onde a Inglaterra se uniu. Enfrentou o dinamarquês Guthrum em uma grande batalha da qual saiu vitorioso. Guthrum chegou ao extremo de consentir em ser batizado, e Alfredo foi seu padrinho. E Guthrum manteve sua paz cristã... por algum tempo.

Nesse momento, Guthrum queria conquistar Rochester, e Alfredo precisava expulsá-lo.

O rei de Wessex era um homem curioso. Não tinha uma aparência imponente, mas tinha o poder de inspirar grandeza nos homens. Era apaixonado por sua igreja e homem de profundas convicções. E sempre mantinha suas promessas.

Estava preocupado com o que havia acontecido na costa, nas terras de Rhiannon.

— Ainda não descobriu o que aconteceu? — tinha perguntado Eric.

E o rei tinha negado seriamente com a cabeça.

— Enviei um mensageiro de minha confiança com a mensagem de que deviam ser recebidos como respeitáveis convidados. Não tornei a ver o mensageiro. Alguém decidiu que a mensagem não devia chegar a lady Rhiannon. Suspeito que algum dos homens mortos impediu que a entregassem. — Olhou para Eric—. Ela não desafiaria minha palavra. Nega ter tido conhecimento disso, e eu acredito. Ainda pode se libertar de sua promessa —acrescentou gravemente o rei—. Se a considerar culpada...

— Não tenho a menor intenção de me libertar de minhas promessas —assegurou Eric.

Não estava disposto a romper essa aliança, nem ver dilacerados seus sonhos de possuir sua própria terra por culpa de uma jovem caprichosa. Tinha—a visto com Rowan junto ao rio. Talvez tenham sido interrompidos antes de consumir o ato, mas ele não poderia considerá-la inocente. Era uma sedutora consciente de sua beleza e poder. Compadecia-se do pobre rapaz que se apaixonou por ela.

Já tinha acalmado sua fúria. Era um homem possessivo. Quando se casassem, ela saberia que ele era a lei de sua vida e jamais se atreveria a rebelar—se. Preferia não pensar no dia que a viu pela primeira vez, porque a lembrança o enfurecia. É obvio, não a amava; entretanto ela o enfeitiçava. Era extraordinariamente bela, apaixonada e transbordante de vida.



E podia ser tão sedutora como um sonho de glória. Sabia que a desejava ferozmente. Tinha despertado nele um ardor que não conseguia apagar, e apesar disso, tinha decidido manter—se afastado dela. Confiava em Alfredo; nem ele nem o médico mentiriam sobre um assunto tão delicado como a virgindade de sua futura esposa. Na realidade, pensou, alegrou—se de que Alfredo insistisse em verificar a inocência de Rhiannon. Por outro lado, ela devia aprender que ele podia mostrar—se tão brusco, severo e exigente quanto fosse necessário. Não estava disposto a permitir que chorasse seu amor perdido durante todo seu matrimônio.

O certo era que em alguns momentos tinha tido pena dela. Não podia esquecer a arrepiante dignidade de seus olhos empapados pelas lágrimas quando suplicou na casa do rei. De qualquer forma, ela mesma tinha procurado o que aconteceu.

Ele lembrava o que era amar, e por essa razão ela contava com sua compreensão. Ele teria arriscado tudo por Emenia. Entretanto, não podia pensar em Rhiannon sem que o invadissem uma raiva sem limites, porque não podia desculpar seu comportamento. Além disso, era sua prometida. Entretanto, perguntava—se se não era seu fogo e sua beleza os motivos que o tinham impulsionado a manter sua aliança com o rei. Talvez não voltasse a amar, mas sim desejava lady Rhiannon.

Atravessou o campo e se aproximou do rei.

—Ainda estou contente com nossa aliança —disse, numa saudação—. E me agrada que a manhã tenha transcorrido sem derramamento de sangue.

—Sim —respondeu o rei, quase sem vê—lo, olhando ao longe.

Eric seguiu o olhar do rei através do campo e observou que Rollo cavalgava para eles. Pressentiu que a grave expressão de seu capitão estava relacionada de algum modo com a garota.

—O que houve? —perguntou quando Rollo se aproximou deles, em sua montaria. O cavalo bufou.

—Há problema entre os homens —respondeu Rollo.

Eric arqueou uma sobrancelha.

—Querem sangue, exigem justiça.

—Contra quem? —perguntou Eric friamente.

—Contra Rowan.

—Por que?



Ninguém tinha presenciado a cena entre o jovem e a moça, sendo assim, ninguém sabia a gravidade do ocorrido.

—Os rumores correm. Já conhece os homens. Pedem que lute por sua honra.

Eric lançou um suspiro de impaciência.

—Querem que mate o rapaz?

—Sim —respondeu Rollo com tristeza, consciente que não convinha nenhum desacordo entre suas próprias tropas— O rapaz deverá se apresentar diante de você e desafiá-lo. Terá que matá-lo, a menos que decida lhe entregar a garota.

De repente, reinou um súbito silêncio no campo de treinamento. Todos os homens observavam Rollo e Eric.

Outro cavaleiro se aproximava do príncipe irlandês. Era Rowan. Os guerreiros se afastaram para um lado para deixá-lo passar.

Eric observou que o rapaz estava ainda pálido, mas cavalgava ereto, com a dignidade intacta. Deteve-se diante de Eric, e antes que pudesse falar, Alfredo de Wessex se interpôs entre eles.

—Rowan, como se atreve a vir assim? Concedi a graça de sua vida e volta a desobedecer minha autoridade.

Rowan baixou a cabeça.

—Ante Deus peço perdão, meu senhor —Ergueu os olhos para Eric— Mas a amo. Eric de Dubhlain, não pretendo faltar com o respeito a você, porque é convidado de meu senhor, mas o desafio a uma prova de armas, como é meu direito, segundo a antiga lei.

—Quer se bater comigo, e com Vingança? —perguntou amavelmente Eric, levantando sua espada. O rosto de Rowan empalideceu ainda mais e assentiu com seriedade.

—A garota não vale isso —disse o irlandês, depois de um momento de silêncio—. Nenhuma mulher vale.

—Sim, esta sim —assegurou Rowan.

Eric pensou que era um tolo apaixonado, mas era um homem e merecia a prova das armas.

—À alvorada, então —disse—. Aqui, neste mesmo campo.

Rowan ergueu uma mão como saudação.



—Aqui então, príncipe Eric, neste campo.

—E que Deus tenha piedade de sua alma! —murmurou o rei gravemente.

Rowan assentiu de novo, aflito. Eric decidiu que o jovem lhe agradava; tinha a coragem de ir ao encontro de uma morte certa. O moço fez girar seu cavalo e galopou para as dependências anexas à casa.

Entre os homens de Eric se ergueu um clamor, um grito de guerra, que soou como um eco da morte. Eric levantou a mão com fúria. Baixou—a, e o grito cessou. O garanhão branco saltou e escoiceou ao notar sua ira. Eric parou com seu cavalo em frente a seus guerreiros.

—Tanto desejam a morte de nossos aliados? Nós vamos lutar contra os dinamarqueses, e se tivermos que nos regozijar com a morte de alguém, que seja a deles.

Com crescente mau humor, voltou seu cavalo e se afastou da multidão de guerreiros. Cavalgou para a muralha, mas não se incomodou em procurar a porta. O garanhão branco saltou a barreira e continuou galopando pelas pradarias, campos e bosques que se estendiam além da casa da fortaleza. E Eric sentiu de novo um amor pela terra que o subjugou.

Finalmente parou sobre um monte, do qual se avistava o vale onde o rei tinha construído seu lar. Entreabriu os olhos e, apesar da multidão de homens e armas, conseguiu imaginar uma cena de paz. Contemplou as ovelhas que pastavam e os patos que desfilavam. Uma égua passou correndo com um potro, e o ar tinha o cheiro de nascimento, da primavera.

Ela também amava a terra, pensou de repente. Tinha lutado com ferocidade por ela. Mas ele iria se impor, decidiu.

Nessa noite, Eric se surpreendeu ao ver que Rhiannon tinha decidido descer para o jantar.

Rowan não estava. Eric pensou que talvez Rhiannon soubesse da provocação, mas depois mudou de opinião; ninguém tinha contado, porque seus olhos, cor de prata brilhante, ao encontrar—se com os dele, destilavam tal aborrecimento que adivinhou que a jovem não sentia nenhum medo, que não sabia nada do combate corpo a corpo que a honra exigia que se lutasse por ela.

Rhiannon não se sentou perto dele e tampouco se apresentou diante do rei. Na verdade, ignorou a ambos.

Estava formosa e parecia envolta em um estranho esplendor, porque caminhava com um orgulho e desprezo que negavam qualquer pecado de sua parte. Eric tinha suposto que evitaria a ele e ao rei. Entretanto, ela tinha decidido não fazê—lo. Era a mulher mais maravilhosa da sala, provavelmente de toda a Inglaterra, pensou Eric.



Usava um traje de cor azul suave, que harmonizava com seus olhos, embora não com o brilho de ódio e fúria que aparecia neles quando pousava a vista nele. Usava o cabelo preso, enrolado ao redor da cabeça, destacando desse modo os contornos suaves de seu pescoço e rosto. Caminhava como uma sáfide, bela, esbelta e ágil. Quando chegou o momento de sentar—se para o banquete, não se acomodou perto dele nem do rei, nem sequer de Alswitha, mas escolheu um lugar no final da mesa.

Ele, por sua vez, saudou—a, com uma fria inclinação de cabeça e a observou com uma mistura de diversão e curiosidade. No dia seguinte a entregariam às mulheres de uma congregação religiosa para assegurar que conservasse a virgindade até as bodas. Muitas mulheres em sua situação teriam fugido dessa reunião; ela não.

Ali estava, sozinha, condenada por muitos, mas majestosa diante de todos.

Eric esqueceu sua presença e conversou com o rei sobre o plano de ataque. Rollo falava com energia, como muitos dos homens do rei. Serviu—se uma interminável quantidade de pratos: codorna, ainda com as plumas, arenques, javali, veado assado. A cerveja e o aguamel corriam soltos pelas mesas. Quando ficou satisfeita, Alswitha se levantou e fez um gesto aos criados, os quais se apressaram a retirar os pratos.

—Em honra de nossas hóspedes —anunciou—, Padraic, senescal do grande Eric de Dubhlain.

Este se sentiu um tanto surpreso quando seu narrador irlandês se levantou e se dirigiu à parte posterior da sala, onde todos podiam vê—lo. O fogo que ardia atrás dele criava o ambiente adequado. Com clareza grandiosa e dramática, Padraic descreveu à família do avô de Eric. Falou com uma linguagem poética, belo e sedutor, dos reis irlandeses e das batalhas que lideraram entre si. Honrou à família Finnlaith, chegando por fim a Aed, que tinha unido os reis da Irlanda e casado a sua filha Erin com o nórdico Olaf o Lobo, para que a Irlanda pudesse encontrar a paz e fortalecer—se. Depois falou do próprio Eric, de suas viagens pelo mundo, sua defesa do reino de seu pai e as grandes batalha que tinha vencido.

Quando finalmente ficou em silêncio, os homens ergueram suas vozes em uma estridente aclamação. A Rainha enrubesceu de prazer, por que Alfredo estava contente, Eric assombrado e satisfeito, tinha gostado muito das histórias do narrador.



De repente, o alvoroço cessou e se fez silêncio. Eric ergueu os olhos, curioso, e observou que Rhiannon tinha tomado o lugar de Padraic diante do fogo. Soltou os cabelos, e os reflexos das chamas dançavam em seu vestido. Parecia uma visão de sensual beleza.

—Escutamos as narrações de nosso grande convidado nórdico e nos deleitamos muitíssimo. Damos as boas-vindas ao nosso aliado, e oxalá nós possamos entretê-lo com nosso relato saxão de sofrimentos, batalhas... e triunfos.

O fascinante tangido de um alaúde ressoou na sala. Rhiannon começou a balançar-se, e dava a impressão de que a música penetrava em suas extremidades, as movendo com deliciosa graça. Girava e girava. Jogou para trás a cabeça e levantou os braços, enquanto todos os homens a contemplavam em silêncio. Reinava um silêncio absoluto na sala, só quebrado pela melodia do alaúde, o suave crepitar do fogo e o delicado som dos pés da donzela ao pousar sobre o chão.

Teceu um feitiço; manteve todos extasiados. Parecia que as chamas diminuía sua intensidade e o ambiente escurecia, à exceção da sedutora e bela mulher.

Depois, começou a falar à medida que se movia. Cantava mais do que falava, e sua melodia era cativante. Ela também contou uma história; a história da Inglaterra.

Seu olhar se cravou em Eric com uma ousadia desafiadora e sarcástica.

—Meu relato foi tirado do Lindesfarne. Lindesfarne —repetiu docemente.

Não afastava os olhos de Eric, em silencioso desafio. Então ele compreendeu por que se apresentou essa noite. Tinha ido vingar-se, lutar contra ele.

—Narro a história de um lugar formoso, abençoado pela graça de Deus, a beleza e a paz. Lindesfarne... E narro a história dos selvagens que o invadiram, ferozes bárbaros.

Sorriu e começou a dançar de novo, girando, balançando-se graciosa e sedutoramente.

E nenhum homem da sala parecia capaz de falar nem de mover-se, quando ela iniciou seu maldito relato.

Eric não sabia se era capaz de mover-se. Escutaria sua história. E se ela queria batalha, batalha teria. Lindesfarne. Se não estava enganado, havia perigo na história que iria a contar. Alfredo a olhava com receio, apertando os dedos na cadeira. Mas não se moveu. Nenhum homem o fez.

Realmente, conto era perigoso. Ela era perigosa. Tinha o poder de enfeitiçar.



Capítulo 7

Respirava-se magia na sala, um profundo encantamento. Ela jogou um pó no fogo que ardia na enorme lareira, e este pareceu brilhar com cores especiais. A música continuava soando, etérea e hipnótica. Rhiannon estava banhada pelo estranho resplendor do fogo, e seus cabelos eram uma chama sedosa ao redor de seu corpo. E rebolava como Salomé para obter a cabeça de Batista.

—Lindesfarne!

Depois de pronunciar o nome, começou a descrever os monges que moravam nesse antiquíssimo e venerado monastério. Falou daquele tempo, e seu baile fluía para oferecer a imagem da paz do lugar. Depois sua voz se elevou, o som da música se tornou discordante e se produziu um ruído ensurdecedor no chão, como o de uma tormenta.

—E chegaram os raios, a chuva e os cruéis ventos para lhes avisar. O povo, assustado, perguntava— se de que maneira tinham ofendido a Deus, porque esse monastério, indefeso em uma ilha da costa da Northumbria, era o lugar de peregrinação mais sagrado de toda a Inglaterra. São Cutberto tinha vivido, trabalhado e sido abade ali no século anterior.

Corria o ano de 793 de Nosso Senhor, e de novo se ouviram os trovões.

Rhiannon girava e girava; uma exótica beldade envolta no feroz torvelinho de seus cabelos, no brilho prateado de seus olhos, no movimento sensual e leve de sua elegante e jovem figura. Depois permaneceu em silêncio um momento e caiu no chão, e o som de trovão aumentou e aumentou. De repente cessou.

De novo, ergueu a voz para contar que as hordas tinham assaltado Lindesfarne. Descreveu como se cometeram assassinatos com a espada, como haviam se coberto de sangue os campos, como as páginas dos livros tinham sido jogadas no eterno inferno dos pagãos que tinham chegado.



Interrompeu—se.

—Vikings, meus senhores. Não dinamarqueses. Noruegueses.

Estendeu os braços, brancos e formosos. Levantou—se lentamente. Não se ouvia nem um só murmúrio na sala. Eric não se moveu, embora soubesse que ela estava colocando em jogo suas últimas artimanhas para desacreditá—lo diante decseu anfitrião inglês. Rhiannon olhou-o nos olhos através da nebulosa da escuridão, e ele adivinhou que jamais o perdoaria por ter irrompido em sua vida e transformado seu destino.

Desejou levantar—se e golpeá—la, com fúria. Não acreditava que desejasse um derramamento de sangue. Aquela jovem desejava que ele sofresse por ser o que era: um viking. Não reconhecia nenhuma gota de seu sangue irlandês. Não importava para ela. Ele era viking, sem dúvida, e ela o tinha ofendido profundamente. Talvez achasse que ele não podia fazer nada. Se levantasse furioso, o sangue correria, porque seus homens não hesitariam em segui—lo. Ela relatava aquela história de barbáries para que todos os ingleses recordassem os saques que tinham sofrido e se unissem na vingança e no ódio.

Era muito atrevida. Eric percebeu que o rei estava furioso.

Entretanto, ela não tinha nada a temer no momento. A sala continuava em silêncio; todos os olhares estavam fixos nela. Seus cabelos formavam uma cascata de fogo dourado e vermelho que a emolduravam, e quando se deteve diante deles, aproveitando o dramático silêncio, estava incrivelmente formosa e magnífica, uma mulher pela qual qualquer homem morreria.

Bem, ela desejava que ele morresse, pensou Eric. Entretanto, ele não tinha a intenção de lhe dar essa satisfação. Rhiannon começou outra vez a mover—se e falar em voz baixa. Eric, ao contemplá—la com os olhos semicerrados, mediatando em sua cadeira junto ao rei, perguntou—se como ousava desafiar novamente Alfredo, quando já tinha sofrido por ofendê—lo. De repente, ela mudou tranquilamente o tema da história.

Apesar de sua irritação, Alfredo esperaria; não incitaria seus homens na sala. A jovem era esperta, perigosamente maliciosa, porque enquanto os homens a observavam, hipnotizados por sua incrível beleza e a estranha inocência que rodeava sua narração, desviou a história para o avô de Alfredo, seu pai e irmãos. Com palavras grandiloqüentes, relatou o maior desafio da vida do rei: a batalha com o dinamarquês Guthrum. Era o ano 878; os dinamarqueses tinham conquistado Northumbria,



tinham assassinado Edmundo de East Anglia e partiram para o sul para atacar Alfredo de Wessex. Apesar do poder do invasor, os saxões se negaram a aceitar a derrota, e as forças combatentes resistiram. Os galeses da Cornualha se aliaram aos dinamarqueses, e a situação era desesperadora. Mas os nobres e cidadãos de Devon atenderam ao chamado de Alfredo, dispostos a confiar seu destino ao rei de Wessex, o homem que tinha decidido conservar a independência de uma parte da Inglaterra. Travou-se a batalha de Ethandune, e não foram os saxões quem se viram obrigados a pedir um acordo, mas os invasores dinamarqueses. Guthrum jurou abandonar Wessex pela terra de Danelaw no norte. Foi batizado na fé cristã, mas a promessa viking se rompeu facilmente, e Guthrum ameaçou novamente os saxões.

Rhiannon ficou em silêncio. Levantou lentamente os braços, erguendo—os para o céu, elevando—se até formar uma graciosa linha. Depois, caiu teatralmente no chão e baixou a cabeça pouco a pouco, até permanecer imóvel. Por último, ergueu o queixo e os olhos para os presentes e exclamou:

—Salve, Alfredo, rei de Wessex!

Refulgiu o fogo e voltou a iluminar a sala. Depois de um instante de silêncio ressoou um ensurdecedor aplauso, e vários homens ergueram seus copos para o rei. Fez—se o silêncio.

A atuação tinha sido tão provocante e sedutora que todos tinham esquecido como havia iniciado, assim como o insulto que lançou contra os nórdicos. Todos os guerreiros de Eric, irlandeses, nórdicos e de diversas nacionalidades, como ele, ovacionaram—na encantados. Mas, pouco a pouco, recuperaram a memória, e os aplausos cessaram. Eric, reclinado em sua cadeira ao lado do rei, soube que todos o observavam, com expectativa. Pela honra, tinha que desafiá—la, a castigá—la de algum modo. Mas se batesse na jovem que acabava de elogiar com tanta eloquência o rei de Wessex, os mesmos homens que a tinham condenado por desobedecer a seu protetor se precipitariam violentamente para defendê—la. A moça o tinha colocado em uma situação muito perigosa; em silêncio jurou que, algum dia, a faria pagar sua astúcia.

Ela permanecia no chão, elegantemente envolta em suas roupas, ainda formosa em sua postura.

Seu olhar estava fixo em Eric, que percebeu em seus olhos o brilho prateado, o brilho felino.



Rhiannon conhecia exatamente as consequências do que tinha feito e saboreava seu triunfo sobre ele.

O príncipe irlandês ficou de pé, imponente, sobressaindo-se sobre os convidados, majestoso com sua capa com o brasão do lobo. Afastou—se da mesa e caminhou para a donzela. Não se ouvia nem o mais leve sussurro na sala. Quando ela o viu aproximar—se, uma sombra de receio substituiu a cintilação triunfal em seus olhos. Levantou—se rápida e agilmente, e Eric percebeu que não estava tão tranqüila como parecia, porque viu o palpar de seu pulso em sua suave e branca garganta e seus seios elevarem—se e baixar, agitadamente, com cada respiração.

Deteve—se diante dela, desenhou um sorriso em seus lábios e depois fez uma profunda inclinação. Não era isso o que ela esperava. Tinha certeza que ele perderia a calma e exigiria que se desculpasse, e o rei não poderia obrigá—la a fazê—lo porque não havia dito nada que não fosse verdade. A primeira incursão importante ocorreu em Lindesfarne, e foram os noruegueses quem saquearam e assolaram a Santa casa de são Cutberto. Ninguém podia negar, e aqueles que o recordavam certamente considerariam que o novo tratado era uma aliança ímpia.

O sorriso se alargou, e ela viu os músculos tensos em sua mandíbula. Olharam—se fixamente, e Rhiannon, que pouco antes tinha conseguido hipnotizar aos presentes, ficou presa ao olhar dele. Nenhum pó químico tocou o fogo, mas parecia que a sala escurecia e que eles estavam presos em uma estranha e resplandecente labareda. O ar pareceu crepitar, como uma tormenta, como se relampejassem raios sobre eles. Transcorreram segundos, que pareceram eternos, porque ela não podia afastar os olhos do letal poder dos olhos dele. Jogou a cabeça para trás e desejou desafiá—lo, prometendo—se que não tremeria diante do viking. Reinava um silêncio carregado de tensão entre eles. O fogo crepitou, subiu e dançou nas paredes e no interior de Rhiannon; não era fogo, compreendeu ela, mas o poder que ele irradiava. A pele dos braços de Eric, bronzeados, nus debaixo das dobras da capa, frisava—se com o ondular dos músculos a cada pequeno movimento. Ela percebeu a ardente determinação de sua força e sua selvagem segurança. Sentiu também um poder diferente que emanava dele; o de sua mente, e nesses instantes compreendeu que não tinha iniciado uma batalha com um tolo, mas com um homem que sempre refletia, julgava e pesava cuidadosamente suas opções.



Se ele decidisse que deveria se vingar, iria fazê-lo e, uma vez resolvido, não mudaria de opinião. Sempre estaria preparado para repelir todos seus ataques.

Eric continuou com os olhos cravados nos dela, que não titubeou, nem os desviou. Eric olhou por cima da jovem e falou com rei:

—Na verdade, Alfredo, me ofereceu a jóia mais bela da Saxonia. Supera os senescais do país de minha mãe e os bardos da Noruega, porque nenhum homem pode relatar uma história com voz tão melodiosa e com movimentos tão graciosos.

Agarrou—lhe a mão. Ela se deu conta muito tarde de que teria sido mais prudente retirá—la e sentiu seus finos dedos aprisionados na enorme e forte mão masculina. O príncipe esfregou lentamente o centro de sua palma com o polegar. Ela não pôde afastar os olhos dos dele.

O rei ficou de pé. A tensão continuava crepitando no ar, tangível como uma neblina, como o feroz calor que fundia a jovem e o viking, separando-os dos outros.

—Verdadeiramente é maravilhosa—prosseguiu Eric— Teria me erguido, ansioso por batalhar contra meus próprios antepassados, se não fossem agora fantasmas que vivem nos ventos. Asseguro, Alfredo de Wessex, que me seduziu. Esta formosa dama, este sopro de beleza com a qual me deu boas-vindas a sua terra, é tão deliciosa que me cativou.

Repentinamente, com tanta ferocidade que ela quase lançou um grito, Eric cravou seus dedos na mão dela. Seus olhos brilharam com verdadeiro fogo, com o selvagem frio dos ventos do norte, e então se voltou rapidamente para o rei, sem soltar a jovem.

—Bom Alfredo, estou tão apaixonado que não poderia esperar mais para fazê—la minha esposa. Jogaremos as sementes da discórdia ao passado, onde não possam germinar. Esqueçamos o que aconteceu e vamos selar nossa aliança aqui, neste momento. Eu nunca desonraria sua casa, mas não poderia viver outra noite sem desfrutar deste precioso pedaço de paz e boa vontade.

Rhiannon sentiu que o sangue congelava e não pôde encontrar a voz para protestar. Tinha obtido seu triunfo, sim, tinha saboreado seus momentos de vitória, mas ele os tinha arrebatado horrorosamente.

Alfredo estava carrancudo.

Da mesa se ergueu um rugido; soaram as risadas dos vikings e com elas, a ensurdecadora aprovação dos ingleses.



—Não! —murmurou ela.

A proposta do irlandês não era nem decente, nem apropriada. Certamente não podia celebrar uma cerimônia naquele momento. Era tarde, a lua já estava plena no céu; haviam trovões. Na manhã seguinte os homens partiriam, e ela teria um descanso.

Alfredo continuava com o cenho franzido. Alswitha lhe sussurrava no ouvido. Rhiannon estava certa de que a rainha lhe dizia que, se aceitasse, aprovaria uma prática pagã, não bodas cristãs.

—Não! —repetiu a jovem.

Tentou soltar—se, mas era impossível. Ele tinha sua mão agarrada como uma algema de ferro, implacável e inflexível. Contra sua vontade, Rhiannon estremeceu de medo. Quando ele a tocasse, faria—o sem nenhuma ternura. Ela o tinha contrariado várias vezes e sabia muito bem que qualquer homem a teria desprezado pela situação em que a tinha descoberto. Eric parecia um viking de verdade, um homem que não tinha carinho, mas sim lutava para obter o que desejava, apoderava—se brutalmente e logo o desprezava.

O rei vacilava.

—Isso não pode ser! —exclamou o pai Paul erguendo—se de um lado da mesa— Não pode fazê-lo aqui, neste momento.

—Iremos à igreja; ali reside Deus, não é assim, pai? —repôs Eric— Já foram as admoestações ao povo, e as bodas serão válida. Fui eu quem decidiu aceitar essa proposta, e agora exijo meus direitos.

Golpeou, com força, o peito com o punho e cravou teatralmente um joelho no chão, sem deixar de segurar fortemente Rhiannon. Inclinou a cabeça. Viu seus olhos e compreendeu que naquele gesto não havia humildade, mas uma pura e possante fúria.

—Diante de Deus combato pelo grande e nobre rei saxão, Alfredo de Wessex. Enfrento a morte com entusiasmo para servi—lo, mas esta noite vi a beleza de minha prometida, quero fazê—la minha esposa antes de partir para a luta.

Os noruegueses começaram a golpear a mesa com as jarras. Muitos estavam bêbados, como seus companheiros irlandeses.

E também muitos saxões estavam ébrios, pensou Rhiannon com amargura.



E essa foi sua perdição. O clamor se elevou. A moça observou o rei e por seu semblante deduziu que estava pesando as alternativas. No dia seguinte partiriam para expulsar Guthrum. Não podia pôr em perigo a camaradagem e boa vontade de todas suas forças. As bodas haviam sido adiadas a pedido do príncipe irlandês, que, compreendeu o rei, acabava de agir do único modo possível para conseguir que a paz continuasse reinando entre os guerreiros. Rhiannon tinha envergonhado a todos, e o príncipe de Dubhlain tinha aceitado à noiva, apesar disso. Depois da jovem tentar humilhá-lo, ele ainda expressava seu desejo.

Ninguém, além dos mais íntimos, intuía a rápida atividade de sua mente, nem conhecia a magnitude de sua ira, porque seu domínio era imenso, sua raiva calculada e fria. Ninguém, além dos mais íntimos... e Rhiannon. O ruído da sala se tornou mais estrepitoso, até transformar—se em um estrondo que fez Rhiannon imaginar que tudo explodia ao redor.

—Assim seja, então! —O rei falou, por fim—. As bodas se celebrarão imediatamente.

Todos aclamaram a decisão. Rollo ficou de pé, erguendo seu copo.

— As bodas. Vamos comer, beber e nos divertir, enquanto a noiva se prepara!

A luz iluminava as feições do rei. Não lhe agradava a apressada cerimônia, mas se via obrigado a aceitá—la.

Rhiannon sentiu que seus dedos estavam a ponto de quebrar. O viking a observava com uma glacial advertência nos olhos. Enquanto todos gritavam, lhe sussurrou, e ela ouviu claramente suas palavras.

—Sem mais problemas, senhora. Sem mais oposição. Preocupa-se tão pouco com esses homens que deseja que sejam massacrados?

—Não!

Ele levantou o braço, assinalando toda a sala.

—Estes irlandeses, estes ingleses, estes noruegueses estão treinados para a guerra. Os corações e mentes podem mudar muito facilmente, e nesta sociedade cada insulto deve ser vingado. Fiz o que era preciso. Agora representará o final deste drama que interpretou.

Ela lutou, mas não pôde libertar sua mão. Várias mulheres se aproximaram dela. Pelo visto, estava destinada a ser vestida para as bodas, apesar da cena que Eric de Dubhlain tinha presenciado em sua chegada a Wareham.



Pensou na pressão dos dedos do viking sobre os dela e se sentiu fraca. Ele parecia feito de bronze e aço; nenhum homem seria capaz de vencê-lo em um combate corpo a corpo, e certamente nenhuma mulher. Seu ódio por ela era imenso, e sua ira aterradora.

—Não deseja fazer isto! —apressou—se a dizer Rhiannon—. Sei que não quer se casar comigo. Impeça que isto aconteça, pode fazê-lo! —Observou que suas mandíbulas continuavam apertadas e seus olhos frios e severos. Desesperada, provocou—o.

— E seus temores de que esteja grávida de outro homem? Os médicos se enganam, às vezes. Talvez eu o tenha traído. Impeça este matrimônio agora e eu ficarei com as irmãs santas e..

—E rezará para que eu morra na batalha, não duvido. Senhora, não importa. Não esqueci nada. Não guardo temores respeito de sua honra.

—Viu—me no bosque.

—É uma estúpida ao me recordar disso - disse, com voz tão suave e arrepiante que foi como se uma adaga fria lhe percorresse a coluna— Sempre disse, minha lady, que eu levaria as rédeas em minha casa. Posso descobrir facilmente o que se encarregou de averiguar o médico. E se houver enganado à casa de Wessex e estiver grávida, então terá esse filho. —Seus olhos se iluminaram, e sua voz se tornou rouca. Ela não conseguiu discernir se zombava dela ou falava a sério— Esta noite me mostrou seu enorme conhecimento do povo norueguês. Ah, ou são os vikings que conhece tão bem? Não importa, eu falarei sobre essa gente. Nega—se a reconhecer meu sangue irlandês e me considerar cristão. Assim, devo pensar como um pagão, como viking. E no norte, quando nasce um filho indesejado, o assunto se soluciona, muitas vezes, de forma muito fácil. Simplesmente se joga o bebê na neve, e os deuses de Hel vem buscá-lo.

—Mataria um bebê inocente?

—Simplesmente acabo de explicar o que se faz no norte. Talvez possa aproveitar esta informação para sua próxima sessão de relatos dramáticos.

—Mas...

Ficou olhando—o com perplexidade, sem saber o que dizer. Ainda se erguiam as chamas atrás deles. Suas pernas fraquejaram, e pareceu que uma terrível sensação de calor os rodeava, somente a eles. Desejou golpeá-lo, feri-lo, mas sentiu medo de tocá-lo, porque o fogo se apoderaria dela; não conseguia compreender essa sensação.



Não havia homem a quem odiasse com mais intensidade, e entretanto jamais em sua vida nenhum homem a tinha afetado tão profundamente. Era como se entre eles se descarregassem violentas tormentas. O coração pulsava enlouquecido, e lhe custava respirar. Notava a ira do viking e o odiava mortalmente. Mais que tudo no mundo, temia a noite que a aguardava.

—Aborrecerei você até a eternidade — jurou. Ele sorriu e fez uma rígida reverência.

—Pelas salas do Valhalla, milady, convido você a fazê—lo. Entretanto, não conseguirá impedir que se celebrem as bodas... nem se liberar do leito nupcial esta noite. Começou a afastar—se.

—Espere! —exclamou ela, e ele se apressou a retornar ao seu lado— Jogaria na neve seu próprio filho para que morresse? Jamais saberá, se... se...! —balbuciou.

—Se me deitar contigo esta noite? —perguntou ele— Senhora, tem mais dificuldade para as palavras íntimas que para os atos íntimos. Referia-se a isso?

—Sim! —respondeu ela, furiosa—. Se deitar comigo, jamais saberá de quem é o filho.

—Enfim, já sabe que tenho sangue viking —disse ele— A violação e o assassinato são meu legado. Estou resolvido a passá—lo bem, senhora, não tema.

—Mas...

—Não há mais nada, milady. Seja qual seja a verdade, vou descobrir.

—Não, espere, escute. Não sou uma esposa adequada. Dormi não somente com Rowan, mas também com uma longa lista de amantes.

Tão grande era seu terror que quase não se dava conta das tolices que estava balbuciando. Subitamente, ele a apertou contra seu peito, e ela deixou escapar um suave gemido de surpresa e dor. Viu—se obrigada a jogar a cabeça para trás, sentindo retumbar seu coração contra a dureza do torso masculino.

—Basta, milady, basta. Nosso matrimônio se consumará esta noite. E nem pense em nos pôr em ridículo frente a todos na igreja, porque minha paciência está se esgotando. E se realmente sabe algo sobre a vingança viking, não se atreva a pô—la a prova!

Custava—lhe respirar. Sentia a vigorosa força das pernas masculinas, a vibrante energia de seus braços, o poder de seus olhos.

Sentiu vivamente o tato sobre a pele nua de seus braços e estremeceu, consciente de que muito em breve ele teria todo o direito de possuí—la e usá—la como lhe desse a vontade.



Rhiannon tinha a impressão de que era arrastada por um vento intenso e tempestuoso contra o qual não podia lutar. Aterrada, observou as mãos do homem, vigorosas, com dedos muito compridos e formosos. Perguntou—se se essas mãos teriam tratado com amabilidade uma mulher algum dia, e começou a tremer de novo porque sabia que ele jamais a trataria amavelmente. De repente, compreendeu que seu destino tinha sido entregue aquele viking, até o fim de seus dias pertenceria a esse implacável gigante dourado.

—Por favor! —murmurou desesperada—. Pense! Não pode concordar com isso! Teremos longos anos...

—Senhora, sim, temos longos anos pela frente. E começam esta noite.

Soltou—a bruscamente, voltou—se e se afastou. As criadas, que aguardavam a uma discreta distância, aproximaram—se para escoltá—la até o solar das mulheres.

Enquanto a banhavam e vestiam para as bodas com esmero e delicadeza ela somente queria prostar-se de joelhos, golpear o peito e arrancar os cabelos como uma louca. Imaginou a cena, e suspeitou que o viking irlandês prosseguiria com a cerimônia, apesar de tudo. Ele desejava algo... e ela era parte de seu desejo, isso era tudo.

Alswitha lhe escovou o cabelo enquanto as outras mulheres, ajoelhadas a seus pés, arrumavam—lhe a cauda do vestido. A Rainha tinha servido vinho para acalmá-la. Rhiannon não demorou para descobrir que a jarra que lhe tinham entregue continha algo mais que vinho. Alegrou—se, porque de repente deixou de tremer e, embora seus sonhos de redenção continuassem, tranqüilizou—se; talvez porque tinham ministrado algum sedativo a bebida.

Podia caminhar pelo corredor da igreja e negar—se a pronunciar as palavras. Podia esperar até estar diante do altar e então rejeitá-lo. De qualquer forma, ele insistiria que a cerimônia fosse celebrada, e todos os presentes ignorariam suas palavras, se estas não fossem as esperadas. Os matrimônios eram tratados assim, e o seu não seria uma exceção. Ninguém se compadeceria dela, nem sequer Alswitha, porque esta tinha pertencido à casa de Mercia, e seu matrimônio com Alfredo tinha sido de conveniência. Era uma sorte que, com os anos, tivessem chegado a amar—se. Sabia que o casal tinha atravessado períodos difíceis, porque a Rainha tinha descoberto que o rei era, algumas vezes, cruel, em vez de bom e piedoso, e uma vez o tinha condenado com veemência por sua natureza rancorosa.



À medida que o tempo passava, menos importava o que estava acontecendo. Depois de uma hora, estava calada, quieta e elegantemente formosa com a túnica tão primorosamente confeccionada para a ocasião. Seus cabelos brilhavam como cobre fundido, e lhe tinham perfumado a pele com água de rosas. Não protestou quando a tiraram da casa e a conduziram pelo pátio para a igreja. Parecia séria, consciente da solenidade da ocasião.

Fosse qual fosse a poção que a Rainha tinha lhe dado, foi um presente celestial porque caminhava com a cabeça erguida e a dignidade intacta. Embora detestasse o rei, não discutiu quando lhe agarrou o braço. Também desprezava o viking, apesar de se vestir como um irlandês, e a esperasse diante do altar com expressão tão séria como a sua. Ao vê-la, desenhou-se um ligeiro sorriso em seus lábios e um brilho de curiosidade iluminou seus olhos.

Teve que admitir que o príncipe estava magnífico. Devido a sua estatura, destacava-se entre os homens, e sua cabeça, brilhante e dourada, sobressaía-se sobre as demais. Seus olhos eram penetrantes; nenhum homem podia lhe ocultar a verdade. Seu rosto era belo e orgulhoso; um noivo sedutor.

Era dourado porque era viking, recordou-se, e forte e poderoso porque gostava da luta, de semear a morte.

O pai Paul estava falando. Rhiannon sentiu a mão do rei. Quando a entregou ao viking, ela se sobressaltou porque sua pele a queimou.

Olhou ao redor e viu a multidão de rostos que a rodeavam, compatriotas dela e dele; o rosto de Alswitha, o do rei, Allen, William, e os vikings e irlandeses vestidos com estranhas vestes. Um rosto lhe chamou a atenção, e quase sorriu porque pertencia a um homem tão velho que tinha a pele muito enrugada e curtida como couro, e uma barba que lhe chegava quase até o chão. Ele a observava com uma curiosa expressão bondosa. Seu coração deu um salto, quando lhe devolveu o olhar. Quase sem dar-se conta, sorriu, e ele assentiu como uma estranha saudação.

O pai Paul pigarreou várias vezes. Falava da fé cristã e da importância do sacramento do matrimônio. Certamente para o viking o sermão pareceria muito longo.

—Continue com a cerimônia, homem! —interrompeu.

Então pediram a Rhiannon que promettesse que o honraria como seu marido e lhe obedeceria.

—Honrar? Obedecer? A um viking? Oh, vamos, me nego! —disse ela muito docemente.



Fez—se um silêncio longo e mortal. A moça sentiu que a giravam e apertavam com força contra a capa carmesim com o emblema de um lobo. O noivo lhe tocou a bochecha, não com suavidade, mas também não com rudeza. Sentiu sobretudo o poder cobalto de seu olhar.

—Senhora, honrará—me, juro, e me obedecerá. —Olhou ao pai Paul— Continue.

A cerimônia prosseguiu. Ninguém esperou as respostas da jovem. Em seguida foi declarada esposa de Eric de Dubhlain.

Embora tenham sido bodas cristãs, terminou com um coro de gracejos e provocações pagãs. Seu marido a agarrou em seus braços, e durante um instante sentiu de novo seu olhar e logo seus lábios, fortemente apertados contra os dela.

Pensou em resistir. Pousou as palmas sobre o peito do príncipe para afastá-lo, mas foi inútil; desejou virar a cabeça, mas não pôde porque ele havia afundado os dedos em seu cabelo, imobilizando—a sem piedade. Não foi um beijo fugaz, um simples roçar. Eric a avassalou com a mestria de seu beijo. Acariciou—lhe com a língua os lábios e a obrigou a abri—los. Ela sentiu que a consumia. Introduziu decididamente a língua nas curvas de sua boca e a possuiu. Pressionou para que separasse mais os lábios e a encheu com a ardente exigência de sua boca e sua língua. Quando ela conseguiu respirar, percebeu seu aroma, limpo e masculino, perigosamente masculino. Tratou de libertar—se, mas os braços dele eram muito fortes, seu beijo muito potente, uma invasão lenta, segura e completa de sua boca, saboreando, afundando, explorando e exigindo com tal insinuação que despertou nela um violento ardor, como se lhe cravassem uma flecha até o ventre. Presa na subjugadora força e intimidade do beijo, quando subitamente ele a soltou.

Rhiannon teria caído se ele não a tivesse amparado pelo braço. Olhou o estranho fogo azul dos olhos de Eric e tocou os lábios inchados com dedos trêmulos.

Os presentes continuavam gritando, entoando cânticos pagãos, cujo volume aumentava cada vez mais. Os homens começaram a dar cordiais palmadas nas costas de Eric; Alswitha e muitas esposas dos nobres ingleses se aproximaram de Rhiannon para beijá—la na bochecha. Ainda experimentava aquela doce sensação de atordoamento, assim como o horrível e inquietante calor produzido pelo beijo.

Quando ele a tocava, ela o desprezava. Recordava a infâmia que tinha caído sobre ela e o que ele era por nascimento, e por escolha. Mas também percebia que quando ele a tocava, ela ardia.



Sentia—se como um animal enjaulado; desesperada, desejando libertar—se das grades e barreiras invisíveis.

Ele desapareceu de sua vista, e as mulheres a rodearam e escoltaram pelo corredor. Os guerreiros a abraçavam e beijavam na bochecha, alegres e buliçosos, ébrios de vinho, cerveja e do entusiasmo da noite.

Depois saíram da igreja para o fresco ar primaveril. Então se ouviram risadas, tanger de alaúdes e um lento e cativante rufar de tambores.

De repente, sob a lua, iniciou—se o baile, e ela foi obrigada a participar dele. Corria o vinho, agora em chifres vikings, e quando lhe ofereceram um deles, Rhiannon bebeu todo o conteúdo.

Não soube para onde a conduziam até que se encontrou em uma das pequenas dependências separadas da casa do rei. Tratava—se de um pequeno aposento, onde havia uma cama grande com lençóis novos, grandes almofadões de penas e cortinas de gaze. Ao ver o leito, a moça empalideceu e ficou paralisada. As mulheres que estavam com ela começaram a rir e comentar suas noites de bodas. Uma delas perguntou em voz alta se o bonito guerreiro viking estaria tão bem dotado abaixo da cintura como nos ombros, enquanto as outras davam risadas maliciosas.

Tiraram suas roupas. Ficou nua por alguns segundos e depois lhe puseram uma camisola quase transparente. Fechou os olhos, sentindo—se mais nua e vulnerável do que nunca. A camisola não ocultava nada, ma ressaltava as sombras das curvas de seu corpo. O doce atordoamento que sentia durante as bodas se dissipava. A Rainha não estava entre as mulheres, e Rhiannon desejou vê—la, suplicar que lhe servisse mais poção para poder suportar o horror da noite que a aguardava.

De repente se fez o silêncio. As mulheres se calaram. Rhiannon se voltou, embelezada com sua camisola, e viu que ele estava de pé na soleira da porta.

Eric teve que agachar—se para entrar no aposento. Atrás dele havia homens, animando com voz pastosa o recém casado. Rhiannon sentiu, como antes naquela noite, junto ao fogo, que o mundo conhecido desaparecia e que entrava em um lugar povoado de magos, druidas e deuses. O mundo inteiro desapareceu, e ela só via o viking. O coração retumbava porque estava assustada, mas se sentia viva, abrasada pelo fogo azul de seu olhar. Odiava—o, sim. E ali estava ele, indomável, sempre majestoso como um deus. Rhiannon não tinha conseguido apagá-lo de sua mente desde a primeira vez em que o viu. E agora era sua esposa; certamente não para ser amada, mas para ser possuída.



Eric a observou e ela sentiu que seu olhar a percorria como uma labareda e penetrava em seu ser. Os homens que estavam atrás do príncipe irlandês ficaram em silêncio.

—Boa noite, amigos —disse ele sem voltar—se. Ninguém se moveu. Eric olhou intencionalmente às mulheres, que não fizeram menção de sair. Todos pareciam estar pasmos, dominados por um temor reverencial por ele.

—Saiam! —ordenou.

Avançou um passo. Uma mulher gritou e depois todas abandonaram o aposento e seguiram os homens de Eric.

A porta se fechou atrás deles. Durante vários segundos se ouviram as risadas e cochichos dos convidados ; depois, silêncio. O mundo desapareceu.

Só existia o viking.

Com as mãos apoiadas nos quadris, ele esboçou um sorriso tão glacial como a cor de seus olhos.

Ela jurou, em silêncio, que não demonstraria o medo que sentia. Prometeu—se que o desprezaria com orgulho e dignidade, acontecesse o que acontecesse. Entretanto, aquele sorriso a aterrorizava. Sem deixar de observá—la, Eric tirou a capa e a largou sobre uma cadeira, com graça e resolução. Ela começou a tremer apesar de sua determinação. Desejou que Alswitha tivesse lhe dado mais um pouco da milagrosa poção.

—Senhora... esposa! —murmurou ele.

Eric tirou o cinturão que segurava sua espada e o deixou cair descuidadamente no chão.

Rhiannon perdeu a coragem ao ver a expressão zombadora de seus olhos e seus musculosos braços nus. Então Eric deu um passo para ela, e a jovem observou que seu sorriso era implacável.

Escapou-lhe um gemido. Já tinha desaparecido por completo aquele doce embotamento dos sentidos, e o pânico se apoderou dela, eletrizando todo seu ser. Compreendeu, quando já era muito tarde, que o tinha provocado demais. Tinha lutado contra ele, tinha—o ferido, traído, e feito o possível para desacreditá—lo perante sua família e amigos. Sim, tinha provocado demais ao viking.

«Maldita seja a valentia —pensou—. Malditos o orgulho, a honra, e Wessex.» Só desejava fugir, não importava para onde.

Ele deu outro passo para ela. Rhiannon lançou um grito e pôs—se a correr pelo quarto, decidida a passar como um raio junto a ele e procurar refúgio na escuridão da noite.



Mas não conseguiu escapar. Ele a agarrou pelos cabelos e a atraiu para si, como se fosse uma marionete. Ela sentiu o impacto de seu corpo como um açoite, e o furioso vento de seu fôlego contra a suavidade de sua bochecha.

—Ah, senhora! Pensa que vai me evitar esta noite? Não, acredito que não. O ajuste de contas é meu, finalmente!

Rodeando—a pela cintura, levantou—a sem esforço, apertando—a contra si. Seus olhos a perfuraram com suas adagas de gelo.

Depois a jogou com força sobre o limpo e branco leito conjugal.



Aturdida, Rhiannon tentou recuperar o fôlego e durante vários segundos permaneceu imóvel, quase incapaz de pensar. Ele sorriu com os olhos entreabertos; nesse fugaz instante ela compreendeu que ele lembrava, com clareza, todas as feridas que lhe tinha imposto; da mortífera chuva de flechas até o insulto de seu encontro com Rowan. Observou—o aniquilada, trêmula, enquanto ele continuava despindo—se sem deixar de olhá—la com aqueles olhos frios, azuis e transbordantes de vida. Meias, túnicas e a fina camisa de linho abandonaram seu corpo e caíram no chão. E ela era incapaz de mover—se; de fato mal podia respirar.

As chamas iluminavam os músculos dos ombros e do peito de Eric. O peito aparecia coberto por pêlos dourados, e os tendões pareciam talhados em ouro e bronze à luz da lareira. Rhiannon cravou seus olhos nele, mas os desviou e estremeceu. O pêlo dourado de seu peito se estreitava na cintura e continuava para baixo, formando um tapete masculino para seu sexo. Olhou o pênis, e lhe secou a garganta. Desejou gritar, negar—se, desaparecer. Cada vez mais aterrada, voltou a olhar seus olhos e se sobressaltou ao perceber neles uma cruel zombaria e um inflexível orgulho. O homem possuía uma beleza selvagem e estranha; apreciava seu porte, a maneira de erguer sua cabeça e até mesmo o abrasador escárnio de seus olhos; a graça ágil, felina de seu repentino movimento ao aproximar—se dela.

—Uma noite memorável, minha querida... esposa.

—Não! —murmurou ela.

Com um salto, ficou de joelhos, aflita e aterrada, porque estava certa que ele pretendia vingar—se da maneira mais brutal. Não podia permanecer quieta esperando ver que tortura se propunha a



Infligir-lhe. Tentou saltar da cama, mas ele a deteve, agarrando—a pelos ombros e voltou a estendê—la sobre os lençóis. Sem piedade nem esforço, colocou-se sobre ela e a imobilizou, as mãos aprisionando suas coxas. Rhiannon não opôs resistência, consciente de que a força dele era muito superior. Gotas ardentes de suor deslizaram por suas costas quando ele a tocou com suas mãos ousadas e duras, quando sentiu seu olhar, como uma adaga que a perfurou e se cravou em sua alma.

—O que faço primeiro? —perguntou ele— Devo bater em você ou violá-la?

—Solte-me...

Conseguiu libertar as mãos, mas ele as aprisionou novamente, pressionando-as ao lados de seu rosto e inclinando—se sobre ela. O fôlego de Eric lhe acariciou os lábios. Sentiu—se tomada por seu aroma, atrativamente masculino e tão excitante como seu contato. O viking lhe sussurrou, e sua barba roçou sua pele:

—Ai, senhora! Houve um tempo em que pensei tratá-la com delicadeza. Demonstrar-lhe, milady, de qualquer forma, que sou produto de uma lei mais antiga que qualquer norma inglesa. Queria ser o modelo de cavalheiro, senhora, lhe mostrar o lado mais amável de meu sexo.

Rhiannon ignorava para onde conduziriam suas brincadeiras, pronunciadas com um tom que não era absolutamente terno. O corpo masculino a fazia arder. Mesmo enquanto o escutava era consciente de sua esplêndida figura, da força de seu corpo sobre ela, do abrasador membro viril que descansava sobre a gaze de sua camisola, ofendendo—a mais que qualquer palavra que ele dissesse. Não teria se importado de morrer para escapar dele, dessa íntima agitação de seu corpo e do terrível desprezo de sua voz, que transformava em zombaria suas palavras. Não desejava sentir o suave roçar de sua barba, não podia suportar a vibração de seu peito ao mover—se, contraindo seus músculos sobre ela.

—Por favor —gemeu.

Uma névoa a envolveu. Desejou perder os sentidos e entrar em um mundo alheio, onde soubesse que ele não a destroçaria, monstruoso e cruel.

Morreria, pensou; ele a mataria.

—Ah, sim, houve um tempo em que me propus a ser amável. Lançou-me suas flechas, lutou contra mim como uma tigresa, e mesmo assim, estava disposto a acreditar em sua inocência. Mesmo quando a surpreendi, já prometida a mim, com seu amante no bosque, tentei compreender.



Mas quando dançou, senhora, quando cantou com tanta eloquência, atormentou minha alma e meu coração. E pensei nesses longínquos antepassados meus que atacaram e saquearam com tanta crueldade. Pensei nos gritos de batalha, na sede de sangue e na tenebrosa necessidade de violar que nasce em nós. Rhiannon...

Pronunciou seu nome em um sussurro; talvez até mesmo com ternura. Poderia ter sido só uma longínqua onda do mar ou o ávido crepitar de uma chama agitada pelo vento.

Então ele se levantou sem soltá-la e a arrastou até a lareira, onde a deixou de pé diante do fogo.

—Chamou-me de bárbaro! Fez surgir em mim o lado primitivo e cruel de minha natureza. Vi você em toda sua nudez gloriosa. Vi como se despia para seu amante, como a mais experiente rameira, e depois seus movimentos quando dançava. Contemplei o sinuoso rebolado de seus quadris e o sensual agitar de seus seios, e pulsou em mim a sede de sangue até que não pude suportar mais. Então soube que devia me comportar como fizeram meus antepassados: de um modo brutal, cruel, ávido...

Ao ouvir aquelas últimas palavras, murmuradas com um tom rouco, assustador e apaixonado, Rhiannon recuperou a coragem.

—Não!

Desesperada, deu um puxão e se soltou. Mas em seguida, descobriu que não tinha ganhado a batalha. Ele a tinha libertado para voltar a agarrá-la, puxando-a para si. Eric deslizou os dedos pela por seus seios, enquanto rasgava o tecido da camisola. Rhiannon tentou, desesperadamente, juntar as partes rasgadas, mas ele não permitiu-lhe cobrir-se. Sem piedade alguma, rasgou o resto da gaze, arrancando-lhe a camisola pelos ombros. Ela o amaldiçoou e tentou golpeá-lo, mas ele a impediu e lançou-a sobre a cama, desta vez nua. Frenética, tentou aplacá-lo:

—Não é um bárbaro! É irlandês, é cristão. Eu estive enganada a respeito de você desde o começo. Agora descobro que é amável.

—Considera-me amável? Ah, não, senhora, pense bem! —trovejou ele e caiu sobre ela.

Ela percebeu todas as nuances de seu corpo guerreiro, porque ele se encarregou de que as notasse. Roçou-lhe os lábios com os seus, e ela se remexeu, histérica. Já não desejava acalmá-lo.

—Besta! Maldito lobo! Maldito cão!



—Ah, suas palavras avivam a chama, minha incrível beldade! Estamos governados pela paixão e a luxúria; nada mais.

Enlouquecida, tentou golpeá-lo, mas ele aprisionou as mãos sob o corpo da moça. Ela continuou amaldiçoando-o; porque era a única coisa que podia fazer para vencer o medo.

—Um lobo, um cão, uma besta selvagem! —Eric repetiu os insultos que ela tinha dito —. O que pretendia despertar em mim, quando dançou esta noite, milady?

Ela ficou quieta, temerosa de responder. Seus olhos a observaram com uma estranha força, tão poderosa como os músculos de seus braços e pernas. Seus lábios desenharam um severo sorriso. Eric acariciou-lhe os seios, cobrindo-os totalmente com as mãos. Rhiannon sacudiu a cabeça e fechou a boca para não gritar, quando ele começou a deslizar as mãos por seus suaves seios, acariciando-os, apertando os mamilos até que estes se endureceram e se transformaram em duras pontas. Sentiu horror e humilhação, porque seu corpo respondia às carícias. Desprezava esse homem, odiava-o profundamente. Mas o fogo continuava propagando-se por todo seu corpo e, embora desejasse gritar, não podia; somente conseguia permanecer estendida e rogar que seu rosto não delatasse sua confusão. Eric a observava como um falcão, olhando-a nos olhos e esperando sua reação.

Rhiannon lançou uma feroz maldição e se debateu, com fúria desenfreada. Somente conseguiu senti-lo mais firmemente instalado sobre ela, mais sedutor e íntimo. Notou seu pênis entre suas coxas, percebeu o ardor e o selvagem pulsar, e pensou que havia sido apanhada pela tempestade.

—Rhiannon...

Outra vez seu nome, esse suave e ardente crepitar de uma chama, sussurrado, levemente pronunciado. Ele moveu os polegares sobre seus mamilos e lhe acariciou os seios. Percorreu delicadamente com o dedo o vale entre os seios, e ela sentiu esse suave roçar como se fosse uma faca que lhe atravessava a carne.

—Ai de mim, sou um viking, um besta, como diz! Sou sua criação. Mas há mais; sua beleza, senhora, sua incrível beleza. Pretendia mostrar-me amável e terno. Tinha me resignado a sofrer suas ofensas em silêncio. Queria esquecer que tinha procurado os braços, e algo mais, de outro homem quando já era minha prometida. Desejava me afastar de você até depois da batalha, mas sua sedutora beleza me subjugou. Estou liderando uma batalha agora. Esses olhos! São a prata das estrelas da noite; brilham de paixão, suaves quando sorri, maliciosos e ardilosos, para em seguida, mostrar



uma expressão de doce inocência. E seu cabelo, vermelho como o fogo, dourado como o sol. E estes seios que acaricio, com cheiro de rosas, cheios e firmes. Sou um viking, como você diz, selvagem e brutal. E estou ardendo de desejo, senhora! Morro de vontade de entrar dentro de ti, te possuir com total e cega paixão.

O tom de sua voz era hipnotizador, seu corpo como o aço, e seus olhos como um fogo azul. Sua voz penetrava profundamente no interior de Rhiannon, que estremeceu de um modo que ele não pôde deixar de perceber. No rosto de Eric, sombrio e grave, desenhava-se um sorriso de desprezo.

Não podia ser tão covarde, pensou ela. Tinha sido capaz de participar de uma batalha sem sentir medo, sem experimentar essa sensação crua e trêmula. HorrORIZAVA—lhe o que ele provocava nela, o contato com aquele homem, as agradáveis e ardentes espirais que criavam aquelas mãos em seu interior. Não podia suportar o palpitar de seu protuberante membro, nem o calor de sua pele nua, nem o poder de seu corpo contra o dela.

—Acabe de uma vez! —exclamou—. Bate em mim, viole-me, faça o que quiser, mas acabe de uma vez.

Ele permaneceu absolutamente imóvel. Depois voltou a lhe acariciar os seios, deslizando a palma sobre eles de uma maneira que quase a fez gemer, pelo prazer recém descoberto que a mortificava mais que a pior das dores.

—Não —limitou—se a dizer Eric.

Depois, se ergueu e a observou.

—O que? —perguntou ela em um sussurro.

—Ah, Rhiannon! Não tenho a menor intenção de bater ou violar. É uma sedutora, minha senhora, e asseguro que esta noite despertou pensamentos selvagens em muitos homens, saxões, vikings e súditos de Dubhlain. A verdade, milady, é que, por mais bárbaro que seja, estou fazendo o maior esforços para tratá-la com violência.

E era verdade. Resmungou uma maldição, levantou—se da cama e começou a andar pelo quarto. Tinha planejado zombar dela, para vingar—se e depois lhe dar as costas e abandoná—la. Entretanto, não era fácil. Rhiannon era sua esposa e tinha aceso nele todos os fogos do inferno. Tinha todo os direitos sobre ela, e provavelmente merecia que a violasse como a mais brutal besta raivosa que tivesse pisado sobre a terra.

Não desejava que esperasse piedade dele; era uma lutadora intrépida, uma mulher muito perigosa,



e jamais devia questionar a fúria e a férrea determinação de seu marido.

Aquela jovem o obcecava, mesmo quando se encontrava junto a ela, quando olhava a incrível e prateada beleza de seus olhos. Não podia esquecer que a havia visto despir—se para seu amante. Talvez tivessem sido interrompidos antes de consumir o ato, mas ele tinha visto seus olhos brilhantes como as estrelas e seu rosto cheio de ternura.

Não a amava!, recordou—se. Ele não precisava dessa ternura. Também não desejava uma esposa que se encolhesse de medo cada vez que ele se aproximasse.

Na verdade, ela não se encolhia de medo. Jamais deixava de resistir, recordou—se, admirado e ao mesmo tempo, cansado. Com o canto do olho, viu que ela estava preparando—se para saltar de novo.

No preciso instante em que ela ia levantar—se, ele se aproximou da cama. Seus dedos se afundaram sem piedade nos cabelos da jovem.

—Não; não tente escapar. Ainda que fuja para os limites da terra, senhora, eu a encontraria e a arrastaria até aqui. Agora é minha, como a espada que carrego e o cavalo branco que monto.

—Ou seja, que para você, sou como um cavalo!

—Não, milady, porque o garanhão branco é uma boa montaria, e você ainda tem que demonstrar isso.

Ofendida, ergueu a mão e com surpreendente força, lhe deu uma bofetada que ressoou no silêncio do pequeno aposento. Rhiannon viu as marcas vermelhas que seus dedos tinham deixado no rosto do viking.

Sua reação a assustou mais que se ele houvesse devolvido o golpe. Eric não se moveu, nem mudou de expressão; na realidade, se ela não estivesse suficientemente perto para apreciar o furioso palpar da veia de seu pescoço, teria pensado que ele nem sequer havia sentido sua mão. Mas estava ao seu lado e começava a conhecê—lo, a interpretar o gelo que tomava conta de seus olhos, a perceber na rápida tensão de suas feições a raiva que não demonstrava de nenhuma outra maneira.

Acreditando que ia bater nela, tentou afastar—se, mas ele a agarrou, firmemente, pelos cabelos. Soluçando, lutou para libertar—se.

Seus seios nus roçaram o peito de Eric, que ao notar seus mamilos duros contra sua pele, e apesar de sua ira, ou talvez devido a ela, sentiu uma nova excitação. Intenso, rápido e compulsivo, seu



desejo de possuí—la superou o controle que se esforçava para conservar. Os lábios dela estavam muito perto dos dele.

—Senhora —murmurou—. Embora não deseje fazer mal, seja com violência ou com ternura, será minha esposa esta noite.

Ela o olhou nos olhos, com os lábios entreabertos e ressecados.

—Não!

—Sim.

Soltou—lhe os cabelos, cavou a mão em sua nuca e a estreitou contra si, estendendo—a novamente na cama. Rhiannan estremeceu debaixo dele.

Ele se deitou ao seu lado, colocando uma perna sobre suas coxas, sem deixar de olhá—la nos olhos. Ela não desviou o olhar.

—Disse que não ia me bater, nem me violar. Prometeu que...

—Na verdade, não prometi nada. Não; não baterei nem violarei.

—Mas pretende...

—Não será uma violação. Deixe de resistir. A batalha está perdida; já estava antes que viéssemos a este quarto nesta noite.

—Não —murmurou ela, negando com a cabeça.

Em seus olhos havia um brilho de desespero. Sabia que era inútil discutir. Ele sorriu e colocou a mão sob seu seio, sobre o coração, e sentiu os batimentos do coração. Abrangeu com seus dedos o seio, e ela, mesmo espantada, não protestou.

Rhiannon não se atrevia a protestar; de fato, tinha medo inclusive de mover—se. Desprezava—o, lembrou, desprezava—o de verdade. Seria seu inimigo até as portas do inferno, estava convencida. Entretanto, existia algo hipnotizador em sua arrogância e segurança. O viking sempre faria o que desejasse, sem importar as conseqüências. Havia algo em sua voz... algo cativante.

E em suas carícias. Estremeceu diante da certeza de que não podia escapar dele, nem de sua musculosa coxa, nem da força de seus braços, nem do magnético poder de seus olhos.

Baixou os olhos para a mão masculina que deslizava sobre sua pele. Odiava—o, e deveria detestar que ele pousasse suas mãos sobre ela, mas o que sentia era uma crescente fascinação, uma excitação que lhe percorria o corpo inteiro. Era como se no mais profundo de seu ser, tivessem acendido um fogo lento. Descobriu que o fogo se originava no lugar onde a palma calosa lhe esfregava o mamilo, e de dali se estendia até as coxas e as curvas femininas.



—Por favor —murmurou. —Não quero.

—É uma mentirosa, Rhiannon —interrompeu e continuou acariciando—a.

A sensação era enlouquecedora; era perfeição, um sonho de perverso prazer.

—Mas...

Ele sorriu, zombador.

—Chega de protestos! Não sou monge, e não viverei como tal. E você não é uma esposa doce e terna. De qualquer forma, logo saberemos a verdade sobre seu encontro com Rowan no bosque. Não tem nada a temer. Embora você me chame bárbaro, seria incapaz de fazer mal a um bebê inocente. Se levar a semente de outro homem, a criança será destinada à igreja. Eu não mataria ao filho de nenhuma mulher, nem sequer o seu, milady.

—Não acredito.

Umedeceu os lábios. Suas objeções eram inúteis. Ele não demoraria para descobrir que ela não tinha se deitado com Rowan.

A proximidade de Rowan jamais a tinha feito experimentar o que sentia nesse momento. Amava—o, sim, mas seus beijos e carícias nunca tinham desencadeado nela esse fogo tão estranho e incrível que lhe provocava o homem a quem odiava.

Ele sorriu, e desta vez seu sorriso foi estranho, infantil, triste e nostálgico.

—Tenho nove irmãos vivos, senhora, seis irmãos e três irmãs. Minha mãe só perdeu um bebê e chorou por esse filho longa e desconsoladamente. Por mais bárbaro que seja, educaram—me na crença de que toda vida é sagrada, e especialmente a de uma criança. Juro que havia planejado lhe deixar sozinha esta noite. Sim, pensava em lhe atormentar e depois abandoná-la até que terminasse a batalha, até saber que havia ganhado a terra que Alfredo me cedeu. Acredito que nunca se deitou com seu amante, e já que você mesma provocou tudo isto, com toda amabilidade me encarregarei de que assuma as consequências de seus atos.

—Meus atos! —exclamou ela.

As chamas das velas piscavam, e a luz dançava sobre o rosto de Eric, envolvendo—o em um esplendor etéreo que lhe conferia um aspecto imponente e encantador. Assumir... isso? Jamais aceitaria esse desconhecido que a acariciava com tal descaramento, esse viking de cabelos e barba loiros, penetrantes olhos nórdicos e corpo robusto e musculoso. Falava—lhe com suavidade e parecia que tinha decidido não precipitar os acontecimentos, mas ela sentia seu ardor, o vigor de



seu membro viril, as chamas e a tensão que crepitavam entre eles. De novo, o medo se apoderou dela quando se deu conta de que permanecia quieta enquanto ele a tocava livremente. Cravou os dedos no braço de Eric, mas imediatamente compreendeu a inutilidade de sua ação, os músculos do homem eram como o aço.

Agarrou-lhe as mãos e as imobilizou, apertando-as contra o leito. Olhou—a com expressão ameaçadora.

—Teriam morrido muitos homens por culpa de suas temerárias provocações desta noite, senhora. As alianças são instáveis. Vim aqui para lutar por Alfredo porque acredito em sua causa e o considero um grande rei, comparável a Aed Finnlaith, meu avô, o Ard—RI. É prudente, piedoso e um guerreiro de valentia ilimitada. Vim aqui para conquistar terras e criar minha fortaleza, e não permitirei que nem você, nem ninguém destrua o que decidi.

Ele baixou a cabeça e, embora ela tentasse afastar o rosto, reclamou sua boca. Sua língua separou os lábios de Rhiannon e se introduziu, ardente, em sua boca. Parecia que ele se introduzia mais e mais em seu interior. Na luz das velas, ele se apoderava de seu coração e sua alma, os devolvia para arrebatá-la de novo. Resistiu a sua própria excitação. Desejou rebelar—se, afastar—se, mas não pôde; o beijo era tão enérgico e exigente que não teve outra alternativa a não ser corresponder. Ele retirou os lábios dos dela e voltou a beijá-la.

Quando por fim, abandonaram sua boca, os lábios de Eric deslizaram lentamente por uma bochecha até o lóbulo da orelha; a moça sentiu seu fôlego. Depois Eric desceu para seu pescoço. Seus olhares se encontraram. Solto-lhe as mãos para entrelaçar seus dedos com os dela. Rhiannon notava o áspero roçar do pêlo de suas pernas, o poder de seu corpo quando lhe separou os joelhos e se acomodou entre suas coxas.

Seu palpitante pênis repousava sobre ela. Deixou escapar um desesperado gemido.

Eric cobriu-lhe a boca com a sua para impedir as palavras de protesto. Depois, os lábios dele se dirigiram para o pescoço e se detiveram em uma delicada veia azul. A língua brincou sobre sua pele e seguiu baixando. A boca se fechou sobre um mamilo, e ela sufocou uma exclamação. Ele demorava, desenhando círculos com a língua ao redor do rosado mamilo, mordiscando—o. A mulher sussurrou e gemeu, frenética, sacudindo a cabeça. Tentou afastar—se, mas seus dedos seguiam entrelaçados. O corpo masculino era um cárcere de paixão, músculos e tendões que a rodeavam por completo.



Ele beijou o vale entre seus seios, para logo dedicar sua atenção ao outro seio. Aprisionou o mamilo com a boca, sugando e acendendo novos raios de fogo no interior dela. Saboreou—*a*, lambendo a auréola e depois todo o seio. E a carícia continuou descendendo.

O viking percorria seu ventre com os lábios, mordiscando brandamente a pele, banhando—*a* com a ardorosa umidade de sua língua. Eric pousou a mão sobre a coxa de sua esposa, cobrindo o suave e peludo monte. De repente, Rhiannon percebeu que tinha as mãos livres, que tinha afundado os dedos no cabelo dele. Puxou-lhe o cabelo, resistindo aquela intimidade, sussurrando um frenético protesto. Ele voltou a lhe agarrar as mãos para entrelaçar seus dedos. Olhou—*a* nos olhos com azul e audaz determinação e sorriu. Depois baixou novamente a cabeça.

Tinha as coxas separadas, porque ele estava entre elas. Remexeu—*se*, sufocada, e gemeu. Tentou libertar as mãos, mas ele não as soltou. A jovem compreendeu que não restava outra alternativa que deixar—*se* levar pela incrível e selvagem sensação que experimentava com sua língua. Os lábios de Eric a saboreavam, suaves, íntimos e rápido a princípio, invasores depois. Embora ainda se debatesse, pouco a pouco, se infiltrava dentro dela a paixão, o desejo... cada vez mais profundo. O fogo que as carícias do homem tinham aceso começou a arder com temível ferocidade. Rhiannon percebeu que se movia ritmicamente contra o viking; em algum momento, no meio da invasão, tinha deixado de resistir. Já não queria escapar dele, e sim saber para onde conduziam aquelas chamas que a consumiam.

Lentos estremecimentos cresceram em seu interior e sacudiram seu corpo. Um líquido meloso lhe correu pelas veias, serpenteando e fervendo em seu coração e suas vísceras. Depois pareceu que o mundo sumia, que as estrelas explodiam para extinguir a luz das velas, que tudo em seu ser se fundia em uma sensação de êxtase muito doce. Repentinamente, estava imóvel e sem fôlego, rodeada pela escuridão.

Então ele se colocou sobre ela.

— Seu amante te viu assim, algum dia? —sussurrou—*lhe* no ouvido—. Saboreou seus doces néctares com seu beijo? Ela abriu os olhos. Desapareceu a magia, e foi substituída pela raiva e a vergonha. Em vão, tentou golpeá-lo. Gritou, mas os lábios dele selaram os seus. Rhiannon sentiu como a mão masculina deslizava por sua coxa e depois o ardente calor e o vigor de seu membro, que a penetrava por fim.



Lançou um grito diante da repentina dor, mas o grito foi abafado com um beijo. Eric se deteve para que o corpo da mulher se acostumasse a sua invasão. Depois começou a mover—se. Ela acreditava que não conseguiria sobreviver, que a partiria em duas. Mas para seu assombro, a dor foi minguando lentamente, e à medida que diminuía, a paixão, a rigidez do sexo do homem, o ritmo seguro... todo isso voltava a acender as chamas que a acariciavam e lambiam, dançando por todo seu corpo e fazendo ferver seu sangue. Compreendeu que se aproximava novamente esse maravilhoso êxtase que a aterrava e exaltava, ao mesmo tempo; ele o provocava com cada ataque. Os dedos da moça se cravavam freneticamente nos ombros dele. Ela sentiu como seus músculos e tendões se esticaram sob suas mãos. Os dois estavam cobertos por uma capa de suor. A terra se movia e girava loucamente, enquanto prosseguia o rítmico movimento de seus corpos, enquanto ele a possuía e reclamava.

Eric jogou para trás a cabeça e deixou escapar um violento gemido. Os tendões de seu pescoço e os músculos de suas costas se esticaram. Então Rhiannon sentiu como derramava seu orgasmo e voltou a gozar da magia do êxtase. Raios de luz cintilaram sobre ela para logo se transformarem em escuridão; achou que estava desmaiando ou talvez tivesse morrido.

O viking se estendeu ao seu lado, libertando-a de seu peso, e a atraiu para si. Foi quando voltou a sentir a dor, a irritação entre as coxas. Remexeu—se nos braços de Eric e o golpeou ferozmente. Ele pôs—se a rir, ao ver sua fúria e agarrou—lhe as mãos, estreitando-a contra seu corpo.

—Bastardo.

—Um bastardo mais que satisfeito —disse ele com olhos zombadores— Pelo visto, seu encontro com seu noivo foi interrompido.

—Então, deixe-me em paz. Sua honra foi reparada. Fez o que queria, o que mais deseja? —exclamou ela.

—Que mais? Ah, desejo muito mais, muito mais. Desejo tudo o que estava disposta a entregar a ele.

—Jamais te darei nada.

—Ah, acredito que o fará —sorriu ele— Realmente,amor, acredito que o fará.



Capítulo 9

—Jamais, jamais, juro —exclamou Rhiannon com veemência— Só receberá de mim minhas orações para rogar que morra o quanto antes.

—Porque me odeia muito, senhora, ou porque goza comigo? —riu ele.

Ela resmungou uma maldição, em voz baixa. Ele a agarrou pelos ombros.

—Reze para pedir minha morte. É melhor que o faça, porque, se sobreviver a iminente batalha, acabará rogando por sua alma. Exigirei o que me corresponde. Exigirei tudo e terei, com violência se for preciso. Sempre terei o que me pertence. —Ela conseguiu libertar—se por fim, envolveu—se nas mantas e lhe deu as costas— Pelo visto, já começou a rezar para que morra na batalha.

Ela não replicou. Eric pôs uma mão em seu ombro. Ela estremeceu e se voltou para olhá—lo. Não era possível que ele pretendesse fazer amor novamente; mas poderia, se quisesse. Era sua noite de bodas.

Excitou—se ao pensar nisso. Desprezava—o só por ser o que era... ou talvez o odiasse mais ainda pelo que tinha provocado nela?

Não lhe daria mais, nunca. Seus olhos se arregalaram, alarmados, enquanto ele a observava, porque essa noite tinha aprendido uma lição: ele tinha o poder de dobrar sua vontade com suas carícias.

Ele não voltou a acariciá—la.

—Durma —sussurrou.

Um esplendor iluminou seus traços, e ela contemplou o misterioso magnetismo de seus olhos, os orgulhosos contornos de seu rosto, seu bigode e sua barba bem aparados, seus ombros largos e



fortes. Estremeceu. Ele a observou uns instantes mais e, repentinamente, afastou as mantas. Nu e tranqüilo, procurou sua espada.

Ela o observou com crescente temor. Viu que recolhia a espada e a olhava quase com amor para depois passar seus dedos pelo fio. Eric voltou e se encaminhou para a cama.

Algo ferveu no interior de Rhiannon; o terror à morte, o desejo de viver. O viking tinha mentido. Iria matá—la.

A mulher empalideceu e, quando ele se aproximou mais, deixou escapar um grito.

—Não! Não!

Ele se deteve e arqueou uma sobrancelha. A seguir começou a rir, divertido.

—Senhora, dado seu mau gênio, é possível que alguma vez tenha que lhe bater. Mas cortar o pescoço... não. Ainda não, pelo menos. —Subiu na cama e depositou a espada no chão, ao seu lado—. Nunca se sabe, em terras estranhas —murmurou.

Voltou—lhe as costas e se agasalhou com as mantas. Rhiannon ficou emocionado; tão grande era seu alívio que lhe causou perplexidade. Desejou saltar da cama e apagar as velas, porque desejava que a escuridão amparasse seu corpo e seus pensamentos. Como não se atreveu a fazê—lo, permaneceu quieta, esperando que a respiração dele se normalizasse. Ao ver a largura bronzeada dos ombros do viking, estremeceu.

Tinham—na casado com esse estranho demônio, essa besta que zombava de seu medo e que nesse momento, lhe dava as costas. Ela só desejava que morresse na batalha. Estava apaixonada por Rowan.

Não, não poderia estar apaixonada por Rowan depois que esse homem tinha lhe tocado. Desprezava—o por isso, sim, e entretanto estremecia e ardia por ele.

Engoliu a saliva, incapaz de suportar a visão daquelas costas e aqueles ombros bronzeados. Finalmente se ergueu e se aproximou do baú, aos pés da cama, onde ardiam as duas velas. Inclinou—se para apagar as chamas e se deteve quando seus olhos pousaram na espada. Podia agarrar a espada e lhe atravessar o coração. Então ele já não poderia feri—la, nem humilhá—la, não poderia voltar a reclamá—la como esposa.

Não. Sorriu com tristeza, desprezando—se porque jamais seria capaz de algo semelhante. Não podia erguer uma espada contra um homem adormecido, por mais que o odiasse.

—Bruxa!



A palavra soou como um grunhido furioso. Não tinha percebido que Eric havia se levantado, não o tinha ouvido nem respirar. Repentinamente, ele estava de pé, diante dela, atraindo—a para si, poderoso, enfurecido.

Ela conteve o fôlego aterrorizada, com a cabeça jogada para trás e sua delicada figura esmagada contra o duro corpo dele.

—Planejava me matar! Suas flechas falharam, então resolveu cortar o homem com o qual está casada!

—Contra minha vontade! —defendeu—se ela.

Não adiantaria explicar que havia sido incapaz de realizar o traiçoeiro ato. Tremeu, mas se obrigou a manter o queixo erguido.

Ele a levantou, estreitou—a entre seus braços, e ela sentiu vivamente sua nudez. Jogou—a sobre a cama, e desta vez não lhe deu as costas. Rodeou—a com o braço, bem apertada contra si, tanto que acendeu o ardor no corpo feminino.

E ela sentiu sua pele contra sua carne, palpitante, vibrante, viva.

—Durma! —disse ele—. Juro que se voltar a se mover, vou açoitá-la até te esfolar e depois demonstrarei que posso ser muito mais bárbaro e terrivelmente selvagem, se quiser.

Os olhos de Rhiannon se encheram de lágrimas. Obediente, permaneceu quieta, odiando o íntimo contato de seu corpo contra o dela.

Ficou acordada por várias horas. Não se voltou, nem se moveu, nem mudou de posição; quase nem pestanejou. Quando, por fim, fechou os olhos e o sonho se apoderou dela, inconscientemente se apertou contra ele.

Eric, por sua vez, continuava acordado. Contemplou à moça deitada junto a ele. Era bela. Seu corpo nu era verdadeiramente delicioso; seus seios voluptuosos, cheios e firmes, coroados por tentadores mamilos rosados que se endureciam ao seu contato; suas costas eram delicadas, seus quadris surgiam, exuberantes, da fina cintura que ele podia rodear com os dedos.

Ardia de raiva dela em seu interior. Apesar de sua ira, tinha tratado a moça com doçura, tinha alimentado o fogo que ondulava em seus olhos e seu espírito. Sabia que ela tinha desfrutado de um doce prazer no ato de amor, e entretanto se comportava como se a tivesse golpeado. Continuava rebelando—se contra ele, desafiando—o. Continuava sonhando com outro homem.

«A vida é feita de duras realidades», pensou. Ela devia aceitá-las; era sua esposa.



Tinha—lhe falado de brincadeira para envergonhá—la, mas havia dito a verdade. Eram inimigos acirrados e ela lutaria contra ele e o desprezaria todas as vezes que houvesse oportunidade.

Era uma ironia, porque quando deitaram juntos, Eric recordou o amor, a ternura, as agradáveis risadas, o desejo.

A paixão e o desejo que sentia eram tão fortes que tinha que controlar a besta selvagem que tinha em seu interior, o lobo que desejava uivar e possuir essa mulher. Não queria ternura; desejava possuí—la para logo afastá-la de si e conservar limpa a lembrança do amor. Apertou os dentes. Pelo visto, ela não reconhecia seu sangue irlandês. Só via o selvagem. «Pois então que seja», decidiu. Ele apagaria a febre que o consumia e se comportaria como o bárbaro que ela acreditava que era.

Fechou os olhos. Ao sentir a rigidez de seus seios, o fogo da paixão reacendeu-se dentro dele. Apertou as mandíbulas. Havia mandado que dormisse, mas não podia lhe permitir fazer isso neste momento.

Roçou seus lábios com os dela. Suas mãos acariciaram seus seios e soube que a visão de sua beleza o acompanharia na batalha e nas noites vazias que viriam. Pousou seus lábios sobre sua pele e saboreou o doce sal do suor de sua primeira união. Ela se reanimou e arqueou-se instintivamente ao receber sua carícia.

Então Eric a beijou nos lábios, alojando seu corpo entre suas coxas. Rhiannon abriu os olhos alarmada, no momento em que ele a penetrava com seu duro pênis. Era muito tarde para protestar. Rhiannon deixou escapar um gemido afogado, golpeou—lhe o peito, mas depois deslizou as mãos por seus ombros, arranhando-lhe os músculos com as unhas.

Ele afastou os lábios e a olhou. Ela ofegava, com os olhos fechados e os lábios entreabertos. Poderia haver—se negado, mas estava tomada pela sensualidade.

—É minha —sussurrou brandamente— É minha esposa. Lembre-se, nunca esqueça.

Depois começou a mover—se dentro dela.

Deu livre vazão a sua paixão e arrastou Rhiannon com ele. Talvez houvesse algo selvagem em seu desejo porque a montou com ritmo febril, e quando teve o orgasmo, parecia que expulsava a ira e a tensão junto com sua semente. Ela era dele, e nesse momento, saberia disso.

Sentiu—a esticar—se, estremecer e relaxar. Permaneceu em cima dela até que a jovem gritou indignada, lutando para livrar—se do peso do corpo dele.

Libertou—a, e ela se colocou longe de Eric.



Depois de um momento, Eric notou que cessava o movimento em seus ombros; dormiu de novo. Adormecida era toda inocência. Os longos cílios repousavam sobre suas bochechas, e seus cabelos eram um elegante matagal de chamas que lhe cobriam o corpo. Era muito jovem. Ao vê-la assim se armou de forças para resistir. Tentou recordar como a tinha visto despir—se para seu amante. Só lembrou-se da suave ondulação de suas costas e o belo rebolado de seus quadris. Era estranho que adormecida parecesse tão pura como a primeira neve de inverno e tão vulnerável e doce.

Apoiou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos. Ao amanhecer, iria encontrar—se com o amante de sua esposa. Tinha decidido que não queria matar o rapaz. Depois, todos partiriam e cavalgariam para combater contra Guthrum em Rochester. Precisava estar sempre alerta, e era preciso descansar.

Entretanto, não conseguia conciliar o sonho.

Ouviu—se o primeiro canto do galo e o céu adquiriu um tom avermelhado. Era hora de encontrar-se com Rowan.

Eric se levantou, vestiu—se rapidamente, amarrou o cinturão e embainhou Vingança.

Contemplou Rhiannon. Sob a luz da manhã, parecia mais inocente e bela do que nunca. Letalmente bela, pensou, e sentiu renascer a raiva contra ela. Por sua culpa talvez morresse o pobre e tolo rapaz, porque um duelo com espadas sempre podia ser mortal. Rollo o esperava fora do quarto, com o cavalo branco. Segurava nas mãos a armadura e o escudo de Eric. Não falaram nem trocaram nenhuma piada obscena. Depois de colocar a cota de malha, o elmo e a viseira, o príncipe de Dubhlain montou Alexander.

—O Rei está pronto?

—O rei, o rapaz Rowan e um bom número de ingleses nos aguardam no campo.

Eric se limitou a assentir.

—O que vai fazer? —perguntou Rollo.

—Matá-lo se precisar.

—Já lhe ocorreu que você pode morrer? —perguntou Rollo, sorrindo.

—Não, jamais, porque imaginar a morte é convidá-la. Além disso, tenho a vantagem porque o rapaz não lutou tantos anos quanto eu.

—Isto prejudicará a nossa relação com os saxões —comentou Rollo.



—Sim —concordou Eric— Mas é inevitável.

Chegaram ao campo onde, no dia anterior, tinham estado praticando a arte da guerra, onde tinha sido jogada e aceita a provocação. O rei se dirigiu para eles em seu cavalo, acompanhado por Rowan. Alfredo estava preocupado e visivelmente aborrecido; além de pálido, pensou Eric.

Era preciso que ocorresse o combate, não havia outra alternativa. O rei já lamentava a morte do jovem Rowan. Ninguém duvidava que a vitória seria de Eric.

Detiveram—se. O rei ergueu a mão.

—Só com as espadas —anunciou— Atacarão montados a cavalo, e quando um cair, o combate prosseguirá no chão.

Eric assentiu, e também Rowan, pálido mas decidido. O viking baixou a viseira sobre o elmo, e só apareceram seus olhos, fogo e gelo, atrás da máscara prateada. O garanhão branco se ergueu e relinchou. Outros retrocederam, e Eric cavalgou para o ponto de partida. Soou um corno; os homens iriam iniciar o combate.

Soou o corno outra vez, e Eric apertou os arreios contra os flancos de Alexander. Ressoou o trovão sobre a terra e voou lodo. O grande poder da besta se apoderou do irlandês, que cavalgou como um raio cruzando os céus. Rowan também atacou com rapidez. Os cavalos se aproximaram velozes, bufando, como majestosos dragões de lenda.

Encontraram—se. Soaram os aços ao chocarem-se as espadas. Eric brandiu a Vingança com seu arrepiante grito de guerra. Entrechocaram-se as espadas com poderoso impacto.

Eric apertou os lábios com determinação. Observou que o jovem inglês estava bem treinado, mas talvez sentisse que até seu Deus estava contra ele, porque lutava sem entusiasmo. Eric ergueu de novo a espada e golpeou duramente com ela a de Rowan, que caiu de sua montaria.

Eric imediatamente saltou do garanhão e aproveitou sua vantagem.

Rowan levantou seu escudo, mas escorregou no lodo e ficou de joelhos. Eric lhe golpeou outra vez a espada, que voou, seguida pelo escudo. Rowan, ofegando, cravou o olhar na abertura da viseira onde brilhavam os implacáveis olhos de Eric. Este baixou sua arma e a colocou sobre a garganta do jovem. Manteve—a ali e depois a deslizou para cima e lhe talhou a bochecha. O moço levou a mão à ferida e olhou ao viking, sem compreender sua atitude. Eric se voltou para o rei.

—Minha honra está satisfeita. Este homem é valente, e se tiver que cair sob a espada, prefiro que caia na luta contra os dinamarqueses.

Não esperou resposta. Voltou—se e caminhou para seu cavalo.



Percebeu um movimento a suas costas. Voltou—se rapidamente, receoso de que Rowan ainda tentasse matá—lo. «Estes ingleses! —pensou — sempre dispostos a matar um homem pelas costas.»

Mas o rapaz não empunhava a espada. Quando Eric se voltou, o jovem Rowan colocou um joelho no chão e levou o punho ao coração.

—Agradeço pela minha vida, príncipe de Dubhlain. Sou para sempre seu vassalo. — Olhou Eric um momento e depois baixou a cabeça— E, como já sabe — sussurrou—, nunca me deitei com... sua esposa.

Eric refletiu sobre suas palavras.

—Levante-se. Todos nós enfrentaremos a morte muito em breve.

Voltou—se e montou Alexander. Depois de saudar o rei, dirigiu-se para seu quarto. Era hora de preparar—se para partir para Rochester. Rhiannon custou a despertar. Jamais tinha dormido tão profundamente, pensou. Notou, debaixo de seus dedos, a fresca suavidade dos lençóis, sob sua cabeça. Como era fácil vagar no nebuloso mundo dos sonhos.

Por fim, se limpou. Abriu os olhos e se ergueu, aterrada.

Ele não estava. Estava sozinha. Estremeceu ao recordar a maneira como tinham feito amor; recordou suas brincadeiras, suas carícias, suas promessas... Não! Suas ameaças!

Só pensar nele lhe tirava o fôlego. Voltou a experimentar aquela estranha e ardente sensação em seu interior.

Doeram—lhe os seios, os mamilos endureceram, e o calor queimou suas bochechas.

—Não, não —murmurou, e enterrou o rosto no travesseiro.

Então percebeu que estava nua e decidiu levantar—se para vestir—se, antes que ele retornasse. Devia ser muito cedo, muito cedo para que o exército tivesse partido.

—Senhora!

Ouviu um golpe na porta e Magdalene, uma das donzelas da Rainha, apareceu, sorrindo timidamente. Trazia água para que se lavasse.

—Seu senhor partiu e vim para lhe ajudar a se vestir.

Rhiannon assentiu e tentou sorrir. Magdalene era uma dama de boa família. Nunca tinha se casado; era alta, esbelta, cabelo grisalho e farto. Certamente, Alswitha a tinha enviado, sabendo que não ofenderia Rhiannon com risadas e brincadeiras depois da consumação do matrimônio.



—Obrigado —murmurou e mordeu o lábio inferior. Magdalene entrou e depositou a bacia de água sobre o baú.

—Suponho que deve estar com pressa para chegar ao campo, porque logo os homens se enfrentarão, com suas espadas.

—O que? —perguntou Rhiannon. Sentou—se, puxando uma manta sobre os ombros. Franziu o cenho e perguntou em voz baixa— Que combate é esse?

—Rowan desafiou seu marido. Ah, milady, ser tão bela que os homens queiram morrer por você. Oh! —suspirou melancólica, entrelaçando as mãos no peito.

—Morrer por mim —repetiu Rhiannon.

Então foi tomada pelo pânico. Rowan tinha decidido lutar por ela. Ainda o amava, embora essa noite a tivesse mudado para sempre.

Rowan nunca venceria Eric de Dubhlain; não estava tão bem treinado, nem tinha tanta experiência. Tampouco era feito de aço, nem possuía uma vontade dominante e uma fria segurança em si mesmo.

—Não! Oh, não! —disse com um gemido.

Saltou da cama e se dirigiu para a porta, esquecendo-se que só a cobria um lençol de linho, desesperada para impedir que o combate iniciasse.

—Senhora! —chamou Magdalene.

Ignorando a donzela, Rhiannon cruzou a porta, e o fresco ar da manhã lhe encheu de temor o coração. Correu pelo caminho que conduzia à casa do Rei e depois se deteve, aterrada.

Eric já estava montado. Estava com a espada embainhada. Rhiannon colocou uma mão no coração. Ainda não tinham lutado; não gotejava sangue da espada.

—Meu senhor! —exclamou.

Ele tinha o rosto oculto atrás do aço de sua viseira; só viu os olhos, de gelo e fogo. Ele desmontou do cavalo e se encaminhou para ela. Rhiannon engoliu em seco e baixou a cabeça. Antes que ele chegasse a seu lado, a jovem colocou um joelho no chão, sempre com a cabeça baixa.

—Por favor! —disse com voz rouca e profunda, cheia de emoção— Por favor, não lute esse combate. Não... não mate Rowan. Ele não é culpado de nada, juro. Você... —interrompeu—se, ruborizada. Que difícil era suplicar a esse homem— Você sabe que nunca fomos amantes de verdade.



Ele se agachou, agarrou—a pelos cotovelos e a obrigou a levantar—se. Ela o olhou no rosto para ver só o insondável fogo azul de seus olhos.

—Senhora, que costume é este de andar por aí, quase nua?

Embaraçada, ela se cobriu melhor com o lençol.

—Estou falando da vida de um homem! —exclamou.

—Da vida de seu amante?

—Nunca foi...

—Não, senhora, nunca consumou o ato de amor. O que recebeu de você, essa terna cena no bosque, foi certamente mais do que muitos maridos poderiam resistir.

—Por favor...

Ele não a deixou terminar. Fez com que se voltasse e a empurrou bruscamente com a mão enluvada para o quarto nupcial. Ela olhou para trás e avançou. Eric a seguia. Magdalene ainda estava no quarto quando entraram. O viking lhe dirigiu um fugaz olhar ao levantar a viseira, e ela se inclinou e saiu apressadamente.

Enric fechou a porta e permaneceu por um longo momento de costas para Rhiannon. Depois, se voltou.

—Preza muito a vida desse homem.

Rhiannon engoliu em seco.

—Prezo a vida em geral.

—Exceto a minha? —perguntou ele, jogando as luvas sobre a cama.

—Por favor, eu imploro, não o mate.

—É muito agradável vê-la suplicar.

—Está se divertindo! —acusou ela.

—Pois sim, senhora, divirto—me. Continue, por favor. Ficou calado e quieto, gigantesco dentro do quarto, com as mãos nos quadris. Ela engoliu em seco, apertando os lábios. Depois se aproximou dele, vacilante, e se ajoelhou diante dele. O lençol e a resplandecente cortina formada por seus cabelos a cobriam como um manto real; finalmente, ergueu a cabeça, olhando—o com olhos brilhantes de lágrimas.

—Juro que, se não lutar com ele, quando retornar da batalha lhe... darei tudo que peça.



Eric se apoiou contra a porta e com expressão de divertido interesse, cruzou os braços sobre a cota de malha.

—É minha esposa. Posso tomar o que quiser.

—Sim —concordou ela, ruborizada—, mas disse que desejava algo mais que meu corpo. O que quero dizer é que não protestarei...

—Proteste ou não, milady, quando voltar tudo será como foi ontem a noite.

Enquanto lhe suplicava, a fúria se apoderava de Rhiannon. Mordeu os lábios, baixou os olhos e acrescentou:

—Não, senhor, há coisas que não pode exigir nem pode tomar, nem sequer como marido. —Ergueu a cabeça com orgulho, desafio e temerária valentia— Poupe-lhe a vida, eu imploro, por piedade. Por mim. Pagarei o favor.

Eric se inclinou sobre ela. A jovem sentiu a força que irradiava e aspirou seu sutil aroma masculino. Estremeceu contra sua vontade, sentindo novamente aquele fogo que se estendeu por seus seios e propagou até as virilhas.

Agarrou-lhe o queixo com a mão e o levantou. Seus olhos a queimavam.

—Como, Rhiannon? O que fará? Como me pagará?

—Se ele viver, agirei contigo como a melhor das rameiras. Juro. Aceitarei todos os seus caprichos. Deitarei com você como a amante mais carinhosa.

—Se ele viver? Se não o matar? —perguntou ele.

—Sim!

—Vai me pagar assim? Jura?

—Juro.

Soltou-lhe o queixo e retirou a mão rapidamente, como se tivesse queimado. Ela baixou a cabeça e depois ergueu os olhos para ele. Aqueles olhos se tornavam insondáveis. Seu coração deu um salto; Eric nunca aceitaria.

—Feito —disse ele brandamente. Rhiannon se sentiu aliviada, mas franziu o cenho porque acreditou ver um perverso sorriso em seus lábios— Feito, senhora. Voltarei para você, ansiando o pagamento prometido. Agora sei, senhora e esposa, que me recompensará bem.



—Sim —assegurou ela.

Ele passou ao seu lado, e Rhiannon ficou de pé. Alguém bateu na porta. Rhiannon apertou o lençol ao redor. Eric convidou o visitante a entrar.

Tratava—se de Rollo, que anunciou que o rei precisava ver o príncipe de Dubhlain. Tinha chegado a hora de partir.

Eric recolheu suas luvas, abriu o baú, tirou um colchonete enrolado e bolsas de couro e os jogou no ombro. Depois de passar junto a Rhiannon, saiu. Ela estava surpresa de que tivesse aceitado o trato, no qual ela jogava fora seu orgulho, sua dignidade, sua alma, e depois partisse como se se tratasse de algo sem importância.

—Senhora?

Magdalene voltou a entrar e se dirigiu alegremente ao baú de Rhiannon, em busca de roupas. A mulher começou a tagarelar sem que a jovem prestasse atenção, no princípio.

—... e todos estão pasmos porque foi uma luta muito nobre. Senhora, é afortunada!

Rhiannon olhou fixamente para Magdalene e correu para ela.

—Que luta?

—O duelo entre seu príncipe irlandês e Rowan. O jovem perdeu sua espada quase imediatamente, e me contaram que Eric de Dubhlain só lhe fez um arranhão na bochecha; depois disse que se levantasse e fosse com ele para lutar contra os dinamarqueses.

Rhiannon sentiu revolver o estômago.

—A que horas, a que horas ocorreu isso?

—De madrugada. Todo mundo comenta, senhora.

Rhiannon correu para a porta, cruzou a soleira e pôs—se a correr pelo caminho, coberta tão somente com o lençol.

Os homens estavam montando, a ponto de partir.

Viu Eric e se aproximou rapidamente dele. Através da viseira, Rhiannon percebeu que os olhos do viking a condenavam com fúria.

—Maldita seja, esposa! Vista-se decentemente.

—Bastardo! —gritou ela. Eric desmontou, impaciente, agarrou—a em seus braços e a levou de volta ao quarto. Furiosa, a jovem lhe golpeou o peito, machucando as mãos na malha de aço— Bastardo! Enganou-me, abominável filho de um rato e uma puta!



Eric abriu a porta com um pontapé, ignorando Magdalene, que os observava atônita. Conduziu Rhiannon até a cama e a jogou sobre ela.

—Ofenda-me quanto quiser, senhora, mas, aconselho que nunca insulte a minha mãe nem meu pai. E vista-se, ou minha ira será terrível.

Ela jogou para trás o cabelo, desafiante, embora a assustasse a intensidade de sua fúria e a ardente ameaça daqueles olhos que brilhavam entre a máscara de aço.

Jamais demonstraria diante dele seu medo, jurou em silêncio.

—Isso é tudo? —conseguiu dizer com certa valentia e desprezo.

Ele não respondeu imediatamente, e a moça teve certeza que por trás da máscara estava sorrindo, zombador.

—Não, senhora, não é tudo. Seu jovem Rowan vive. Cumpri o trato, embora me antecipei a você.

Retornarei, senhora, e exigirei o que é meu; o pagamento prometido.

Fazendo uma inclinação, voltou—se e saiu do quarto.

Rhiannon ouviu o som das trombetas e um grande ruído de cascos de cavalos. Saltou da cama e, desobedecendo a ordem de seu marido, abriu a porta e permaneceu na entrada, envolta no lençol. Ali estava ele, Eric de Dubhlain, montado em Alexander. Usava todas os armamentos de guerra e a capa real com o emblema do lobo.

Eric não a olhou. As tropas começavam a avançar. Já ondulavam os estandartes e os soldados partiam em formação. Eric vociferou uma ordem a suas tropas irlandesas e norueguesas.

Um estampido trovejou contra a terra, e o guerreiro dourado cavalgou até colocar-se junto ao rei. Eric de Dubhlain, o senhor viking. Seu marido.



Capítulo 10

—Os homens de Rochester resistiram aos dinamarqueses durante todo o inverno —disse Alfredo a Eric. Ambos cavalgavam a frente do grande exército do rei. Enquanto o escutava, Eric se ergueu sobre a montaria para observar as colunas que os seguiam. A maioria de seus homens foram a cavalo. Esse era um costume viking; montar os cavalos da terra conquistada, enquanto continuavam batalhando nessa mesma terra. Em troca, eram muito poucos os saxões que cavalgavam; capitães das forças e conselheiros mais íntimos do rei. O sacerdote Asser os acompanhava, no lombo de seu cavalo, um pouco mais atrás. Tratava—se de um homem calado, com frequência sério, que possuía um certo ar de sabedoria. Rowan, William, Allen e outros mais cavalgavam junto aos soldados saxões, que seguiam em formação, protegidos com suas armaduras de couro. Os homens da casa, ou soldados profissionais, foram bem armados, enquanto que os outros, grandes ou pequenos proprietários, usavam qualquer tipo de arma que tinham conseguido: foices ou paus que fabricados por eles mesmos com ramos fortes de carvalho.

Em comparação, os homens de Eric se viam notavelmente bem preparados para a guerra. Irlandeses e noruegueses tinham aprendido bem as lições. O pacto entre seu avô irlandês e seu pai norueguês tinha beneficiado a toda a Irlanda, pensou Eric. Os irlandeses tinham aprendido a construir navios e técnicas dos dinamarqueses, porque noruegueses e dinamarqueses se pareciam em muitos aspectos. De fato, pensou Eric, para uma grande parte do mundo cristão, eram a mesma coisa: piratas, saqueadores, violadores, ladrões e assassinos.

Para sua esposa, por exemplo, todos eles eram a mesma coisa: vikings.



Irritado pela onda de calor que o invadiu ao pensar em Rhiannon, resolveu prestar sua atenção ao rei.

—Se os dinamarqueses estão há tanto tempo sitiando a cidade, devem ter construído fortificações.

—interrompeu—se para olhar de novo a longa fila de homens que os seguiam— Entretanto, se tiver chegado aos dinamarqueses alguma notícia sobre o tamanho de seu exército, talvez tenham abandonado o assédio a Rochester.

—Acha que são covardes?

—Não —disse Eric, movendo a cabeça muito sério— Nenhum viking é covarde, Alfredo, sabe bem. Um viking ambiciona glória e conquistas; não teme a morte na batalha, e uma morte não gloriosa o cobriria de vergonha. Descansar nas salas do Valhalla é uma recompensa que só recebem os valentes. E nenhum homem vive eternamente. É melhor morrer como um herói no campo de batalha, que morrer na batalha contra o tempo, velho, estragado e enrugado.

—Passei toda minha vida lutando contra os dinamarqueses —disse Alfredo— Sei tanto como você sobre os vikings, Eric Olafson.

—Nem tanto —repôs Eric—, porque eu sou filho de um viking norueguês. —Um sorriso divertido se desenhou em suas lábios— Não nego nada de minha herança. Embora meu pai se transformou em uma espécie de herói nas costas de Eire, chegou ali com a intenção de conquistar aquelas terras. E eu fiz viagens de conquista e aventura nos drakkar. Reconheço que uma vez que meu pai se estabeleceu na Irlanda, sugeri a meu tio que o acompanhasse em incursões que não ameaçassem nenhum reino cristão. Participei da conquista de povos pagãos, e portanto essas aventuras agradam tanto a irlandeses como a noruegueses.

—Fala com cinismo —observou o rei. Eric encolheu os ombros.

—Vim para lutar ao seu lado contra o invasor. Sou filho de um invasor e um correto príncipe de Eire, e isto expõe um dilema interessante. Há quem afirme que meu pai conquistou muito da Irlanda; quem sabe, em troca, digam que a Irlanda conquistou meu pai, e que ele pertence a Eire mais que muitos nativos dali. —Olhou a Alfredo e voltou a sorrir— Poderá vencer muitas vezes aos dinamarqueses, senhor, mas eles conseguirão suas conquistas. Moças saxãs terão bebês dinamarqueses. O viking, seja de que nacionalidade for, costuma deixar seu rastro.

Alfredo o observou longa e atentamente.

—Bom, eu aceitei a um, não é? E muito próximo de minha própria família.



—Senhor?

—A um viking, um homem que cruzou o mar em um drakkar. Sinto curiosidade, Eric Olafson; conquistará uma pequena parte da Inglaterra? Ou a Inglaterra conquistará você?

Eric pôs—se a rir, sem ofender—se.

—A resposta é simples: a Inglaterra já me conquistou. Estou totalmente seduzido e conquistado. Vi a terra que me entregou. Portanto lutarei, não como um mercenário ou seu convidado, mas sim como um saxão do oeste, como você mesmo. Isso me faz mais perigoso que meus primos dinamarqueses.

—Mas, como disse, talvez tenham partido.

—Acho provável. Não são covardes, mas tampouco batalharão contra um exército que os supera em número, a menos que se sintam encurralados.

—Já veremos, Eric, já veremos —replicou Alfredo. Observou ao jovem—. Falou da terra, mas ainda não mencionou sua outra aquisição saxã.

—E qual é?

—Sua esposa. - disse o rei.

—Ah —murmurou Eric.

—A dama é minha parente, está sob minha tutela.

—Sua parente, senhor,mas já não está sob seu tutela—replicou Eric.

—É minha preocupação —corrigiu o rei. Eric permaneceu calado um bom tempo.

—Espero que a tenha deixado bem —disse Alfredo.

—Como pensou que ia tratá-la? —perguntou Eric.

Um ligeiro rubor cobriu as bochechas do rei, que olhou à frente.

—Certamente tinha motivos para estar furioso...

—Príncipe irlandês ou não, sou um viking —acabou a frase Eric—. Asseguro que não a cortei em pedaços para comer. Tampouco a golpeei, nem violei, Alfredo. O rei não pareceu satisfeito. Respirou profundamente sem olhar ao jovem.

—Descobriu que seu matrimônio foi... feito na boa fé que lhe prometemos?

—Se descobri que minha esposa era tão inocente como afirmou o médico? —perguntou Eric divertido — Sim. —respondeu com certa irritação

—Então está contente com o matrimônio? Rhiannon está feliz?



—Ah, duvido de que se sinta muito feliz —respondeu Eric—, mas diria que se reconciliou comigo. E se não, bem, não demorará para fazê—lo.

Alfredo não ficou particularmente satisfeito com a resposta, mas não havia nada mais que tivesse direito a perguntar a um recém casado sobre um matrimônio que ele mesmo tinha forçado. Sorriu repentinamente muito seguro de que Rhiannon não tinha sofrido nenhum dano durante a noite.

—O que houve? —perguntou Eric.

—Tratou bem a Rowan. —Eric arqueou uma sobrancelha— Bem —acrescentou o rei—, está vivo e já não é seu inimigo. Soube que se tornou seu soldado mais devoto.

—Diga, Alfredo, não se arrepende de seu pacto com o demônio?

—Meu pacto com o demônio?

—O pacto que fez comigo.

O rei sorriu.

—Acredito que descobrirei quando enfrentarmos os dinamarqueses.

—Se enfrentarmos —comentou Eric.

—Ah, sem dúvida assim será —assegurou Alfredo—. Se não for agora, será muito em breve.

—Terá um pacto de sangue —disse Eric.

—Já recebeu muito —recordou-lhe Alfredo—. Sim, terei um pacto de sangue.

—Que estranho —comentou tranquilamente Eric mais adiante— Tenho a impressão de que se refere mais a uma mulher que à terra.

—Talvez sim.

—Então, me permita te assegurar —disse Eric lentamente, com cuidado, tratando de dissimular sua irritação—, que Rhiannon está bem, e assim continuará. Tornou—se em minha esposa por sua vontade, não pela minha. Sinceramente, rei Alfredo, não confio nela. Estou convencido de que gostaria muito que você retornasse com minha cabeça em uma bandeja para oferecer—lhe Entretanto, acho a situação divertida até certo ponto. Viverei, Alfredo para que não veja satisfeito seu desejo. A menos que ela me contrarie ou traia, nada terá que temer de mim.

—Talvez lhe inspire medo —comentou Alfredo.

—Não. —Eric moveu a cabeça—. Sem dúvida me despreza, mas não me teme, embora talvez fosse melhor que temesse. Ainda ignoramos o que aconteceu na costa quando eu cheguei. Se ela não



desobedeceu sua ordem, quem o fez? É sua parente, e gosta muito de você.

—Gostava —corrigiu Alfredo com um suspiro.

Continuava especulando sobre a noite anterior. Não restava dúvida de que Rhiannon resistiu nem de que Eric tinha exigido seus direitos. Certamente sua protegida estaria mais que zangada com seu rei nesse momento.

«A maioria das mulheres vão ao leito matrimonial sem escolha», recordou. Mas não podia evitar sentir que tinha traído profundamente sua afilhada. Eric tinha perdoado a vida de Rowan, era um homem civilizado que demonstrava espírito cristão, e entretanto... «As coisas que ocorrem entre um homem e uma mulher são diferentes», pensou.

—Rhiannon não me traiu —afirmou Alfredo. Depois, farto daquela conversa, que além disso incomodava Eric, mudou de assunto— Está anoitecendo. Acamparemos ali, e pela manhã chegaremos a Rochester.

Deu a ordem a seus homens, e o grande batalhão que os seguia se deteve.

O rei conhecia seu país. Não se achavam longe de um riacho que corria por um vale protegido que os ocultaria durante a noite.

Eric e seus homens montaram suas tendas, e o mesmo fizeram os saxões. Não acenderam fogueiras porque não queriam que os dinamarqueses percebessem sua proximidade.

Em silêncio, os guerreiros se acomodaram para beber cerveja e água fresca nos chifres e comer pão com carne de boi, ave defumada e queijos fortes. Os únicos sons que se ouviam quando anoiteceu eram os sussurros das folhas das árvores e o ocasional ruído metálico do aço quando os homens limpavam e afiavam suas espadas, lanças e maças.

Eric se afastou do acampamento, como costumava fazer na noite anterior a uma batalha. Deteve— se junto a um imponente e frondoso carvalho. Contemplou as estrelas. A noite estava limpa, fresca e formosa. Escutou o murmúrio do riacho e os silenciosos movimentos dos homens. Para o norte e oeste avistou as fogueiras de Rochester. Os dinamarqueses tinham construído sua fortaleza com madeira e aterros. Teriam arrasado os campos, roubado ovelhas e vacas e sobrevivido graças às deliciosas oferendas da primavera. Eram agressores naturais. Sabia, pensou, porque ele tinha uma certa afinidade com eles.

Ainda o aborrecia que sua esposa o considerasse um invasor. Sua esposa...



Estendeu—se junto à árvore e entrelaçou os dedos. Rhiannon era uma menina caprichosa que teria que dominar. Não, era mais. Jamais esqueceria o fogo que ardia em seus olhos quando o olhava, como tampouco seu ódio, suas flechas, sua força...

Havia outras coisas que nunca esqueceria, como a sensação de estar envolvido no sedoso manto de seus cabelos; as curvas de seus quadris, a rigidez e o calor de seus seios; o movimento e ondulação do corpo da jovem sob o seu. Imaginou que no ar da noite podia aspirar a embriagadora doçura de seu aroma, saborear o néctar de sua pele, sentir os frenéticos batimento do coração.

Se fechasse os olhos, via os de Rhiannon, sua vibrante cor, sua ardente paixão, sua fúria, sua rendição... Certamente aquela tinha sido sua noite. Ou não? Tinha imaginado que ofereceria resistência. Tinha esperado ódio, ira e lágrimas. Sabia que seria uma batalha e que ele devia vencer, pelo futuro de ambos. Inclusive tinha admitido que o rei Alfredo não se enganara ao afirmar que Rhiannon era a mulher mais bela de todo seu reino. Seus cabelos tinham o mesmo fogo de seu espírito, seus olhos relampejavam com o brilho prateado que havia em sua alma. A noite anterior tinha descoberto que todos seus movimentos irradiavam beleza.

Fechou as mãos e depois esticou os dedos, tentando dominar a tensão que se apoderava dele. Aquela manhã estava gloriosa ao aproximar—se dele coberta com o lençol de linho para colocar—se de joelhos e implorar pela vida de seu amante. Gloriosa, magnífica em sua súplica como era em todos os papéis que decidia representar. Ao vê—la, a tinha desejado com toda a paixão que atormentava seus sentidos, rasgando—o, arrastando—o, impregnando todos seus nervos.

Não era ruim desejar à própria esposa.

Mas ela não era uma esposa normal. Era perigoso desejá—la tão desenfreadamente. Era uma mulher perigosa que queria que uma espada lhe cortasse o pescoço, ou talvez que a maça de um dinamarquês lhe partisse a cabeça.

Entretanto, tinha prometido...

Tinha prometido o que já tinha entregue a outro, lembrou—se. Ele tinha despertado as paixões da jovem, tinha descoberto uma sensualidade nas curvas mais profundas de seu ser; sensualidade que ela não podia negar. Entretanto, Rhiannon não o amava por isso, na verdade o desprezava ainda mais. Eric não podia esquecer como a tinha visto no bosque com Rowan, o mágico momento em que ela se ofereceu.



Franziu o cenho. Não a amava. O amor era uma emoção que tinha experimentado em seu passado, e não era tão estúpido para amar Rhiannon.

Entretanto, sua lembrança o perseguia. Havia possuído a jovem, sim, mas ela tinha invadido sua mente. E nessa manhã, Eric gostou que ela pensasse que ainda podia jogar com ele. Estava disposta a tudo para salvar a vida de Rowan.

E ansiava ardentemente que matassem seu marido, pensou Eric.

Mas não o matariam. Por mais dura que fosse a batalha, ele sobreviveria. Não tinha mentido ao rei; viveria para retornar para sua esposa, acontecesse o que acontecesse.

Decidido, voltou para o acampamento. Rollo, sempre fiel, esperava—o com um corno de cerveja. Agarrou—o e bebeu um bom gole.

—Amanhã obteremos uma vitória —aventurou-se Rollo— Pressinto, percebo no vento.

—Tome cuidado —aconselhou Eric—;começa a falar como Mergwin.

—Foi Mergwin quem me assegurou a vitória. —Rollo riu— Sinto falta dele, quando não está conosco, nos importunando.

—Admito que eu também tenho saudades.

—Por que não nos acompanhou? Detesta deixá-lo ir sozinho para a guerra.

—Sua presença era necessária lá.

—Necessária?

—Para vigiar minha esposa —respondeu Eric. Tomou a cerveja e passou o corno para Rollo— Durma bem, meu amigo. Nunca é aconselhável estar tão seguro da vitória. A morte chega rápido aos despreparados.

—A morte chega a todos no final—recordou Rollo.

Eric sorriu e desembainhou a espada. A luz das estrelas se refletiu na lâmina de aço de Vingança.

—No final —disse Eric, assentindo— Mas esse «no final» não será amanhã. Não, se isso significar que passarei a eternidade com todos os heróis do Valhalla. —voltou—se, disposto a deitar—se.

—Eric —chamou Rollo. O irlandês se deteve. —Supõe—se que é um príncipe cristão. Eric sorriu.

—Por todas as promessas do céu, Rollo, não morrerei amanhã! Não, não morrerei; juro.



Seu primeiro dia de casada foi uma experiência horrorosa para Rhiannon.

Tinham passado horas desde que Eric partiu, e ela continuava furiosa, com as bochechas ruborizadas, o coração na boca. Quando tentava acalmar—se, recordava o zombador gelo azul dos severos olhos de seu marido e a raiva voltava a tomar conta dela. Não conseguia esquecê—lo. Seu aroma a rodeava; estava no travesseiro, nos lençóis, perseguindo—a e atormentando—a até que teve desejos de gritar. Para seu horror, Rhiannon revivia a noite anterior, lembrava suas palavras, suas carícias... Recordava com vergonhosa clareza como ele tinha exigido coisas e como ela se submeteu a sua vontade. Tinha sido seduzida.

Depois pensou que o mais terrível não era que ele a tivesse obrigado a consumir o matrimônio, mas o que a tinha feito sentir e a paixão que tão facilmente tinha acendido nela.

Gemendo, enterrou o rosto no travesseiro, mas não encontrou esquecimento ali. Aquela noite não tinha sido suficiente para ele; desejava mais. Tinha lhe dito, quando ela suplicou pela vida de Rowan.

E tinha prometido exatamente o que ele queria, tudo o que desejava. Tinha jurado que se apresentaria diante dele como tinha feito com Rowan.

Rowan! Foi tomada pelo pânico; não se lembrava de seu rosto. Somente era capaz de recordar as fortes e duras feições do viking, seus impressionantes olhos azuis, que a perfuravam, escrutinavam sua alma e a invadiam intimamente. Ninguém a tinha conhecido jamais assim, ninguém a havia tocado daquele modo.

Ergueu—se na cama em fúria. Não receberia nada mais dela, não lhe tiraria nada mais. Tudo isso era uma simples diversão para ele. Não desejava uma esposa; tinha tomado uma para assim obter as coisas que ambicionava. Só lhe interessavam a batalha e novas posses. Considerava—a seu brinquedo e acreditava que podia submetê—la a sua vontade.

Havia adorado vê—la suplicar por um homem a quem já tinha poupado a vida.

Bem, tinha enganado Rhiannon, então ela também não cumpriria o pacto que tinha feito com ele.

Eric não podia esperar que cumprisse. Deus, não podia esperar que cumprisse!

O viking jamais a venceria. Não sabia nem como, nem quando, mas ela triunfaria.

Não estava disposta a aceitar o inferno em que ele planejava encerrá—la.



Sentiu o perseguidor aroma masculino. Deu um salto e lançou longe o travesseiro. Ele tinha partido para a guerra. Com a graça de Deus, poderia ter a decência de morrer.

Mas não morreria. Percorreu— a um calafrio. Temia pelos outros, pelo rei, mas pressentia que Eric retornaria.

Resmungando maldições se dirigiu à porta e a abriu. Magdalene não estava muito longe, com os olhos entreabertos contra a luz do sol, reclinada contra uma árvore, observando como um menino alimentava os gansos. Rhiannon a chamou docemente e a criada se apressou a levantar—se.

—No que posso servi-la, senhora?

—Magdalene, escove meu cabelo, por favor, e ajude-me a me vestir.

—Sim, milady.

Magdalene tinha magia nos dedos. Começou a tagarelar, comentando a beleza daquela manhã, quando todos os homens partiram para a batalha.

—O rei parece sempre magnífico, embora não saiba muito bem por que. Não é mais alto, nem mais corpulento que outros homens; mas é Alfredo, o Grande. Os guerreiros afirmam que, em outros reinos, o chamam Alfredo o Grande. Ou seja, é glorioso. E, milady, seu senhor é imponente. Montando aquele enorme garanhão com tal elegância, segurança e beleza... E quando fixa o olhar, uma mulher poderia desmaiar. Ah, senhora, digo que...

—Por favor, Magdalene, não diga isso! —suplicou Rhiannon. Sorriu para tirar um pouco da mordacidade de suas palavras— Partiram todos para a guerra — apressou—se a acrescentar—. Temos que rezar por eles.

—Ah, mas seu marido sobreviverá, senhora! Saiu daqui como um deus. É magnífico, tão alto e dourado, com esses músculos de bronze. Ah, senhora, digo que...

—Magdalene!

—Estou sonhando! —continuou Magdalene apesar da advertência de Rhiannon. Deixou a escova na cama e começou a passar as mãos pelos lençóis de um modo que desagradou extraordinariamente a Rhiannon— Asseguro, milady, que me casarei com um deles. Terei um belo marido viking, como você.

—É irlandês —corrigiu perversamente Rhiannon.



—É um viking puro —contradiu Magdalene.

—Magdalene! O rei e nossos bons homens arriscarão suas vidas contra os vikings. Não deve falar assim.

—Ah, não, é obvio. —Magdalene se ergueu e começou a retorcer as mãos nervosamente— Não disse com a intenção de ofender, senhora, eu...

—Já sei —tranqüilizou, cansada, Rhiannon— Ajude-me a pôr um vestido e uma túnica. Acredito que terá que me enrolar o cabelo. Depois poderá se retirar.

— A Rainha deseja vê-la! —recordou, de repente, Magdalene.

Rhiannon deixou escapar um suspiro. Não desejava a compaixão de Alswitha. Chegava muito tarde. Mas tinha que vê-la, e às outras mulheres.

Depois de vestir-se com a ajuda de Magdalene, dirigiu-se lentamente para a casa do Rei. As crianças a receberam na porta, e ela permaneceu um momento com eles, agarrando-os e abraçando-os para evitar Alswitha. Finalmente, se aproximou da rainha que insistiu que se sentassem para comer.

A conversa foi muito pior do que a moça tinha imaginado. Alswitha começou a tranqüilizá-la, dizendo que a noite de bodas era um sofrimento para todas as mulheres, mesmo casando com um homem amável e carinhoso, ainda que tivesse a sorte de se casar com o homem a quem amava. Enquanto a rainha afirmasse que tudo melhoraria, Rhiannon se limitou a olhar fixamente a mesa, incapaz de falar.

—Machucou-a muito?—perguntou a rainha, aflita.

—Não! —conseguiu exclamar ela.

—Ah, querida minha...

Rhiannon ficou de pé e apertou os punhos para recuperar o controle.

—Não... não me machucou —disse com veemência—. Oh, por favor, pelo amor de Deus, Alswitha, é necessário que falemos disso?

—Não, não, é obvio que não... — A Rainha interrompeu-se e olhou para a porta.

Rhiannon compreendeu que alguém tinha entrado na sala e que se achava atrás dela. Voltou-se e viu que se tratava do ancião da longa barba e do rosto enrugado e curtido. Vestia uma túnica larga e um curioso chapéu. Observava-a com olhos sérios e inescrutáveis.



—Rhiannon —disse Alswitha—, é Mergwin, o... Rhiannon se deu conta de que a reina estava a ponto de dizer «servo». Ao olhar o velho soube que ninguém se atreveria jamais a chamá—lo de servo.

—Sou Mergwín —apresentou—se— Alguns me chamam druida, outros, louco. Sou leal ao Ard—RI da Irlanda e sua família. Vim para te levar para casa.

—Para casa?

Rhiannon conteve o fôlego, e o coração acelerou. Para casa. A casa de Eric? Pretendia obrigá—la a cruzar o mar? Não iria, é obvio, não podiam forçá—la.

—Vamos para a costa, onde esperaremos Eric.

—Ah. —Recuperou o fôlego.

Desejou negar—se, porque tinha decidido negar qualquer ordem de Eric. Mas não tinha nada que fazer na casa do rei. Gostava de Alswitha e dos meninos, mas suas relações se esfriaram um pouco. Alfredo tinha partido para a guerra, assim como Rowan. E Eric.

—Talvez devesse ficar... —interveio Alswitha.

—Não! Não, obrigado; acredito que eu gostaria de retornar para casa.

Sorriu ao ancião. Olhou—o nos olhos, que pareciam muito velhos. Recordou como tinha sorrido para ela durante as bodas, lhe infundindo segurança; ele, um homem a quem jamais tinha visto antes. Pensou que, por seu aspecto, seria um velho irritante. Entretanto, gostava dele. Pressentia algo nele, algo quente, digno de confiança.

—Sim, quero voltar para casa, Mergwin.

Alswitha disse que era necessário fazer os preparativos, conseguir cavalos e uma escolta. Rhiannon apenas escutou. Continuava olhando para o ancião.

Depois se despediu de Alswita e dos meninos com um beijo e saiu com Mergwin. No pátio da casa já se iniciavam os preparativos. A maioria dos homens tinham partido com o rei, mas Rhiannon precisava de uma escolta. Dois rapazes preparavam os cavalos, e na cozinha a velha Kate enchia as bolsas com provisões para que comessem, quando acampassem ao anoitecer.

Alswitha manifestou sua inquietação, mas Rhiannon lhe deu um rápido beijo na bochecha e montou na égua que a rainha lhe tinha dado.

Apesar de sua idade, Mergwin conseguiu montar no cavalo, com surpreendente agilidade.



Ao ver que a moça o observava, fez um gesto, aborrecido.

—Quando for demasiado velho para ser útil, juvenzinha, partirei para o outro mundo para receber minha recompensa.

Rhiannon se perguntou o que consideraria ele sua «justa recompensa». Baixou a cabeça para ocultar um sorriso.

Começaram a marcha, enquanto as crianças e o pessoal da casa real se despediam, agitando as mãos. Não tinham se afastado muito de Wareham quando Rhiannon aproximou seu cavalo ao do druida.

—Voltará, não é? —disse— Você sabe que voltará. Eric de Dubhlain retornará desta batalha.

—Sim —respondeu ele, olhando-a de modo estranho. — Voltará para casa.

—E o rei?

—O rei está destinado a liderar grandes batalhas.

—Então, ele também retornará .

—Desta vez.

—Desta vez?

O druida a olhou.

—Isto é só o princípio, milady. O vespeiro é revoltoso, e desencadeará algo grandioso. Tudo isso está por vir, e o que revela não está claro em minha mente.

—Como sabe disso? —perguntou Rhiannon. Ele arqueou uma sobrancelha.

—Como sei? Escute, escute às árvores, o trovão, a terra, a tempestade no mar. Escute e descobrirá.

—Você sabia que Eric se casaria comigo —disse jogando para trás o cabelo — antes que Alfredo e Eric decidissem.

O druida assentiu.

—E agora dirá que isso foi o destino.

—Escrito no vento.

—E eu digo —exclamou ela com veemência— que nada está escrito no vento, nem na tempestade, no mar, nem na brisa do bosque. Nada! Nos fazemos nosso destino, e eu governarei o meu, apesar de seu príncipe irlandês!

Ele se manteve em silêncio por um momento, impassível. Depois sorriu, e em seus olhos brilhou a diversão.



—Agora é «seu» príncipe irlandês, não é, milady?

Mergwin apertou os joelhos nos flancos do cavalo, que se afastou a galope. Rhiannon o observou, perguntando—se se teria encontrado um inimigo ou um novo e curioso amigo.

Esporeou sua montaria. Ia para casa. E nessa certeza, encontrou distração.

Os soldados a pé avançavam, enquanto os homens montados faziam retumbar os campos em direção a Rochester, em torno da qual os dinamarqueses tinham construído fortificações para manter o sítio. As primeiras tropas inglesas que chegaram às portas da cidade não demoraram para perceber que os dinamarqueses tinham optado pela retirada.

Eric percorreu as muralhas de Rochester, revisando tudo, certo de que não fazia muito tempo que os invasores tinham abandonado suas posições para buscar o amparo dos bosques. Não podiam deixar escapar esses dinamarqueses, porque as tropas invasoras ficariam completas e prontas para outro ataque.

Montado sobre o enorme garanhão branco, Eric marchou contra seus inimigos. Seu grito de guerra saiu de seus lábios enquanto seus homens seguiam para o ataque. Nos confins do bosque aconteceu o combate. O primeiro inimigo que Eric enfrentou foi um feroz barbudo que brandia uma maça. Eric se inclinou para evitar o golpe mortal do adversário e introduziu sem dificuldade sua espada no pescoço do homem, que caiu em silêncio, sonhando com o Valhalla.

Seria uma batalha rápida, pensou Eric.

Derrotava seus inimigos porque nesse dia parecia que os deuses, cristãos e nórdicos, amparavam—no. Os dinamarqueses caíram sobre o príncipe irlandês. Rollo lutava junto com ele e também parecia invencível. Por muitos que fossem os homens que os atacavam, nenhum dos dois caiu nem perdeu a força. Depois de um momento, perceberam que estavam sozinhos, rodeados de inimigos mortos. Ouviram um tumulto vindo da ravina, junto ao bosque. Observaram e se lançaram a galope até o cenário do combate.



Os saxões batalhavam contra uns vinte dinamarqueses, feras raivosas pela aparência de muitos. Os vikings dobravam em número os saxões.

—Vamos? —Eric sorriu para Rollo.

—Quem quer viver eternamente? —perguntou Rollo.

—Sim, quem quer viver eternamente? —repetiu Eric. Cavalgando juntos entraram na batalha. O terreno era muito irregular para conduzir bem o cavalo, de modo que Eric desmontou. Imediatamente, foi atacado por um jovem ruivo.

—Filho de bruxa! —espetou o dinamarquês.

Eric deteve o golpe de espada, saltou para trás e cravou a ponta de Vingança no pescoço do homem. Pisou sobre o inimigo morto:

—Asseguro, rapaz, que jamais vi uma mulher tão magnífica como minha mãe.

Olhou ao redor da ravina. Sobressaltou—se ao ver que vários dinamarqueses muito bem armados e protegidos com cotas de malha encurralavam um saxão; tratava—se de Rowan. O rapaz se defendia corajosamente, desafiando seus atacantes:

—Vamos, venham, repugnantes demônios, venham todos. Claro que vou morrer, mas ao menos, levarei um de vocês comigo. Qual será? Venham; estão aí como um bando de mulheres, demônios do inferno. Venham!

Os dinamarqueses não demoraram para aproximarem—se dele. Eric se apressou a saltar em seu cavalo e se aproximou veloz deles, descarregando golpes com a espada. Os homens gritavam e caíam para trás, surpresos pelo repentino ataque. Eric desmontou e combateu grosseiramente.

Rowan entrou na batalha com um grito, adiantando—se agressivo e perseguindo a todos os dinamarqueses que o tinham acossado e caíam sobre ele, como uma horda da morte. Em poucos minutos Eric percebeu que Rollo se unia à batalha, e os três erguiam as espadas como uma muralha de defesa contra qualquer nova ameaça.

A luta durou pouco. Os cadáveres dos dinamarqueses estavam em posições grotescas; os sobreviventes tinham fugido.

Alfredo desceu até a ravina montado em seu cavalo. Olhou ao redor, a seus homens mortos e aos inimigos. Permaneceu em silêncio por um bom tempo.

—Não matamos muitos —disse.



—Para mim, pareceram muitos —comentou secamente Rollo.

—Sim —concordou Eric— O bom Rowan combateu contra muitos.

Rowan o olhou, ruborizando—se. Olhou para o rei.

—Eu estaria morto, senhor, se o príncipe de Eire não tivesse intervindo.

Eric encolheu os ombros e caminhou por entre os cadáveres; depois olhou para o rei. Observou que o sacerdote Asser se encontrava atrás do rei.

—Devemos enterrar nossos mortos. Se os dinamarqueses decidissem voltar...

—Cuidaremos dos nossos —assegurou o rei.

Olharam—se nos olhos. Ambos tinham sobrevivido a muitas batalhas e tinham visto as atrocidades que cometiam os vikings quando ganhavam. Arrancavam as vísceras dos prisioneiros, queimavam—nos vivos ou aproveitavam seus órgãos para cozinhar peles. Os feridos desejavam estar mortos, e os mortos estavam melhor no inferno.

Eric voltou a montar o garanhão branco e seguiu o rei para as muralhas de Rochester. As portas da cidade se abriram e a população faminta saiu para saudar seus libertadores.

Nessa noite souberam que os dinamarqueses tinham fugido rapidamente, deixando para trás seus prisioneiros e muitos de seus cavalos. Alfredo recebeu, com gosto, prisioneiros e cavalos.

Festejaram a vitória na sala de uma casa de Rochester. A lareira ardia no centro sob uma chaminé. Veados e cordeiros estavam sendo assados em paus sobre as chamas para alimentar os famintos defensores de Rochester. Eric estava sentado junto ao rei enquanto se cortavam enormes partes de carne que mulheres e rapazes serviam aos guerreiros.

Todos transbordavam de alegria pelo triunfo. Narradores ingleses se levantaram para relatar as façanhas do rei, e um dos bardos irlandeses de Eric recitou esplendidamente as proezas de seu príncipe nesse dia. O príncipe escutava com ar divertido, mas se surpreendeu quando o jovem Rowan ficou de pé e ergueu taça para ele.

—Brindo pelo príncipe que me salvou a vida duas vezes! Para o senhor, minha eterna lealdade! Juro!

Elevaram—se gritos e aplausos. Eric se levantou assombrado. Rowan se aproximou e se ajoelhou diante dele.

—Seu servo, meu senhor, sempre —jurou humildemente.



Eric se inclinou e o obrigou a ficar de pé, erguendo-o pelos ombros.

—Não, Rowan, meu servo não; meu amigo.

As ovações aumentaram de volume. O sorriso, simpático e juvenil do Rowan comoveu Eric. O jovem não era covarde, nem tolo. Possuía força, humildade e honra.

Rowan tinha amado Rhiannon, e ela a ele. Antes era fácil esquecer esse juvenil amor, pensou Eric. Bom, talvez não tão fácil, já que tinha sido assaltado pela raiva e o ciúmes. De repente, simpatizava com o jovem e sentia pena pelos dois. Ambos tinham amado; ele tinha gostado de Emenia.

Enquanto ambos se olhavam, começou a soar uma estranha música procedente de uma flauta. Tão logo se iniciou a melodia se ouviram «chist» para pedir silêncio. Uma jovem morena, de olhos amendoados e cabelos negros como o ébano e compridos até abaixo da cintura se situou no centro do salão. Estava imóvel. Subitamente, seu corpo começou a balançar—se sutilmente ao ritmo da música.

A moça era extraordinariamente formosa e graciosa, incrivelmente exótica com seus olhos rasgados e quentes, sua pele cor de mel. Ao dançar, as capas de gaze que a envolviam flutuavam ao redor definindo a doce e turgente perfeição de sua figura. A música era lenta, sedutora; penetrava na pele e no sangue, enfeitiçando.

Na sala reinava um silêncio absoluto. Todos os olhares estavam fixos na jovem.

Eric observou seus rebolados, sorrindo. O baile lhe recordou outra atuação que tinha presenciado não fazia muito tempo; Rhiannon. Rhiannon movendo—se com sinuosa graça, relatando suas histórias com aquela voz suave ; voz de sereia.

Durante a representação de Rhiannon também todos tinham ficado em silêncio. O cabelo havia envolvido seu corpo como uma resplandecente cascata dourada enquanto desafiava aos homens, cativando—os com seus movimentos, como estava fazendo essa morena diante do rei e de seus guerreiros.

Mesmo nesse momento, observando essa tentadora jovem de olhos amendoados, recordava a sua esposa. Apertou os dentes e lançou uma maldição silenciosa. Não queria lembrar-se dela; tampouco desejava sonhar com ela.

Rollo estava sentado ao seu lado.



Da lareira, se elevava a fumaça, e a garota parecia cada vez mais um ser místico, mágico e esquivo. —É uma das prisioneiras deixadas para trás pelos dinamarqueses em sua precipitada fuga; pelo menos foi o que disseram; Capturaram—na em uma incursão pelo Mediterrâneo, e dizem que busca um novo amo. Parece que seu olhar pousa continuamente em você.

Sim? Eric não tinha percebido. Estava olhando à garota sem vê-la, absorto em seus pensamentos. A jovem evoluiu diante dele em um ritmo cada vez mais rápido. Pouco a pouco, desapareciam as gazes que a envolviam à medida que ela se livrava dos diversos véus e os lançava longe. Deixou a descoberto os braços, os ombros e os seus seios. Calças de gaze lhe rodeavam os quadris, e uma fina cinta de gaze mal cobria os mamilos. Girava diante dele cada vez mais depressa com os pés descalços. A música aumentou de volume e de repente, cessou. Ela jogou a cabeça para trás e caiu de joelhos diante de Eric. A sala ficou em completo silêncio, já sem a música. Eric ouvia claramente a respiração da jovem, que levantou a cabeça lentamente e cravou os olhos nos dele.

Eric percebeu que todos os presentes o observavam. Esboçou um sorriso e aplaudiu.

—Esta garota é uma escrava —disse o rei— Entregá—se a você.

Nada na voz de Alfredo delatava seus pensamentos, mas Eric estava certo de que o rei tinha uma opinião muito clara sobre qual era a maneira correta de agir naquela situação. Voltou—se para Alfredo.

—Hoje lutei por sua bandeira, Alfredo. Tudo o que recolher hoje passará a seus cofres, para que você o reparta entre os homens.

O rei, irritado, ordenou à garota que se retirasse com um gesto da mão. Ela se levantou com expressão triste e se encaminhou para a porta, olhando para trás várias vezes.

Os cães de caça começavam a farejar ao redor do fogo, em busca de ossos e restos de comida.

Os homens começavam a mover—se, fazendo ranger as esteiras de junco com os pés.

Eric cravou os olhos no rei.

—Não olhei essa garota esta noite, Alfredo. Estava pensando em outra atuação.

—Uma que te deu uma esposa.



—E a você uma aliança. O matrimônio foi um contrato.

—Ou seja, quer ficar com a rameira pagã? —perguntou o rei com os olhos entreabertos.

Eric sorriu e negou com a cabeça.

—Não, senhor. Tenho a intenção de cedê-la a outro. —O rei arqueou as sobrancelhas— A Rowan—disse Eric. — O jovem já perdeu muito. Acredito que merece uma recompensa.

Levantou—se, repentinamente esgotado. Comportou—se como um idiota. Não deveria ter entregue à garota. Deveria ter ficado com ela para mostrar a todos que era seu próprio amo, que não seria governado por uma mulher, embora esta fosse sua esposa e parente do rei. Olhou a Alfredo, que disse:

—Estou muito satisfeito com nossa aliança. Ofereço o que quiser como prêmio.

—Inclusive a garota?

—Inclusive a garota —respondeu o monarca com um gesto de dor.

Eric titubeou.

—Não a quero —disse— Boa noite, Alfredo, rei da Inglaterra. Ela me recordou que estou ansioso para retornar ao meu lar. Há muitas coisas danificadas e me ocuparei de repará-las.

Voltou—se e saiu da sala em direção ao quarto que tinha escolhido.

Estendeu—se sobre o fofo colchão de penas disposto sobre uma enorme cama de cordas. Fechou os olhos, colocando uma mão sobre sua espada Vingança, que tinha deixado ao seu lado. Jamais dormia sem tê-la por perto.

Os acontecimentos do dia desfilaram por sua mente cansada e depois adormeceu. Viu a garota dos olhos amendoados dançando diante dele meio nua. De repente, a garota mudava e se transformava em sua esposa, Rhiannon.

Seus cabelos fluíam como uma suave cortina de chamas, caindo em cascata sobre seus braços nus, envolvendo—a. Ouviu o rumor das águas de um regato. Rhiannon o chamava, sorria—lhe e o convidava a aproximar—se. Eric se deitava entre a suavidade de suas coxas e a apertava contra as exuberantes gramas de uma terra perfumada e fértil.

Acariciava—lhe os cabelos e com seus dedos a percorria inteira. Subitamente, sentia algo pegajoso; era sangue.

Despertou sobressaltado.



Ainda lhe rodeava a escuridão da noite. A porta de seu quarto que se comunicava com a sala central, estava entreaberta. Vislumbrou os homens jogados ao redor do fogo, dormindo, bêbados, como se estivessem mortos.

«Ela não corre perigo», pensou. Afastou esses pensamentos sobre a morte de sua esposa. Era ela quem desejava sua cabeça, recordou—se.

Precisava dormir. A única ferida física que tinha recebido fora causada por ela. Em todo caso, embora vitorioso, o dia tinha sido longo e exaustivo. Havia completado sua parte do acordo e continuaria cumprindo—a. Certamente os dinamarqueses se levantariam outra vez para vingar sua derrota.

Desejava despertar cedo e cavalgar como o vento. Desejava reivindicar o que era dele.

Voltou a deitar—se e fechou os olhos. Conseguiu dormir e sonhou que ela estava em perigo. Despertou novamente. Ela não estava em perigo, tentava convencer—se, estava sob os cuidados de Mergwin, que a protegeria.

Mal despontava o alvorecer quando, irritado, parou de tentar conciliar o sono e se levantou. Saiu do quarto e procurou Rollo, a quem achou junto ao fogo, com a cabeça apoiada sobre os braços. Acordou-o com um pontapé.

—Acorde os outros —ordenou— É hora de partir.

Rollo esfregou os olhos e se apressou a ficar de pé. Os homens começavam a despertar e mover—se. Eric saiu ao fresco ar da manhã. Uma suave neblina o envolveu. Rochester era uma cidade impressionante. Os dinamarqueses a tinham desejado muitíssimo. Retornariam.

Chamou um menino, pediu—lhe que tirasse seu cavalo do estábulo e que fizesse correr a notícia de que partia com seus homens. Minutos depois, estes já estavam preparados para partir, com as riquezas que tinham recolhido nas fortificações dos dinamarqueses. Eric se surpreendeu ao ver Rowan montado para acompanhá—lo, com a bailarina acomodada atrás dele.

—O rei não virá agora—disse Eric, aproximando—se dele.

—Eu sei. Aceitou que eu sirva a você —explicou Rowan.

Eric contemplou o rapaz com olhar frio e franco. Rowan tinha demonstrado ser muitas coisas, seria um traidor também?

Ele era o amo de sua própria vontade e sua casa, recordou—se Eric. Aceitaria que Rowan o acompanhasse. Vigiaría o rapaz e Rhiannon.



—Então, vamos —disse. Depois vociferou a ordem a seus homens e começaram a marcha.

«Para casa —pensou—. Ao encontro de minha esposa: — Um sorriso iluminou seu rosto— E de todas as promessas que ela me fez.»

Ele se encarregaria de que as cumprisse.



Capítulo 11

Tinha sido agradável retornar ao lar.

Muitas pessoas queridas e íntimas tinham morrido na insensata batalha contra os homens de Eric. Entretanto, era agradável estar novamente ali.

Nada tinha sido tocado no interior da casa, e durante sua ausência o que tinha sido arrasado também tinha sido reconstruído.

Por fim viu Adela.

Adela, prima de sua mãe, rondava os sessenta anos. Era uma dama enérgica, animada, perspicaz e de mente rápida. Tinha vivido com Rhiannon durante anos.

Até a volta de Rhiannon, Adela tinha permanecido escondida na casa de um dos granjeiros. Quando a viu chegar e observou o respeito com que a tratavam os vikings que a escoltavam, atreveu—se a sair e aventurar—se até a casa, onde a jovem a tinha recebido com risadas, prantos e abraços. Já estava instalada de novo em seu quarto.

—Peter e sua família se comportaram muito bem comigo. Além disso, corriam grave perigo por me acolher em seu lar —explicou Adela, contente de trocar sua roupa depois de banhar—se e estender—se na grande cama de cordas—. Mas, ah, que casa! Crianças pequenas por toda a parte, e uma cama de palha com uma manta poeirenta. Ah, querida minha, como me doía o traseiro. Enfim, não faço mais que falar. E você, carinho, como está?



A pergunta foi formulada com ternura. Rhiannon escolheu cuidadosamente as palavras para responder.

—Estou bem. Fugi daqui e me refugiei na casa de Alfredo. Depois... depois Alfredo se dirigiu para cá...

—Pareceu—me que o rei tinha vindo! —interrompeu Adela—, mas não me atrevi a sair por medo de estar enganada. Esse gigante loiro impediu que homens fizessem mal às pessoas, mas não sabia como agiria a senhora da casa. Bem, me conte como conseguiu retornar?

—Casei—me com o gigante loiro —respondeu brandamente Rhiannon.

—Oh! —exclamou Adela, atônita—. Ah, claro, mas e Rowan?

—Bom —disse Rhiannon tentando sorrir, desesperada por oferecer um pouco de humor a Adela—. Acredito que isto significa que não casarei com Rowan.

—Ai, minha querida menina! —lamentou—se Adela, olhando—a docemente com seus olhos azuis. Esboçou um alegre sorriso—. Ah, bem, o viking é um homem magnífico. Devia ter ouvido sua voz imperiosa... mandando...

—Ouvi sua voz imperiosa, obrigado.

—Um feroz lutador, sim, mas um homem com piedade.

—Piedade! —exclamou Rhiannon. Adela assentiu muito séria.

—Uma vez terminado a batalha não permitiu que fizessem mal a ninguém. Ai, minha querida Rhiannon. Concordou, então?

—É obvio que não —mentiu ela— O rei me ordenou que casasse e obedeci. Esta é minha terra e este é meu povo, pense o que pensar o viking. Não renunciarei ao que me pertence. A maioria dos matrimônios são alianças. Ficarei muito bem. Agora, me conte mais. Então Peter e sua família se encontram bem. Alegro-me. —Voltou a abraçar sua prima— Estou tão contente e agradecida de ver você; o pobre Egmund morreu, assim como tantos outros.

Egmund tinha recebido um enterro cristão, assegurou Adela, e também os outros.

—Sob o carvalho grande que há junto ao pomar; vamos ali para orar por suas almas, se isso a fizer feliz, querida minha.

Rhiannon tinha rezado por Egmund e pelos outros, tinha visitado as casas dos granjeiros e os servos; tinha expressado suas condolências aos familiares dos falecidos e tinha prometido lhes ajudar a reconstruir o que tinha sido destruído.



Depois tinha dado um dia de festa a sua gente; não trabalhariam para ela nos campos, nem na casa, mas aproveitariam esse tempo para seus próprios assuntos. Nessa noite tinha convidado a todos para comer veado assado e tomar cerveja. Nenhum dos vikings tentou lhe impedir de fazer essas obras de caridade. Nem sequer o ruivo alto de largos ombros que parecia estar no comando, o que chamavam de Sigurd; se este se opunha a que Rhiannon desse de presente o conteúdo da despensa de seu amo, não fez nenhum comentário. Mal falava quando se sentava à mesa para comer com ela, Mergwin e Adela. De qualquer forma, ela sempre sabia que estava ali, que a vigiava.

De pé sobre os parapeitos na alvorada, contemplando sua pequena cidade murada, Rhiannon comprovou que a vida não tinha mudado para os servos, granjeiros e artesãos. Os homens cultivavam os campos. Rhiannon sabia que sua relação com seu povo era boa. Os servos lhe pertenciam; eram quase escravos. Tinham nascido em sua casa e passariam ali suas vidas.

Trabalhariam para ela todos os dias de suas vidas, e se algum desejasse mudar—se, necessitavam da permissão de Rhiannon. Ela era um ama amável, preocupada em fazer cumprir as leis que tinham sido forjadas para todos os homens, e justa em suas decisões.

O serviço de um servo a seu amo ou ama era um antigo pagamento em troca de amparo. Ela tinha fracassado, ao ser incapaz de proteger sua gente. Embora não fosse culpa dela, embora suas forças de combate estivessem atreladas com as do rei, embora tivesse sido traída, havia falhado com seu povo, e isso a afligia. Deixou escapar um suspiro, observando os homens e bois que se via pelos campos.

Havia vikings. Eric tinha instalado na casa alguns de seus homens, que, embora imensamente leais a ela, não deixavam de vigiá—la. Procuravam não importuná—la, mas quando descia para comer pela manhã ou a noite, ali estavam. Onde antes havia estado o pobre Egmund, agora encontrava-se um viking.

Podiam dizer que eram irlandeses, mas eram vikings.

Estremeceu. Diriam o mesmo de seus filhos dali a vinte ou trinta anos? «Não, não são ingleses, são vikings! »

Empalideceu ao pensar nisso

.



De maneira nenhuma podia ter filhos com o gigante loiro que de modo tão dominador tinha imposto sua vontade. Era um desconhecido.

Não; não era um desconhecido, pensou; não depois da noite de bodas. Ruborizou e recordou o longo trajeto até seu lar, acompanhada por Mergwin e a escolta. O velho druida a tinha fascinado com suas histórias. Tinha relatado a chegada de São Patrício a Eire e como tinha expulsado a todas as serpentes; tinha explicado o sentido da hospitalidade irlandesa pela qual se devia socorrer a qualquer pessoa que necessitasse casa ou comida; tinha falado do Aed Finnlaith, o grande Ard—RI, que tinha conseguido unir as forças de muitos reis para combater contra o perigo viking.

—E entretanto —tinha comentado ela— os vikings conquistaram Dubhlain.

—E fizeram um pacto com o Ard—RI —tinha replicado ele, sorrindo—. E depois, além de algumas esporádicas incursões dinamarquesas, reinou a paz. O Ard—RI passa muito tempo em Dubhlain, e seus muitos netos expulsaram os nobres rebeldes. Olaf o Lobo da Noruega fala o idioma irlandês com mais frequência que o seu próprio. Veste—se com o esplendor irlandês e constrói sólidas fortificações irlandesas. É muito mais um defensor da terra do que um invasor.

—Agora —insistiu Rhiannon—, mas chegou como invasor.

—Seus filhos são parte de Eire. Assim como o filho que carrega será parte da Inglaterra unificada de Alfredo.

Ela sufocou uma exclamação e o olhou fixamente.

—Não carrego um filho...

—Claro que sim.

—Não pode saber! Não pode saber!

—Como quiser. —encolheu os ombros—. Mas é um menino, e se chamará Garth.

Ela afogou uma exclamação porque se algum dia tivesse um filho e pudesse escolher o nome, certamente lhe poria o nome de seu pai, a quem tinha amado tanto e durante tão pouco tempo; se um viking lhe permitisse fazê—lo. Como podia saber dessas coisas esse homem?

—Falou com Alfredo —murmurou. Mergwin não replicou, mas ela intuía que não tinha falado com Alfredo.

Com os olhos perdidos nos campos, Rhiannon recordou as palavras do ancião com toda clareza.



Não podia saber!

Ninguém podia saber tão cedo.

Apertou os dentes. Não suportava a idéia de ter um filho do viking. Sem dúvida, ele desejaria ter um herdeiro legítimo, e ela não podia suportar a idéia de lhe dar algo que desejasse.

Fechou os olhos e recordou a noite de bodas, perguntando—se se poderia ser verdade.

—Meu Deus, por todos os Santos, me proteja! —murmurou, estremecendo — Não darei atenção às tolices de um druida.

Nesse momento se sobressaltou ao avistar um grupo de cavaleiros no horizonte. Cavalgavam a toda velocidade, levantando poeira. À medida que se aproximavam distinguiu os cavaleiros e vislumbrou um estandarte que ondulava no vento.

Encabeçava o grupo Eric de Dubhlain, montado no grande garanhão branco, e sua cota de malha brilhava ao sol. Usava a viseira e cavalgava com a segurança e confiança de um deus. Atrás dele um homem hasteava o estandarte com o emblema do lobo. Retornavam! Tão cedo. Tinha orado pela vitória do rei, mas não tinha esperado que a batalha terminasse tão cedo.

Não tinha esperado ver Eric de Dubhlain tão rápido.

Os chifres começaram a soar para anunciar o retorno dos guerreiros. Rhiannon contemplou sua chegada do parapeito durante um momento que lhe pareceu uma eternidade, sentindo o retumbar de seu coração.

Depois decidiu que desceria e o saudaria com toda dignidade.

Não lhe devia nada, ele a tinha enganado; entretanto o saudaria.

Desceu pelas escadas, entrou na casa e se dirigiu a seu quarto. Olhou ao redor, trêmula. Seu quarto, sim, mas ele o tinha ocupado quando chegou ali e tinha deixado seus baús, cheios de roupa, peles, armas, mapas e livros copiados pelos monges irlandeses em seus monastérios. Com acanhamento e com ousadia depois, Rhiannon tinha remexido seus pertences e pensou, seriamente, na possibilidade de instalar—se em outro quarto. Entretanto, apesar de não querer admitir, temia o viking. Ou talvez não lhe inspirasse medo, mas começava a conhecê—lo muito bem. Se ele julgasse oportuno, permitiria em que sua esposa dormisse em outro quarto; se não, arrastaria—a de volta ao seu, e se consideraria com todo o direito de fazê—lo.



E todas as leis da Inglaterra o apoiariam. Começou a escovar o cabelo e rapidamente escolheu a roupa para o dia. Vestiu uma túnica de linho branco com finos bordados no sutiã e nas mangas. Não era um traje para uma ocasião importante, mas era bonito e realçava a cor de seus cabelos.

E o que importava para ele como estivesse vestida?, perguntou—se. Talvez devesse tentar lutar contra ele de uma forma mais civilizada, mas seguiam sendo inimigos; até a morte.

Desceu até a sala principal e a atravessou. Adela estava bordando junto a uma das janelas. Levantou—se rapidamente com uma expressão risonha e travessa nos olhos.

—Então, retornou o gigante.

Rhiannon lhe dirigiu um rápido olhar.

—Sim, Adela, chegou. Tem que conhecê—lo. Não tenha medo.

—Ora, não tenho medo —assegurou sua prima. Adela saiu atrás dela para o pátio da casa.

Abriram—se as portas da paliçada. Sigurd e Mergwin já estavam no pátio, esperando seu senhor.

Com o coração quase saindo pela boca, Rhiannon fechou as mãos, de pé ao sol do amanhecer.

«Deve ter cavalgado toda a noite para chegar tão cedo», pensou.

Os cascos dos cavalos começaram a ressoar na entrada. Eric vinha à frente do grupo. Segurava o elmo prateado na mão. Seu grande estandarte com o lobo ondulava atrás dele. Ao chegar ao pátio desmontou rapidamente. Já estavam ali os rapazes dos estábulo para levar o cavalo. Gigantesco com sua armadura, Eric sorriu para Mergwin e Sigurd, e em seguida seu olhar se desviou para Rhiannon. Ela acreditou perceber uma expressão divertida em seus olhos quando a observou; talvez fosse uma provocação.

Erguido e enorme, ele a observou com aqueles incríveis olhos azuis. Rhiannon pensou que talvez ele esperasse que ela descesse para recebê—lo; mas ela não estava disposta a fazer isso. Sigurd se aproximou para perguntar sobre a batalha. Eric lhe deu uma palmada no ombro e assegurou que tinham infligido uma severa derrota aos dinamarqueses. Saudou Mergwin e se interessou por sua saúde. Por último, se encaminhou para Rhiannon.

De repente, a jovem lembrou-se da primeira vez em que ele entrou na sala; recordou a crua sensação física daquela primeira batalha, daquele primeiro encontro.



Ao vê-lo diante dela, com o elmo sob o braço, sua enorme corpulência aumentada pela armadura, Rhiannon se certificou de que a olhava com expressão desafiadora e divertida, ao mesmo tempo.

—Minha senhora, minha esposa, quanto me alegra que tenha vindo até aqui para me saudar.

Ela certamente não ansiava saudá-lo, e ele sabia muito bem disso. Rhiannon sorriu, e teve a sensação de que seu rosto congelava.

—Queria perguntar pelo rei, Eric de Dubhlain.

—O rei se encontra muito bem. Não vai interessar-se por minha saúde?

—Não sou cega, meu senhor. Vejo muito bem que sua saúde é excelente, não é assim?

—Excelente, na verdade. Tenho uma incômoda cicatriz em uma coxa, de uma ferida de flecha anterior, mas desta batalha saí ileso. Estou certo de que lhe agrada muito saber.

—Muito mesmo —disse ela, com o sorriso congelado no rosto.

Ele se inclinou, agarrou-lhe a mão e lhe sussurrou no ouvido:

—Que grande mentirosa é, milady. Desejava desesperadamente que chegasse com as vísceras pendurandas e minha carne destroçada.

—Não, milord, desejava desesperadamente que não retornasse —disse docemente. Levantou a voz— Sem dúvida deve estar muito cansado depois da longa cavalgada.

—Na verdade, não estou cansado. Nem um pouco —contradiu ele— Cavaleguei com entusiasmo pela promessa do... do lar.

Ela se voltou, disposta a entrar na casa e acabar com a paródia que tinham que representar diante dos outros. Mas esta não terminaria, é obvio. Rollo e talvez outros capitães entrariam com ele e teria que servir cerveja e comida. Ela se encarregaria disso e depois procuraria sumir para passar em alguma parte o restante do dia.

Quase tropeçou com Adela. Eric a viu então pela primeira vez e franziu o cenho.

—Quem é?

—Adela, meu senhor! —respondeu a anciã— A criada de sua esposa.

—Minha prima —corrigiu Rhiannon olhando com severidade para Adela.

Ela se inclinou, graciosamente.

—Estou encantada de vê-lo de volta, a salvo e bem.

Eric esboçou um sorriso e depois pôs-se a rir.



—Adela, não é? Venha e beba conosco. Estou certo de que minha esposa está ansiosa para brindar a última vitória de Alfredo.

Rhiannon não disse nada. Todas as palavras de Eric pareciam ter duplo sentido. Adorava zombar dela. Mas ela jamais se comportaria como uma vítima indefesa, jurou; jamais se renderia. Que risse o quanto quisesse. Ela seria a última a rir.

Então apareceu Rollo atrás de seu marido e a saudou com um beijo na mão. Outros começaram a encher a sala.

Rhiannon sentiu que o coração saltava e pulsava com fúria. Tinha visto um rosto muito conhecido entre a multidão de guerreiros; o rosto de Rowan. Sou noivo tinha seguido seu marido até a sala que deveria ser dela. Empalideceu. Eric, que conversava com Adela, observou—a.

Rowan estava rindo da piada contada por um homem, quando seus olhares se encontraram. A risada desapareceu rapidamente. Inclinou a cabeça com solenidade, como uma saudação e se voltou para outro lado.

Uma pesada mão com manopla caiu sobre o braço de Rhiannon e a obrigou a voltar—se. A jovem, pálida, sustentou o penetrante olhar azul de seu marido.

—Sim, esposa —murmurou ele—, o jovem Rowan está comigo, vivo e muito bem, como pode ver. Ela afastou o braço para escapar. Eric a soltou.

—Por que está aqui? Que nova crueldade é esta?

—Nenhuma crueldade, senhora. Ele escolheu me servir.

—Não acredito.

—Está acorrentado? Não, minha querida esposa, caminha livremente. Casualmente, eu lhe salvei a vida quando era atacado por dinamarqueses e acredito que está agradecido.

—Salvou—lhe a vida? —A altivez e arrogância do viking a tiravam do sério—. É um tolo, grande lobo irlandês —disse com doçura— Talvez eu esteja ainda perdidamente apaixonada por ele. Talvez ele esteja ainda perdidamente apaixonado por mim. E talvez nós dois iremos traí-lo nesta mesma casa.

Eric permaneceu em silêncio por um momento, impassível. Rhiannon sentiu um nó no estômago e se arrependeu de ter falado assim.

De repente, ele arqueou uma sobrancelha dourada e a olhou fixamente. Ela tentou desesperadamente adivinhar seus pensamentos.



Eric encolheu os ombros, e ela quase lançou um grito quando seu marido agarrou sua mão entre as dele, inclinando—se para lhe roçar a pele com os lábios.

—Acho que não, milady. Rowan não me trairá, por sua honra. E você tampouco, porque se o fizer, a açoitarei nas costas e nas nádegas até que aprenda bem a lição.

Desta vez, quando ela tentou libertar—se, ele não permitiu.

—Solte-me! —sussurrou ela, nervosa— A sala está cheia de seus companheiros. Não quer se comportar como um anfitrião amável?

—Não, quero ser o senhor. Banharei—me e me trocarei antes de comer.

—Não espera que eu atenda seus homens... —protestou ela.

—Não —assegurou ele— Espero que me atenda . Ela arregalou os olhos e afastou sua mão.

—Eric, não pretende...

—Claro que sim, meu amor. Suas íntimas palavras a respeito de Rowan evocaram uma imagem. Recordo minha esposa, envolta em pouco mais que a esplêndida formosura de seus cabelos, me prometendo tudo se o jovem Rowan vivesse, prometendo me servir de todas as maneiras; de todas, todas as maneiras.

—Mas ele estava vivo.

—Não poderia ter prometido não matá—lo se estivesse morto, meu amor.

—Ah, sabe a que me refiro! Enganou—me. Já tinha decidido. Montado em seu cavalo, melhor dizendo, meu cavalo, deixou que eu me comportasse de uma forma ridícula...

—Prometeu me entregar tudo que me deve.

—Não lhe devo nada.

—Pelo contrário —disse ele, perfurando-lhe os olhos com o fogo azul dos seus, apertando sua mão quase com crueldade— Deve muito, e vim saldar a dívida.

—Aqui não; não agora...

—Adela! —chamou ele, interrompendo—a.

A anciã se voltou em seguida. Eric lhe dirigiu um encantador sorriso que pareceu enfeitiçá—la imediatamente.



—Senhora, teria a amabilidade de ordenar aos criados que coloquem a banheira no quarto de minha senhora e meu? E que levem água quente e um pouco de vinho. E depois, prima Adela, talvez pudesse contar com você para que se encarregue do bem—estar de meus homens nesta sala. Suponho que está acostumada a realizar esse papel nesta casa. Já que não nos esperavam, demorarão um pouco para assar carnes e preparar uma boa comida. Poderia cuidar de tudo...?

—É obvio, milord —disse Adela, que imediatamente se dirigiu à entrada da cozinha para realizar a tarefa.

Observando—a, Rhiannon disse:

—Eric, um comportamento assim de sua parte seria muito grosseiro...

—Caminhe ao meu lado, senhora, ou a levarei sobre meus ombros. Não me importa de que modo me acompanhe, mas me acompanhará.

—Age assim porque Rowan está na sala! —acusou ela, obstinada.

—Não, minha senhora e esposa. Faço porque me dá prazer, e talvez não só a mim.

Um escudo de gelo pareceu lhe cobrir os olhos quando baixou a cabeça para olhá—la. No mais profundo de sua alma, ela sentiu o frio, que em seguida foi substituído por um calor abrasador. Secou-lhe a boca, e começou a tremer. Desejava odiá—lo, na verdade o odiava e desprezava seu comportamento. Entretanto, estava recordando da noite de bodas, apesar de tudo.

Lembrava da sensação de suas mãos sobre ela, acariciando—a; seus lábios roçando sua boca, lhe queimando a pele.

Negou com a cabeça, desesperada. Rowan estava na sala. Ela o tinha amado. E jamais, jamais, Rowan a tinha feito experimentar sensações semelhantes às que tinha provocado o viking.

—Eric, não irei com você!

—Lute comigo, senhora, e a vencerei sempre —adverteu ele.

—Não vencerá sempre...

—Sim, porque me ensinaram que se não vencer não resta nada mais que esperar a morte; sendo assim, levo muito a sério minhas batalhas.

Ela abriu a boca para protestar, mas ele estava decidido e não ameaçava em vão. Inclinou—se para agarrá—la e a jogou sobre o ombro. As risadas e a conversa na sala cessaram repentinamente, e embora ela lutasse para se libertar, ele falou com tom despreocupado aos presentes:



—Homens, bebam e desfrutem do descanso depois da batalha. Minha esposa e eu não demoraremos para nos reunir com vocês.

Ouviram—se risadas e palavras de compreensão por parte dos homens. Eric se voltou, desceu Rhiannon do ombro para agarrá—la em seus braços e se dirigiu rapidamente às escadas. Em segundos, já tinha subido pelos degraus apesar das sussurradas ameaças e os punhos que lhe golpeavam o peito. Ao chegar ao quarto, ele a lançou, sem nenhum olhar, sobre a cama. Rhiannon se apressou a erguer—se e se apoiou em um cotovelo. Desejou gritar e insultá—lo, mas teve que conformar—se, fervendo de raiva, porque viu que já tinham levado a banheira e que os criados a enchiam com bacias de água quente. O velho Joseph colocou uma moringa de vinho com duas taças de prata sobre uma mesa. Não a olhou em nenhum momento; nem os outros tampouco. Eric tratou com naturalidade os criados, agradeceu-lhe quando partiram, fechou a porta e a trancou.

Apoiou—se contra a porta e a olhou.

—Então? —perguntou.

—Então o que?

—Venha me servir, meu amor.

—Está louco. Devem ter te golpeado com uma maça no crânio, «meu amor».

—Que deliciosa cadência têm essas palavras em seus lábios. Não perdi a razão. Pelo contrário, minha memória é excelente. E lembre-se, carinho, que você...

—Enganou—me! —interrompeu ela.

Eric se encaminhou para ela, formidável com sua armadura. Ela saltou da cama.

—Eric...

—Rhiannon! Ajude-me a tirar esta malha, ou juro que lamentará.

—Não me ameace.

—É uma promessa séria e sincera.

—Não sei fazer isso...

—Sim, claro que sabe. Estou certo que tirou mais de uma armadura. Venha, me ajude. Talvez seja a única coisa que te peça.

O coração de Rhiannon pulsava frenético. A jovem jogou para trás o cabelo e se aproximou dele com um gesto impaciente. Eric já tinha deixado o elmo de lado. Se agachou para agarrar a ponta da larga peça, semelhante a uma túnica que era parte da vestimenta protetora.



Eric colocou um joelho no chão, e ela a passou pela cabeça. Era pesada; escorregou de suas mãos e caiu com estrondo no chão.

—Não importa —disse ele, impaciente—. Meu criado a recolherá. Desate os laços.

Ergueu—se, e ela ficou a suas costas para desfazer os laços que seguravam firmemente a túnica para que pudesse suportar o peso da armadura. Ele lançou longe a túnica. Debaixo só usava uma camisa de linho, meias e botas. Podia arrumar—se muito bem sozinho, pensou Rhiannon e se afastou.

Eric se sentou em uma cadeira, levantou um pé e a olhou.

—Oh, vamos! Pode tirar as botas sozinho!

—Sim, posso, mas prefiro que me ajude. —Dedicou—lhe um simpático sorriso—. Prometo que a ajudarei a se despir, sempre que quiser.

—Obrigado, mas nunca vou querer —repôs ela, com descaramento.

Eric a observava, esperando e sorrindo. Diante de seu olhar, Rhiannon sentiu um calor que a penetrava pouco a pouco, invadindo-a por dentro, formando redemoinhos sob seu ventre e ruborizando suas bochechas.

—Oh, pelo amor de Deus! —murmurou.

Aproximou—se e tirou a bota. Ele apoiou o pé coberto com as meias sobre as costas dela, enquanto Rhiannon tirava a outra bota.

Quando acabou, aqueles azuis olhos nórdicos continuavam olhando fixamente para ela, e o sorriso continuava ali. Ele entreabriu as pálpebras.

—Obrigado —disse com doçura.

Levantou—se e, lhe dando as costas, tirou a camisa e as meias.

Rhiannon engoliu em seco, quando lhe viu as costas e as nádegas nuas, os firmes músculos que se marcavam com cada movimento. Desviou os olhos para a parede e ouviu quando entrava na banheira.

—Posso ir ?

—Ir para onde?

—Ir !Sair deste quarto, atender nossos hóspedes.

—Atender nossos hóspedes? Não me diga que está ansiosa para atender essa horda de vikings. Era



impossível manter a calma. Não tinha por que humilhar—se, nem implorar. Decidiu que nunca voltaria a pedir permissão para nada. Proferindo uma maldição, se voltou e se dirigiu para a porta.

—Não faça —disse ele, e sua voz a fustigou como um látego.

Com aborrecimento, notou que mal podia respirar e que o coração pulsava furiosamente. Obedeceu. Deteve—se diante da porta.

Não era covarde, pensou Rhiannon, mas se tentasse partir ele sairia nu da banheira e a impediria. E depois... não sabia o que seria capaz de fazer depois. Voltou—se, cruzou os braços e ficou olhando para ele.

—Disse que se o ajudasse...

—Preciso de mais ajuda —disse ele com tom agradável.

—O que quer?

—Lave minhas costas. O combate é exaustivo. Preciso de alívio e paz.

«Alívio e paz! E um corno», pensou Rhiannon. Dominando a raiva que a consumia por dentro se dirigiu à banheira, esforçando—se para não olhar sua nudez. Arrancou—lhe o pano da mão e se colocou atrás de Eric. Friccionou—lhe as costas com um desesperado desejo de arrancar—lhe a pele. Conteve o fôlego quando lhe esfregou os ombros e sentiu a vitalidade e o vigoroso calor de seus tendões e músculos. O cabelo dourado lhe caía, molhado, nas costas.

—Pronto! Acabei! —exclamou, jogando—lhe o pano de linho e o sabão.

Eric agarrou sua mão e deu um puxão tão forte que ela caiu de joelhos.

—Não terminou. Na verdade, acaba de começar.

—Eu...

—Suas carícias nas costas foram tão suaves e ternas... Sei que está ansiosa. Agora, meu peito deseja também essa suave carícia.

Rhiannon baixou os olhos, porque não podia suportar o olhar daquele homem. Apertou as mandíbulas, voltou a agarrar o pano e começou a esfregar o peito, evitando olhar as partes de sua anatomia que ficavam sob a água. Os músculos ondulavam sob a ponta de seus dedos, e as mãos tremiam de tal maneira que quase não podia realizar sua tarefa.

—Rezei para que morresse —murmurou ferozmente, sem atrever—se a olhá—lo, consciente de que ele tinha os olhos cravados nela.



—Ah, por certo rezou a seu Deus cristão. Deveria ter rogado aos deuses de meu pai e dos dinamarqueses. Então talvez Tor teria me derrubado na batalha e me conduzido aos salões do Valhalla, em vez de me trazer para seu quarto.

—Talvez —disse ela— Farei isso da próxima vez.

Já começava a levantar—se, quando ele voltou a agarrá—la pela mão.

—Meu amor, não terminou ainda.

—Claro que sim.

Eric estalou a língua. A jovem notou que ruborizava diante de seu olhar. Não havia escapatória, pois os dedos do homem eram como garras de ferro de ferro em seus pulsos.

—As longas e solitárias noites em que ficava acordado pensando em você e suas doces promessas.

—Pense bem, milord. Estou certa de que em nenhum momento se lembrou de mim. Possivelmente pensou em suas terras recém adquiridas, mas...

—Sim —interrompeu ele— Pensei na terra. — Sorriu—. Amo a terra. Eu gosto de sua beleza, sua generosidade. Gosto de ouvir as risadas das crianças que correm nos prados. Anseio que reine a paz para que possa aumentar a riqueza da terra. Você também ama a terra.

Sim, ele amava a terra; Rhiannon tinha notado. E devia reconhecer que demonstrava muita consideração pela vida humana para um homem que passou tantos dias de sua vida na batalha.

Alfredo também combatia. Além disso, amava o estudo, sua família, sua casa, seu lar, seu Deus. Alfredo era um rei guerreiro e um homem compassivo.

Era difícil acreditar que aquele homem, seu inimigo e seu senhor e marido, pudesse ser também compassivo; um homem que talvez a conhecesse melhor do que ela queria.

Baixou os olhos.

—Amo meu povo, milord.

—Sim, e o povo está intimamente ligado à terra, não é? E é evidente que você governa bem sua propriedade. Este lugar prosperou em minha ausência.

Rhiannon o olhou nos olhos, desafiante.

—Já não é minha propriedade, é?

Eric sorriu, recostou—se na banheira comodamente e fechou os olhos.

—É minha, como esta terra. Gosto das duas.



—Como gosta de seu cavalo, Alexander.

—É um garanhão extraordinariamente bom.

Ela levantou o pano, disposta a jogar—lhe no rosto. Mas a relaxada aparência dele era enganosa. Antes que ela pudesse mover—se, ele já tinha aberto os olhos e tinha segurado sua mão. Com voz profunda e rouca disse:

—Esposa minha, sim, pensei em você, noite após noite; pensei em sua doce promessa. Tentarei citar as palavras exatas. Bom, não lembro exatamente, mas recordo que me disse que me daria tudo o que eu quisesse.

—Enganou—me.

—Terei o que quero —disse ele, encolhendo os ombros— E duvido que lhe desgoste tanto cumprir seus deveres conjugais. Recordo com o maior prazer de nossa noite de bodas. Esses suaves e doces sons que deixava escapar, encheram meus sonhos quando deitava sozinho na escuridão.

Rhiannon ruborizou de novo. Tentando manter sua dignidade, espetou:

—Terror viking...

Emitiu uma sobressaltada exclamação quando ele a rodeou com o braço e a introduziu totalmente vestida na banheira. A água salpicou o chão de madeira. A jovem pressionou—lhe com força o peito, tentando libertar—se. Eric pôs—se a rir, sem soltá—la. Enroscou os dedos em seus cabelos para imobilizá—la, e sua boca pousou avidamente sobre a dela. Sua língua iniciou uma exploração selvagem e sedutora pelos lábios e boca de Rhiannon, que, envolta no vapor da água e o calor do corpo dele, sentiu que o coração retumbava no peito. Então ele afastou seus lábios, enquanto seus dedos encontravam as pontas da túnica da moça.

—Prometeu vir , me seduzir e enfeitiçar como fez aquele dia no bosque com seu noivo.

Agarrou os poderosos dedos, que estavam sobre seus seios.

—Deseja o que não pode ter, o que não ganhou, o que jamais darei! Eu estava apaixonada por Rowan.

—Apaixonada! —Ele riu, zombador—.Brincava com um rapaz. Precisa de um homem.

—Sim, senhor, você é tão velho... Prefiro um jovem. Que mulher precisa de um amante decrépito?

—Não tão decrépito, ao que parece! —exclamou ele, divertido.

Então Eric tomou a mão e a baixou lentamente por seu peito. Ela sufocou um grito quando inundou sua mão sob a água para deslizá—la por seu ventre, ao redor do membro viril.



Os dedos da jovem perceberam a vida e a excitação que palpitavam com força e desejo. Tentou retirar a mão, mas a dele a impediu. Quis sair da banheira, gritar, protestar, mas seus olhos permaneceram aprisionados pelo olhar dele, e não deixou de tocá-lo.

Eric esboçou um sorriso. Impaciente, afastou-lhe a túnica e descobriu os seios. Atraiu-a para si, e seus lábios capturaram os suaves e rígidos seios.

Circundou com a língua a dureza do mamilo e sugou ardentemente, produzindo nela uma alarmante onda de intenso prazer. Ela gemeu e, como dotados de vontade própria, seus dedos se enterraram nos cabelos do homem, enquanto ele gozava apaixonadamente do doce fruto de seu corpo. A mão masculina deslizou por baixo da roupa molhada, subindo pela coxa. A carícia se concentrou no centro de sua excitação e depois introduziu-se dentro, muito fundo, arrastando-a a beira do abismo, fazendo-a estremecer, querendo resistir e sabendo que estava perdida; esfregando, acariciando com tanta suavidade, tão profundamente... Ela tentou, em vão, fazer sair as palavras presas na garganta, mas os lábios de Eric estavam sobre os seus, apagando qualquer protesto.

O viking se levantou na banheira com ela em seus braços. Uma grande cortina de água caiu de seu corpo nú e da roupa empapada dela. Eric a olhou fixamente nos olhos antes de depositá-la no chão. Introduziu a mão pelo sutiã e rasgou o tecido da camisa e o vestido branco de Rhiannon. Em silêncio ela se amaldiçoou pelo rubor que subia a suas bochechas. Decidida, sustentou o olhar dele com expressão de desafio. De certo modo lhe agradou o sorriso de admiração que apareceu nos lábios do homem e o brilho de seus olhos ao olhar para ela. Sim, eram inimigos, mas a gratificava que ele a admirasse e lhe agradava contemplar sua masculina beleza e sentir seu crú e excitante vigor. Sim, inclusive gostava de sua arrogância, porque talvez fosse essa mesma confiança e segurança em si mesmo que acendia as chamas em seu interior.

—Destruíu meu vestido —disse secamente.

—Tem outros.

—Ah, senhor, sou sua esposa, sua propriedade, sua posse; o que é meu é teu, e portanto o vestido destruído representa uma perda para você. Nem sempre conseguirá derrotar o inimigo. Nem sempre haverá novas riquezas para conquistar.

—Não, porque minha querida esposa rezará agora aos deuses corretos para que me castiguem.



—Nem sempre vai vencer.

Eric a agarrou em seus braços, com seu olhar, de um insondável azul cristal, fixo nos olhos dela, e os lábios curvados em um sorriso.

—Mas, meu amor, permita-me protestar. Eu sempre ganho e prometo que sempre ganharei.

Ela desejou contradizê-lo, mas ele já avançava para a cama. Depositou-a sobre a cama e se deitou ao seu lado. Ela teria falado, mas Eric voltou a reclamar seus lábios.

A seguir a boca dele, tempestuosa e ardente, deslocou-se para o lóbulo da orelha, onde lhe sussurrou que estava molhada e deliciosa. Sua mão a acariciava, enquanto Eric explicava, com voz rouca, onde a beijaria, interrompendo-se para lambe as gotas de água que escorriam em seu corpo. Passou a palma brandamente por seus seios, e em seguida pousou os lábios sobre o doce e duro mamilo para banhá-lo com a língua e aprisioná-lo na boca, fazendo-a gemer e apertar-se contra ele. Rhiannon cravava os dedos nos ombros dele, afundava-os em seu cabelo, entregue totalmente a suas carícias.

Eric lambeu uma gota que repousava em seu umbigo e logo desceu pelo ventre feminino para instalar-se entre suas coxas. Ali a desafiou a protestar, deslizando as fortes mãos sob as nádegas para separar as firmes e longas pernas e iniciou um suave e completo percurso pelas pétalas rosadas de seu mais profundo desejo. Sua carícia era leve, roçando, explorando, tão atormentadora e sedutora que, em vez de protestar, ela se arqueou contra Eric, que se apressou a acalmar as doces exigências de seu corpo, investindo com os dedos e a língua.

No interior da mulher explodiram profundas e sombrias fantasias que jamais tinha imaginado. Suaves gemidos brotaram de sua garganta, enquanto se agitava e movia sem inibição à medida que ele a excitava ainda mais. Imensas ondas voluptuosas a sacudiram, e estremeceu violentamente quando o clímax começou a erguer-se dentro dela, como explosões de milhares de estrelas em um céu aveludado. E, no instante em que pensava que o prazer começava a diminuir, ele a acariciou mais profundamente, e em seguida montou sobre ela, enchendo-a com a palpitante plenitude de seu sexo. E ao penetrá-la ferozmente, as chamas do prazer se avivaram.

Rhiannon mordeu-lhe o ombro e arranhou as costas. Sem vergonha, agarrou-se a ele, rodeando a cintura com as pernas, e movendo-se ao ritmo que ele marcava.

Não desejava isso, pensou fugazmente.



Não queria entregar—se a ele. Sim, tinha prometido fazê—lo, mas ele a tinha enganado e traído... Entretanto, ele era o que mais desejava naquele momento. Rhiannon lhe beijou o peito, e Eric respondeu ao ardor de sua boca com avassaladora paixão. Sentiu-se maravilhada pelo vigor dos músculos que tocavam seus dedos e extasiada pela força que investia com ânsia e poder entre suas coxas. As imensas e cegadoras ondas de prazer cresciam dentro dela. Depois, tomou conta dela uma doçura tão deliciosa que era quase insuportável.

O mundo resplandeceu, e notou que ele a penetrava mais e mais profundamente.

O êxtase a alcançou, invadindo—a inteira. A cegante luz abriu caminho à escuridão, e nesse momento ouviu o gemido rouco e gutural de seu marido, que encontrava seu próprio alívio dentro de seu corpo.

A luz retornou pouco a pouco. A mulher ainda ofegava, e seu corpo era sacudido por pequenos estremecimentos.

Eric, apoiado sobre um cotovelo ao seu lado, contemplava—a. Uma longa mecha de cabelo, ainda úmido, unia—os como uma meada de ouro e fogo.

Acariciou-lhe a bochecha com doçura. Ela fechou os olhos, esgotada; naquele momento só desejava apoiar a cabeça em seu peito e encontrar a paz.

—Sim, sonhei contigo, meu amor —murmurou o viking.

Seu primeiro pensamento foi que o sussurro não tinha sido real; mas depois percebeu que era, porque ele a atraiu brandamente para si até colocar sua cabeça sobre seu largo peito. Afastou—lhe o emaranhado cabelo.

—Sonhei com este lugar, com as cores e matizes das rochas e escarpados. Tonalidades malvas, púrpuras; o verde da primavera.

—Irlanda é verde, conforme me disseram —murmurou ela contra seu peito. Não lhe via o rosto, mas pressentiu seu sorriso.

—Sim, é verde; formosa e generosamente verde. Mas Eire também tem outras cores; suas rochas e escarpados, sua beleza e sua paz.

—Aqui nada é agradável —disse Rhiannon— O vento sopra com muita freqüência. E o mar é traiçoeiro. Há muitas tormentas.

—Sim, é verdade —concordou ele.

—Isso é parte do que ama, categoricamente seu estilo.



—E acredito que também o seu, milady. —Riu— Sim, talvez pareçamos um com o outro.

Ainda havia ternura em sua voz, mas subitamente a assustou, do mesmo modo que o bem—estar que sentia junto a ele. Aquilo não podia durar. Ele não a amava, só brincava com ela. Queria—a como à terra, como a Alexander! Jamais devia permitir—se ter muita intimidade com ele. Jamais devia depender dele. Nem precisar dele.

Nesse momento Eric lhe acariciava brandamente as costas, o ombro, o braço. Seu contato produziu em Rhiannon uma comichão no peito, e pareceu natural que o provocasse.

Mordeu o lábio e levantou a cabeça, tentando libertar os cabelos. Ouviu sua risada rouca, suave, atormentadora. Ele voltou a colocar—se em cima dela, equilibrando seu peso com seus musculosos braços.

—Ah, doce esposa minha, talvez descubra que está apaixonada por mim, um velho decrepito.

Estava desaparecendo a névoa da paixão e as palavras sussurradas tinham acabado com o que restava. Só via o rosto do viking, belo e satisfeito, e a lembrança do desenfreado desejo que despertava com tanta facilidade.

—Jamais te amarei! —jurou com voz rouca— Simplesmente cumpro com meu dever conjugal. Não me deixa outra opção!

A alegria desapareceu dos olhos de Eric; de repente, pareceram cobertos por uma capa de gelo. Seu sorriso, em troca, não se alterou.

—Sim, senhora, não tem outra opção. Lembre-se disso. Não é necessário que me ame. Limite-se a me agradar. Talvez nos demos muito bem assim. O amor é uma emoção muito dolorosa.

—Você não me ama —replicou ela.

—Deus santo, não! —exclamou ele, cortante. Roçando a bochecha com os dedos, acrescentou quase com doçura— Que Deus e todos os deuses, cristãos e pagãos, tenham piedade do homem que a ame.

Ergueu—se bruscamente e saltou da cama com graça. Rhiannon se agasalhou com o lençol. Estava cedendo ao torpor que a tomava, quando a voz rouca proferiu a frase, como uma jarra de água fria:

—Levante-se, meu amor, tem hóspedes para atender na sala.

—Tenho hóspedes para atender?

Eric a agarrou e a pôs de pé diante dele.



Só o contato de seu corpo contra a dureza do dele a avivou de novo, embora devolveu o olhar com ódio.

—Como disse —sussurrou ele—, não é necessário que me ame. Mas é minha esposa, e vai servir-me.

—Não sou sua escrava!

—Não, Rhiannon, é a senhora aqui. Então, reinará na sala da casa em que nasceu. E se deitará comigo neste quarto quando eu quiser.

—Vamos ver.

—Pois sim —zombou ele—, já veremos.

Estreitou—a entre seus braços e a beijou de um modo tão apaixonado que Rhiannon não pôde resistir. Percebeu uma ternura misturada com a paixão.

—Que Deus tenha piedade do tolo que se atreva a te amar, Rhiannon. —voltou—se para um de seus baús—. Vista-se depressa. Demoramos muito.

—Nós demoramos? Eu não...

Eric a olhou nos olhos, silenciando—a.

—Claro que sim —disse com um tom travesso e meio zombador— E voltará a fazer outra vez, e outra. Agora vamos.

Furiosa por sua insinuação e a dura autoridade de sua voz, Rhiannon deu meia volta para procurar um vestido. De costas para ele colocou a camisa e depois se voltou.

Eric já tinha colocado as meias e estava vestindo a camisa. A jovem teve que morder o lábio fortemente porque sentiu que renasciam os estremecimentos em seu interior ao contemplá—lo. Tinha o corpo tão belo, os ombros tão largos; seus braços eram como o aço, e suas coxas, sólidas como troncos de árvore. Desejou acariciar o tom de bronze de sua pele e maravilhar—se com seu tato.

Não a amava...

Era seu marido e o destino os tinha unido. Mas não o serviria! Não!

Entretanto...

Ele amava esse lugar. Amava a terra, o povo, amava as crianças.

Eric se voltou, como se um sexto sentido lhe tivesse indicado que estavam observando—o. Ela se virou em seguida, tirou do baú uma anágua e uma túnica e se vestiu com um conjunto azul muito elegante. Então sentiu que Eric a observava.



Quando deu a volta, ele já estava vestido como um príncipe irlandês, com camisa e túnica curta forrada em peles, meias azul marinho, capa carmesim e broche.

Eric introduziu a adaga da qual nunca se separava na bainha que pendia do cinto e lhe estendeu a mão.

—Vamos, milady?

—Você me arrastou até aqui. Agora me apressa.

—Bom, se prefere continuar aqui, eu quebrarei com muito gosto todas as regras de hospitalidade e ficarei contigo. Aprende com rapidez, minha senhora e esposa, e entretanto há tantas outras coisas que poderia ensinar...Certamente minha pressa foi indecorosa, provocada pelo tempo transcorrido desde os incríveis êxtases de nossa noite de bodas... —A voz e o som rouco e profundo de sua risada ressoou no quarto. Rhiannon tinha decidido apressar—se, e quando ele acabou de falar com ela já havia escovado o cabelo, calçado e tinha bebido um longo gole do vinho que lhes tinham servido. Estava junto à porta com o queixo erguido orgulhosamente, desafiando suas risadas.

— Vejo que já está pronta —disse ele. Tomou a mão, e juntos saíram do quarto. No corredor se deteve, beijou—lhe a mão, e seus olhos, muito azuis, escrutinaram os dela nas sombras— É incrivelmente bela, meu amor. —Um malicioso sorriso apareceu em sua sensual boca— O esplendor da tarde se desvaneceu, e já ardo em desejo que chegue a noite.

Ela sustentou o olhar sem pestanejar, rogando que ele não percebesse o agitado pulsar de seu coração nem percebesse que suas palavras a acendiam com pequenas e ardentes labaredas de excitação.

—Nossos hóspedes nos esperam—disse Rhiannon.

—Sim.

Tomou a mão e a conduziu para as escadas. De repente, enquanto se dirigiam à sala, ela estremeceu violentamente. «Que Deus e os céus tenham piedade da mulher que seja suficientemente tola para amá—lo», pensou.



Capítulo 12

Cinco dias depois, ao despertar pela manhã, Rhiannon descobriu que o viking já não estava em sua cama.

Viu os lençóis enrugados onde tinha deitado o gigante loiro que tinha retornado com tanta rapidez para amargurar sua vida.

Levantou—se com um salto, como se precisasse escapar até da perseguidora lembrança de seu corpo junto ao dele, e olhou o leito como se fosse uma brincadeira tudo o que significava aquele matrimônio. Apertou os punhos, desejando desesperadamente poder lhe dar, embora somente uma vez, uma boa surra.

A palavra de Eric era lei, e ele sabia quanto Rhiannon detestava seu domínio e portanto estava decidido a governar à esposa que lhe tinha proporcionado a terra.

Estremeceu e então percebeu que estava nua. Apressou—se a tirar do baú uma camisa, umas meias e uma túnica. Meio vestida, se dirigiu à mesinha em que descansavam a bacia e o jarro com água e lavou o rosto, o pescoço e as mãos. Depois acabou de vestir—se, escovou os cabelos e os trançou, depois de colocar sobre os ombros uma capa forrada de pele, saiu do quarto.

Deteve—se no alto da escada. Não ouviu a voz de seu marido na sala, mas sim a de outros homens. Rollo contava histórias de batalhas, enquanto os outros o escutavam e interrompiam com perguntas. Rhiannon desceu silenciosamente pelas escadas. Respirou profundamente ao ver na sala Rowan e outros jovens que tinham estado a serviço do rei Alfredo.

Tinham estado na casa desde sua volta. Naquela primeira noite a tinham saudado educadamente, com todo o respeito devido e mesmo ternura, quando ela desceu, agarrada ao braço de Eric.



Mesmo Rowan tinha estreitado sua mão, fazendo uma profunda inclinação e lhe tinha beijado a bochecha diante de Eric, saudando—a como uma irmã.

Esse comportamento a tinha feito sentir-se abandonada, porque o fato de que se atrevesse a lhe beijar na bochecha diante de Eric significava, de certo modo, que tudo que havia entre eles tinha acabado.

Tinha acabado o amor, pensou. Em outro tempo, esse amor tinha brotado alegre e formoso, como um manancial, mas de repente parecia somente uma brincadeira de crianças tentando imitar os adultos. Talvez isso ocorresse porque Eric estava ali, tão real, quando todas as cenas do passado se converteram em tolas fantasias. Ou talvez se devesse à maneira como ele a havia tocado, colocando nela uma espécie de marca de posse que não podia negar. Tinha conhecido Rowan durante anos, e, entretanto, Eric a conhecia melhor. Durante muito tempo tinha acreditado que amaria Rowan até o último dia de sua vida, e, entretanto, a lembrança suave do beijo de Rowan era confusa e inócua, enquanto que ao lembrar a paixão dos lábios de Eric, esquentava-lhe o sangue e lhe avermelhavam as bochechas... Despertava um desejo intenso.

Seria estúpida se chegava a gostar dele. Jamais o amaria, embora compartilhassem o amor pela terra, os animais e as crianças; embora compartilhassem certos valores, tais como o respeito aos mais velhos e as tradições de seus respectivos legados; o gosto pelo exótico, a reverência pela aprendizagem. Não, apesar de que coincidissem em certos aspectos, jamais o amaria. E nunca o honraria, nem obedeceria.

Saiu da sala rapidamente e sem ser vista. Um dos homens de Eric, irlandês, montava guarda junto à porta. Inclinou—se diante dela quando passou. Ignorava para onde se encaminhava; simplesmente desejava afastar—se da sala a qual Eric poderia retornar a qualquer momento. Caminhou, passando junto aos ferreiros e artesãos que trabalhavam dentro das muralhas, e deixou para trás as portas, e mais guardas de Eric. Tomou um atalho que conduzia para o norte, para os escarpados cobertos de grama. Demorou quinze minutos para chegar a um imenso carvalho, cuja frondosa folhagem se balançava sobre as águas de um riacho.

Ali tinham sepultado Egmund e Thomas. Adela a tinha levado às tumbas, junto às quais tinha passado longos momentos orando pelas almas dos falecidos. No princípio, pensou na possibilidade de voltar a enterrá—los sob o chão da capela, mas depois percebeu que gostava daquele lugar belo



e agradável, do qual não se avistava o mar, nem os navios dragões ancorados no qual, em outro tempo, tinha sido sua costa, seu domínio.

Ajoelhou—se na grama e inclinou a cabeça para rezar por seus amigos perdidos; mas sua mente não estava nas orações. Sentou—se e começou a mordiscar ociosamente um raminho, contemplando a rápida correnteza. Estava aturdida, paralisada, pensou. Seu marido tinha retornado antes que ela estivesse preparada para recebê—lo. Durante a ausência de Eric, tinha reinado uma certa paz. Rhiannon teve a ilusão de que a vida não havia mudado. Sentou—se na sala e escutou as queixa de seus servos, arrendatários e cidadãos livres e tinha julgado prudentemente segundo as leis de Alfredo. Mostrava—se justa em suas ordens. Houveram poucas queixas, pois todos estavam muito ocupados reconstruindo suas casas depois da inútil batalha para envolverem-se em disputas. Mas homens são homens, de modo que surgiriam disputas, e o reinado de Alfredo era famoso pela justiça de suas leis.

Mas de repente...

Um viking se transformou no senhor dessa gente. Eric tinha entrado na sala e exigido que tudo estivesse ao seu dispor. Atreveu—se a tomá-la em seus braços pelas escadas e carregá-la pelas escadas, diante de todos, e depois, com a mesma arrogância, tinha retornado a sala para almoçar. O almoço foi adiado até que o amo tivesse satisfeita primeiro outra fome básica. Cada vez que tinham erguido o cálice de aguamel que compartilhavam, tinham roçado seus dedos, seus olhares se encontraram, e ela percebeu que Eric ria de seus sobressaltos.

Parecia que todos o consideravam civilizado, e não somente em alguns momentos, como ocorria com ela. Adela o achava atraente e encantador. Encantador! Os criados se apressavam a cumprir todas suas ordens, e os guerreiros de Alfredo brincavam com ele. Até mesmo Rowan, maldito Rowan, parecia respeitá—lo e apreciá—lo.

«Homens!», pensou desgostosa. Na batalha matava facilmente os inimigos, então isso fazia dele um herói. Tinha sido educado para semear a morte. E para impor sua vontade.

Naquela primeira noite escapou depois do jantar para procurar quarto para os homens que o tinham acompanhado. Alguns dormiriam na sala, outros se hospedariam nas casas junto às muralhas... Devia ocupar—se também de calcular quantos grãos e fenos teria que adquirir para alimentar os cavalos, e solucionar outros assuntos. assim, ficou afastada dele até muito tarde. Por fim, Eric a encontrou na cozinha, vendo os mantimentos para o dia seguinte.



Ainda podia vê-lo na soleira, com as mãos nos quadris, olhando-a com aqueles olhos azuis. Tinha erguido uma mão e ordenado:

—Venha!

Ela havia reunido todo o ar de desafio que conseguiu colocar em sua expressão.

—Meu senhor, estou ocupada —tinha replicado com um tom capaz de desanimar ao mais feroz guerreiro.

Mas não esse senhor dos lobos. Mal tinha começado a voltar—se quando sentiu sua mão no ombro. Sem medir palavras, a agarrou em seus braços e a aprisionou.

Observaram—se em silêncio. Eric a conduziu por entre os homens bêbados, dormindo na sala, fez com que subisse as escadas e a levou até o quarto, sem deixar de olhá-la nos olhos em nenhum momento. Quando a colocou na cama, Rhiannon disse que o odiava, mas enquanto observava como o viking se despia à luz da vela, duvidou da veracidade de suas palavras. Apesar disso, as repetiu várias vezes, quando ele se deitou junto a ela, com seu magnífico peito de bronze coberto de pêlos loiros, e soube que suas palavras não eram verdadeiras.

—É minha esposa —recordou ele— E fará as minha vontade.

Sua risada rouca encheu o ar e o contato de suas mãos transformou-se, repentinamente, em uma doce carícia e os furiosos protestos da jovem foram afogados pela doce e exigente avidez dos lábios masculinos. Suas palavras de ódio se consumiram, varridas com a mesma audácia que sua vontade. As velas começaram a apagar—se, e Eric arrancou, com o ardor de seus beijos, suaves gemidos de desejo e satisfação.

Sentada à beira do riacho, Rhiannon expulsou o ar de seus pulmões e ficou de pé. No dia seguinte, ele tinha saído para cavalgar e não tinha retornado até tarde da noite. Rhiannon fingiu estar dormindo quando ele voltou. Eric não a tocou, então na terceira noite, ela repetiu o jogo. Mas nessa ocasião ele venceu. Rindo, tinha obrigado Rhiannon a olhá-lo nos olhos para lhe dizer que fingia muito mal e que devia dar boas-vindas a seu senhor.

E ela tinha feito, mas se arrependia.

E na noite anterior... na noite anterior Rhiannon tinha conseguido uma vitória. Por mais excitantes que fossem suas carícias, tinha resistido.



Não tinha lutado contra ele, mas tinha se limitado a deitar no leito, fria como uma pedra, com os olhos cheios de lágrimas na escuridão, lutando não contra ele, mas contra ela mesma.

E depois, tinha permanecido acordada na escuridão, como ele.

E nessa manhã...

Ainda podia senti—lo sobre ela, aspirar seu aroma, recordar a doce melodia de sua risada, seu feroz ardor quando a penetrou. Sentiu novamente a dureza de seus músculos, seu estremecimento quando estava dentro dela, a sensação quando ele derramou sua semente. Como se livraria dele, de sua lembrança? Desprezou a si mesma porque não podia negar que ele parecia um deus com seu peito nú, seus quadris, suas coxas... e seu membro viril era espantoso; que seus olhos eram imponentes e autoritários, e não só seus olhos mas também toda sua personalidade; que era, verdadeiramente o novo amo.

Não, jamais.

As folhas do carvalho balançaram e sussurraram próximos a ela. Tirou a capa, os sapatos e as meias e correu para a água; estava gelada, mas gostava de banhar—se. Olhou ao redor e depois tirou a túnica e a camisa e entrou no riacho, que a cobriu até as coxas. Estremeceu de frio. Afundou—se até os ombros, empapando—os cabelos. Mergulhou rapidamente e sentiu toda a força da água gelada. Sentia—se livre dele, de seu contato e seu domínio.

—Rhiannon.

Ao ouvir pronunciarem seu nome com tom tenso e preocupado, sufocou um grito e se voltou. Apertou os dentes, rogando que Eric não a tivesse descoberto ali. Então relaxou porque tinha reconhecido a voz de Rowan.

—Rhiannon!

—Estou aqui!

Então o viu, montado e rodeando o carvalho. Como era jovem!, pensou. Sentiu—se como se ela fosse muito mais velha. Rowan era ainda um rapaz, pensou,

E ela já não era uma menina, mas uma mulher. Rowan desmontou e caminhou para ela. Deteve—se ao ver sua roupa na margem. Proferindo uma maldição, se agachou para recolher a capa.



Rhiannon se ergueu e caminhou para ele, recordando a malfadada manhã em que se aproximou dele assim. Naquela época, os sonhos ainda estavam vivos. Mas nesse momento... apressou—se a cobrir—se com a capa, e Rowan desviou o olhar.

—O que houve? —perguntou ela.

—Nada —respondeu ele com voz áspera— Os guardas a viram sair, mas ninguém sabia onde se encontrava, e eu... temi por sua segurança.

—Minha segurança? —Olhou—o perplexa. Esboçou um sorriso triste e endireitou os ombros

— Compreendo.Pensou que talvez fosse me jogar no mar do escarpado?

—Não sei —respondeu ele, ruborizando. De repente, caiu de joelhos diante dela, que o olhou surpresa— Imploro que me perdoe, Rhiannon, porque ontem à noite percebi que minha presença aqui aumenta sua tristeza. Por favor, compreenda, eu...

—Você decidiu servir a um viking, Rowan —interrompeu ela, libertando a mão que ele tinha segurado— Eu não. Isso é tudo.

—Tem que vê—lo lutar...

—Vi Eric lutando; vi quando atacou minha casa e não reverencio um homem por sua capacidade para matar.

—Não o conhece...

—Sou eu quem peço que me perdoe, Rowan. Começo a conhecê—lo muito bem.

Ele ficou de pé e se aproximou mais.

—Rhiannon, pelo amor de Deus, por favor, tente compreender. Eric me salvou a vida, não só uma vez, mas duas. Estou obrigado pela honra a servi—lo.

Viu Rowan tão desesperado que lhe rasgou o coração. Abraçou—o, sabendo que sempre o amaria, embora não como o tinha amado em outros tempos, mas sim como um irmão. Não havia nada em seu gesto que não fosse esse tipo de amor.

Quando rodeou o pescoço do rapaz com os braços e sussurrou seu nome com ternura e compaixão, Rhiannon sentiu um calafrio que se transformou em farpas de gelo.

Eric estava observando—a.



Montado no garanhão branco, o viking os olhava das sombras, sob o carvalho. A jovem não via seus olhos, nem sua expressão, mas sim o brilho dourado de seus cabelos e a postura cômoda e imponente sobre o cavalo.

Então ele esporeou sua montaria e começou a aproximar—se. Nesse dia estava vestido como um príncipe irlandês, com o manto escarlate sobre o ombro, preso com um grande broche de esmeraldas, no qual estava gravado o emblema do lobo.

—Meu Deus! —murmurou ela.

Rowan se afastou rapidamente e voltou-se. Avançou um passo, disposto a encontrar—se com esse lobo, por mais que o temesse, disposto a colocar-se entre ela e o perigo.

—Meu senhor —disse—, juro que...

—Não! —exclamou Rhiannon, adiantando—se.

—Rhiannon! —Rowan a agarrou pelo braço para detê—la.

Ela se soltou. A brisa agitou sua capa, e embora a moça a agarrasse e se cobrisse bem com ela, ficou evidente que não usava nada por baixo. Proferiu uma silenciosa maldição. Estava decidida a não permitir que Rowan sofresse por ter se preocupado com sua segurança.

—Não aconteceu nada aqui—disse acaloradamente— Entendeu? Não fizemos nada errado.

Um frio olhar azul, arrepiante como um gélido vento invernal, percorreu—a.

—Meu senhor...

—Rowan, vá embora —interrompeu, cortante, Eric— Depois falarei com você.

—Mas meu senhor...

—Maldito seja, vá!

Rhiannon ficou imóvel, seus olhos presos no olhar de Eric. Ambos ouviram quando Rowan correu para seu cavalo para afastar—se.

Eric continuou com os olhos fixos nela. Apesar do frio da água que ainda umidecia sua pele e o glacial olhar de seu marido, Rhiannon notou que gotas de suor corriam por seu rosto. Não podia permitir que fizesse isso. Não consentiria!, jurou.

Deu um forte e furioso pontapé no chão.

—Foi um encontro inocente, juro. E você não tem nenhum direito, nenhum direito, de me olhar dessa maneira.

—Como estou olhando? —perguntou ele. «De cima», esteve a ponto de responder ela, pois assim parecia. Sobre o cavalo, parecia implacavelmente gigantesco, e entretanto o preferia ali, sobre a



montaria, do que no chão perto dela.

—Juro que somos inocentes. E se fosse um pouco civilizado...

—Ah, estamos de acordo! Não sou civilizado. Sou um viking, mato meus inimigos. A morte é a religião pelo qual vivo!

Começou a desmontar. Rhiannon conteve o fôlego, e o coração batia descompassadamente. Ele se deteve para contemplar suas roupas jogadas sobre a grama.

Eric avançou outro passo, e ela engoliu o medo e o orgulho. Devia defender a honra de Rowan, que tinha comprometido. Colocou graciosamente um joelho no chão e inclinou a cabeça.

—Imploro que me escute...

—Levante-se. A falsa humildade não fica bem em você.

Ergueu—se, olhando—o furiosa, apertou mais a capa contra o corpo e observou que ele sorria implacável ao perceber a ira em seu olhar.

—Assim está melhor, meu amor.

—Não sou seu amor, e jamais serei, conforme você mesmo diz.

—Então não é —concordou ele. Começou a caminhar ao redor dela, esfregando o queixo— Não meu amor, mas minha esposa. Minha esposa! Obrigada pelo sagrado sacramento do matrimônio a me honrar e me obedecer. E entretanto, que me enforcem se estiver enganado, senhora, se não te surpreendo sempre em diversas fases de nudez.

—Diria que é uma de suas maneiras favoritas de descobrir uma mulher, milord —replicou ela— já que quando estou vestida, apressa-se a tirar minha roupa.

—Não é sua nudez que me incomoda.

Um calafrio percorreu Rhiannon quando ele parou a suas costas. Não via seu rosto; só ouvia sua voz, com raiva apesar da leveza do tom.

—É sua repetida nudez diante de outros homens, diante de Rowan.

Tremendo, ela se voltou, pois não suportava tê-lo à suas costas. Umideceu os lábios para poder falar.

De repente, lamentou sua vitória da noite anterior.

Talvez ele não estivesse tão irritado se ela não se mostrasse tão fria; Eric ignorava o quanto aquilo havia lhe custado.



—Meu senhor, juro que Rowan é inocente...

—Há muitas maneiras de morrer, não é? Na forca, por exemplo. Não é uma forma agradável de morrer. Se a corda for muito curta, estrangula lentamente; se for muito longa, a cabeça pode separar—se totalmente do corpo. Também se pode cortar a cabeça de um homem com um golpe de maça ou separá-lo com uma espada.

—Eric...

—É obvio, o pescoço de uma mulher corta-se mais facilmente do que o de um homem. Seu pescoço, querida esposa, é tão suave...

Ela retrocedeu, olhando—o.

—Então faça de uma vez! —interrompeu.

Sua voz congelou-se quando ele a tocou. Eric a estreitou contra seu peito enquanto afundava os dedos em seu cabelo molhado, obrigando—a a olhá—lo nos olhos.

— Jamais a mataria assim, querida minha. Jamais me negaria o prazer de apertar seu pescoço com meus dedos e ver a vida se esvaindo. —Enquanto falava sua mão livre procurou a abertura da capa e se estendeu sobre o peito, sob o qual pulsava seu coração— Para deter este pulsar traiçoeiro — zombou. Repentinamente a soltou, afastando-a de si, e se dirigiu para seu cavalo— Recolha suas coisas e venha. Agora mesmo.

Rhiannon respirou fortemente e expulsou o ar. Não tinha lhe feito mal, mas ignorava quais eram suas intenções. Talvez a levasse até a casa para acabar com ela e Rowan em seu próprio salão?

—Espere! —exclamou.

Eric se deteve e voltou-se lentamente. Rhiannon ficou sem fôlego e durante alguns segundos se esforçou para recuperá—lo.

—Espere. Ainda não me escutou. Se atrever-se a fazer mal a Rowan...

Eram as palavras erradas. Ele se aproximou da jovem e voltou a agarrá—la fortemente. Seus olhos a olharam, autoritários.

—Atrevo-me ao que eu quiser, senhora, devia saber muito bem. Entretanto, não pretendo fazer mal a Rowan. Confio nele.

—O que? —gaguejou ela.

—Não castigarei o rapaz porque sua conduta é a de uma puta insensível.



—O que?

Desta vez não gaguejou. A palavra saiu com toda sua fúria. Retorceu—se contra ele, tentando escapar, conseguindo arranhar-lhe o queixo e acertar um chute na perna do cretino.

O viking proferiu uma selvagem maldição e a agarrou pelo braço, retorcendo—o. Ela caiu, enroscada na capa, e ele se apressou a sentar—se sobre seus quadris.

Seu gênio emergiu para salvá-la da humilhação total.

—Na verdade, se existir um Deus no céu, morrerá sobre uma espada, e se decomporá lentamente até apodrecer, e eu...

—Continue —animou— a ele.

—Solte-me!

—O que? Agora? Vamos, estou encantado de vê-la por baixo. É interessante experimentar o que sentiria o homem para quem se desnuda com tanto entusiasmo.

—Não me despi para Rowan.

—Então, foi Rowan quem a despiu?

—Não, é obvio que não. Eu...

—Ah, compreendo! Veio aqui, tirou a roupa e se meteu na água para representar o papel de sedutora, se por acaso eu, seu marido, passasse por aqui. Que idéia mais interessante! Sobretudo, depois de ontem à noite.

—Eu não...

—Cuidado, cuidado, milady! —inclinou—se para ela, que não soube se o brilho que percebeu em seus olhos era de diversão, fúria ou alguma outra emoção— Agrada—me bastante a idéia. E me desagrada muito a outra sugestão.

Ela abriu a boca e voltou a fechá—la. Eric enroscou uma mecha de seu cabelo em um dedo.

—Um encontro matutino com minha esposa sob a sombra de um velho carvalho, junto ao frescor de um riacho... Certamente é atraente, não acha? Não estimula sua fantasia?

—Não!

—Não! Ah, me parte o coração. Ai de mim, em minha cama deita-se um tronco de árvore sem vida, quando sei que me casei com uma mulher vibrante de paixão. Ou essa mulher só existe para outros? Talvez esteja enganado. Talvez deva falar com o jovem Rowan para descobrir...



—Basta! —sussurrou ela. Eric arqueou uma sobrancelha dourada. Ela ergueu o queixo— Um encontro com meu amado senhor e amado marido me parece... uma fantasia, realmente — conseguiu dizer.

Um brilho malicioso e demoníaco surgiu naqueles olhos azuis, e Rhiannon desejou apagar o sorriso dos lábios dele com um bofetão. Eric ficou de pé e, depois de jogar a capa para o lado, desabotoou o cinto do qual pendia a espada, que caiu pesadamente no chão junto a ela. Enquanto o viking tirava as botas, as meias, a túnica e a camisa, ela se voltou para o lado e observou, ofegante, a espada.

Um pé descalço aterrissou sobre seus cabelos. Rhiannon ergueu os olhos para ele.

—Prometo que se te atrever a erguer uma arma contra mim, gravarei minhas iniciais e o emblema da Casa Real de Vestfald em suas costas.

Enfurecida, ficou de pé com um salto e se atirou sobre ele. Ambos caíram no chão, ele enchendo o ar com sua risada enquanto rolavam para a margem do riacho. Como a capa tinha caído, estava nua entre o frio da água e o ardente calor do corpo masculino. Retorceu—se debaixo dele tentando em vão libertar—se. Resmungou uma selvagem maldição, diante da qual ele jogou para trás a cabeça, rindo.

—O que esperava de um viking? Assim me julgou, e eu estou lhe dando o que deseja. Que nada se interponha em meu caminho. Tomarei o que desejo pela graça da minha espada, senhora. E não voltarei a ter debaixo de mim uma criatura que se comporta com frieza, mas com toda a fúria e doce paixão que me deve.

—Não te devo nada! Bastardo...

Seu sussurro acariciou a bochecha da moça:

—Tome cuidado, milády, tome cuidado. Convença-me de que me desejava e a nenhum outro.

Ela inspirou profundamente, desejando mandá—lo para o inferno. Sua raiva era tão veemente quanto a dele.

Entretanto, também o desejava. Seu traidor corpo o desejava junto ao riacho, à sombra do velho carvalho. Estremeceu sob a força de seus braços, suas carícias, o poder de seu peito. Sim, desejava—o. Desejava a paixão, o abrigo e consolo de seus braços, a ternura de seus sussurros; desejava o homem a quem começava a conhecer. Envolta na fresca paz do dia, ouviu o rumor das folhas, o murmúrio do riacho, e sentiu as ardentes correntes que tinham surgido entre seu marido



e ela. Rhíannon o observou, emoldurou seu rosto com as mãos, enfrentando o fogo de seus olhos com as faíscas prateadas dos seus, e atraiu sua cabeça para ela, para beijá-lo de um modo selvagem e desafiante. Com a língua, explorou sedutoramente seus lábios, e a introduziu além da barreira de seus dentes e travaram um duelo hostil e sensual. Enroscou os dedos em seus cabelos e apertou seus seios contra a aspereza de seu peito.

Eric deixou escapar um gemido gutural, rompendo o silêncio da manhã. E para ela já não houve mais paz, nem frescura sob a sombra do carvalho. Os lábios dele abrasaram seu pescoço e os seios, depois ambos se ajoelharam com os lábios colados. Ela ficou de pé e sentiu a aspereza do rosto masculino contra seu ventre, contra suas coxas. Gemeu e se moveu de modo sensual contra ele, acariciando—o com todo seu corpo, esfregando lentamente seus cabelos e sua cabeça contra os tensos e ondulantes músculos de seu estômago. Deteve-se apenas um instante antes de deixar—se levar pela fantasia e agarrar entre suas mãos o membro viril excitado; sobressaltou-se ao notar como inchava e crescia com seu contato. Eric ofegou e sussurrou, o que atíçou sua ousadia e sua lascívia, ou perversidade talvez, mas não importava. Já não recordava nem seu ódio, nem o sangue derramado, nem nada que ficasse entre eles. Só conhecia esse homem, esse amante, e as doces e selvagens sensações que despertava nela e varriam todo pensamento. Beijou o sexo de Eric, lambeu—o e acariciou com os lábios.

O viking deixou escapar surdos e roucos gemidos.

Estremecendo, agarrou—lhe os ombros e a levantou para cobrir vorazmente sua boca com a sua, enquanto a estendia sobre o chão. Separou—lhe as coxas com força e a abriu ainda mais com seus exploradores dedos para logo consumi—la com a ardente e úmida carícia de sua língua até que ela, quase delirante, soluçava por ele, sem saber o que pediam suas palavras. Eric a agradou cobrindo— a totalmente, e ela gritou sobressaltada quando ele a penetrou com a excitante força de seu membro, abrindo caminho, abrasador, enchendo—a, tornando-se parte dela. Seus lábios apagaram o grito de Rhiannon, arrastando—a apaixonadamente no torvelinho de seu desejo. A jovem sentiu que a inundavam raios e os trovões, estremecia a terra, que parecia pulsar ao redor e dentro dela. Foi levada a Valhalla e mais longe. O êxtase cresceu em seu interior até que o prazer quase se transformou em dor. Depois, o sol pareceu resplandecer e explodir dentro dela, que se sentiu cheia do fluxo do homem.

Passados alguns segundos, a luz do dia retornou. A mulher abriu os olhos e descobriu Eric ao seu lado, apoiado sobre um cotovelo, observando sua palidez.



Subitamente, teve a impressão de era golpeada pelo frio da água e do ar. Estremeceu e tentou mover—se, mas ele estava deitado sobre seu cabelo e não conseguiu.

Seu marido lhe acariciou o rosto, traçando uma linha em sua bochecha com os dedos. Rhiannon tentou esquivar-se, mas ele não permitiu.

—Por que veio aqui? —perguntou ele.

—Para agradá-lo, evidentemente! —alfinetou ela e imediatamente lamentou, porque de novo percebeu o frio vento nórdico nos olhos dele, e se apressou a acrescentar— Não vai...

—Não vou o que?

Ela baixou os olhos. Ainda estavam nus, banhados pelo suor produzido por sua união. A distância entre eles se tornou imensa.

—Não fará mal a Rowan?

Eric se separou dela, levantou—se e entrou no riacho. A água lhe chegava até os joelhos, mas ele afundou em sua frieza, dando as costas a sua esposa.

Depois, sem olhar para ela, encaminhou—se para a margem, nu e indiferente. Agarrou sua camisa e a vestiu.

—Eric? —sussurrou ela, erguendo—se levemente sobre um cotovelo, aterrada.

Ele cobriu-se com a túnica, amarrou as tiras de couro, e seu olhar percorreu o corpo nú da jovem.

—Em nenhum momento Rowan esteve ameaçado por minha ira —afirmou— Já disse que confio em sua honra, embora você não a tenha. —Rhiannon ficou de pé em seguida, como se aquelas palavras a tivessem golpeado. As lágrimas apareciam em seus olhos quando afundou na água. Ele prosseguiu:

— Como já disse uma vez, nenhuma mulher influenciará jamais em meus atos, nem sequer com uma demonstração tão doce como a que acaba de me oferecer.

Ela não queria olhar para ele; infeliz, só desejava afundar no riacho. Ali permaneceu, lhe dando as costas, enquanto a água lavava seus cabelos e esfriava e limpava seu corpo. Fechou os olhos e aguardou, com a esperança de que Eric partisse. Mas ele não partiu. Quando Rhiannon se levantou por fim, tremendo e jorrando água, o viking estava na margem, completamente vestido, apoiado contra o carvalho, contemplando—a com expressão estranha. Ela saiu do riacho com o queixo erguido e, parando junto a ele em toda sua nua majestade, murmurou:

—Queria saber por que vim aqui. Direi: vim me lavar da lembrança da noite.



Esperava uma explosão de fúria, mas não houve nenhuma. O vento sussurrou ao redor deles.

—E a única coisa que conseguiu foi uma nova lembrança —disse ele por fim.

Rhiannon se voltou, e ele agarrou-a pelo braço. As lágrimas ainda lhe queimavam os olhos. Eric a atraiu para si.

—Veio para isso?

Umedeceu os lábios e apontou a árvore.

—Egmund e Thomas estão enterrados aqui. —Ele franziu o cenho— Meus capitães —explicou ela—, os homens de meu pai que cuidaram de mim por toda a vida e morreram em nossa batalha.

—Traidores, senhora —acusou ele, rígido.

—Não —replicou ela, negando veementemente com a cabeça—, traidores jamais!

—Então, senhora, desafiou a seu rei ao me atacar.

Rhiannon voltou a negar com a cabeça.

—Não traí o rei Alfredo! Tenho honra, meu senhor, embora você não acredite!

—Presenciei como tentava trair um compromisso matrimonial.

—Compromisso que eu não contraí livremente! —exclamou ela com paixão—. Tenho certeza que já possuiu inúmeras mulheres, de boa vontade e a força. Eu fui vendida, trocada, traída; obrigaram-me a casar! Eu desejava... bom, o que importa! —Lutou para libertar-se, mas ele a segurava com firmeza.

—De boa vontade —disse ele.

—O que?

—Todas minhas mulheres se entregaram de boa vontade —Sorriu.

—Ah! Pois, eu não!

A expressão do rosto de Eric já não era travessa, mas séria, e suas palavras a encheram de tensão.

—Alguém traiu Alfredo —recordou ele—. E a mim.

—Estou farta de proclamar minha inocência!

O príncipe de Dubhlain a estreitou um instante e a soltou a seguir; começou a recolher as roupas pelo chão. Dirigiu-se de novo para ela e as deixou em suas mãos.



—E eu estou farto, milady, de surpreendê-la seminua em lugares que não são nosso quarto. Tinha desaparecido a letal tensão.

— Não tema, não voltará a me encontrar nua.

—Ah, eu gosto de encontrá-la nua. De fato, prefiro assim. Seu gênio parece muito melhor quando está nua.

—Não voltará a me encontrar nua —repetiu ela— jamais!

—Eu acredito que sim —replicou ele, zombador—, porque eu a despirei conforme meu desejo e prazer, é obvio.

Rhiannon engoliu um insulto que estava prestes a dizer e voltou-se. A risada de Eric a seguiu. De costas para ele, se vestiu com a maior rapidez que pôde. Depois se voltou, enquanto se fechava a capa com o broche; irritava-a tê-lo a suas costas. O príncipe irlandês a observava com expressão estranha. Para sua surpresa, agarrou-lhe a mão e a beijou. Logo a fez retroceder até a árvore e com extrema delicadeza, acariciou a bochecha enquanto seus lábios pousavam nos dela com suavidade, quase com ternura.

—Obrigado —disse ao retirar os lábios.

—Por que? —perguntou ela, receosa.

—Por esta manhã. A fantasia se tornou realidade. Diga, se entregará novamente com tanta intensidade e paixão em troca da vida de outro homem? Ou talvez,tenha sentido um leve desejo de agradar seu marido? Poderia ser que, apesar de sua relutância em aceitar este matrimônio e o espanto de compartilhar a cama com um viking, esteja se apaixonando um pouquinho por mim?

—Não! —negou, furiosa.

—Entretanto, esteve magnífica —sussurrou ele.

—Jamais me apaixonarei por você! Só porque não presta e eu... e eu...

Eric pôs—se a rir e a beijou de novo brandamente nos lábios.

—E você não tema, bruxinha; eu nunca me apaixonarei por você. —Não a olhava, ausente, de repente— Contrariamente ao que acredita, milady, eu lembro o que é amor —murmurou. A brisa soprou com mais força. Então ele a olhou fixamente.

— Ainda está apaixonada por Rowan ?



—Eu... eu... —gaguejou ela—, claro que sim! —mentiu. Na verdade, já não o amava. Ruborizou, perguntando—se se tinha respondido de forma imprudente ou se sua resposta só tinha conseguido diverti—lo ainda mais— Quer dizer...

—O rapaz está a salvo, senhora —disse movendo a cabeça— Agora vamos, chegaram pessoas com pedidos, e quero que me ensine as leis de Alfredo.

Em seguida, se dirigiu ao garanhão branco e se deteve para esperá—la. Rhiannon o seguiu lentamente. Eric a agarrou nos braços, acomodou—a sobre o cavalo e montou atrás dela na sela.

—Já aprendi algo sobre a legislação daqui —disse—. A traição contra o rei é o maior delito no país.

—Eles não o traíram! —replicou ela.

—A traição contra o próprio senhor —sussurrou—lhe no ouvido— constitui o segundo maior delito nesta terra. —Ficou em silêncio, esperando alguma reação, mas como ela não replicasse acrescentou— Rhiannon, nunca esqueça que, sejam quais forem seus sentimentos, eu sou seu senhor.

Eric lhe tocou a bochecha, voltando levemente a cabeça para olhá—la nos olhos. A jovem se afastou e baixou os olhos, para a sela, onde ele tinha a mão esquerda apoiada, grande e poderosa, com dedos excepcionalmente longos, tão graciosos quanto fortes.

—Rhiannon...

—Não esqueci que é meu senhor —disse ela, voltando a cabeça para ele com um brilho de desafio nos olhos— Nunca me permitirá esquecer.

O homem sorriu e depois o ar se encheu com sua risada jovial. A dureza de suas feições se abrandaram, oferecendo o aspecto de um príncipe todo—poderoso, imponente, o senhor viking dos lobos.

—É extraordinária, milady.

—Sou?

—Governou muito bem em minha ausência, na realidade, maravilhosamente bem. E minha volta a zangou. Na verdade, não vim para lutar com você. Ambos temos os mesmos objetivos.

—Não, milord, não! —contradiu ela docemente.

—Sim, senhora, sim. —Sorrindo, esticou um braço para abranger a terra que os rodeava—. Nós dois desejamos o melhor para este lugar: prosperidade, alegria, paz, justiça, cultura; nossa idade de ouro, talvez.



—Milord! —exclamou ela, arregalando os olhos com fingida inocência—. Que poder tenho? Faz questão de me recordar que sou pouco mais que uma serva sob seu domínio supremo.

Eric moveu a cabeça divertido, consciente de que qualquer expressão de humildade nela era falsa.

—Rhiannon, demonstra seu poder em cada passo que dá. Senhora, é minha esposa, e qualquer homem exige certas coisas de sua companheira. As rédeas que leva são frouxas, meu amor, mas deve sempre recordar que estão aí.

—Como disse —disse ela com calma—, não tem nada a temer. Não me permite esquecer que você é o senhor daqui.

—Não me importa como, desde que lembre-se sempre disso.

Então, esporeou o garanhão, que começou a cavalgar. Rhiannon sentiu o poderoso e retumbante movimento do galope do cavalo e o calor e a estranha segurança do peito de seu marido.

Talvez pudesse existir algo semelhante à paz entre eles...

Entretanto, quando o sol resplandecia nas alturas do novo dia e se aproximavam das muralhas, todos os pensamentos de paz se desvaneceram. Do escarpado, observaram que as portas estavam abertas e que haviam cavalos e homens com as cores da bandeira de Alfredo.

—O que houve? —murmurou Eric detendo Alexander.

—Mais dinamarqueses —respondeu com voz lenta. Depois acrescentou secamente— E bem, meu amor, é possível que ainda possa encontrar alívio. Acredito que devo voltar para a guerra e que uma maça dinamarquesa estará sempre me esperando.

Esporeou o cavalo branco, que retomou o galope.

Rhiannon não teve a oportunidade de dizer que não desejava que morresse sob uma maça de guerra. Rezaria para que retornasse são e salvo.



Capítulo 13

Havia um grande número de homens reunidos na sala quando Rhiannon entrou rapidamente atrás de Eric. Entre eles se encontravam muitos dos homens de Alfredo: o sempre carrancudo Allen de Kent, Edward de Sussex, Jon de Winchester e William da Northumbria, que conversava seriamente com Rollo, apoiado contra a parede, retorcendo o fino e escuro bigode.

Assim que entrou na sala, Rhiannon percebeu que William cravava os olhos nela, meditativo e sombrio, com os olhos quase ocultos por suas pesadas pálpebras entreabridos e suas grossas sobrancelhas. « é um homem perigoso», pensou, intranquã. Depois tentou desprezar a idéia porque o rei confiava muito nele. De qualquer forma, a fazia sentir—se incômoda; ele jamais tinha aprovado que ela tivesse tanto poder. Entretanto, tratava—se de um homem importante para Alfredo, e ela sabia que devia aceitá—lo em sua casa.

Não tinha alternativa. Eric o aceitaria.

Em todo caso, era evidente que os homens de Alfredo não se apresentaram para ficar ali, mas em busca de guerreiros.

—Eric! - Jon, impetuoso e apaixonado, sempre o primeiro a entrar na batalha, aproximou—se de Eric— Guthrum foi informado da derrota em Rochester e planeja vingar—se. Sabemos que se propõe a atacar através do mar. Portanto, precisamos de navios a serviço do rei. E um escravo nos avisou que uma horda de sanguinários invasores atracará na costa, ao norte. O rei pede que parta com seus homens para impedir que este grupo se reúna com a horda de Guthrum.

—Minha frota está às ordens do rei —assegurou Eric.



—E acabaremos com qualquer maldito dinamarquês que se atreva a desembarcar nesta costa — interveio Rollo. Elevou—se uma entusiasmada ovação e se ergueram as taças em um brinde.

Rhiannon pensou que os ingleses eram capazes de comportar—se de forma tão bárbara como os pagãos, quando se tratava da guerra.

—Precisamos de navios imediatamente —disse Allen, avançando.

Eric assentiu e falou com seu subordinado:

—Rollo, encarregue-se de que os capitães se preparem para içar velas.

O enorme viking assentiu e saiu da sala. William da Northumbria se aproximou finalmente de Eric para saudá—lo com um forte aperto de mãos.

—Navios vikings contra um invasor viking! Certamente isso nos dará a vitória —disse sorrindo e dando palmadas nas costas de Eric.

O irlandês não respondeu, e Rhiannon pressentiu que seu marido compartilhava sua inquietação a respeito desse homem. Nesse momento, Rowan interveio na conversa:

—Não existe ninguém tão veloz e perito na arte de construir navios como os vikings. Temos que agradecer que o grande Ard—RI da Irlanda aceitasse como genro o príncipe da Noruega e que o neto do Ard—RI ponha seus navios a disposição do rei.

—E seu braço armado! —acrescentou William.

—Bom, agradeço suas boas-vindas —disse, com ironia, Eric—. Veremos se nossos navios vikings contribuem para uma nova conquista.

—Quanto tempo necessitam para zarpar? —perguntou Jon, preocupado.

Eric esboçou um sutil e sardônico sorriso.

—Um navio viking, meus amigos, pode partir assim que se dê a ordem. Sairemos dentro de uma hora. —voltou—se e, dirigindo—se a Rhiannon, e acrescentou— Você pode se ocupar de atender os ingleses, meu amor?

Ela notou certo tom sarcástico em sua voz, mas não conseguiu discernir se estava zangado com ela ou por algo do que havia sido dito na sala. Eric ordenou a Rowan que se reunisse com ele, e ela sentiu encolher o coração ao recordar os acontecimentos da manhã. Eric tinha se mostrado muito disposto a eximir de culpa Rowan, e em realidade parecia sentir verdadeiro afeto pelo rapaz, mas não estaria pensando que respiraria com mais tranquilidade sem ter esse rival perto de sua esposa?



Rowan estaria às ordens de Eric na batalha... Mas não, seu marido não seria capaz de tal baixeza, pensou. Mesmo ela reconhecia que, por muitos defeitos que tivesse o viking, a hipocrisia e a baixeza não estavam entre eles. Eric era um homem honrado. Mas estava zangado com ela, talvez até mesmo com Rowan.

Culpava—a do encontro dessa manhã, desconfiava dela. E havia dito, falsamente, que ainda amava Rowan. Não poderia tratar de feri—la através do jovem, embora não tivesse nada contra ele?

Não tinha tempo de dizer nada. Além disso, não lhe ocorreria falar com ele em presença de homens como William e Allen. Passou junto a seu marido quando este saía para o pátio para chamar os rapazes que cuidavam dos cavalos. A jovem saudou Jon e Edward.

William a abordou, quando se encaminhava para a cozinha.

—Minha querida Rhiannon! Estivemos todos muito preocupados com você. Como vai?

Incomodou-lhe que o homem que se mostrou mais disposto por jogá—la nos braços do lobo fizesse essa pergunta.

—Vou muito bem, muito bem, William, obrigado. Desculpe-me, devo me ocupar de alimentar a esta gente. Ele estendeu a mão para detê—la, mas ela o evitou e entrou na cozinha. Adela já estava ali, e ela e o mordomo já tinham organizado tudo.

—Ah, está aqui, carinho. Bom, trouxemos numerosos barris de cerveja e aguamel, pescado fresco e os javalis que caçaram outro dia. Como não tínhamos tempo de assar os pernis inteiros, porque são muito grandes, cortamos partes e assamos em espetos grande parte da carne. Esqueci algo?

—Nada. É o melhor que pode fazer—se em tão pouco tempo. Adela, é um tesouro.

A anciã sorriu, satisfeita e agradecida, e deu uns tapinhas na cabeça de Rhiannon.

—Tomou um agradável banho no riacho esta manhã?

—O que? Ah, sim, muito agradável, obrigado.

Viu que Mergwin estava junto à cozinha, revolvendo algo que fervia em uma panela sobre as chamas. O druida se voltou para ela e seus olhos a escrutinaram por um momento. Rhiannon dedicou um breve sorriso a Adela e se apressou a aproximar—se do mago.

—O que houve? —sussurrou.

Ele ergueu os olhos, um pouco surpreso. Com sua mão livre afastou a barba e voltou a olhar a panela.

—O que disse? —perguntou por fim.



—Como? —inquiriu ela, tensa.

— A criança —respondeu ele, observando—a atentamente.

De maneira instintiva, levou a mão ao ventre. Não era possível que tivesse adivinhado! Esse homem temível e fascinante não podia saber o que ela começava a suspeitar. Os dias transcorriam e já deveria ter vindo o fluxo mensal. E também notava outras mudanças muito sutis. Mergwin tinha razão, sabia disso. Mas não podia dizer a Eric sem estar certa. A verdade era que seu orgulho não permitia; não podia dizer quando ele a tratava como uma posse que tomava e abandonava conforme seu desejo.

—Não há nada para dizer! —Então sentiu um calafrio porque o olhar de Mergwin a esquadrihava até o fundo da alma. Na defensiva, perguntou com tom acusador— Você vai contar?

—Não me corresponde comunicar milady, somente você pode fazer isso —respondeu, inclinando—se com humildade fingida.

Rhiannon começou a afastar—se, mas ele lhe agarrou o braço.

—Eu não gosto disto.

Ela se soltou, sem compreender.

—A que se refere? Eu não pedi nada disto...

—Refiro-me a esta nova batalha. Eu não gosto. Há algo de mau nisto.

Ela separou do rosto o cabelo ainda úmido.

—Sempre há algo mau na batalha —murmurou— Morrem homens.

Gostou da maneira com que a olhou então, com consideração e certo respeito. Quando Mergwin fez um gesto para tocá—la, entrou Eric.

—Por Deus —trovejou—, já organizei o exército, não podemos alimentar os homens com rapidez?

—Serviremos a comida, meu senhor, agora mesmo —apressou—se a assegurar o servo.

Iniciou—se na cozinha uma frenética atividade; rapazes e moças começaram a desfilar levando pratos, facas, colheres para o guisado e grandes espetos com a carne. Rhiannon percebeu que Mergwin saía silenciosamente pela porta; ia segui—lo quando sentiu a mão de Eric no braço, detendo—a.

—Venha, milady, ocupar seu posto ao meu lado.

Não restava outra opção, porque seus dedos eram como garras de aço e sua vontade semelhante a de Deus.



Assentiu, mas retrocedeu, recomendando—se cautela e ao mesmo tempo desesperada para falar com ele. Rowan combateria junto a ele de novo. Ela precisava saber se os dois homens se reconciliaram.

—Meu senhor, falou com Ro...

—Sim, senhora, sim.

Seus dedos a apertaram com tal força que ela quase gritou. Pela porta, que com tanta pressa atravessavam os criados, entravam as risadas e as estrondosas vozes dos homens.

—Por Deus, senhora —continuou Eric quase em um sussurro—, quantas vezes tenho que repetir que não culpo o rapaz?

—Culpa a mim ! —exclamou ela.

—Ah, sim, sim. Agora, milady...

—Vão partir para a batalha...

—Sendo assim, embora ficasse satisfeita que a espada de um dinamarquês me rachasse o crânio, teme que eu, perversamente, mande à morte o rapaz?

Ela empalideceu, pressentindo a explosão de fúria.

—É só que...

—Prometo —resmungou ele com o rosto muito perto do dela—, que sua honra ou sua falta dela não vale a vida de um guerreiro, seja irlandês, norueguês ou inglês. Agora, senhora, sugiro que me siga antes que esqueça que me encontro entre civilizados ingleses e resolva avermelhar essas carnes que, pelo visto, ainda está disposta a expor diante de outros.

Rhiannon se libertou, lançou uma maldição e se dirigiu para a sala. Em seguida, teve que retroceder, sufocando um gemido, porque ele enroscou os dedos em sua cabeleira e puxou-a. Imediatamente a soltou, pegou-a pelo braço, E juntos se encaminharam para a sala.

Conduziu—a até a cabeceira da mesa, enquanto outros se acomodavam em torno dela, segundo suas respectivas posições. William se sentou ao lado de Rhiannon, Jon ao lado de Eric, junto a Allen e Edward. Rollo cedeu cortezmente seu assento e ocupou, junto com Rowan e outros guerreiros do exército de Eric, o tablado localizado numa mesa secundária.

Rhiannon devia compartilhar o cálice com William, mas, apesar da fúria que ainda dominava seu marido, este se apressou a resgatá—la quando William ofereceu o cálice a ela primeiro.



Eric agarrou-lhe a mão, quando o protocolo teria exigido que aceitasse a taça e pediu desculpas a William, com educação:

—William, imploro que nos perdões. Minha esposa e eu desfrutamos de muito pouco tempo para explorar as maravilhas do matrimônio; pelo visto sempre se interpõe uma guerra entre nós. Minha esposa compartilhará a taça comigo, já que ainda encontro fascinante deixar vagar meus lábios por onde os dela pousaram antes.

Disse com voz suficientemente alta para que todos ouvissem. Edward pôs-se a rir e aplaudiu, e Jon ficou de pé com o cálice erguido:

—Meus senhores, ingleses e outros, temos conosco não só um guerreiro capaz, mas também verdadeiramente um homem de sabedoria, príncipe e poeta. Minha querida senhora Rhiannon, devo reconhecer, se me perdoar, príncipe de Eire — fez uma rápida inclinação para o viking e logo voltou a olhar para Rhiannon—, nós que a vimos crescer, valente e bela, estávamos obrigados pela honra a aceitar este matrimônio, entretanto em nossos corações, sangrávamos. E agora descobrimos que está casada com um homem que conquistou nosso profundo respeito e admiração e, segundo suas próprias palavras, ama sua senhora profundamente. Senhora, por você e seu Senhor dos Lobos!

Soou um estrondoso aplauso. Rhiannon percebeu que seu marido a olhava com um brilho zombador nos olhos. Eric ergueu o cálice para ela e bebeu. Ela ficou de pé.

—Sim, meus senhores, agradeço a todos seu carinho. O que posso dizer? Este matrimônio é fantástico! Pergunto—me que novas maravilhas me proporcionará a cada dia. Estou pasma. Amor, amparo! Enfim, acreditem, meus amigos, cada uma de suas palavras, cada um de seus movimentos, contêm ternura e carinho. Certamente é príncipe entre os príncipes. —interrompeu—se para olhar Eric e prosseguiu, com sarcasmo— Único entre todos os homens.

Sentou—se e se ouviram mais aplausos e gritos. Eric levantou a taça e voltou a brindar por ela, que quase a arrebatou, para beber um bom gole de aguamel. Logo cessaram as risadas e as ovações, e a conversa se concentrou no tema da guerra. Rhiannon observou que William já não estava ao seu lado. Voltou—se e se encontrou com o olhar de Eric.

—Por que começou isto? —sussurrou ela— Que mentira, que brincadeira, o que...?



—Esse homem a cobiça —interrompeu ele, cortante. Inclinou—se, apontando com a cabeça o assento vazio de William— E suspeito que, apesar de tudo, devemos ter cuidado.

A expressão de Rhiannon mudou. Eric parecia ler seus pensamentos com espantosa facilidade; sim, desprezava William. Apesar de sua opinião sobre o viking, jamais a tinha consternado nem angustiado seu contato. Por sua vez, o simples fato de sentir o olhar de William nela...

Longos e poderosos dedos se fecharam sobre os seus. O olhar de Eric, profundo, impressionante, a aprisionou.

— Juro que jamais a tocará. — Ela estremeceu. As palavras que seu marido pronunciou lhe produziram um calafrio— Fique tranqüila, porque o matarei se alguma vez se aproxima muito de você.

Depois soltou sua mão, ergueu—se e perguntou, despreocupadamente a Allen onde tinha ido William.

—Enviei um mensageiro para avisar o rei que tinha colocado ao seu dispor seus navios e que comandaria seus homens para combater o perigo que espreita ao norte. William foi comprovar se o rapaz já partiu.

—É hora de partirmos —disse Eric.

Esse foi o sinal. Os homens se levantaram e saíram. De repente, Rhiannon se encontrou sozinha à mesa. Levantou-se e correu para o pátio.

Os rapazes que cuidavam dos estábulos já tinham tirado os cavalos e estavam ajudando os guerreiros a colocar armaduras e os elmos.

Eric já estava vestido com sua cota e seu brilhante elmo e montado no garanhão branco. Voltou—se ao pressentir que ela tinha saído da casa. Através da multidão, seu olhar azul pousou sobre ela. Rhiannon estremeceu e o observou dos degraus. Ele esporeou o cavalo, que avançou para a jovem por entre a multidão. Eric se deteve diante dela, gigantesco sobre seu corcel.

—Senhora, talvez se cumpra seu desejo. Se me matarem, deve partir imediatamente ao encontro do rei, entendeu?

Ela engoliu em seco.

—Nenhuma maça dinamarquesa conseguiria te matar.

—Preste atenção ao que digo. Procure o rei.



Estava zangado. Com voz apenas audível, ela repetiu:

—Procurarei o rei.

—Difícilmente pode qualificar—se de exército de defesa os poucos homens que restam aqui. Se ocorrer um ataque, teria que correr e se embrenhar nos bosques. Nada de atos heróicos, milady, nada de flechas. A casa e as muralhas podem reconstruir—se, a terra continuará sendo minha por muito que se esforcem em me arrebatá-la. Você, senhora, deve procurar refúgio na floresta, entendeu? Deixe que os homens defendam as muralhas e protejam os servos e arrendatários. Entendeu?

—Eu...

—Entendeu, senhora?

Ela assentiu.

Eric desmontou, levantou a viseira e estreitou sua esposa entre seus braços para beijá-la de um modo tão apaixonado que lhe formigaram os lábios com a pressão, e vagamente percebeu que se agarrava a ele. E que tinha medo.

Ele a soltou, montou no garanhão branco e vociferou uma ordem a seus homens. Rhiannon permaneceu de pé no degrau, até que se desvaneceu o pó levantado pelos cascos dos cavalos. Depois entrou, cansada, na casa.

Se aconchegou diante da lareira e ficou contemplando as chamas. Por que se sentia tão vazia depois da partida de seu marido? Ainda sentia nos lábios o formigamento de seu beijo apaixonado.

—Venha, carinho, suba para seu quarto —aconselhou Adela, pondo a mão no ombro— Deveria dormir um pouco. Foi um dia muito cansativo.

Não fazia muito que tinha odiado a presença de Eric. Entretanto, depois de sua partida, a casa estava vazia. O que tinha mudado nas últimas horas? Porque certamente ele não se mostrou mais terno.

Claro, não era essa sua maneira de ser, apesar das floridas palavras que tinha pronunciado na mesa. Entretanto, tinha pressentido que ela desprezava William, que até mesmo o temia, e tinha dado seu amparo; não, tinha jurado.

Ah, é óbvio, porque lhe pertencia como seu cavalo, Alexander. Não permitia que nenhum outro homem montasse seu cavalo, e certamente nunca consentiria que nenhum outro a montasse.



Só uma idiota o amaria. Ela não o amava, não o amaria...

Estava perdendo o juízo! Sim, estava cansada. Ficou de pé.

—Adela —disse, abraçando fortemente à mulher— Gosto muito de você. Sim, descansarei um momento.

—Sim, carinho, eu sei —disse Adela alegremente. Recordou-se das palavras de Mergwin na cozinha e pensou nas sutis mudanças que experimentava em seu corpo, O ancião não se enganou. Talvez devesse ter comunicado a Eric. Possivelmente, acabaria encontrando a morte e nunca saberia.

E talvez, apesar da noite de bodas, negaria—se a reconhecer seu filho, duvidando de sua paternidade. Também poderiam questioná—la sobre outros homens.

Inquieta, levantou—se para sentar—se junto a lareira. Enquanto meditava ouviu um golpe na porta.

—Entre —convidou, distraidamente, acreditando ser Adela.

Sobressaltou—se ao ver entrar Mergwin.

—Foram enviados dois mensageiros! —disse ele, começando a passear pelo quarto.

—Mergwin, imploro que me perdoe, mas...

—Partiram dois mensageiros; um para informar Alfredo. Ignoro quem enviou o outro. Os rapazes dos estábulos me informaram que saíram dois mensageiros.

—Talvez queriam assegurar—se de que a mensagem chegará ao rei ..

—Ou talvez mandaram um aos dinamarqueses.

Rhiannon ficou de pé com um salto, olhando—o fixamente. Uma armadilha? Avisar os dinamarqueses da proximidade de Eric para que fizessem uma emboscada? E ele ainda suspeitava que ela tinha traído Alfredo ao atacar os navios do príncipe de Dubhlain. Imediatamente, imaginaria que ela era também a traidora desta vez.

—Não, não pode ser...

—Deve enviar alguém. Eu sou muito velho para viajar com suficiente rapidez para alcançá—lo. Jamais tinha ouvido o druida amaldiçoar nem lamentar sua idade. Mas nesse momento, tremiam as mãos e amaldiçoou.

—Meu Deus, ver e não ver com clareza, é uma maldição! Deve enviar um guarda imediatamente.



—Ninguém pode alcançá—los. Avançarão a todo galope pelo vale. E os homens de Alfredo já se separaram deles para retornar a Wareham. Não... —se interrompeu e correu para a janela. Dali observou a paisagem— Eu posso ir!

—O que? —perguntou o ancião, atônito.

—Olhe, Mergwin —disse, voltando—se para ele—, vê esse escarpado, ali, ao norte? Levarei minhas flechas e lançarei uma para o vale com uma advertência. Posso detê—los!

—Poderia matar alguém com a flecha —murmurou.

—Pergunte a seu senhor, Mergwin! Jamais erro. Não matarei ninguém. Lançarei muitas flechas, cada uma com uma mensagem, e eles as verão e descobrirão as mensagens.

—Não, não deve ir. Se a ferissem...

—Não irei sozinha. O irlandês Patrick de Armagh me acompanhará.

Depois de titubear, Mergwin negou com a cabeça.

—Envie Patrick. Você não deve ir, entendeu?

O que significava isso? Tinha governado essa terra por direito próprio e de repente, esses invasores ordenavam o que podia ou não podia fazer. Reprimiu o impulso de discutir e sorriu.

—Como quiser, Mergwin, como quiser.

—Irei procurar Patrick.

—Eu vou escrever as mensagens —disse serenamente Rhiannon.

Quando Mergwin saiu, apressou-se a vestir uma túnica curta de couro e uma capa marrom com capuz. Vestiu—se, escovou os cabelos e os trançou, agarrou pluma e tinta e escreveu dez mensagens para avisar da emboscada; depois decidiu escrever cinco mais. Desceu e viu que Patrick já estava montado, com flechas presas às costas. Mergwin lhe dava instruções. O velho druida estava tão preocupado e carrancudo que não reparou na vestimenta de Rhiannon, o que ela agradeceu.

Sorridente, entregou a Patrick as mensagens e cordas para atá—las às flechas e lhe desejou a ajuda de Deus. Quando Patrick se afastou, Mergwin exalou um suspiro e entrou na casa.

Assim que o ancião desapareceu, Rhiannon pôs—se a correr para os estábulos.

Depois de ter enganado Mergwin, já não restava ninguém mais que pudesse opor—se a sua vontade, pois Rollo e todos os que estavam no comando estavam com Eric.



Quando pediu um cavalo, o rapaz a obedeceu imediatamente, como tinha feito sempre no passado. Cruzou pelas portas, anunciando que iria alcançar Patrick e retornaria com ele.

Ninguém tentou detê-la. Ninguém poderia havê-lo feito, exceto o druida, e o tinha enganado, de modo que estava livre. Lamentava que o ancião se zangasse porque tinha muito carinho por ele, mas devia partir.

Não podia permitir que Eric acreditasse que o tinha traído de novo.

Patrick tinha saído pouco antes dela, mas demorou o que pareceram horas para alcançá-lo. Quando por fim o avistou, já tinha escurecido, de forma que não seria possível avisar Eric e seus homens nessa noite.

Quando chegou a clareira do bosque onde estava Patrick, este já tinha desembainhado sua espada, disposto a enfrentar seu inimigo.

—Patrick, sou eu, Rhiannon! —apressou—se a exclamar.

À luz da fogueira que ele tinha aceso, viu a expressão atônita e consternada do rosto do homem.

—Minha senhora! O que faz aqui? Não é seguro. Se os dinamarqueses estiverem tão perto...

Ela o interrompeu com um repentino ataque de risos. Percebeu perplexidade em seu semblante, e um pouco de irritação também, de modo que tratou de tranquilizá-lo.

—Sinto muito, Patrick, de verdade. Recentemente, fugi por este mesmo caminho, quando você e os... interrompeu—se porque Patrick era irlandês, descendente de antigos reis, e não tinha o menor desejo de insultá-lo. Não houve necessidade. Ele terminou a frase, quase sussurrando:

—Vikings ?

Rhiannon encolheu os ombros e desmontou da égua que tinha escolhido. Aproximou—se do fogo. Patrick e ela ficaram olhando-se um bom tempo, e finalmente a jovem pediu desculpas.

—Sim, vikings, Patrick. Lamento, mas são navios vikings...

—E Eric é filho de um rei viking —disse Patrick. Sorriu, e formaram-se covinhas em suas sardentas bochechas. A seguir, tirou a capa que usava sobre uma simples camisa de malha protetora e a estendeu sobre o chão— Sente—se, minha senhora. Estou assando uma lebre e acredito que ficará muito saborosa.

Rhiannon sorriu, e ambos se sentaram. Os quentes olhos castanhos a olharam fixamente.



—Não deve julgar todos os vikings por aqueles que conheceu.

Ela baixou ligeiramente a cabeça, tentando ocultar a estranha luta de emoções que se travava em seu interior.

—Não conheço nenhum viking tão bem como Eric, Patrick.

—Refiro-me aos que assolaram esta terra. Você gostaria muito do pai de Eric. Nunca permitiu uma matança...

—Mas se apoderou de uma terra que não lhe pertencia —rebateu ela.

—Devolveu a Irlanda dez vezes o que tomou —disse Patrick com orgulho, defendendo Olaf— Ele e seus filhos combateram várias pelo velho Ard—RI, seu sogro. Dubhlain se ergueu como uma grande cidade, a maior, talvez, de toda Eire. Há escolas para as crianças e grandes monastérios que ele mantém. Muitos músicos, sábios e... —Sorriu— Essa é a maneira de ser irlandesa. Sabe qual é um dos maiores delitos na Irlanda?

—Qual?

—Negar a hospitalidade aos necessitados. É possível viajar por toda a jurisdição do Ard—RI, ou dos grandes reis irlandeses, e ser acolhido com amabilidade e carinho. Esse é nosso modo de ser. E no Eire uma mulher pode possuir propriedades e ser ouvida, se desejar defender seu caso em qualquer disputa. O próprio Ard—RI, minha senhora, é o homem responsável pelo país, porque é crença irlandesa que quanto maior é a posição de um homem na vida, maior deve ser sua pena por um delito cometido contra um homem inferior. Além disso, a Irlanda é formosa, senhora. Deveria ver essa terra, tão verde e bela. As estações contribuem com mudanças; malvas, púrpuras, gloriosos laranjas e...

—Patrick! Deveria estar passando para o papel todos esses maravilhosos pensamentos, não aqui, participando de uma guerra em um chão estrangeiro! —exclamou Rhiannon.

Patrick ruborizou.

—Senhora, expliquei—lhe estas coisas porque deve compreender que Eric de Dubhlain não é um pagão, nem um bárbaro, mas uma mistura de um vigoroso talento marinheiro viking e o refinamento e antiga linhagem real de uma terra onde, há muito tempo tempo, floresce a civilização em toda a sua glória! Eric fala muitos idiomas, estudou poesia grega e latina, sabe muito de astronomia e astrologia, e toca muitos instrumentos.



Jamais foi intenção de que as pessoas daqui sofresse com nossa chegada; só os inimigos contra os quais ambos lutamos, os dinamarqueses. Oxalá pudesse ver a diferença entre Eric e Guthrum.

—Patrick —murmurou ela, emocionada pela sinceridade do homem— Vim porque desejo ajudar.

—Não deveria estar aqui! —exclamou ele, recordando de repente, por que o tinham enviado sozinho— É perigoso!

—Sou a melhor arqueira que conheço. Devo estar aqui.

Ele sorriu.

—E se pedisse que voltasse para casa?

—Ah, não seria seguro que tomasse este caminho de noite. Além disso, você poderia me pedir que partisse, mas não poderia ordenar. E agora eu ordeno que me sirva. Sou a senhora de seu senhor, está preso a mim.

—Amanhã, com a alvorada, atravessaremos. Quando subir a névoa, avistaremos o avanço das tropas pela costa.

Ela assentiu. Patrick decidiu que a lebre estava no ponto e a retirou do fogo. Compartilharam o jantar. Ela bebeu cerveja quente do corno dele e se estendeu sobre sua capa.

Ele dormiu pouco durante a noite. Vigiou atentamente, até que rompeu a aurora e desceu sobre eles a luz do amanhecer.

Em menos de uma hora chegaram ao alto do escarpado. Tal como esperavam, dali vislumbravam quilômetros e quilômetros de escarpados e costa. Patrick foi quem primeiro avistou ao longe o destacamento de Eric serpentear por um caminho para o sudeste. A distância era maior que a que Rhiannon tinha imaginado. O coração martelou em seu peito quando calculou as possibilidades de cravar as flechas nas árvores que se elevavam diante dos homens que cavalgavam. Fez um gesto para Patrick, que se afastou para um lado. Reunindo todas suas forças, colocou cuidadosamente a flecha no arco. Um segundo depois, a disparou. Os dois observaram o arco que a flecha descrevia. Uns instantes depois Rhiannon lançou um grito de alegria ao ver que a seta caía entre as árvores, junto ao caminho.

—Outra! —disse imediatamente para Patrick. Durante os dez minutos seguintes, lançou flecha atrás de flecha. Chegou um momento em que já não pôde disparar mais. O arco era pesado; usá-lo requeria uma força enorme. Doía—lhe terrivelmente o braço e duvidava ser capaz de lançar outra, mesmo que fosse para salvar sua própria vida.



Abatida, caiu de joelhos e deixou o pesado arco no chão.

—Tudo certo, senhora! Encontraram uma, pelo menos! —assegurou Patrick, inclinando—se—. Olhe, pararam! Já estão avisados e evitarão a emboscada.

A mulher ficou de pé com um salto, com forças renovadas. Observou que os cavaleiros paravam e se reuniam. Suspirou aliviada e de repente, enrugou a fronte ao lhe chamar a atenção outro movimento.

—Ah, Meu deus! —sussurrou—. Olhe, Patrick, olhe. Atrás deles! Os dinamarqueses já estão atrás deles!

Os dinamarqueses tinham deixado passar Eric e seus homens e estavam seguindo—os, sigilosamente. Da posição estratégica em que se encontravam, Rhiannon viu que o atalho os conduziria até escarpados onde era preciso cavalgar com muito cuidado. Eric ficaria preso contra a elevação rochosa.

—Devemos avisá-los de novo! Sobrou algum pergaminho? Sobraram cordas para amarrá—lo? Rápido, me ajude.

Patrick se apressou a entregar os pergaminhos e as cordas.

—Ah, mas como escreveremos? —gemeu ela.

—Não se desespere, senhora; espere um momento.

A jovem pensou que Patrick tinha enlouquecido, quando viu que se ajoelhava para recolher ramos e folhas secas. Da sela tirou um pederneira e a pedra para esfregar e começou a acender fogo.

—Patrick...

—Vamos, só um momento. —Sorriu e agarrou um ramo do fogo— Só precisamos de umas poucas palavras. Escreva com a ponta queimada, milady.

Em segundos, ela tinha rabiscado o aviso: «Estão atrás.» Quase gritou de dor quando disparou a flecha. Fechou os olhos e orou. Depois os dois se ajoelharam sobre o escarpado e observaram, nervosos.

—Encontraram! —exclamou Patrick.

—Como sabe?

—Observe; olhe como estão movendo-se para a batalha. Já estão preparados e à espera. Vão retalar os dinamarqueses como cães quando atacarem.



O sol estava alto no céu. Rhiannon sentia o suor correr pelas bochechas. Das alturas, ela e Patrick contemplaram a batalha. Vislumbraram como se aproximavam os dinamarqueses... como os homens de Eric rebatiam o ataque.

Rhiannon proferiu um gemido porque na confusão da batalha não podia distinguir quem ganhava. —Ainda ondula o estandarte do lobo, minha senhora. Não vê? Daqui não se avista o emblema, mas as cores de meu senhor se vêem muito claras.

Ela não conseguiu ver nada mais que cavalos e homens mortos e teve que conformar—se, confiando que Patrick não se enganava.

Percebeu, de repente, que tinham passado todo o dia sobre o escarpado.

Começava a anoitecer. Somente podia rezar. Descobriu que estava sozinha. Ao voltar—se, esfregando os olhos, viu que Patrick tinha colocado mais lenha no fogo. Sorridente, o homem lhe mostrou uma perdiz grande que segurava na mão.

—Minha senhora, sempre tento cozinhar algo diferente em cada refeição.

—Patrick—disse, sorrindo com tristeza—, não consigo comer.

—Deve fazê—lo. Não influenciará no resultado da batalha se negando a comer.

Tinha razão. E de repente, recordou que tinha outro motivo para tentar conservar as forças.

— Deixe que o ajude...

—Não, não demorarei nada em depenar este pássaro.

Patrick assou a perdiz e trouxe água de um riacho próximo. Rhiannon descobriu que estava morta de fome, engoliu uma boa porção e bebeu água fresca. Os dois estavam tensos essa noite, mais nervosos que durante as longas horas do dia. Permaneceram calados, tranquilos e cômodos com o silêncio; ambos sabiam que estavam esperando a aurora.

Finalmente, já muito tarde, Rhiannon adormeceu, aconchegada e coberta pela capa de Patrick.

O estrechocar de espadas foi um violento despertar. Ao ouvir o som do aço, abriu os olhos. Ergueu—se cansada, contente por trazer pelo menos uma pequena adaga, embainhada no tornozelo. Mas não tinha espada, e o pesado arco não era arma para um combate corpo a corpo. Ouviu uma maldição e de novo, o chocar de aço. Olhou ao redor. Não viu Patrick em nenhuma parte; entretanto sabia que estava perto, porque ouvia o combate. Correu para a beira do escarpado e o avistou em uma pequena esplanada um pouco mais abaixo. Os rastros sobre a grama



e a terra revolta indicavam que a briga iniciou mais perto dela e que Patrick a tinha levado o mais longe possível, para lhe dar tempo de escapar.

—Deus o abençoe, irlandês — sussurrou.

Retornou correndo junto à fogueira já meio apagada. Possivelmente, poderia usar o arco, apesar de tudo. Jogou o arco com as flechas nas costas, e se encaminhou para a beira do escarpado. Lutavam contra Patrick dois homens usando botas de pele, com as pernas nuas, vestidos com túnicas que lhes cobriam até os joelhos. Os dois usavam elmos cônicos de aço e pesados escudos. Eram peritos lutadores.

Também Patrick o era, que estava defendendo—se muito bem dos dois gigantes. Mas não poderia continuar assim eternamente, pensou.

Quase lançou um grito de dor quando colocou a flecha no arco e apontou. Disparou e observou que tinha acertado um dos inimigos no ombro. O guerreiro soltou um uivo de dor e soltou a espada. Patrick acabou com o outro homem com um limpo golpe e depois olhou para cima para saudá-la, sorridente.

Seu sorriso se desvaneceu imediatamente. Uma expressão de terror apareceu em seu rosto, e vociferou uma rouca advertência.

Rhiannon se voltou, muito tarde.

Encontrou—se com três homens sujos, cobertos de sangue: dinamarqueses.

Gritou e se agachou para puxar a adaga, jurando desesperadamente que não a apanhariam. Entretanto, não tinha escapatória, e sabia. Avançou com fúria contra um, com tal velocidade que conseguiu lhe rasgar a túnica de couro e lhe fazer um arranhão. Isso foi tudo. Outro a agarrou por trás. A força com que apertou sua mão a obrigou a soltar a adaga. O homem a estreitou contra si, e Rhiannon tentou morder-lhe a mão. O dinamarquês pôs—se a rir e a levantou do chão.

Ela resmungou maldições, insultou—os, chamando—os de porcos e esterco de roedores em seu próprio idioma.

—Uma gata com garras longas — zombou.

Era um homem loiro, de bochechas rosadas e turvos olhos escuros. A jovem o golpeou, jogando o pé para trás com toda sua força e possivelmente acertou uma parte delicada de sua anatomia porque seu sorriso se desvaneceu, e proferiu uma maldição.



—Uma gata que vou domar aqui e agora, por Odín! —rugiu o homem.

Adiantou—se o terceiro homem, mais jovem e esbelto, de cabelo loiro, que estava emaranhado e ensangüentado. Com um puxão, a atraiu para si. Rhiannon se sentiu doente ao ver como a devorava com o olhar.

—Uma gata com seios redondos e jovens, pernas longas de puta e um bom traseiro, meus amigos.

—Uma harpia! —grunhiu o homem a quem tinha ferido, aproximando—se e arrebatando—lhe do mais jovem. Rhiannon lançou uma exclamação e cambaleou para trás quando o homem lhe deu um murro no queixo. Desabou no chão e provou o sabor da terra.

As lágrimas apareceram em seus olhos, e repentinamente compreendeu que existiam diferenças entre os vikings; esses não teriam piedade dela. Iriam destruí-la ali mesmo.

Tomada pelo pânico, levantou—se e pôs—se a correr para a beira do escarpado. Tentaria rolar para baixo, e se batesse a cabeça contra uma rocha e rompesse o crânio, bem; preferia essa morte rápida e piedosa.

Mas não a aguardava essa morte. Mal tinha começado a correr, quando a agarraram pelos cabelos e caiu para trás sobre os braços do homem de cabelo escuro. Os dentes que restavam nele, eram negros. Ele a observou um momento com um sorriso ridículo e depois a atirou no chão com um empurrão.

—Eu a agarrei, é minha —anunciou.

Lançou—se sobre a jovem, que, compreendendo sua intenção, ergueu—se. Ele ordenou a seus homens:

—Agarrem os braços dela, imbecis!

Obedeceram. Ela se revolveu, retorceu—se e mordeu, às cegas. Recebeu outro forte golpe no rosto e começou a sentir um zumbido nos ouvidos. Ouviu ruído de cascos de cavalo e percebeu que era real. Antes que o homem de cabelo escuro pudesse fazer outro movimento, uma voz trovejou:

—Estúpidos! Vamos, os irlandeses estão voltando.

—Agarramos uma garota, Yorg, uma...

—E será minha primeiro, como todos os prêmios desta guerra! —vociferou duramente o cavaleiro— Entregue—me. E vamos.

Puseram—na de pé com um puxão. Aturdida, Rhiannon compreendeu que tinha que escapar antes que esses demônios a violassem. Mordeu o loiro, que lançou um uivo de dor e fúria.

—Qual é o problema? —perguntou o cavaleiro Yorg.



—Mordeu-me! —exclamou o loiro.

—Amarre—a!

Assim acabou sua última esperança, porque Yorg amarrou-a com cordas de couro. Ataram—lhe as mãos às costas e a colocaram de bruços sobre o cavalo do chefe. A montaria escoiceou quando Yorg a fez girar, cruelmente.

E começaram a marcha.

Calculou que estavam a cerca de uma hora cavalgando, mas ignorava em que direção, porque se sentia enjoada e o movimento causava horríveis náuseas. Alegrou—se quando pararam.

Quando a desceram do cavalo observou Yorg, um homem de aproximadamente a mesma idade de Eric e ombros e braços musculosos; um guerreiro com cicatrizes e, ao que parecia, bem treinado para a batalha. O cabelo escuro e emaranhado caía sobre os ombros e seu rosto estava bem barbeado, deixando a descoberto uma longa cicatriz. Como os outros, estava ensangüentado, sujo, e suas roupas rasgadas.

O dinamarquês a observou atentamente. Levantou—lhe a capa e a tocou, apreciando a qualidade do tecido. Depois ficou de joelhos e lhe examinou as meias. Rhiannon tentou dar um pontapé, mas ele agarrou seu tornozelo, fazendo—a cair. Ouviu gargalhadas ao redor.

—Acredito, meus amigos, que capturamos uma dama de alta linhagem—disse Yorg em seu idioma nativo— Talvez pudessemos conseguir que revele sua identidade, não é, Ragwald? —disse ao loiro.

—Fala muita bem nosso idioma —informou.

Rhiannon percebeu um leve tom em sua voz, que lhe indicou que existia uma grande rivalidade pelo poder entre eles.

—Ah, sim? Mmm, uma dama da nobreza, culta. Talvez pertença à casa do próprio Alfredo —aventurou-se, pensativo. Dirigiu—se a ela— E bem? É da casa de Alfredo?

Cuspiu-lhe o rosto. Com um rugido de fúria, aproximou—se dela e a puxou, violentamente, pelo braço.

—Então cospe, amaldiçoa e briga, né? —bramou.

Deu meia volta, arrastando a jovem, que o seguiu tropeçando. Outros caminharam atrás deles, rindo e aplaudindo seu chefe. Doente e angustiada, Rhiannon tentou manter—se de pé e ver o terreno. Tinham chegado a uma casa de campo. Viu o cadáver de um homem. Yorg a conduziu ao



redor de um largo riacho que descia por um longo trecho pelo escarpado. Uma vez dentro da água, obrigou— a a ajoelhar—se e afundou-lhe a cabeça, segurando— a pelo cabelo.

Não podia respirar, ia afogar-se, seus pulmões estavam a ponto de estourar. Morreria, pensou, e talvez fosse melhor.

Yorg a tirou da água com um puxão. Ela abriu a boca, respirou profundamente e ficou de pé com dificuldade. O dinamarquês a rodeou.

—Será domada, bruxa —prometeu. Voltou—se para seus homens com as mãos nos quadris—. É uma beleza, um troféu. Agradeço que a tenham trazido. Cabelos de sol e fogo, olhos como pedras preciosas, bela, exuberante... um troféu, realmente. Quando tiver acabado com ela, conseguiremos um bom resgate. —Riu satisfeito.

Impulsionada pela fúria e o medo, Rhiannon avançou e, como tinha as mãos atadas, lançou—se sobre Yorg, empurrando—o com tal força que ele caiu para frente e afundou também na água. Seus homens explodiram em risadas. Desesperada, retrocedeu rapidamente quando ele se levantou.

Havia mais homens, compreendeu consternada. De repente, todos a rodearam, os que a tinham capturado e outros mais; todos ensangüentados, alguns coxeando, haviam chegado a esse tranqüilo vale, assassinado o granjeiro e tomado a casa para ocultar—se e curar suas feridas. Jamais conseguiria escapar.

Gritando como um urso ferido, Yorg vadeou colérico o riacho em direção a Rhiannon, que tentou correr, mas ele a agarrou e a fez voltar-se. Encolheu—se de maneira instintiva quando o dinamarquês levantou a mão para lhe golpear a bochecha.

—Por todo o Valhalla —bramou uma voz—, essa mulher é minha! Entregue-me ou responderá com sua vida!

Yorg baixou o braço. Todo mundo se voltou surpreso para ver o homem que se atrevia a disputar os direitos sobre uma mulher com Yorg.

Nenhum deles se assombrou mais que Rhiannon com a aparição daquele cavaleiro que, no lombo de um pequeno pônei castanho, estava imponente. Seu cabelo, loiro, dourado como o sol, estava coberto de sangue. Vestia roupas que ela jamais tinha visto e calçava botas forradas em pele. Tinha o rosto sujo, apenas reconhecível, mas seus olhos eram inconfundíveis.



Era Eric. Eric, sozinho, avançando tranquilamente por esse mar de inimigos e exigindo que a entregassem. A surpresa foi tão grande que emudeceu, o que em seguida agradeceu ao perceber que ele simulava ser um deles.

Yorg a soltou e se dirigiu para o cavaleiro.

—Quem é? E por todos os deuses, quem acha que é para exigir alguma coisa? Sabe quem sou, imbecil?

—Exijo porque é minha escrava e foi capturada por seus homens.

— Quem...?

—Fui enviado por Guthrum, a quem falhou, Yorg! Eric desmontou, encaminhou—se para o riacho, agarrou Rhiannon e a arrastou para ele de um modo tão rude como antes tinha feito o dinamarquês. Ela gritou e caiu. O príncipe irlandês a pôs de pé com um puxão, tirou a adaga que levava no tornozelo e cortou as cordas que a atavam.

—O que pretende fazer? —grunhiu Yorg.

—Recuperar o que me pertence.

—Agora é minha. E estava amarrada.

—Tinha amarrado a mulher porque não é suficientemente guerreiro para segurar uma mulher— acusou Eric com sorriso zombador— E é minha porque eu a tomei primeiro, e tenho a ordem de levá—la até Guthrum.

—E o que me importa Guthrum? —exclamou Yorg. Ragwald avançou uns passos.

—Encontramos a moça no escarpado. Não vigiou bem sua escrava. A harpia estava enviando mensagens —espetou— Foi ela que lançou a chuva de flechas que advertiram os bastardos irlandeses e noruegueses de nosso ataque. Você não é guerreiro suficiente para segurar uma mulher!

Eric retrocedeu e desembainhou a espada, esboçando um sorriso terrível.

—Aproxime-se. Comprove que tipo de guerreiro sou. Os homens começaram a gritar. Ao que parecia Ragwald havia se arrependido de seu desafio, mas tirou sua espada e avançou.

—Um homem que morre de velho é esquecido! —exclamou Eric— Um guerreiro se senta no Valhalla, e você estará sentado no Valhalla esta noite.

Nunca até esse momento Rhiannon tinha apreciado a valentia de seu marido.



Mal Ragwald tinha iniciado o ataque quando Eric rebateu, brandindo a pesada espada como se fosse uma folha para cravá-la em seu inimigo no momento em que avançava sobre ele.

Os aço não chegaram a se chocar. Ragwald caiu diante de Rhiannon, e o atoleiro de água onde estava começou a tingir—se de vermelho.

Lançou um grito quando seu marido a puxou com força pelo braço para atraí-la para si.

—É minha! —rugiu— Minha! Por ordem de Guthrum. Quem mais quer disputar?

Silêncio. Finalmente Yorg falou, com mais cuidado que antes:

—Pertence a uma casa real, talvez a do próprio Alfredo. Vale muito e estava em nosso poder. O que pagará por ela?

—O pônei —respondeu Eric mostrando sua montaria.

—O pônei? —Yorg cuspiu na água— Oferece—me um pônei por um tesouro?

—Um tesouro! —Eric riu.— Não vale muito!

—Seus cabelos são ouro e chamas —alegrou Yorg.

—Puro latão, nada mais —disse Eric, e sua esposa o observou, surpresa. Ele a manteve firmemente segura, sem olhar para ela— Entrego o pônei como pagamento.

—Não vale nada comparado com esta mulher! —insistiu Yorg— É jovem, tem os seios cheios e doces como uma fruta, e as pernas longas e tentadoras.

—Os seios como melões velhos, meu amigo. —Eric riu, de bom humor—. E as carnes moles.

—Pelo jeito a conhece bem! —murmurou Yorg.

Claro que conhecia. Rhiannon não pôde reprimir o impulso de golpear fortemente seu marido; apesar de tudo era uma cativa, fosse dele ou deles. Tinha todo o direito de brigar.

Yorg pôs—se a rir. Alguém avisou a Eric que mordida como um cão raivoso. Antes que ela pudesse impedi-lo, Eric a agarrou pelo cabelo e afundou sua cabeça na água, segurando—a com fúria. Molhada, colérica e aterrada, escutou a continuação das negociações.

—É verdade, tem um gênio pior que o de um cão raivoso —disse Eric a Yorg.

—Então por que a quer? —perguntou astutamente Yorg.

—Porque eu a capturei primeiro e portanto me pertence, embora seja uma bruxa.

—Deixe—me ficar com ela apenas esta noite; amanhã eu a entregarei.



—É minha agora.

A negociação estava sem rumo, compreendeu Rhiannon. Era uma loucura. Eric não podia combater contra todos. Por que tinha vindo sozinho?

Gritou, surpresa quando ele arrancou a capa de seus ombros, junto com o broche de safiras que o prendia. Jogou para Yorg a capa empapada.

—Isto é tudo o que ofereço, e vale muito.

Depois destas palavras, empurrou Rhiannon para que caminhasse diante dele com tanta força que ela quase caiu. Zangada, voltou—se para protestar, e ele a obrigou a avançar com outro tranco, olhando—a com expressão colérica.

—Caminhe! —trovejou.

Obedeceu. Passaram junto a Yorg e os homens que o rodeavam. Eric seguia empurrando—a quando saíram ao campo onde se achava o cadáver do grangeiro. O viking andava com passo tranqüilo e firme, com sua arrogância e determinação habituais.

Finalmente chegaram ao bosque, por onde corria um atalho flanqueado por árvores. Deu-lhe um novo tranco, e Rhiannon se voltou, aterrada e amaldiçoando:

—Bastardo! Por que?

—Corra! —ordenou ele, furioso.

Então a agarrou pela mão. Quando começaram a correr, ela compreendeu que Yorg e seus companheiros os perseguiam.



Capítulo 14

Eric a forçava a correr a toda a velocidade o que rapidamente, a deixou sem fôlego. O peito ardia, as pernas doíam. O cabelo e a roupa enganchavam nos ramos e sarças. Apesar dos ôfegos da jovem, Eric não diminuiu o passo. De repente, Rhiannon tropeçou em uma raiz, soltou—se da mão de seu marido e caiu em um atoleiro de lodo. Ele interrompeu a corrida, olhou ao redor e proferiu uma maldição. Estendeu a mão para ajudá—la a sair do atoleiro, mas se deteve.

No bosque reinava o silêncio. Tinham deixado muito para trás Yorg e seus homens.

—E bem, milady —disse, carrancudo e exasperado—, fará o esforço de se levantar para continuar? Ou quer descansar aí?

O medo de Yorg se desvaneceu ao renascer a ira. Agarrando um punhado de barro, jogou no rosto de Eric e com um salto ficou de pé.

Tinha acertado Eric no nariz. Ela teria explodido em gargalhadas se não tivesse percebido que os olhos de seu marido, emoldurados pela mancha de lodo, tinham adquirido um matiz azul letal.

—Sim, quero descansar aqui —respondeu ela tomando ar para controlar a ira— Ah, embora não no lodo. Mal posso me mover, milord. Que demônios foi fazer lá?

—O que? —Estava aproximando—se dela com a intenção de agarrá—la, mas ao ouvir a pergunta permaneceu imóvel, com as mãos nos quadris, olhando-a de cima a baixo—. Senhora, desejava ficar abraçada ao dinamarquês? Só tinha que ter dito!

—Ah! E teria me permitido ficar? Acredito recordar que houve uma vez em que queria ficar em outro lugar e meu desejo teve que submeter—se a sua vontade.

Eric avançou rapidamente e, antes que pudesse escapar pela escorregadia terra, já a tinha apanhado. Jogou-a sobre o ombro sem nenhum cuidado e começou a caminhar.



—Onde vai?

—Devolvê-la ao dinamarquês! —trovejou ele— É uma bruxa e uma harpia, e ainda por cima morde; além disso, francamente, seu cabelo tem agora a mesma cor que o esterco.

—Oh! —golpeou—lhe as costas com os punhos— Solte-me!

Obedeceu e Rhiannon caiu de novo no barro. Ia agarrar outro punhado para jogar quando de repente ele desabou também, ficando tão enlodado como ela; a única coisa que se via de seu rosto era o azul de seus olhos. Eric fechou os dedos ao redor das mãos de Rhiannon, que então viu o relâmpago branco de seus dentes; estava sorrindo.

—Queria resgatá-la, só Deus sabe por que.

—Tolo, podiam tê-lo matado! —disse ela— Tem a seu comando centenas de homens, e aparece sozinho no meio da horda dinamarquesa, vestido com trapos.

—Meu Deus, mulher! —exclamou, irritado— Não sabe o que teriam feito com você se tivesse ido resgatá-la com um destacamento irlandês e norueguês? Teriam te matado antes que tivéssemos iniciado a batalha!

Essas palavras a aterrorizaram. Tinha ouvido histórias sobre as atrocidades que cometiam os invasores; homens pendurados nas árvores, mulheres obrigadas a olhar enquanto lhe tiravam e retalhavam as vísceras. Empalideceu sob a capa de barro. Percebeu que ele não tinha compreendido o significado de seu silêncio, porque continuava furioso.

—Eu mesmo te arrancaria a pele das costas, senhora, por ter colocado ambos nessa situação.

—Vim avisá-lo! —exclamou ela.

—Ordenei que se cuidasse, não que se expusesse ao perigo!

—Meu Deus! Como se atreve? Salvei você e seus homens da traição de outra pessoa.

Eric se ergueu e, colérico, perguntou:

— Foi de outra pessoa? Eu sofri em minha carne uma dessas flechas bem lançadas, recorda, meu amor?

— Mas...

—É além disso uma atriz consumada, Rhiannon. Acredito recordar certa noite, quando sua atuação quase incitou centenas de homens a iniciarem uma guerra. Foi na nossa noite de bodas, lembra—se? Talvez você tenha enviado a mensagem e depois veio «nos avisar» simulando inocência.



A ira que a dominou foi tão grande que quase a afogou. A intensidade da emoção lhe deu forças para empurrá-lo e afastá-lo de si.

Eric escorregou no lodo, enquanto ela se erguia e afastava-se correndo agilmente.

—Rhiannon!

Em um segundo, a alcançou. Ela tentou escapar, mas ao pisar com força numa raiz torceu um tornozelo. Lançou um gemido. Eric a agarrou em seus braços e continuou caminhando, com os olhos fixos à frente, o rosto coberto de lodo, exceto pelos olhos.

—Neste momento meus homens estarão atacando os dinamarqueses ocultos nesse acampamento —disse— Vamos encontrá-los junto à confluência dos riachos amanhã.

Rhiannon se manteve em silêncio. Sentia—se suja, tinha a garganta ressecada e lhe doíam e ardiam todos os músculos do corpo. Esgotada, jogou a cabeça para trás e fechou os olhos.

Apesar das sacudidas que ele dava ao caminhar, devia ter adormecido. Quando abriu os olhos, o mundo estava imóvel, e tinha escurecido. Tão somente a luz de uma brilhante lua aparecia e o fulgor das estrelas iluminavam o bosque. Viu mais à frente uma pequena fogueira sobre a qual se assava carne. Rhiannon estava estendida no chão, com a cabeça apoiada em um travesseiro feito com a camisa de Eric. Ouviu o rumor da água do riacho e compreendeu que ele não tinha descansado até chegar ao lugar onde se reuniria com seus homens.

Ainda um pouco enjoada, voltou a fechar os olhos. Abriu—os imediatamente ao notar algo frio na fronte. Eric estava ao seu lado, com o torso nu, limpando o lodo com uma parte de sua túnica.

Ergueu—se rapidamente, cautelosa, afastando—se dele.

—Rhiannon, só queria lim...

—Eu posso cuidar de mim mesma, obrigado.

—Ah, sim?

—Mais que me limpar, está me sujando.

—Bem, isso, senhora, resolve-se facilmente.

Agarrando—a em seus braços, encaminhou—se para o riacho, enquanto ela se debatia, gritando e lhe golpeando o peito. A profundidade era maior ali, onde os dois riachos convergiam para depois seguir de volta ao mar.



Quando a água chegou aos quadris, Eric a soltou. Rhiannon emergiu, tossindo e balbuciando maldições; sua indignação aumentou ao ver que ele ria. Quis afastar—se, mas ele a agarrou pela túnica.

—Molhou minha roupa e agora ou vou afogar-me com seu peso ou congelar, isso se não adoecer e morrer!

Eric a segurou e sacudiu.

—Bom, carinho, não nos afogamos. «Se seu olho te ofender, arranca-o» É um provérbio cristão, não é? Sua roupa não parece muito com um olho, mas se a ofende...

Dizendo isto, tirou a túnica, vencendo a resistência de Rhiannon, e tirou a regata, a lançou na água de cabeça para tirar as meias. Feito isto, jogou a roupa na margem, e a jovem aproveitou o momento para mergulhar. Afastou—se a uma boa distância e reapareceu na superfície. Cruzou os braços e olhou-o, tremendo de indignação.

—Venha aqui —ordenou ele.

—Está louco!

—Rhiannon, não podíamos continuar cobertos de barro. Venha aqui. Só quero te lavar bem os cabelos antes que o lodo fique tão grudado que terei que cortar, Rhiannon...

—Bom, e o que importa a perda de um matagal de latão? —replicou ela.

Ele ficou em silêncio por um instante e depois irrompeu em gargalhadas.

—Ora, que vaidade é essa? —brincou.

Avançou formando ondas na água iluminada pela lua. A mulher voltou a mergulhar e nadou sob a água; só emergiu quando sentiu que os pulmões estavam a ponto de explodir. Não tinha se afastado muito dele.

—Rhiannon...

Voltou a mergulhar; desta vez não calculou bem a direção, porque ele agarrou um pé e, tirando—a da água, atraiu—a para si, deslizando as mãos por sua coxa nua, quente apesar do frio da água. Rhiannon se debateu, resfolegando. Sentia seus seios apertados contra o peito masculino e de repente, se encontrou contemplando o azul profundo daqueles olhos sob a luz da lua. Eric lhe tocou os dentes com os dedos, e ela viu o ardente brilho de paixão no azul de seus olhos.

—O que faria com cabelos tão sem graça? —perguntou o viking, quase sem fôlego.



Colocou a mão sobre as nádegas de sua esposa e passou sedutoramente os dedos ao longo de suas costas para depois baixá—los de novo, apertando—a contra ele para que notasse a dureza de seu membro ereto contra suas coxas.

—O que queria que dissesse? —murmurou— Sim, certamente são cabelos gloriosos. Resplandecem com a luz da aurora e com o crepúsculo. Agasalham—me com sua suavidade e beleza, acariciam—me a pele nua com uma vida e uma energia próprias.

Seus dedos acariciaram o cabelo molhado, alisando—o para trás, depois vagaram por sua bochecha, descendo lentamente pelo pescoço. Com a palma, esfregou o mamilo gelado e duro, e sua mão se fechou calidamente sobre um seio. Rhiannon conteve o fôlego; esse contato acendeu uma fogueira em seu interior, um fogo que queimava até suas coxas. Jogou—se para trás, resistindo.

—Meu senhor, não quero insultá-lo permitindo que toque um seio tão murcho como um melão velho e podre.

Um sorriso iluminou o rosto do homem, fulgorantemente belo sob a tênue luz.

—Se houvesse dito a Yorg que são verdadeiramente uns frutos doces e deliciosos, duros e firmes como maçãs, alabastro coroados por casulos de rosas, gloriosos em sua beleza, nunca teria concordado em te deixar partir.

Sua carícia era leve e mágica. Sua palmas se moviam com um ritmo suave, infundindo vida a essas cristas rosadas. Rhiannon sentiu que lhe fraquejavam as pernas, e acreditou que ia cair, embora ele a segurasse. De repente, sem aviso, as mãos do homem se deslocaram para lhe atormentar com ousadia entre as coxas, avivando a excitação no centro mais íntimo. Estremeceu e ficou rígida, esquecendo seus protestos. Eric não tinha esquecido suas palavras, porque continuou negando-as docemente, sussurrando em seu ouvido:

—Carnes moles, senhora? Não podia dizer que sua pele é mais delicada que qualquer tecido confeccionado pelos mestres do Oriente, que suas pernas, belas, longas e bem formadas, sabem rodear um homem para lhe proporcionar um prazer tão grande que é um paraíso na terra. Não podia dizer que seu sabor é mais doce que qualquer vinho raro, que é possível afogar—se na formosura de seus olhos, que o desejo por você poderia amarrar um homem e que eu morreria para te resgatar, porque saboreei sua doçura e desafiaria a qualquer homem, a qualquer deus, para voltar a tê-la.



Estava zombando dela, por certo zombava dela. Ergueu os olhos para olhar para ele e não viu nenhum brilho zombador em seus olhos.

Eric a levantou em seus braços e a levou até a margem, onde a deixou no chão. Continuou elogiando a beleza de sua pele à luz da lua e à medida que enumerava cada uma de suas perfeições depositava ali um beijo terno e sensual, até que ela sentiu que seus lábios e sua língua tinham secado seu corpo e eliminado o frio da água. Depois, foi o corpo do homem que a abrigou, e a incrível e sedutora ternura deu lugar a ardente tortura da paixão.

Muito mais tarde, quando a lua tinha começado a afundar na escuridão do céu, quando, consumida a paixão, o esgotamento a vencia, notou que seus braços a levantavam e a levavam até a árvore para acomodá-la ali, sobre seu manto. Estava adormecida quando despertou para lhe oferecer um pouco de carne, quase carbonizada por ter estado tanto tempo no fogo. Acreditava que não tinha apetite, mas a comida estava deliciosa e descobriu que estava com uma fome canina.

Quando acabaram de jantar, seu marido se deitou junto a ela, aconchegado entre seus braços contra seu corpo quente e nu. Perdida em seu calor e amparo, Rhiannon pensou que isso era quase como ser amada. Entretanto, isso era apenas uma ilusão da noite, pensou quando os primeiros raios do amanhecer despertaram. Ao abrir os olhos, descobriu que ele não estava ao seu lado. A capa estava jogada de qualquer maneira sobre ela. Sentou-se, tiritando de frio, e se agasalhou com a capa. Então viu Eric a certa distância, totalmente vestido, com um pé apoiado em uma pedra, contemplando a água pensativo. Deve ter pressentido que ela tinha despertado porque em seguida voltou a cabeça e a olhou fixamente.

—Levante-se e vista-se —disse, cortante— Os homens chegarão a qualquer momento.

Surpresa por seu tom, apertou os dentes, ficou de pé majestuosamente envolvida na capa, encaminhou-se para o riacho e se ajoelhou junto à água para beber. A seguir, lavou o rosto, sentindo a todo momento o olhar de seu marido sobre ela. Quando por fim ergueu-se e se voltou, continuava contemplando-a com olhar arrepiante. Rhiannon sentiu a raiva e irritação renascerem. A ternura era uma tática; liderava batalhas com ela seguindo estratégias, como fazia com seus inimigos. Satisfeita a necessidade, deixava de lado a ternura, como fazia com um prato vazio.



—Que está olhando? —perguntou— O que quer de mim agora? Acaso não está acostumado a tomar o que deseja muito?

—Se pudesse tomar a verdade de você, meu amor, não duvide que o faria.

—Que verdade? De que fala?

O viking permaneceu um momento em silêncio e depois encolheu os ombros.

—Se não foi você, Rhiannon, quem foi? Quem é o traidor que mora em sua casa?

Ficou rígida e inspirou profundamente. Tinha arriscado a vida para avisá-lo do perigo, e ele continuava suspeitando que o tinha traído.

—Bastardo! —resmungou.

Furiosa, inclinou—se para recolher suas roupas ainda úmidas e se encaminhou para a árvore para vestir—se atrás dela. Eric a deteve, agarrando—a pelo braço. Voltou—se para ele, indignada.

—Não a acusei...

Soltou—se com um puxão. As lágrimas estavam a ponto de saltar, e às cegas levantou o braço para golpeá—lo. Eric agarrou e a apertou contra ele. A jovem estava rígida.

—Perguntei quem, Rhiannon, só isso! Você deve ter alguma idéia sobre quem maquinou tudo isto.

—Pois não tenho! —exclamou, tentando libertar—se—. Ignoro! Solte-me!

—Rhiannon —sussurrou ele com voz mais doce, erguendo a mão para retirar as mechas da fronte.

—Não! —ordenou ela, jogando a cabeça para trás para evitar que a tocasse— Não quero sua ternura fingida. As mentiras são inúteis à luz da manhã, não é? Não fica nenhuma doce emoção entre nós, milord. — afastou—se dele e retrocedeu, temendo que as lágrimas comesçassem a escorregar por suas bochechas, delatando a realidade de seus sentimentos— Acuse-me se quiser, porém faça honestamente. Desprezo a mentira de... de sua ternura!

Eric apertou as mandíbulas e um brilho de ira relampejou em seus olhos. Pegou—a desprevenida ao aproximar—se e agarrá—la de novo com uma força que ameaçava triturar os frágeis ossos da mão.

—Despreze-me, me odeie, passe todas suas horas amaldiçoando o dia em que nasci, mas me obedeça, Rhiannon. E responda com educação quando faço uma pergunta.

—Então faça as perguntas com educação!

Interiormente rogou que a soltasse, pois do contrário começaria a chorar.



Só uma tola o amaria. Só uma tola sucumbiria a seus sussurros sob o veludo da noite. Só uma tola...

Deus santo, de forma lenta mas segura estava transformando-se em uma tola ao precisar dele, procurar sua aprovação, suspirar por suas palavras ternas...

Ao ansiar sentir sua sedosa pele na escuridão.

—Quem tramou tudo isto? —inquiriu ele.

—Ignoro —repetiu ela. Então sorriu entre dentes e lhe recordou— Certamente não Egmund, nem Thomas, nem um de meus homens, milord! A menos que ache que seus fantasmas apareceram para traírem de novo você e Alfredo.

Nesse momento, ouviram ruídos entre as árvores e a brisa da manhã trouxe uma chamada corajosa embora inquieta:

—Eric! Estão aqui?

—Sim, Rollo, estamos aqui —respondeu ele sem deixar de olhá-la fixamente.

Rhiannon puxou freneticamente a mão para libertar—se, esquecida momentaneamente da fúria e do ressentimento.

—Meu senhor, não estou vestida! —recordou.

Era muito tarde, porque os cavalos já entravam na clareira do bosque, Patrick e Rollo à frente, seguidos por Rowan. Estava envolta com a capa, e sua roupa estava amontoada a seus pés.

Patrick desmontou rapidamente e correu para ela, para cair de joelhos e lhe agarrar uma mão.

—Benditos sejam nosso Senhor e todos os Santos, minha senhora! Temi tanto por você...

—Patrick, por favor! —sussurrou ela.

Perguntou—se o que pensaria Eric do comportamento daquele homem— Por favor, levante-se.

Patrick não obedeceu.

—Salvou minha vida com aquela flecha, senhora, arriscando a sua. Embora tenha encontrado Eric, não podíamos lutar contra eles, temerosos das atrocidades que poderiam cometer os dinamarqueses contra você. Por sorte, agora está aqui, a salvo, senhora, e agradeço tanto...

—E os dinamarqueses? —interrompeu Eric secamente.

—Não tiveram chance nenhuma —respondeu Rollo de sua montaria.

—Não com este grupo —acrescentou em voz baixa Rowan.



Rhiannon o olhou nos olhos e ruborizou ao recordar que sua roupa estava a seus pés.

—Temos que combater por Eric —concluiu Rollo.

Ao perceber que estava ajoelhado sobre a túnica de Rhiannon, Patrick se ergueu, sobressaltado.

—Nos afastaremos um pouco e os esperaremos —disse a Eric.

Rollo não foi tão delicado. Irrompeu em gargalhadas.

—Vamos, estivemos toda a noite angustiados, e milord e milady a passaram como se estivessem em um paraíso. Enfim, nos perdoe, Eric; esperaremos atrás dessas árvores.

Patrick voltou a montar, e os três cavaleiros desapareceram em seguida. Rhiannon deu as costas a Eric e começou a vestir—se, sem tirar a capa. Eric a observou calado, durante um momento e de repente, sua voz trovejou com irritação:

—O que é isto, senhora? Um novo jogo?

Arrancou—lhe a capa, e a jovem, tiritando, voltou—se para ele, irada. Eric passou o olhar por seu corpo e logo o cravou em seus olhos.

—Conheço cada bela polegada de sua figura, Rhiannon, e te recordo que é minha, que não sou um homem paciente e que não tolerarei esta tolice.

Ela sustentou seu olhar, ansiando ter o poder de feri—lo. Jogou para trás a cabeça e colocou as mãos nos quadris, sem se importar com sua nudez.

—Muito bem!

Agarrou as meias e, ignorando—o, as colocou. O viking não deixou de observá—la em frio silêncio até que se vestiu. Quando sua espera terminou e se encaminhou para as árvores, agarrou—a pelo braço e a fez retroceder.

— Estou avisando, milady; me odeie, mas me obedeça.

—Procurarei não voltar a enviar mensagens —disse ela docemente.

—Obedeça-me em tudo.

—Cuidarei para que sirvam comidas deliciosas nas horas apropriadas.

Eric sorriu, e um brilho zombador apareceu em seus olhos.

—Em tudo —repetiu em voz baixa— Terei o que desejo, conforme meu capricho.

Rhiannon tomou ar.

—E o meu capricho, meu senhor?

—Será um prazer para mim atender a todos seus desejos.



—E se meu desejo for precisamente não ser atendida?

Rindo, o príncipe irlandês a atraiu para si. A jovem não conseguiu distinguir se estava zangado ou divertido.

—Acredito que talvez conviria que aprendesse a fundir seus desejos com meus, Rhiannon, e assim os dois estaríamos bem servidos. —de repente sua voz soou severa—. Estou avisando: me obedeça. Imporei minha vontade, de modo que não te ocorra pensar que não será assim.

—Imporá sua vontade? —perguntou ela, decidida a desafiá-lo—. Bom, parece que o desobedeci, grande Eric de Dubhlain. Traí você ou o desobedeci ao sair de casa. Não sou melhor que Alexander, certamente não sou uma posse mais valiosa! O que faria com um cavalo manco ou com um servo rebelde? Por que não me enforca, milord, ou me corta a cabeça e acaba com isto de uma vez por todas?

—Ah, seria muito definitivo —respondeu ele com tom leve—. Acredite-me, senhora, estou considerando seriamente infligir um doloroso castigo a sua carne, um que eu mesmo aplicarei, e em particular. Agora, minha senhora e esposa, vamos?

Depois de dirigir a seu marido um olhar de ódio puro, voltou-se depressa.

—Ainda é possível que caia sobre você uma espada dinamarquesa, milord —disse com doçura.

—Não para você, minha amada esposa —replicou ele com tom também agradável.

Parecia uma batalha perdida. Com a cabeça erguida, Rhiannon optou pela retirada. Sem acrescentar nada mais, apressou-se a sair da clareira em direção ao lugar onde Rowan, Patrick e Rollo os esperavam à frente de um contingente de homens. Patrick aproximou uma égua e a ajudou a montar. A moça observou que Rollo levava para Eric o garanhão branco. Seu marido sorriu e saudou o animal como um amigo, lhe acariciando o nariz e sussurrando palavras amáveis. Depois montou com um ágil e gracioso salto.

Estava mais satisfeito com o cavalo que tinha adquirido que com sua mulher, pensou com amargura, sentindo uma aguda dor.

Como podia se importar? Ele tinha invadido suas terras, tinha lhe tirado tudo, inclusive o orgulho. Seus desafios, suas brincadeiras e as amostras de rebelião eram tudo uma ilusão, pensou, seus últimos esforços para vencer na batalha que travava contra ele. Não se renderia jamais, porque do contrário, estaria perdida.



Retomaram a cavalgada para casa, Eric à frente, Rhiannon atrás, ladeada por Patrick e Rowan. «Não o amarei! —jurou em silêncio—. E não o temerei! »

Ali, no meio de todos, ninguém poderia acusá-la de nada impróprio com Rowan, de modo que descobriu que podia conversar tranqüilamente com ele e Patrick, com o qual começava a afeiçoar—se. Riram e falaram animadamente os três, e o irlandês descreveu as maravilhas de sua terra natal e relatou como são Patrício, seu xará, tinha expulsado todas as serpentes de Eire muitíssimos anos atrás.

—Pena que não possa retornar para encarregar—se dos dinamarqueses! —comentou Rollo, voltando—se para eles com um sorriso aflito.

Rhiannon pôs—se a rir divertida, com os olhos cintilantes. Em seguida, desvaneceu-se seu sorriso, porque seu marido também se voltou e a observava com uma expressão estranha. Rhiannon inclinou a cabeça um instante e, ignorando—o, pediu a Patrick que contasse outra história. Obediente, ele contou da existência de pessoas diminutas que habitavam covas e gretas das rochas. O trajeto foi agradável. Rhiannon estava surpresa com a tranqüilidade que reinava. Entretanto, quando ao anoitecer passavam pelo último pedaço de caminho, notou uma mudança no ambiente. Formaram—se nuvens negras de tormenta, e soprava um vento gelado procedente do mar.

Quando se aproximavam das muralhas da cidade, Eric ergueu a mão e todos se detiveram. Por entre os homens, Rhiannon viu Mergwin de pé no caminho, esperando—os. Sua solitária figura parecia dominar todo o atalho, assim como o céu e o mar. O vento agitava seus cabelos brancos e açoitava sua longa barba. Seus olhos estavam cinzentos e densos como as nuvens, cheios de mistério.

—O que aconteceu? —perguntou Eric, desmontando. Aproximou—se do ancião, que apertou as mãos do jovem entre as suas. De repente, Rhiannon apreciou a fragilidade do velho druida e professor de runas, sua silhueta recortada contra o mar.

A costa voltava a estar cheia de enormes navios vikings com proas elaboradamente esculpidas em formas de bestas, dragões e serpentes. O coração de Rhiannon começou a martelar. Que nova invasão era essa? Com que freqüência teriam que combater contra os vikings? O rei Alfredo o tinha feito sempre; durante tanto tempo que se viu obrigado a pedir ajuda a vikings para guerrear contra vikings.



Eric não parecia alarmado pelos navios. Dedicava toda sua atenção ao ancião no caminho.

—Trata—se do Ard—RI —respondeu Mergwin.

—Meu avô —suspirou Eric. Olhou fixamente o druida— Está morrendo.

—Seu pai enviou-me para buscá-lo. Sua mãe precisa de você. Se partir com a maré da manhã, verá o Aed Finnlaith.

Depois de ordenar que entregassem um cavalo a Mergwin, Eric montou o garanhão. Silencioso, o grupo retomou a marcha.

O príncipe irlandês apeou rapidamente diante da casa e entrou na sala principal. Rhiannon já ia desmontar quando viu que Patrick, com olhos tristes e um pouco molhados de lágrimas, apressava—se a ajudá—la.

—Partirá para a Irlanda? —perguntou, enquanto rogava: «Meu Deus, por favor, que parta. Mantenha-o longe de mim para que não me toque, para que eu aprenda a odiá—lo novamente. Não permita que eu o ame, por favor, não permita que o ame.»

—Sim, partirá. O Ard—RI é muito amado por todos os homens, sobretudo por seus filhos e netos. É um grande homem; forjou a paz e a manteve, com justiça e compaixão para todos os homens. Você também o teria amado.

Ela assentiu. Patrick parecia lamentar profundamente a iminente perda do Ard—RI. Rhiannon procurou não demonstrar seu alívio diante da idéia da partida de seu marido.

Encaminhou—se para a sala com a intenção de escapar silenciosamente para o quarto de Adela, onde permaneceria, longe dos preparativos da viagem, fora da vista e dos pensamentos de todos.

Entretanto, deteve—se logo que cruzou a soleira, porque Mergwin a esperava na entrada, seus olhos cinzentos, reflexivos e acusadores. Como sabia que ela entraria nesse momento? Com todas as preocupações que tinha, por que tinha pensado em procurá—la?

—Supliquei que não fosse! —reprovou ele.

Ao perceber dor e inquietação em sua voz, a moça lamentou tê-lo ofendido. Gostava dele, não podia evitar de gostar. Ele era temível a sua maneira, mas também era seu amigo. Sabia que o ancião confiava nela e que queria que casasse com Eric.

—Sinto muito —disse, compungida—. Sinto de verdade, Mergwin. Jamais pretendi aborrecê-lo. Também lamento sobre a morte de seu Ard—RI, tão admirado e amado. Deve ser um grande homem. Rezarei por ele com todo meu coração. Todos aqui oraremos por ele.



Não tinha percebido que Eric havia se aproximado, silenciosamente. De repente, ouviu sua voz, crispada e fria, que com brusca autoridade, dizia:

—Senhora, não é necessário que ore, vai me acompanhar.

Em seguida, seu olhar se desviou dos olhos de Mergwin para os de seu marido. Pensou que ele não a queria ao seu lado; simplesmente a levaria com ele porque sabia como queria que ele se afastasse. Engoliu em seco, esforçando—se para falar com voz suave:

—Eric, acho que vou te atrapalhar. Serão momentos muito difíceis para você...

—E não aumentarei essa dificuldade me perguntando o que pode fazer se aparecerem os dinamarqueses ou se você decide se colocar em seu acampamento —disse ele com voz severa—. Melhor que vá preparar sua bagagem, embora Mergwin já encomendou a Adela essa tarefa.

—Mas, meu senhor esposo...

—Rhiannon, basta e apresse-se.

A moça olhou implorante a Mergwin, embora soubesse que não estava disposto a ajudá—la; já o tinha enganado uma vez. E Eric...

—Não irei! —assegurou indignada e começou a caminhar.

Eric a deteve, lhe agarrando uma mecha de cabelo. Ela gritou.

—Rhiannon, vai me acompanhar. —Sorriu com frieza— De boa ou má vontade, virá. —Seus olhos azuis pareceram golpeá—la— Sugiro que o faça de boa vontade.

Soltou o cabelo e se afastou. Rhiannon olhou aflita para Mergwin e depois subiu depressa as escadas.

Adela estava no quarto, onde a aguardava um banho quente, toalhas limpas e sabão aromatizado com rosas. A anciã explicou, impressionada, que todos estavam inquietos esperando sua volta, mas que Mergwin tinha assegurado que não sofreria nenhum dano e que finalmente voltaria para casa.

—E quando apareceram os navios vikings e comprovamos que não eram os nossos, bom, todos nos apavoramos. Mergwin se apressou a dizer que foram enviados por Olaf, rei de Dubhlain. Ah, que maravilha contemplá—los! Logo chegou você, tal como disse Mergwin. E agora partirá para a Irlanda. Ah, Rhiannon, vou sentir saudades! Deve se cuidar muito!

—Não irei para a Irlanda! —exclamou Rhiannon com desespero.

—Querida minha...



—Não vou!

De repente, soou um golpe na porta, que se abriu imediatamente, sem que nenhuma das duas tivesse convidado a entrar. Rhiannon estremeceu temendo que se tratasse de Eric, que poderia ter ouvido suas desafiantes palavras.

Enganou-se. Era Judith, a garota que dava a impressão de adorar Eric. Entrou com uma bandeja com comida e a depositou sobre um baú. A seguir, se inclinou diante de Rhiannon com uma reverência.

—Minha senhora, o senhor Eric me ordenou que trouxesse esta bandeja e disse que comesse e descansasse depois, porque partirão antes do amanhecer.

Ao observar à bonita moça, Rhiannon pensou que, sem dúvida, lhe agradaria servir Eric de qualquer maneira. Ou já o teria feito?

—Obrigado, Judith.

A garota passou os olhos pelo quarto.

Rhiannon não pôde suportar a idéia de Judith ns braços de Eric, ou em sua cama, nesse quarto. Tentou controlar seu gênio. Não podia fazer ridículo.

— Judith, isso é tudo, obrigado.

Com um suspiro, a jovem saiu do quarto.

—Eu vigiaria essa aí —disse Adela.

—Mmm —murmurou Rhiannon. Desejava estar sozinha. Voltou—se para sua prima e lhe agarrou as mãos—. Foi muito amável ao preparar meus baús e o banho. Agora me sinto bem. Escovarei o cabelo, jantarei depressa e me deitarei. Você deveria fazer o mesmo. Sem dúvida está esgotada.

Adela a olhou com expressão preocupada.

—Se tem certeza...

—Sim, por favor.

Adela lhe deu um beijo e partiu.

Rhiannon começou a passear pelo quarto. Depois se sentou aos pés da cama e começou a escovar o cabelo. Estava muito embaraçado e se entregou à tarefa com determinação até que sua longa juba caiu sobre suas costas. A seguir, se aproximou de um dos baús e tirou uma camisola de linho quase transparente com delicados bordados no pescoço e nos pulsos.



Colocou-a, perguntando—se que horas seriam e se Eric dormiria com ela. Olhou a bandeja com comida que não tinha provado, viu a jarra de aguamel e bebeu um bom gole. Depois voltou a escovar o cabelo.

Ouviu passos do outro lado da porta. Deixou a escova e se apressou a deitar—se, cobrindo o rosto com os cabelos.

Ouviu abrir e fechar a porta e os passos de Eric pelo quarto. Logo o homem se deteve e se dirigiu à cama. Notou que a observava.

Ali permaneceu um bom momento. Depois o ouviu afastar—se e percebeu o ruído de suas botas e sua roupa ao cair no chão. Ouviu—o amaldiçoar em voz baixa ao entrar na água fria da banheira. Ao fim de alguns minutos sair da banheira.

Chegaria à cama e a acusaria de fingir estar dormindo. Ela se ergueria e diria que a partir desse momento se empenharia em agradá—lo e convencê-lo de que esperava com ânsia sua volta, se a deixasse ficar em casa.

Entretanto, seu marido se deitou ao seu lado sem tocá—la, lhe dando as costas.

A moça abriu os olhos. Eric tinha apagado as velas. A luz da lua brincava sobre os belos músculos das costas de seu marido. Mordeu os lábios, frustrada, vacilante. Moveu—se e lhe roçou as costas com as suas; jogou em cima uma mecha de seus longos cabelos. Ele continuava imóvel.

—Eric —sussurrou, por último.

Ele se ergueu e se apoiou em um cotovelo. À luz da lua ela viu que estava observando—a.

—Lamento por seu avô. De verdade.

Depois de um momento o príncipe irlandês proferiu uma suave maldição e lhe rodeou os ombros rígidos com os braços. Nos olhos de Rhiannon apareceram lágrimas.

—Por favor, não me obrigue a ir. Tenho muito medo.

—Ah, sim? —disse ele, inclinado sobre ela, observando—a atentamente.

Estava linda à luz da lua; os olhos brilhantes, empapados de lágrimas, os lábios trêmulos, vermelhos como a rosa que tinha dado sua fragrância ao aroma que perfumava docemente aquele corpo. Sob o fino tecido da camisola subiam e desciam seus seios com cada respiração. Seus seios pareceram maiores, mais cheios e tentadoras que nunca; os mamilos também maiores, escuros, fascinantes, sedutores. Seus cabelos espalhados ao redor suaves como penugens, envolvendo—o,



aprisionando—o. Mas isso já tinha feito antes; tinha sido enredado e aprisionado com essas mechas de ouro e fogo, com esses olhos de prata, com a beleza de sua voz e graciosas figura. Não era amor, pensou Eric, não, jamais amor. Ela era dele, e a desejava com um ardor que superava qualquer paixão que havia sentido até então. Desejou estreitá—la ternamente em seus braços, tranquilizá—la.

Mas a conhecia; conhecia muito bem. Que nova artimanha era essa? Não importava, pensou.

—Eric —sussurrou suave e sedutoramente, com trêmula inocência—, meu senhor, por favor, quero ser uma boa esposa, obedecê-lo... servi-lo em todas as coisas, mas, por favor, isto não. Suplico que não me obrigue ir para a Irlanda. Quando retornar, me esforçarei para me comportar como deseja que faça uma esposa.

Acariciou—lhe o cabelo, fascinado por sua longitude.

—Sim? —perguntou.

—Sim.

Com as pálpebras entreabertas, os olhos de Rhiann se mostravam doces e sedutores. Eric se acomodou e roçou o seio com os lábios. Logo tomou um com a boca e acariciou o duro mamilo com a língua por cima da camisola quase transparente. A jovem emitiu um surdo gemido e apertou seu corpo contra ele, tocando com sua suave forma feminina o sexo dele, acelerando em Eric a excitação e a selvagem necessidade.

—Serei tudo o que quiser —prometeu ela, afundando os dedos em sua cabeleira.

Ergueu—se com ele, envolvendo—o com seus cabelos, rodeando—o com seus braços, enchendo de beijos seus ombros e seu peito. Passou por todo o corpo uma longa mecha de seu cabelo. A sedosa e perfumada juba estimulava cada lugar que tocava. Beijou—o na boca, deixou os lábios ali um momento para logo empreender uma viagem por todo seu corpo. Suave, sutil e docemente o seduziu. O desejo desencadeou uma tormenta violenta e feroz, um torvelinho. Ela sabia como acariciá—lo, sabia quando atormentar, quando tentar, quando dar. Era capaz de cegar um homem, seduzi—lo até que não lhe importasse nada, exceto satisfazer seu desejo.

Agarrou—a violentamente para deitá—la de costas sobre a cama. Olhou—a nos olhos e pareceu distinguir fugazmente, antes que ela os cobrisse com suas deliciosas e longas pestanas, um brilho de triunfo. de repente, se apoderou dele a ira e teve que tomar ar para controlar—se, para não entregar—se a ferocidade.



«Calma!», ordenou—se, decidido a continuar o jogo. Sorriu e a beijou com ternura nos lábios, saboreando a doçura de sua boca. Depois teve todo o tempo do mundo, apertando—a e investindo eroticamente com seu corpo por cima do tecido, atormentando o ventre e mais embaixo para logo acariciá-la de um modo mais íntimo no centro de seu desejo, deslizando a ardente e úmida língua sobre a malha da camisola. Sussurros e gemidos responderam a suas carícias, e a mulher não demorou para estremecer debaixo dele, agitando—se, arqueando—se.

Rasgou—lhe a camisola em busca de sua pele nua e devorou avidamente todo seu corpo. Quando já estava quase inconsciente por todos os orgasmos que ele tinha lhe proporcionado. Eric se colocou em cima dela, exigindo tudo.

E tudo foi dele. Jamais em sua vida tinha experimentado uma explosão de alívio tão doce e selvagem ao mesmo tempo, como a que teve nessa noite, selvagem como o mar arrasado pela tormenta. Sacudiram—no fortes e ferozes convulsões e a encheu outra vez, para logo descansar sobre ela um momento, gozando de uma extraordinária paz, satisfeito como jamais tinha imaginado estar. Fechou os olhos e percebeu os ensurdecadores batimentos do coração sob os arredondados seios e soube que podia chegar a ela, que podia obter muitíssimas coisas que ela se negava a entregar.

E também sabia que ela o tinha enganado, que odiava até a idéia de ser sua esposa.

Um sorriso amargo apareceu em seus lábios e o embargou uma dolorosa tristeza. «Deus! Se pudesse deixar de desejá—la. Se pudesse esquecer sua existência...»

Mas não podia. Quando não estava com ela, perseguia-o em seus sonhos. Quando pensava que corria algum perigo, sentia—se como se o atravessasse uma faca. Era sua esposa.

E Por Deus que ela sabia que o era e compreenderia que seus truques e enganos não mudariam a situação. Aprenderia que devia lhe obedecer...

Apertou os dentes, como se assim pudesse aplacar a dor que sentia em seu coração. Atraiu—a para si e sussurrou:

—Então, quando eu retornar vai me amar?

Rhiannon ainda ofegava. Sem deixar de abraçá—la, ele colocou a mão sobre seu seio e sentiu os batimentos do coração.



—Sim, meu senhor —murmurou com voz rouca.

—Quando voltar... honrará—me e obedecerá?

—Sim!

Beijou—a na fronte e a estreitou. Fechou os olhos. Maldita mulher! Aed Finnlaith ia morrer! Seu avô estava na Irlanda; ele era a paz do país. Tinha proporcionado a Irlanda sua idade de ouro; era sábio e maravilhoso. Jamais o esqueceria, e tampouco seus ensinamentos. E ela tinha que lhe causar inquietação mesmo nesses momentos...

Por um instante a estreitou ainda mais. Rhiannon emitiu um suave gemido de protesto, e ele afrouxou a pressão. Precisava dormir, embora só por algumas horas.

Mas não conseguiu conciliar o sono. Ao despontar o alvorecer, jogou para trás o lençol de linho e se levantou. Adormecida, a mulher deve ter notado que ele tinha descido da cama, porque um doce sorriso curvou seus lábios, e se esticou, ficando mais cômoda, coberta por sua cabeleira dourada. Ele apertou as mandíbulas, deu meia volta e se vestiu rapidamente. Envolveu—se na capa mais fina prendendo—a no ombro e amarrou o cinturão com a espada. Era uma ocasião triste e devia chegar com um traje apropriado.

Aproximou—se do leito e olhou sua esposa. Por um momento, lhe tremeu a mão, fechou—a em um punho e continuou contemplando—a, porque era realmente bela. Talvez não tivesse enviado uma mensagem aos dinamarqueses. Não acreditava que o tivesse feito, mas sem dúvida sabia de algo. Além de formosa, era traiçoeira.

Toda sua vida levaria a cicatriz da ferida de sua flecha para demonstrá—lo. Sorriu com frieza.

—Levante-se —ordenou, cortante— É hora de partir.

—Mas eu não irei! —protestou ela.

—Irá, senhora. Disse ontem à noite.

—Mas... —interrompeu—se e ruborizaram-se as bochechas—. Mas se me disse...

— Jamais disse nada.

—Ah! —Compreendeu sua loucura e o rubor de suas bochechas se intensificou— Como pôde me fazer acreditar... Oh, bastardo!

Lançou-se contra Eric, que a agarrou rapidamente, enquanto ela agitava os braços tentando golpeá—lo.



O homem sentiu que martelava o coração no peito e lhe subia como um zumbido à cabeça. Desejava—a nesse momento, embora tivesse provado várias sua doçura.

Segurando—a pelas mãos, olhou a feroz tormenta de seus olhos.

—Subirá no navio vestida ou nua, milady. Eu preferiria levá-la vestida diante de minha mãe, mas a levarei de uma ou outra maneira. Ontem anunciei que me acompanharia. E repeti muitas vezes que as mutretas de uma mulher jamais mudarão minhas decisões, por mais encantadoras que sejam essas mutretas.

Afastou—a e inclinou ligeiramente a cabeça, sem deixar de lhe segurar firmemente as mãos, pois sabia que tentaria lhe agredir outra vez. Cravava as unhas como uma gata e aquele selvagem brilho continuava em seus olhos. Estava vomitando palavras atropeladamente, entre elas «bastardo» e «roedor». Depois, empregou o idioma galês de seu pai. Eric não o conhecia bem, mas não importava, porque entendia o sentido geral.

—Dez minutos, minha querida senhora esposa!

Jogou—a sobre a cama. Rhiannon afogou uma exclamação e ficou olhando—o, calada por fim, estendida sobre os cabelos, os olhos alagados em lágrimas, sua figura não só nua e formosa, mas também estranhamente vulnerável.

—Dez minutos —repetiu ele.

Antes que ela pudesse levantar—se ou recuperar o fôlego para falar, saiu dando um portapé na porta.

Deteve—se ali, sobressaltado ao ouvi—la soluçar brandamente. Depois recordou que toda essa cena aconteceu porque ela queria livrar—se dele.

Por ela, ele podia afundar no mar irlandês ou encontrar a morte de outra maneira, e talvez ela se veria livre dele para sempre.

Podia explodir uma guerra. Ao morrer o Ard—RI, os reis irlandeses competiriam pelo poder e talvez declarassem a guerra a Niall, o filho mais velho do Ard—RI. Os dinamarqueses poderiam inteirar—se da vulnerabilidade da Irlanda. De qualquer forma, seu pai conservaria Dubhlain; disso estava certo.

E de qualquer forma, seu pai apoiaria Niall, seu cunhado. Na realidade, era muito provável que houvesse guerra, e talvez Rhiannon visse realizado seu desejo.



Afastou—se com implacável determinação.

Era melhor que estivesse pronta em dez minutos, pensou. Sim. Não chegaria na Irlanda envolta em uma manta.



Capítulo 15

A travessia por mar tinha sido difícil, mas tinham atravessado as águas com surpreendente perícia e velocidade.

Não teve que pensar muito para tomar a decisão de acompanhar seu marido. Em nenhum momento coube a menor dúvida de que ele seria capaz de cumprir qualquer ameaça, de modo que se dirigiu à praia onde estavam ancorados os navios, muito antes que ele chegasse e ali o esperou, enquanto faziam os preparativos, os marinheiros carregavam seus veleiros de proa dragão e faziam os últimos preparativos em meio a gritos e ordens. Envoltos em uma capa carmesim, tinha contemplado os navios com figuras de serpentes, as proas que se erguiam enormes sobre o mar, os formosos, arrepiantes e finos desenhos. E tinha fechado as mãos em punho para vencer a tentação de fugir. Não podia acreditar que estivesse a ponto de embarcar em um navio viking.

Tinha tentado evitar o navio de seu marido, mas ninguém subiu a bordo até que Eric apareceu na praia. Imediatamente a buscou com o olhar. Rhiannon se sentiu arder de raiva ao perceber o frio triunfo em seu olhar; não era difícil saber que o obedeceria. Em seguida, seu marido estava ao seu lado, e no momento em que ela se encaminhava para o navio, onde estavam Patrick e Rowan notou sua mão no ombro.

—Minha esposa irá comigo.

Depois de dirigir um olhar majestoso e glacial, a jovem subiu a bordo de seu navio. Ali encontrou certa liberdade, porque Eric ficou junto à proa, e ela ocupou um assento perto da popa e os remadores. Zarpavam com a maré, mas o vento não era favorável, o que não desalentou seu marido. Ouviram-se gritos, e as velas raiadas de vermelho foram içadas para aproveitar os possíveis impulsos do vento. Os excelentes marinheiros se entregaram com entusiasmo a sua tarefa de remar.



Na manhã o céu se tingiu de forma furiosa. As tonalidades rosadas da aurora foram ocultas atrás de densas nuvens escuras. Os relâmpagos rasgavam o céu e os trovões ribombavam com ensurdecadores estrondos. Os vikings, povo supersticioso, ou ao menos assim tinham contado a Rhiannon, negavam—se a navegar se as runas não caissem corretamente e imploravam a seus deuses para que os libertassem das tempestades. Quando o navio se ergueu contra as furiosas e violentas ondas, um homem barbudo, sentado junto a ela, sorriu tranquilizador.

—Esse é Tor, que cavalga pelos céus lançando seus raios.

—Sim —acrescentou outro—, porque até o grande Tor nórdico chora e lamenta como todos os bons cristãos que o Ard—Rl passe deste mundo ao seguinte.

Rhiannon tentou sorrir, embora tivesse os lábios lívidos e o estômago revoltado.

—Não tema, senhora! —disse o barbudo—.Somos os melhores marinheiros que existem — alardeou.

Na realidade, não temia afundar no mar, nem ser tragada por sua escuridão. O certo era que a alegraria uma coisa assim, pois ao menos comoveria seu marido, que permanecia de pé junto à proa, com os braços cruzados no peito. Por mais intensa ou selvagem que fosse a tempestade, continuava ousadamente de pé na proa de seu navio, os olhos fixos na terra que se aproximava e que parecia tão longe de seu lar.

Por último, Rhiannon se levantou e cambaleando, agarrou-se ao corrimão, e ali vomitou. Notou que a embarcação não estava mais avançando porque, pelo visto, todos os homens pararam e se aproximaram para presenciar sua humilhação.

—Senhora! Está bem?

—Cuidado com o balanço das ondas!

—Por Odín e o Deus dos céus! É que a perdemos?

Mergwin, com seus olhos já não cheios de condenação pelo engano, estava ao seu lado. Enquanto os homens comentavam que águas tão enfurecidas podiam provocar enjôos até em um marinheiro experiente, o ancião a olhava com cumplicidade. Ambos sabiam que era a gravidez que tinha causado o enjôo.



Mergwin refrescou seu rosto com um pano úmido e ofereceu bebida. Rhiannon fechou os olhos e se reclinou contra ele, aceitando seus cuidados e encontrando um estranho consolo em seus braços.

Desejou poder lhe acariciar as curtidas bochechas, agradecer, pedir perdão por tê-lo enganado e dizer que tinha começado a gostar dele.

Quando abriu os olhos, viu Eric ali de pé, gigantesco frente a ela, seus olhos duros como um látego, as mãos nos quadris, suas musculosas pernas firmes apesar das subidas e descidas do barco causadas pela tempestade. Um intenso rubor lhe tingiu as bochechas, e apertou os lábios.

—Está bem! —vociferou Eric a seus homens.

Não precisou dizer mais; todos retornaram a seus postos, e ela permaneceu ali, na proa, refugiada nos braços de Mergwin, sob o olhar condenatório de seu marido.

—Acreditaram que estava a ponto de se lançar pela amurada. Eu também cheguei a pensar por um momento.

A jovem tentou afastar a cabeça do ombro de Mergwin, mas não pôde. Engoliu em seco.

—Vamos, senhor, é verdade que me faz sofrer, mas não tanto para que atente contra os mandamentos de Deus.

Ele esticou as mandíbulas, e Rhiannon viu como lhe pulsava furiosamente o pulso na garganta.

—Alegra-me muito saber que não a impulsionei a se jogar no mar, minha senhora —disse inclinando—se em zombadora reverência— Minhas mais sinceras desculpas, senhora. Ignorava que fosse tão má marinheira.

Dizendo isso, retornou a seu posto de vigia na proa. Rhiannon reprimiu o impulso de gritar que era uma marinheira excelente, que ele tinha a culpa do ocorrido, que carregava um bebê em seu interior que a fazia enjoar. Quando olhou Mergwin, viu que seus misteriosos olhos cinzentos a scrutinavam, mas não perguntou nada, nem a repreendeu.

—Este é um momento muito duro para ele —disse o ancião—, para todos nós. Você não conhece o Ard—RI.

Mergwin também amava o rei agonizante, pensou ela.

—Parece que todos os momentos são difíceis ultimamente, não é? —disse a mulher com voz cansada. Ele sorriu e negou com a cabeça.



—Haverá tristeza, mas encontrará a felicidade aqui, verá.

—Não ficarei aqui tanto tempo.

Mergwin fez menção de falar, mas conteve—se e depois moveu a cabeça. Rhiannon lhe tocou o joelho.

—Mergwin, não estarei aqui muito tempo, não é minha casa, compreende? É dele; jamais será minha. Não pretendo ofender ninguém, mas aqui todos são estranhos.

Ele se reclinou e fechou os olhos. Ela se assustou ao vê—lo tão velho e frágil. Então Mergwin exalou um cansado suspiro.

—Haverá guerra —murmurou.

Não acrescentou nada mais, e ela não soube muito bem o que queria dizer com isso.

A chuva que estava ameaçando cair, se foi. O mar continuou agitado, enfurecido por um intenso vento, e o céu coberto de negras nuvens, mas não choveu. Ainda estava tudo escuro quando Rhiannon avistou a acidentada linha da costa da Irlanda. Contemplou a terra, alheia e ameaçadora sob a penumbra que os envolvia. Depois, entraram no rio que os levaria até Dubhlain, e ela foi observando tudo que podia ver. A Irlanda possuía uma beleza nua e verde. Boa parte da terra não estava cultivada, e tudo era curiosamente familiar, muito semelhante à sua casa, embora sutilmente diferente porque as intermináveis pradarias se estendiam dos escarpados em tons de esmeralda. Rebanhos de ovelhas de lã branca e esponjosa pastavam nos campos.

De repente, se elevaram diante deles as muralhas de Dubhlain. Surpresa e maravilhada, Rhiannon contemplou a obra em pedra, o esplendor, a solidez da construção que se elevava branca contra a escuridão. Quando os navios se aproximaram, viu a multidão reunida que os esperava na margem. Mergwin a ajudou a ficar de pé. Eric parecia tê—la esquecido.

Rhiannon se deteve, com o coração acelerado, ao ver que uma mulher se separava da multidão. Os cabelos negros como a noite caíam soltos até a cintura, e era ágil e esbelta como uma gazela. aproximou—se apressada, chamando por Eric.

Rhiannon ficou paralisada, sentindo que jamais tinha odiado com tanta intensidade. Por que a havia obrigado a acompanhá—lo? Para que presenciasse seu terno encontro com uma amante irlandesa? Sentiu enjôos. A mulher estava saudando—o com imenso carinho, com enorme ternura.



Mesmo na penumbra, podia ver que era muito bonita.

—Rhiannon, vamos —urgiu Mergwin.

—Não posso —murmurou ela.

Então ficou petrificada, porque Eric se voltava para ela; por fim, estava ao seu lado. antes que pudesse protestar, já a tinha puxado pelo braço e a apressava a descer. Depois a agarrou em seus braços e a depositou no chão irlandês.

—Rhiannon, apresento Erin de Dubhlain. Mãe, Rhiannon, minha esposa.

A mulher de cabelos de ébano sorriu. Ao vê-la de perto, Rhiannon percebeu que não era jovem, embora parecesse não ter idade para ser mãe de um homem da idade de Eric. Seus olhos eram de um deslumbrante verde esmeralda, e seu sorriso contagioso.

—Rhiannon, bem—vinda. Estes são momentos tristes para nós, mas nos esforçaremos para atendê-la como é devido. Os irlandeses têm fama de ser hospitaleiros, sabe? Esta é a casa de meu filho e portanto a sua, então, tudo o que há dentro dela está a sua absoluta disposição. —Apertou—lhe as mãos e então dirigiu seu formoso sorriso ao seu filho—. Eric? É muito formosa, e eu diria que não a merece nem um pouquinho. Vamos, por favor, tenho medo de ficar afastada por muito tempo.

Entretanto, não desembarcaram imediatamente, pois Erin de Dubhlain viu Mergwin, que esperava atrás dela. Não trocaram nenhuma palavra. Erin se aproximou do ancião e se abraçaram longamente em silêncio.

Quando se separaram, a mulher tinha os olhos cheios de lágrimas. Agarrou Rhiannon pela mão e voltou-se.

—Minha senhora —disse a recém chegada, procurando falar no idioma que tinha praticado tão pouco,—lamento muito ter vindo em um momento assim. Seu pai é certamente um homem e um rei muito amado, e minhas orações estão com ele e com a senhora.

—Obrigado —disse Erin.

Levando—a agarrada pela mão, conduziu—a para o interior das muralhas até uma casa de pedra, enorme e impressionante. Havia passarelas encostadas nas muralhas por onde o povo da cidade podia passar sem pisar no lodo e no esterco do chão; esses caminhos de madeira lhe pareceram incríveis, pois jamais tinha visto nada semelhante, nem na Inglaterra, nem em Gales.



—Adoeceu aqui —explicava Erin a seu filho— Sei que muitos acham que deveria tê-lo levado a Tara para que morresse ali, mas estava desesperada para reunir meus irmãos e irmãs e todos seus netos. Dorme em alguns momentos; tem bons e maus momentos. Sabe que a vida lhe escapa e fala com frequência de seu testamento. Não podia me arriscar a que falecesse no caminho.

Eric lhe disse que tinha feito o correto. Rhiannon se sentiu como uma intrusa, mas a mão de Erin a levava firmemente agarrada e ela a seguiu. Quando entraram na casa, se dirigiram a uma enorme e magnífica sala, onde estavam reunidas pelo menos cem pessoas. Todos abriram caminho quando entrou Erin. Chegaram ao centro do salão, onde havia uma cama coberta por linho bordado. Nela estava um ancião de cabelos brancos como a neve e rosto curtido e enrugado. Tinha os olhos fechados. Erin se deteve e Eric se adiantou rapidamente, caiu de joelhos e agarrou entre as suas longas e magras mãos do ancião. Rhiannon percebeu que havia uma monja do outro lado do leito, com a cabeça inclinada em profunda oração. E então sobressaltou-se, porque junto à cabeceira estava um homem tão parecido com Eric que só podia ser Olaf, da Casa de Vestfald da Noruega, rei de Dubhlain e pai de Eric. O tempo o tinha tratado com amabilidade, como a sua esposa. Seus cabelos dourados estavam pincelados de branco, mas se conservava tão alto e erguido como seu filho, com ombros largos e fortes, e belas e atraentes feições. Seus olhos eram da impressionante cor azul que tinha herdado Eric. O olhar de Olaf pousou em Rhiannon, que por um instante conteve o fôlego. Como os de seu filho, os olhos do rei de Dubhlain não ofereciam nenhuma desculpa, mas a analisavam atentamente. Depois seus lábios desenharam um ligeiro sorriso, e assentiu; ela compreendeu que tinha determinado sua identidade e lhe dava boas-vindas. De repente, se surpreendeu porque aquele era o sorriso de Eric, que tinha cativado seus sentidos e seu coração.

Havia outras pessoas na sala. Aos pés do Ard—RI se encontrava um homem alto, de cabelo escuro e sombrios olhos verdes, parecido com Erin, mas bem mais velho. Junto a ele, havia outro homem de cabelo escuro, olhos azuis e traços semelhantes aos de Eric. O lugar estava cheio de homens e mulheres, morenos a loiros celtas, passando por todos os tons intermédios. Rhiannon pensou que todas as pessoas ali reunidas tinham algum parentesco com o Ard—RI.

Começaram a entoar salmos em latim, e então compreendeu que todos tinham ido para orar. Além da cama do Ard—RI havia um sacerdote, cujas palavras ressoavam monótonas e intermináveis.



Depois, todos ficaram em silêncio e se ouviu o barulho das roupas, enquanto o homem se retirava. Outras pessoas saíam do lugar, em meio de soluços afogados e choramingações de crianças. Depois o silêncio e a quietude reinaram de novo.

O Ard—Ri abriu os olhos, e apareceu um sorriso em seu rosto. Não fez menção de erguer—se. Olhou para os pés da cama e depois ergueu os olhos para o rei de Dubhlain.

—Olaf, está aqui —murmurou com voz tranqüila e segura.

—Sim, Aed Finnlaith, sempre.

—Foi tão bom filho como qualquer um de vocês, não é, Niall? —disse ao homem que se achava aos pés da cama.

—Sim, pai. Foi meu irmão.

—É um lobo como seu pai, neto —disse o ancião olhando para Eric— Eric, veio finalmente! Não me deixará agora. Ainda não partirá da Irlanda. —Uma careta de dor lhe contraiu o rosto, e Erin mordeu uma mão para evitar que escapasse um soluço. O Ard—Ri fechou os olhos e prosseguiu— Que Deus nos proteja, porque os reis se lançarão à guerra! A paz que consegui todos estes anos é muito frágil. A realza suprema não recairá em Niall porque é meu filho, mas sim porque não há outro homem mais qualificado. Durante estes anos, Olaf, fui forte porque você esteve ao meu lado. Por Deus, rogo que apóie meu filho.

—Aed, pelo juramento que nos uniu há muitos anos —replicou Olaf—, descanse tranqüilo. As muralhas de Dubhlain serão sempre a fortaleza de Niall. Meus filhos, seus netos, serão a grande espada que sempre assegurou que seriam. De verdade, Aed, meu pai, sou seu filho.

Os olhos do Ard—Ri se abriram de novo, brilhantes, molhados pelas lágrimas. Voltou a fechá—los para abri—los depois de uns minutos, nublados pela dor. E seu olhar pousou em Rhiannon.

O Ard—Ri afastou uma mão das de Eric e a estendeu para ela. Sobressaltada, umedeceu os lábios e olhou para Erin, indecisa.

—Por favor! —sussurrou Erin.

Rhiannon se aproximou e os dedos do Ard—Ri se fecharam ao redor dos dela, com assombrosa força.

—Perdoe-me! —disse o ancião com veemência—. Perdoe-me! Amava—a como sempre amei, com toda a alma.

Certamente a confundia com outra pessoa, pensou Rhiannon, mas com quem?



Fez—se o silêncio. Assustada, a jovem permaneceu imóvel, olhando fixamente o homem de olhos frágeis.

—Por Deus, não amava ninguém mais que a você! Mas sempre estava na terra... e a guerra. Tive que fazer o que fiz.

Ficou calado e uniu a mão dela com a de Eric. Rhiannon sentiu desejos de retirar a mão, de fugir, mas o autoritário olhar de seu marido a dissuadiu. Não se atreveu, mal podia respirar. Então o Ard—RI continuou, penetrando em seu coração, vendo coisas que ninguém podia ver:

—Eu conhecia o homem, sabia coisas que uma mulher não podia saber. Conhecia sua força e orei fervorosamente para que me perdoasse. Rezei para que o amasse, que o tempo consertasse a situação e que sua união trouxesse a paz. Fiz o que fiz pela Irlanda, compreende? Diga-me, filha, diga que me perdoa!

Atônita, emudecida, Rhiannon sentiu as ardentes lágrimas que ameaçavam descer por seu rosto, enquanto contemplava o ansioso e atormentado olhar do ancião moribundo. Eric apertou sua mão e lhe sussurrou bruscamente:

—Diga. Por favor, mulher, diga o que deseja ouvir.

—Perdão! —exclamou ela. Soltou sua mão para acariciar o rosto do ancião. De repente, brotaram as lágrimas, que rolaram por suas bochechas, enquanto dizia o que certamente Aed precisava ouvir:

— É obvio que o perdão. Amo você. E tudo o que disse está certo, e tudo está bem agora. Deve descansar, e não esqueça que te quero e te perdão. Jamais houve um rei como você...

O Ard—RI tinha fechado os olhos. Rhiannon viu Erin ao seu lado, pálida.

—Bendita seja, minha filha! —murmurou a mulher. Depois se voltou para seu filho— Eric, leve sua esposa ao seu quarto e depois volte aqui. Acreditam que não passará desta noite.

—Como desejar, mãe —disse Eric, lhe agarrando a mão e beijando—lhe. Continuou observando-a, e ela estremeceu. Eric não se mostrava frio, mas estava distante, e Rhiannon compreendeu que estava sofrendo muito e não queria demonstrar a ela.

Depois agarrou sua esposa pelo cotovelo e a conduziu para fora do quarto, com passos tão rápidos que ela mal podia segui—lo. Sem falar, subiram pelas escadas e percorreram um longo corredor. Chegaram a outro longo corredor e dobraram para a esquerda.



Eric abriu uma porta e a convidou a entrar. Rhiannon passou quase voando junto a ele e se deteve no centro do quarto. Até nos mínimo detalhes se percebia que aquele era o quarto de um homem, o de Eric.

A cama de madeira esculpida era enorme, e os baús maciços. Os desenhos das tapeçarias que cobriam as paredes representavam cenas de guerra e vitória. Havia belas e finas mesas de madeira com taças para beber e uma bacia com uma jarra para lavar—se. A lareira estava no outro extremo do aposento, e diante dela se estendia um imenso e grosso tapete que em outros tempos, tinha sido um gigantesco urso branco. Também haviam peles sobre a cama. Nas paredes estavam penduradas diversas armas, uma espada com intrincados desenhos gravados, um grande arco, várias lanças e um escudo com a insígnia do lobo.

Deixou de observar o quarto e se voltou para Eric. Sobressaltou—se ao ver que a olhava fixamente.

—O que... o que quis dizer seu avô? Quem achou que eu era?

—Sinto muito, não tenho tempo de falar agora —disse ele com tom cortante—. A casa está bem abastecida. Alguém trará comida, bebida e tudo que quiser.

Continuou observando—a, e ela estremeceu. Eric não se mostrava frio, mas bem distante, e de repente compreendeu que estava sofrendo e que jamais demonstraria sua dor. Desejou aproximar—se para acariciá—lo e consolá—lo. Eric a tinha levado até ali. Não lhe importava nem ela nem seus sentimentos; só importava que lhe obedecesse. Não devia amá—lo! Não devia ser tão tola, nem abrir mão com tanta facilidade de seu orgulho! Ele simplesmente a usava, ameaçava—a com sua força, e não daria nada, nem sequer sua compaixão.

—Ficarei muito bem —disse friamente.

Seu marido não partiu imediatamente. Depois de uns minutos, Rhiannon ouviu que a porta se abria e fechava.

Sentou—se na cama e começou a chorar, sem saber se chorava por ela, Eric, Erin, o Ard—RI, ou por toda a Irlanda.

Logo se acabaram e secaram as lágrimas. Uma jovem chamada Grendal apareceu na porta com um delicioso guisado e aguamel quente. A garota assegurou que não seria nenhum problema lhe preparar um banho quente. Momentos depois entraram alguns rapazes levando uma formosa banheira esculpida e baldes de água. Com a mesma eficiência, levaram a banheira, depois que se banhou e vestiu uma camisola de fino tecido irlandês, belamente bordada.



Quando Grendal saiu do quarto, Rhiannon se deitou na enorme cama com peles e dormiu.

Mais tarde despertou. Percebeu que não estava sozinha. Eric estava sentado junto a lareira, com as pernas esticadas e a cabeça apoiada nas mãos. O fogo crepitava. Rhiannon se ergueu. Decidiu não aproximar—se dele, afinal, ele agiu com rudeza ao obrigá—la a fazer esta viagem para a Irlanda. Depois levantou-se, lembrando os sussurros do amante que tinha sido junto ao riacho. Podia desprezá—lo, mas havia algo que os unia. Foi até a mesa, serviu aguamel em uma taça, aproximou—se e, ajoelhando-se diante de Eric, ofereceu—lhe a bebida. Sobressaltado, ele se voltou para ela. Receoso, aceitou a bebida.

—Que deseja agora, Rhiannon? Surpreendida, separou—se dele.

—Que desejo? —repetiu.

—Sim —murmurou ele, irônico— Quando vem assim para mim, é sempre com algum propósito.

Rhiannon se levantou com agilidade e graça, disposta a afastar—se, mas ele a segurou, agarrando sua mão.

—Não voltará para casa—disse.

—Não pedi para ir para casa —replicou ela com frieza.

Eric a olhou fixamente um instante e, depois de assentir, voltou a contemplar o fogo com expressão ausente.

—Foi—se —murmurou—. Aed Finnlaith morreu, e com ele a paz de muitas décadas.

—Lamento —sussurrou ela. Percebeu sua dor e desejou aliviá—la.

Eric soltou sua mão e ela permaneceu ali, sentindo—se mal.

—De verdade, Eric, lamento muito.

—Deite-se, Rhiannon.

Ela continuou ali, indecisa.

—Se houver algo que eu...

—Volte para a cama, Rhiannon. Quero ficar sozinho.

Por fim, obedeceu. Desejou sair do quarto, fugir dele, mas não se atreveu, não, estando seu marido nesse estado de ânimo. Possivelmente permitia que se fosse...

Entristecida se estendeu na cama e se perguntou como teria sido ele quando pequeno; como tina sido o menino que tinha crescido nesse castelo.



Triste, encolheu—se na beira da cama para deixar seu marido com bastante espaço. Tiritou de frio, agasalhou—se com as peles e, rapidamente, conciliou o sono.

Despertou antes da alvorada. Eric estava ao seu lado, e ela estava acomodada com a cabeça apoiada em seu peito, protegida por seu braço. Já não sentia frio.

Não pôde levantar—se. O homem estava adormecido, esgotado, deitado sobre os cabelos de Rhiannon. Ela começou a puxar, com suavidade, as largas mechas e então ele despertou e a olhou fixamente.

—Perdoe-me, senhora, estou te tocando? Resmungou um palavrão, ergueu—se, lhe libertando o cabelo, e se levantou, nu. Mordendo o lábio, ansiando dizer algo, mas incapaz de fazê—lo, a mulher o observou enquanto ele se vestia rapidamente. Quando terminou, Eric saiu dando uma forte batida na porta. Rhiannon se estendeu, mas não conseguiu voltar a dormir.

Muito mais tarde, apareceu Grendal com água fresca e o café da manhã, mas ela não tinha apetite e não comeu. Sem saber o que fazer, permaneceu toda a manhã no quarto de Eric.

Depois, a tarde, aventurou—se a sair ao corredor. Depois de percorrê—lo, chegou até o alto da escada, de onde viu a enorme sala e ouviu os prantos afogados e os gemidos de dor. Em vez de descer, voltou—se para retornar rapidamente ao quarto, mas se deteve porque um homem bloqueou seu caminho. Na penumbra, piscou. Acreditou ser Eric. Em seguida, percebeu que não era ele, mas seu pai, o rei de Dubhlain em pessoa. Totalmente viking, pensou, e ruborizou ao recordar as inúmeras vezes que insultado seu marido por sua ascendência paterna. Mas certamente Eric nunca teria falado a esse homem de seu ódio.

—Por que não desce? —perguntou ele.

—Não... não quero incomodar, meu senhor.

—Rhiannon! É a esposa de meu filho e portanto nossa filha, e não incomoda; é muito bem vinda. Assim pensava meu sogro e por isso, quando sua vida estava acabando—se, tomou sua mão e te falou, e você disse exatamente o que precisava ouvir. Vamos, segure meu braço. Eric está lá embaixo.

Ofereceu—lhe o braço amavelmente, mas ela se afastou, movendo a cabeça com repentino terror.

—Não compreende, meu senhor.



—Ah!, não pode aceitar o braço de um viking, nem sequer de um que está há tantos anos nesta terra?

—Não! —exclamou ela, aflita.

Então viu que se desenhava um tênue sorriso naqueles traços eternamente jovens. Assim passariam os anos para Eric também, refletiu; até o final se manteria tão formidável e dominante e conservaria a capacidade de enfeitiçar com um sorriso.

Baixou os cílios, ruborizando—se, porque parecia que esse homem lia seus pensamentos com muita facilidade. Negou com a cabeça.

—Não é isso... —interrompeu—se. Como podia explicar ao rei que seu filho não a desejava ao seu lado?

— Acho que Eric não... não..,

—Minha senhora Rhiannon... filha! —corrigiu—se— Vamos. Agarre meu braço. Nenhum homem obriga uma mulher a atravessar o mar até uma terra estrangeira se não desejar sua companhia.

—Mas...

—Vamos —insistiu.

Essa amável frase era uma ordem, e a jovem pegou seu braço. Enquanto desciam pelas escadas se perguntou como era possível que aqueles homens fossem capazes de dobrar sua vontade; um, seu marido, com implacáveis exigências, e o outro, seu sogro com uma força suave, mas igualmente dominante.

Quando chegaram à sala, conduziu—a até a cama do Ard—RI. O rei supremo estava vestido com uma roupa em azul e vermelho, os brasões da Irlanda em sua capa e uma cruz dourada sobre o peito. Rhiannon se inclinou junto ao rei viking de Dubhlain e rezou uma oração. Quando se levantou, ainda estava agarrada ao braço de seu sogro.

Aproximaram—se homens, reis da Irlanda, para falar com Olaf, que apresentou Rhiannon como sua nora e todos lhe deram boas-vindas e lhe mostraram o respeito exigido pelo rei. Levou—a através da sala onde estava servida a comida e ali se reuniu com eles. Erin, seu formoso rosto marcado pelos sinais das lágrimas, acompanhou Rhiannon até as longas mesas. Antes de sentar, a moça notou que lhe agarravam o braço e se voltou. Era Eric, vestido de modo similar a seu pai com uma capa vermelha, presa com um broche com as insígnias do lobo, os reis da Tara e a casa de Vestfald.



—Mãe, obrigada. Eu cuidarei de minha esposa agora.

Com que carinho e ternura falava com sua mãe. Graças a Deus, pensou Rhiannon, a ela não tratava com tanta amabilidade, porque seria muito doloroso para seu coração. Não tinha nada a temer, disse—se cáusticamente, porque ele a incitava a acompanhá—lo com algo semelhante a um grunhido. Acomodou—a entre ele e seu pai. Embora compartilhasse o cálice com Eric, foi seu sogro quem teve a consideração de conversar com ela e explicar seus costumes.

Quando terminaram a comida, o príncipe de Dubhlain a conduziu até um aposento, abriu a porta e a fez entrar. Ao voltar—se, viu que seu marido ia sair novamente.

—Eric! —chamou.

—O que houve?

—Só queria dizer... —interrompeu—se e inspirou profundamente. Recordou as palavras de seu sogro: Nenhum homem obriga uma mulher a atravessar o mar até uma terra estrangeira se não desejar sua companhia.» Ou talvez, queira simplesmente contrariar seus desejos, pensou com amargura. Desceu brandamente os cílios e adicionou.

— Eu não gosto de vê-lo sofrer assim.

Eric ficou imóvel um instante, e Rhiannon pareceu sentir uma corrente de ar muito frio. Depois seu marido entrou no aposento e fechou a porta. Aproximou—se dela, diminuindo—a com sua elevada estatura, e, levantando seu queixo sem nenhuma delicadeza, obrigando—a a olhá—lo nos olhos.

—Não quer me ver sofrer? Vamos, senhora! Acreditava que seu maior desejo era que me queimassem em azeite fervente.

Ela se afastou, alarmada pelas lágrimas que ameaçavam brotar.

—Ah, tinha esquecido. É verdade!

Acreditou ver um leve indício de sorriso no rosto do homem, e ao olhá—lo, seu coração sobressaltou-se. Cravou as unhas nas palmas das mãos para reprimir a tentação de correr para ele, tão belo e majestoso com seu traje, tão alto que dominava o quarto, tão dourado que parecia irradiar luz.

—Sofro pela perda de meu avô, sim —murmurou. Seu sorriso se desvaneceu, mas seus olhos continuavam observando—a com expressão amável— Você não pode compreender a gravidade da situação. Meu avô era a espinha dorsal da ilha. Ele era Eire. Era... mais ou menos como Alfredo,



entende? Tinha mais de noventa anos e viveu uma vida grandiosa, majestosa. Será bem acolhido nos céus, e os noruegueses que conheceu lhe reservarão um lugar na mesa do Valhalla...

—interrompeu—se e se aproximou, agora sem amabilidade. Em seus olhos cintilavam um brilho glacial quando enroscou os dedos em seus cabelos para obrigá-la a erguer o rosto para ele—. Meu pai é forte, assim como meus irmãos e agora dedicaremos essa força a respaldar e ajudar tio Níall de Ulster. Entende?

— Está me machucando! —disse ela.

O viking não afrouxou a pressão. Seus lábios roçaram os dela, e seu sussurro a acariciou e atormentou:

—Haverá guerra. E você permanecerá aqui, dentro da segurança destas muralhas, durante o tempo que durar esta guerra.

Não a soltou, esperando que ela protestasse. Rhiannon sustentou seu olhar sem pestanejar, nem revelar nenhuma emoção, sem queixar—se, nem chorar ou debater—se.

—Meu senhor, está puxando meu cabelo.

Então a libertou e em seguida, saiu do quarto.

Rhiannon caminhou pelo quarto durante o que lhe pareceu uma eternidade. Já tinham levado seus baús, mas não procurou sua roupa, e colocou a bela camisola de linho irlandês que tinha usado na noite anterior. O fogo da lareira era muito suave, e tinha frio quando por fim se enfiou debaixo das mantas e peles da cama de seu marido.

Eric retornou muito tarde. Esgotado, deixou—se cair em uma poltrona diante da lareira e ficou contemplando as chamas. A jovem o observou à luz do fogo. Notou uma rígida tensão em suas feições e uma dor infinita em seus olhos. Seu sogro estava enganado; certamente não a amava e nesse momento, nem sequer a desejava.

Ela, por sua vez, estava apaixonando—se por ele, apesar da razão lhe aconselhar a ter cuidado, apesar de tudo que tinha ocorrido entre eles, apesar dele mesmo Não; não estava apaixonando—se, já estava apaixonada. Levantou—se e se aproximou da lareira. Eric levantou o rosto e a olhou nos olhos, arqueando uma sobrancelha de modo de zombador.

la rejeitá-la; devia voltar para a cama e enterrar—se sob as mantas.



Entretanto, não o fez. Desatou cuidadosamente o laço bordado da camisola e o deixou cair brandamente aos seus pés. Com mais lentidão ainda, se aproximou com o olhar fixo no dele, para ajoelhar—se e, agarrando suas mãos, beijou—lhe as palmas.

Ele deixou escapar um agudo gemido. Em um segundo, já estava de pé e a estreitava em seus braços. Depositou—a sobre a suavidade das peles e começou a fazer amor. Seus beijos lhe queimaram a pele, suas mãos a excitaram e conduziram a um aterrador êxtase. Rhiannon tinha desejado aliviar a dor de seu marido, fazer amor, mas não podia porque tinha aberto as portas da paixão, mais potente e feroz que a tormenta que tinha ameaçado o mar e o céu no dia de sua chegada.

Ela tinha desatado a tempestade e já não podia guiá—la, nem controlá—la.

E a tormenta foi doce. Eric a estendeu de bruços sobre as peles para lhe percorrer com avidez as costas e as nádegas com a boca, a língua e os dentes. Com crescente desejo e paixão, voltou—a e a consumiu de prazer. Ela sentiu por dentro o vento e o ouro de seu sol, gemendo, gritando e entregando—se ao seu desejo, gozando da paixão se acendia cada vez mais entre eles. Quando a penetrou, pareceu—lhe que o mundo oscilava para seguir o ritmo da viva força do mar, para girar como um torvelinho e depois explodir em um frenesi de brilho, luz e doces néctares.

Depois a abraçou e, em silêncio, acariciou o corpo suado. Ela sentiu as palavras presas em sua boca: «vamos ter um filho.» Tentou separar os lábios para deixá-las escapar, mas não pôde. Então, adormeceu.

Pela manhã, ele já estava de pé e vestido quando ela abriu os olhos. Cansada, com o cabelo emaranhado, percebeu que ele a observava junto à cama.

—Não retornará para casa —disse bruscamente.

—O que?

Surpreendeu—a a mudança que sentiu nele. Provavelmente, não a amava, mas na noite anterior tinha sentido, ao menos, certa ternura entre eles.

—Não retornará para casa —repetiu.

—Não pedi...

—Sempre que seduz, senhora, é com o propósito de pedir algo. Procura pagamento pela puta que...



Não terminou a frase porque ela jogou um dos almofadões da cama no rosto. Ele o apertou fortemente, tentando controlar o gênio.

—Rhiannon, eu não pago. Deveria saber.

A mulher cobriu os seios com uma pele.

—Não pedi nada! —gritou—; nada, meu senhor, nada absolutamente. Ontem à noite só desejava «te dar» algo, mas não se preocupe, jamais voltarei a lhe dar alguma coisa outra vez!

Deixando o almofadão de lado, Eric se inclinou para emoldurar seu rosto com as mãos. Ela tentou se afastar, mas ao notar seus dedos suaves e acariciantes nas bochechas, ficou paralisada.

—Então reconheço que me enganei, senhora —disse ele com voz tão doce que sua esposa se comoveu e estremeceu—. E obrigado.

Roçou—lhe ligeiramente a boca com seus lábios e depois se encaminhou para a porta. Abraçada a uma pele, ficou olhando—o até que saiu e depois afundou na cama. Jamais chegaria a conhecê—lo.

Grendal atendeu a suas necessidades pela manhã. Rhiannon se vestiu e esperou, vacilando entre descer ou esperar que Eric fosse procurá—la. O mais provável era que Eric não fosse procurá—la.

À tarde alguém bateu na porta. Com um afável sorriso, entrou no quarto a monja que tinha visto junto à cama do Ard—RI na noite de sua chegada.

—Sou Bede, irmã de Erin —apresentou—se, lhe agarrando as mãos e beijando—a na bochecha carinhosamente— São momentos muito difíceis para todos nós. Na verdade somos um povo amável e afetuoso. Se tivesse conhecido meu pai, teria gostado muito dele.

—Disso estou certa.

—Deu-se muito bem com meu pai.

—Sim?

—Certamente —disse uma voz da porta aberta. Ali estava Erin de Dubhlain, que olhou sua irmã e depois, dedicou um malicioso sorriso a Rhiannon— Deve ter se sentido terrivelmente confusa quando meu pai agarrou-lhe a mão.

—Eu...

Interrompeu—se. « Seu pai leu minha mente e meu coração! », desejou gritar. Alegrou—se que Erin se apressasse a continuar:

—Veja, ele a confundiu comigo.



—Como diz, senhora?

Bede riu baixinho e sua irmã lhe dirigiu um afetuoso sorriso.

—Sim, pode rir agora! Esta santa e delicada da minha irmã, em certa ocasião, conspirou contra meu pai...

—Eu não conspirei! —protestou Bede.

—Ora! —exclamou Erin— Fizeram uma armadilha para me obrigar a casar, sabe? Eu teria casado com um gnomo, um duende, até mesmo com um horrível javali antes de casar com um viking — explicou Erin— Tinha estourado uma horrorosa e terrível guerra, e meu pai e Olaf assinaram a paz; eu fui a fiadora dessa paz.

—Oh! —exclamou Rhiannon—. Agora parecem tão... tão...

Sorrindo encantada, Erin tomou as mãos e a levou até os pés da cama, onde se sentaram. — Nenhuma mulher foi tão afortunada como eu no casamento. Estes anos foram maravilhosos, extraordinariamente maravilhosos. Mas as coisas não começaram bem.

—Foi muito difícil, sabe? —interveio Bede — porque Erin e Olaf já se conheciam. Minha irmã tinha ido ao campo de batalha com sua armadura dourada e tinha combatido contra quem logo seria seu marido.

—Bede!

—Houve muitas coisas que nosso pai nunca soube —explicou Bede, sorrindo.

—Rhiannon, agradeço de todo o coração o que disse a meu pai.

—Por favor, não me agradeça por isso. Eu... lamento que tenha falecido.

Erin ficou de pé e passeou, nervosa, pelo quarto.

—E agora que morreu, todos os homens que tanto o aclamaram estão planejando uma guerra, contra meu irmão.

—Não compreendo —disse Rhiannon— Por que fariam isso?

—Ignoro —Erin negou com a cabeça—.Jamais entendi. Quando era pequena, sempre haviam guerras entre os reis. Depois chegaram os vikings, e meu pai formou uma aliança de paz para poder uni—los E agora... agora irão para a guerra outra vez. Deus proteja Niall! —Olhou ao redor—. Tem tudo que precisa? Chegaram inteiros seus baús do navio?

—Sim, milady, claro que sim. Obrigado.



—Milady? —Dedicou—lhe um amplo sorriso, com os olhos brilhantes, e Rhiannon voltou a pensar que era uma mulher extraordinariamente bonita.

—Sou sua sogra. Não tem por que me tratar com tanta formalidade. Agora deve me desculpar porque tenho que me ocupar de muitos assuntos. —dirigiu—se à porta e ali se voltou—. Bede, se encarregue de que Rhiannon conheça a família, por favor. Ontem foi muito difícil, mas hoje... A vida continua. —Já tinha cruzado a soleira, quando se voltou para sorrir para Rhiannon—. Alegro-me que Eric tenha lhe conhecido. Levou uma vida bastante errante, participando de incursões vikings por terras longínquas. A verdade é que me surpreende que tenha encontrado uma bela e jovem esposa cristã na corte do rei Alfredo. Acredite, dou-lhe as boas-vindas de todo o coração.

Dizendo isto, partiu. Bede convidou Rhiannon a descer para lhe apresentar o resto da família. Da escada a jovem observou a sala onde tinham colocado o Ard—RI para que recebesse a comemoração de seu povo. Uma multidão de homens elegantemente vestidos com capas com seus lemas e insígnias começara a orar. Não viu entre eles seu marido.

Começava a entardecer quando Bede a guiou pela casa do rei de Dubhlain. Em uma das salas contíguas a principal, localizou por fim Eric. Estava sentado com um numeroso grupo de homens que supôs seriam seus irmãos e tios, envolvidos em uma acalorada discussão. Bede prosseguiu seu caminho. Entraram na sala das mulheres e uma jovem de cabelos cor de ébano, como os de Erin, levantou—se com um salto e se aproximou delas.

—Tia Bede, por fim a trouxe! Ontem à noite, fiquei fascinada quando nos apresentaram. Lembra-se de mim? É capaz de lembrar de todos? Sou Daria, a mais nova e última desta ninhada, irmã de Eric. E estas são minhas irmãs Megan e Elizabeth. Chegará a nos conhecer bem. Os meninos são Leith, a quem talvez tenha visto ontem à noite, junto à cama do avô, e, vamos ver, Bryan, Conan, Conar e Bryce. E Eric, é obvio, o dobro de meu pai, como o chamamos. Entre, por favor! Houve tanta, tanta tristeza. Conte sobre Alfredo e a Inglaterra e desse horroroso Guthrum. Venha, venha, entre, por favor, não seja tímida. Como vê, nós não somos, absolutamente.

Pôs—se a rir, e Rhiannon se sentiu encantada imediatamente por sua candura e simplicidade.

—Bem, explicarei algo sobre...

—É parente de Alfredo, não é? —interrompeu Daria.

—Prima.



—Conte, por favor. estivemos todas tão aflitas pelo avô... nós adorávamos escapar para uma terra longínqua!

No meio das mulheres, tias, irmãs e cunhadas de Eric, afloraram os dotes narrativos de Rhiannon. Repetiu a história de Lindesfarne, sem mencionar que o desastre tinha sido causado por vikings noruegueses, e depois relatou inúmeras histórias sobre o heroísmo e a nobreza de Alfredo. Quando terminou, Daria perguntou como Eric tinha feito para casar com ela.

—Foi contra minha vontade —respondeu Rhiannon—. Veja, ele chegou como um viking, tomou minha casa e minhas terras, e Alfredo decidiu que deveríamos nos casar.

Súbitamente, se fez silêncio. Tinha explicado com tom leve, meio de brincadeira, e entretanto todas a olhavam de cima a baixo. Lamentou tê-las ofendido.

Imediatamente percebeu que não olhavam para ela, mas para a porta. Em seguida, se voltou e, para seu desconcerto, encontrou Eric ali, observando—a. Comodamente apoiado contra o marco da porta, com os braços cruzados, contemplava—a com um brilho condenatório em seus olhos.

—É uma narradora incrível, não é? —comentou educadamente ao grupo—. Vamos, meu amor, acredito que esqueceu de contar uma parte da história. Minha esposa é uma heroína, sabem? Chegamos, e antes de me dar conta, já tinha cravado em minha coxa uma das flechas de minha amada esposa. Nenhum viking conseguiria dominar esta jovem, garanto a vocês.

—O que? Disparou uma flecha contra Eric? —exclamou Daria.

Rhiannon se ruborizou.

—Não era minha intenção...

—Oh, Eric! —Daria correu para abraçar seu irmão.

Rhiannon viu o afeto que existia entre eles. Jamais lhe tinha sorrido assim, pensou triste.

—Vejo que se recuperou bem —observou Daria.

—Irmãzinha —grunhiu ele, travesso —, ficou uma horrorosa cicatriz em minha coxa.

—Ah, bom, tem outras cicatrizes. —deu uma piscada a Rhiannon—. É verdade que feriu meu irmão com uma de suas flechas?

—Tem uma pontaria excelente —disse ele—, embora muito pouco juízo e um duvidoso senso de lealdade. Agora, se me permitirem, vamos, Rhiannon?

Ela caminhou até a porta e se deteve diante de seu marido.



—Bem, meu senhor! O que pretende fazer comigo? Se minha lealdade é tão duvidosa, talvez também seja minha pontaria. Tome cuidado no futuro, jovem senhor dos lobos, pois minha pontaria poderia melhorar, juntamente com meu juízo. Se fosse um pouquinho melhor, não teríamos nos casado, porque teria sobrado muito pouco para consumir esse acordo.

Daria, estava perto e a ouviu, pôs—se a rir. Olhando fixamente para Rhiannon, Eric esboçou um sorriso e avançou um passo para agarrá—la em seus braços e jogá-la sobre seus ombros.

—Perdoem-me, senhoras, devo cuidar de minha rebelde esposa.

Fazendo uma inclinação, saiu com a jovem e atravessou uma sala, ignorando às pessoas que se encontravam ali. Aturdida e sem fôlego, Rhiannon não protestou.

De repente, a depositou no chão. Tinham deixado para trás a casa e se achavam em um pátio. Por toda parte havia homens, selando cavalos e enfeitando-os com as cores do rei e do príncipe.

—O que... ?

—Houve um ataque contra Ulster na ausência de Niall —explicou ele.

—Partirá agora? —perguntou assombrada—. O cadáver de seu avô ainda não esfriou!

—Escoltaremos o corpo de meu avô até Tara e continuaremos para combater em Ulster —disse ele, com os braços cruzados e um olhar glacial— E você permanecerá aqui aos cuidados de minha mãe até minha volta.

Rhiannon já ia replicar quando viu no pátio Rowan, que conversava com outro dos homens de Wessex que os tinham acompanhado.

—Rowan irá com você?

Surpreso, Eric ficou rígido.

—Sim, por decisão dele.

—Não deveria... não deveria morrer em terra estrangeira.

De repente, Eric a rodeou com os braços.

—Deseja sua volta e não a minha, milady? Ah, vejo que estou certo. É normal, pois sempre quis que uma epada me cortasse ao meio. Senhora, dure dias ou anos esta guerra, recordará que é minha esposa; lembrará de mim !

Rhiannon tentou escapar, pois a estava machucando. Seu tenaz orgulho lhe impediu de dizer que o amava, que sua preocupação com Rowan era somente um estratagemas para proteger seu coração;



Calou-se por que não podia dizer que não suportaria a vida se ele não voltasse. O orgulho tampouco tinha permitido contar-lhe que iam ter um filho.

—Eric...

Ele a tomou em seus braços, e seus lábios desceram sobre os dela com força. Beijou—a com paixão, lhe devorando a boca e quando a soltou, parecia que não tinha sido suficiente.

—Eric! —sussurrou ela—. Tem que cuid...

—De Rowan? —perguntou, sarcástico—. Por Deus, senhora! —Amaldiçoou furiosamente.

Rhiannan deixou escapar um grito quando o viking a estreitou violentamente entre seus braços.

Erguendo-a em seus braços, entrou como uma tempestade na casa, subiu pelas escadas e a conduziu para o quarto. Uma vez ali, a lançou sobre a cama e se deitou sobre ela, antes que pudesse erguer-se ou protestar.

—Basta, viking, bastardo! —exclamou assustada. Mas não havia maneira de detê-lo, de deter sua raiva ou sua paixão. Ela voltou a gritar, meio histérica.

—Eric!

Algo em sua voz o comoveu, pois ficou imóvel e depois se estendeu ao seu lado. Murmurando algo que ela não entendeu, ergueu-se para levantar da cama, e ela, que deveria ter se alegrado, apertou-se contra ele; não podia deixá-lo partir.

Eric depositou um beijo suave em suas bochechas, úmidas de lágrimas. Rhiannon o atraiu, sentindo como se excitava seu corpo. O príncipe buscou seus lábios e a beijou com abrasadora avidez, mas sem violência. Introduziu a língua em sua boca profundamente, chegando até as mais secretas curvas. A dureza de seu membro contra seu corpo produziu na mulher uma doce e ardente umidade. Desejou-o com uma crescente e avassaladora necessidade que encheu todo seu ser. Ia partir de novo.

—Senhora, lembre-se de mim! —sussurrou—lhe docemente no ouvido.

Repetiu-o uma e outra vez, e a mulher notou que o sacudia um forte estremecimento. Gemendo brandamente, Rhiannon emoldurou seu rosto com as mãos e uniu seus lábios aos dele, agarrando-se a ele e ondulando os quadris.

—Rhiannon —ouviu sussurrar. Ela enterrou o rosto em seu pescoço.

—Por favor —murmurou.

Não precisou acrescentar mais. Eric estava dentro dela, que se arqueou mais contra ele na primeira investida. O homem começou a mover-se, entrando de forma mais profunda com cada arremesso,



e ela respondia com o mesmo frenesi, amoldando—se ao seu ritmo. O príncipe fez amor como se quisesse deixar gravado eternamente sua marca; e Rhiannon fez amor como se sua paixão por ele pudessem evitar que fosse para a guerra. O ar pareceu estremecer por trovões, à medida que o ritmo e a tempestade alcançavam alturas insuportáveis. A mulher gemeu e gritou, quando o orgasmo explodiu com uma labareda que a fez saborear o êxtase e a deixou meio inconsciente. Quando voltou a ver a luz, notou como o corpo de Eric estremecia sobre ela e de novo se sentiu cheia, invadida pelo ardente calor de sua semente. Fechou os olhos e degustou o prazer.

Permaneceram quietos uma eternidade. Depois Eric a rodeou com seus braços e a estreitou.

—Lembre-se de mim —murmurou.

Sua esposa abriu os olhos e se encontrou com a tormenta cobalto dos dele. Em vão, tentou sorrir.

Tentou falar com voz firme, mas o fez em um sussurro:

—Meu senhor, acredito que não poderei esquecê-lo. Vou ... vou dar a luz ao seu filho.

—O que?

Observou atentamente os traços femininos. Ela inspirou profundamente e exalou o ar.

—Vamos ter um filho.

—Não acredita? Rhiannon sorriu por fim. —Milord, acho difícil acreditar que não tenha percebido.

Há certas mudanças...

Eric saiu bruscamente de cima dela, baixou a túnica, a alisou e a seguir lhe acariciou com ternura a bochecha.

—Tontinha —exclamou—. Não devia me permitir...

—Permitir? Meu senhor, quando pude detê-lo? —desafiou, apressando—se a acrescentar—: Eric, eu desejava... eu também o desejava. Não me machucou, nem a mim nem ao bebê.

Beijou—a.

—Deve se cuidar. Deve se cuidar muito.

Ela assentiu. Na verdade, não queria dizer que se cuidasse; mas sim cuidasse do bebê.

Eric se levantou e a ergueu em seus braços, estreitando—a com ternura.

—Sim, meu amor, se cuide... —Soltou—a e lhe acariciou a bochecha— Eu cuidarei de Rowan; protegerei—o sempre que puder. Não tema.

Sua voz soava severa, com uma nota amarga. Depois de beijá-la nos lábios, se dirigiu à porta e partiu.



—É a você que amo! —murmurou ela, com os olhos cheios de lágrimas.

Já era tarde. Eric tinha partido.



Capítulo 16

Ao cair da noite, começou a soprar um vento frio vindo do norte. De pé sobre um escarpado, com sua capa açoitada violentamente pelo vento, Eric contemplava o mar a distância, escurecido e coberto pela névoa. Longe, muito longe, erguia—se a terra dos escoceses, chamados assim pelas tribos que abandonaram Eire para instalar—se ali. Aquela terra ficava ao norte dos reinos ingleses que com tanto zelo Alfredo defendia dos ataques dinamarqueses.

Efetivamente, tinham avançado muito durante os últimos meses. Nesse momento, em meio aos rigores do inverno, a guerra tinha terminado. Um após outro, os pequenos reis da Irlanda se inclinaram diante da supremacia de Niall MAC Aed, mas ainda faltava recuperar a parte costeira de Ulster, reivindicada pelo tio de Niall, MAC Cannar, filho de uma mulher irlandesa e neto de um rei dinamarquês.

A batalha decisiva seria travada no dia seguinte. Ao norte, a uma grande distancia, avistava as fogueiras do acampamento dinamarquês. Durante todo o dia ambos os bandos tinham enviado emissários e finalmente se resolveu que quem vencesse no dia seguinte tomaria aquela costa. Naquele momento, quando todo o país apoiava Niall, parecia desnecessário lutar contra MacCannar por esse pedaço de terra. Entretanto, poucos conheciam a maneira de sentir irlandesa tão bem como Niall, Olaf, Eric e seus irmãos e primos; se Niall não conservasse seu próprio reino, perderia tudo. As facções belicosas se dividiriam e surgiriam levantes em todo o país.

Portanto, tudo dependia do que ocorresse no dia seguinte. Depois, poderiam retornar a Dubhlain. Eric sentiu as frias rajadas de vento no rosto, enquanto sentia arder um fogo em seu interior. Quanto desejava voltar!



Não tinham partido com a pressa que tinham planejado a princípio, pois tinham tido que cuidar do funeral de seu avô, apesar das ameaças que se abatiam sobre eles. Naquele dia, depois de deixar Rhiannon no quarto para ir ao pátio, tinham—lhe informado que estava sendo celebrado um conselho e que requeriam sua presença imediata. Reuniu—se com os membros masculinos de sua família, e tinham decidido que era muito arriscado que ele e as mulheres acompanhassem o Áed até seu lugar de repouso definitivo em Tara, com apenas um guarda. Não demonstrariam temor nem debilidade, mas toda a família escoltaria o corpo de Ard—RI para o norte, e todos participariam das preces junto a sua tumba com os monges de Armagh.

Depois dedicariam todos seus esforços para assegurar a lealdade dos reis menores da Irlanda.

Então, tinha tido um certo tempo... Não muito tempo na realidade, porque a viagem com tanta gente tinha sido lenta, e jamais teve a oportunidade de cavalgar com sua esposa. Além disso, houve um contínuo intercâmbio de mensagens entre os diversos reinos. Niall tinha reconhecido os reis da Irlanda e exigido, em troca, o reconhecimento por parte deles. Os dias tinham sido exaustivos. Também tinham recebido mensagens de Wessex. Guthrum tinha se lançado à batalha, depois da derrota de Rochester. Alfredo, com um grande contingente de navios, entre eles os de Eric, tinha atacado os dinamarqueses, comandados por Guthrum e conseguido capturar muitos navios e riquezas, que os dinamarqueses, em uma contra—ofensiva, conseguiram recuperar.

Alfredo atacaria na primavera os dinamarqueses que tinham tomado Londres e os expulsaria, ou ao menos, jurava que o faria. Em suas missivas, suplicava a Eric que retornasse na primavera.

Eric olhou novamente para o mar; sempre a guerra. Suspirou e fechou os olhos, esgotado. Recordou que, ao menos, durante a longa e lenta viagem a Tara, as noites tinham sido deles. Entretanto, ele e Rhiannon tinham falado pouco.

Às vezes, seu grupo tinha dormido em tendas montadas no caminho, em outras, tinha recebido a pródiga hospitalidade de uma granja irlandesa e até mesmo, de vez em quando, o luxo de uma casa de um rei. De qualquer forma, ele estava muito cansado para falar, e ela jamais tinha exigido. Para ele tinha sido um tempo de descobertas, porque haviam mudanças. Amaldiçoou—se por ser tão tolo e não ter percebido. Tinha os seios tão cheios que não os abarcava com as mãos, e o ventre já tinha começado a avolumar—se. Parecia que tinha os olhos mais brilhantes e as bochechas mais resplandecentes...



Claro, sempre tinha sido bonita; jamais tinha negado. Desde o primeiro momento em que a viu, de pé no alto da paliçada tinha cativado seus sentidos. E nesse momento, o obcecava e apossava seus sonhos, porque muitos eram as lembranças dela e de suas noites juntos.

Em seus sonhos ela se aproximava dele como fez na noite em que morreu seu avô; nua, leve e ágil, envolta no manto de ouro e fogo de seus cabelos, que a cobriam. Suaves e ondulantes como os raios do sol, como a dança das chamas na lareira, as mechas caíam sobre sua nudez em deliciosa e exuberante beleza, escondendo sem ocultar o volume de seus seios, seus mamilos, as curvas de seus quadris, cobrindo-a como um tapete de fogo, ocultando o mistério entre as coxas. Em seus sonhos cheirava a doçura de sua pele, via seus olhos, sentia seu corpo quando ela se estendia sobre ele. Rhiannon albergava muitas coisas em seu interior, havia muitas emoções nas maravilhosas luzes prateadas de seus olhos: sua dor, tão rapidamente revelada e tão rapidamente dissimulada; a risada, raras vezes dirigida a ele; a ternura, a fúria de uma tormenta, a tempestade do mar, a raiva de uma tigresa. Todas essas coisas guardava em seu interior. E seu gênio, sempre explosivo, mudava como a direção dos ventos.

Só um louco podia amá-la... E ele a amava.

Começou a analisar o passado, tentando descobrir quando houve essa mudança, em que momento Rhiannon o tinha cativado, além do puro desejo, em que momento tinha conquistado seu coração. Tinha sido quando descobriu que, por mais que a submetesse, ela jamais se rendia? Tinha sido ao acariciá-la, ao queimar-se no fogo de seus cabelos, na tempestade de seus olhos? Tinha sido ao começar a conhecê-la, ao descobrir a beleza de seu coração e sua mente? Tinha sido quando ela tinha abandonado seu lar para lhe avisar do perigo, lançando as flechas?

Talvez tenha sido no dia em que reconheceu que ela era dele e que lutaria com a ferocidade de um animal selvagem para conservar o que lhe pertencia. Quando havia experimentado a mudança que o obrigava a admitir, embora somente para si, que a amava? Não, o que sentia por ela era mais que amor. Era algo mais profundo que qualquer emoção que houvesse sentido antes.

Tinha amado antes... Tinha conhecido o sofrimento do amor e sabia muito bem que o amor podia ser uma faca de dois gumes, uma arma pior que qualquer outra inventada ou aperfeiçoada pelo homem. Ainda haviam tantas coisas entre eles; inúmeros homens tinham morrido porque Rhiannon o atacou no dia de sua chegada à costa.



Depois, houve muitas coisas. Talvez os homens de Rhiannon, enterrados há muito tempo, fossem inocentes, porque a verdade era que seus fantasmas não podiam ter avisado aos dinamarqueses de que os guerreiros leais a Alfredo se aproximavam.

Mas alguém os tinha avisado.

Se não foi sua esposa, tinha que ser alguém muito próximo a Alfredo. Quem? Rhiannon devia ter alguma idéia. Alfredo tinha sido seu tutor, ela conhecia todos, e bem. Estaria protegendo alguém?

Ou era tão inocente como afirmava?

Talvez sua esposa ainda desejasse sua morte, e se fosse assim, tinha aprendido astutamente a ter paciência, a esperar com calma. Não, negava—se a acreditar nisso.

Sabia que ainda gostava de Rowan. Durante o trajeto até Tara, Rhiannon tinha implorado a Eric, várias vezes, que cuidasse de seus compatriotas. Ao menos vinte homens de Wessex acompanhavam Eric, mas ele suspeitava que seu pedido se referia, exclusivamente, a Rowan. Iam ter um filho. Se morresse na batalha, deixaria um filho. De repente, suas mãos tremeram, ergueu os olhos para o céu e orou, sem saber muito bem a que deus oferecia suas preces. Desejava ardentemente viver para ver seu filho, fosse menino ou menina, e desejava ter a oportunidade de levar a vida que imaginou. Jamais trairia seu tio Niall e sempre iria a apoiar Leith se algum perigo ameaçasse Dubhlain. Sempre seria irlandês, assim como sempre seria norueguês, filho de seu pai, Mas sua vida estava do outro lado do mar, e sua alma estava nas delicadas mãos de Rhiannon. Tinha criado raízes nessa terra de Wessex e só desejava paz e tempo para desfrutar da companhia de sua esposa e seu filho, para entreter—se eternamente entre aquelas mechas de fogo e ouro, para beijar, acariciar e abraçar Rhiannon junto a lareira, no inverno, para criarem um mundo juntos. Sua época errante tinha terminado; suas incursões vikings terminaram quando Alfredo lhe ofereceu a mão de Rhiannon. Tinha acreditado que era a terra que ansiava, mas não; era o coração da mulher que lhe tinha proporcionado um lar.

Ouviu um leve ruído a suas costas e se voltou veloz, desembainhando a espada.

No alto do escarpado, diante dele, estava Mergwin. Eric baixou a espada exalando um suspiro, embainhou—a e resmungou uma maldição.

—Por Odín, Mergwin, que maneira é esta de aparecer, como um fantasma na escuridão?



O druida não deveria tê—los acompanhado, pensou. Aed Finnlaith tinha abandonado esta vida com mais de noventa anos. Mergwin era mais velho que Aed; muito velho para andar pelos campos de batalha. Mas tinha insistido.

O vento lhe agitava o cabelo e a barba, e em seus olhos se refletia a lua da meia—noite: parecia um mago, um bruxo.

—Vim para avisar que haverá muito perigo no despontar da aurora —anunciou o ancião.

—Muitíssimo, Mergwin. —Eric sorriu— Vamos combater contra um feroz e experiente guerreiro, e o futuro do país e as casas de Aed Finnlaith e Olaf estarão em perigo.

—Essa é apenas uma simples batalha —disse Mergwin movendo a cabeça.

«Simples? —repetiu Eric para si.

— Jamais uma batalha é simples. Sempre é um horror de sangue, dor e morte.

Mergwin tinha presenciado muitas batalhas em sua vida, e pelo visto intuía que poderia haver coisas piores.

O ancião o olhou com expressão irônica e se sentou perto dele. Ficou contemplando a noite.

—Há algo muito mau. Segui com você para a Inglaterra porque pressenti. Fiquei com sua esposa porque o temi. E agora, aqui, volto a senti-lo perto. Por Odín e todos os habitantes dos céus! — exclamou fechando os punhos—. Sinto-o mas não posso tocá—lo! Só posso avisá-lo que olhe além do evidente. Evite a maça, detenha o golpe da espada. E sobretudo, se cuide.

Ergueu—se e olhou Eric, que, muito sério, disse:

—Sim, Mergwin. Cuidarei—me muito e, se conseguir sobreviver, tentarei descobrir o que está oculto. Mergwin assentiu e começou a afastar—se. De repente, se deteve e olhou para trás.

—Com certeza, príncipe, é um menino.

—O que?

—Seu filho é um menino.

Mergwin desapareceu na escuridão. Eric o observou afastar—se e sorriu um instante; logo seu sorriso se desvaneceu.

O que pressentia Mergwin que não podia tocar? Seria uma nova traição?

Isso era algo impossível. A iminente batalha inquietava Mergwin. Desde a morte do Aed Finnlaith, Mergwin não era o mesmo.



Precisava dormir. Dirigiu—se para sua tenda, mas não conseguiu repousar. Dormiu inquieto toda a noite. Assaltavam—no diversas visões; visões de combate, homens com espadas e maças.

Visões de Rhiannon caminhando para ele... aproximava—se lentamente, bela em sua nudez à luz da lua, iluminando todas as suas curvas. Mas não chegava até ele, pois uma espada caía entre eles.

Despertou sobressaltado.

Despontava a aurora. Era a hora de começar a batalha.

Tinha deixado o garanhão branco em Wessex. Nos estábulos de seu pai tinha escolhido um de seus cavalos favoritos, especialmente adestrado para a guerra, um imenso cavalo negro de raça pura, surpreendente velocidade e boa energia e resistência para a batalha. Eric conduziu os homens em formação junto Niall, seu pai e seu irmão Leith. «Nenhum rei verdadeiro se esconde jamais atrás de seus guerreiros, havia dito seu pai quando era menino, e tinha aprendido essa lição; um ensinamento que o tinha atraído para Alfredo, porque, como seu pai e seu avô, o rei da Inglaterra era um rei guerreiro.

Os filhos de Olaf foram os primeiros a brandir as espadas.

Eric sentiu que o feriam na parte baixa da coxa, mas sua malha o protegia na maior parte do corpo, de modo que as investidas que recebeu no primeiro ataque o machucaram, mas não lhe causaram dano. Depois do primeiro choque, o resto dos homens entrou no combate, e Eric avançou contra seus adversários. Sua família tinha aprendido a lutar bem. Quando seu irmão Bryan se viu encurralado entre dois homens armados com maças, Eric conseguiu erguer a espada e acabar com um. Logo viu, por cima do ombro, como seu pai cortava o pescoço de uma fera raivosa que ia se jogar—se sobre seu cavalo.

A batalha continuou durante várias horas, horrível e espantosa. Eric estava cansado e o chão estava escorregadio pelo sangue derramado.

Ouvu—se um toque de retirada de MacCannar .

Eric lembrou-se da promessa feita a Rhiannon de proteger Rowan e proferiu uma maldição; fazia muito tempo que não via o rapaz.

—Morreram alguns de seus ingleses na batalha atrás das árvores! —informou Leith.

Eric respondeu com um gesto da cabeça e lançou-se a galope no cavalo negro para o bosque, onde encontrou Rowan e outros ainda em combate.



Rowan estava encurralando quatro homens que tentavam escapar.

Esporeou o cavalo e ficou atrás dele, empunhando a espada. Em seguida, acabou com um e depois com outro. Rowan perfurou o coração de um terceiro, e o último inimigo conseguiu escapar por entre as árvores.

—Obrigado, milord! —exclamou Rowan—. Detesto reconhecer que precisava de ajuda, mas essa é a verdade!

—Todos precisamos de ajuda, de vez em quando, meu amigo —disse Eric— Admitir isso faz de um homem um grande guerreiro!

Rowan ergueu a viseira, sorriu e lhe saudou com a mão. Eric voltou seu cavalo e se dirigiu ao monte, onde estavam seu pai, irmãos e parentes.

O rei rebelde tinha imposto condições. Inclinar-se diante de Niall de Ulster se fosse perdoada a vida de seus homens, se os feridos pudessem reunir-se com suas mulheres e Niall concedesse uma pequena parte de terra em seus domínios.

Enviou-se um emissário com a resposta. Leith ordenava que assinasse sua lealdade diante do mensageiro, proclamando Niall seu senhor.

Anoiteceu. Leith ordenou que os feridos fossem atendidos e se recolhesse e agrupasse os mortos para lhes dar uma sepultura cristã. Eric agradeceu a Deus que seu pai, seus irmãos e familiares mais próximos tivessem sobrevivido à batalha. Quando foi ver os corpos de seus amigos e fiéis seguidores mortos, armou-se de coragem para suportar a tristeza. Sua expressão mudou ao ver o cadáver que Rollo carregava. Lançando uma maldição correu para receber o corpo de seu amigo.

Era Rowan.

Rowan, com a palidez da morte, bonito, jovem, com um fio de sangue que saía da comissura dos lábios. Eric o depositou brandamente no chão. Ao retirar a mão debaixo do corpo do rapaz observou que a tinha ensangüentada.

—Merda! Vi Rowan ileso no final da batalha. O que houve? Quem presenciou o que aconteceu? Juro que a recompensa será grande, se alguém me disser. O jovem inglês merecia morrer em sua terra, ser enterrado no solo de Wessex, porém Eric não podia empreender uma viagem tão longa, naquele momento. Rowan descansaria ali, ao norte de Eire.



Um dos ingleses, apoiando—se pesadamente sobre a espada, porque estava com a perna ferida, se aproximou. Era Harold de Mercia, um homem mais velho, a quem, muitas vezes, tinha visto em companhia de Rowan.

—Meu senhor, juro que eu também o vi vivo e bem no final da batalha. Mas os dinamarqueses continuavam aparecendo por entre as árvores, e Rowan os seguiu. Senhor, ignoro onde encontrou a morte.

Aflito pela dor e a culpa, Eric se sentou no chão, dominado pela raiva, observando os homens que o rodeavam.

—Seria um guerreiro —comentou alguém.

—Os homens morrem na batalha —recordou Rollo, em voz baixa.

Eric se levantou e carregou de novo o cadáver do rapaz, para depositá—lo junto aos outros. Os monges já se reuniam ao redor dos mortos. Compungido, deixou o corpo de Rowan e entregou uma moeda de ouro a um monge para que rezasse pelo rapaz.

Depois de cuidar de seus homens e cumprir com seus deveres familiares com seu pai e seu tio Niall, apressou—se a subir ao seu retiro, sobre o escarpado, onde ficou contemplando o mar. Ali o encontrou Rollo, que lhe entregou uma adaga. Eric olhou a arma ensangüentada e depois para seu companheiro. Na adaga não havia nenhuma gravura celta e tampouco parecia ser de fabricação dinamarquesa. Tinha visto adagas similares na Inglaterra saxã.

—O que é isto?

—Não quis dizer nada diante dos outros —respondeu Rollo—. Esta é a arma com que mataram Rowan.

Eric assentiu e fez girar a adaga entre suas mãos.

—Obrigado.

Percebendo que Eric desejava ficar sozinho, Rollo partiu. Eric se sentou na beira do escarpado, como tinha feito Mergwin na noite anterior. A batalha tinha terminado. Era hora de retornar para casa.

Mas, de repente, lhe dava medo voltar. Mergwin tinha prevenido. Qual era o perigo? Tinham liderado uma batalha terrível. Rowan tinha lutado com valentia e tinha morrido.

Não era lógico. Pressentiu que algo se escondia por trás da morte de Rowan.



Voltou—se ao ouvir passos a suas costas. Respirou aliviado ao ver seu pai ali, sob a luz da lua. Olaf se sentou junto a ele e durante um bom momento, os dois contemplaram o mar.

—Os homens morrem na batalha —disse por fim Olaf— Ele decidiu lutar nesta batalha. Não é sua culpa.

Eric sorriu com tristeza, olhando seu pai.

—Eu prometi protegê-lo, pai. Eu, em minha arrogância, achei que podia protegê-lo da morte. E não consegui.

—Nenhum homem pode evitar a morte de outro, Eric. Era a hora do rapaz, e nada pode mudar isso. Eric assentiu.

—É a forma como morreu...

—Se tem dúvidas sobre como morreu, deve descobrir a verdade —aconselhou seu pai.

—É inglesa, não é? —perguntou Eric, mostrando a adaga.

Olaf a examinou atentamente.

—Não é irlandesa, nem de nenhum desenho viking que eu tenha visto. De qualquer forma, os vikings obtêm suas armas de muitos países, apoderam—se das dos inimigos mortos. Tem que ter certeza de que suas suspeitas não são infundadas. E deve vigiar suas costas.

—Sim, pai, farei isso —tranqüilizou—o Eric.

Olaf lhe deu um tapinha nas costas e o deixou sozinho, para que encontrasse sua paz com o vento da noite. Ambos eram muito parecidos, e Olaf sabia que seu filho precisava do refúgio da noite para serenar sua alma.



Era um frio dia de dezembro. Rhiannon, sentada na sala das mulheres com Daria, Megan e Erin, escutava nervosa a última mensagem do rei de Dubhlain sobre sua vitória final. Nesse instante, a sacudiu a primeira contração. Ficou de pé com um salto, lançando um grito de dor.

—É o bebê! —exclamou Daria.

O mensageiro ficou calado, Erin sorriu e se inclinou tranqüilamente sobre seu bordado.

—Por favor, continue com a mensagem —disse ao emissário—. Rhiannon, parece que teremos que esperar bastante tempo até que chegue seu bebê. Vamos primeiro ouvir a doce música desta vitória e depois iremos para seu quarto e esperaremos este meu neto.

Olhando para sua mãe, Daria franziu cenho. Rhiannon sentiu que a dor diminuía e voltou a sentar—se. O homem pigarreou e prosseguiu. Quando terminou, Erin perguntou com calma:

—Meu marido não diz nada sobre meus filhos?

—Só a frase «todos estão bem», milady.

—Então todos retornarão —disse docemente Erin. Deixou o trabalho e, dirigindo—se a Rhiannon, acrescentou— Eric voltará, Rhiannon, e ficará maravilhado ao ver seu filho.

Rhiannon baixou os olhos. Ficaria maravilhado? Ela havia imaginado que o bebê demoraria um pouco mais. Fechou os olhos, calculando se teriam passado nove meses completos da noite de bodas. Eric pareceu muito seguro de que tinha tirado sua virgindade, mas continuaria acreditando? Duvidaria de sua paternidade?

Apertou os olhos, recordando as poucas semanas que tinham passado juntos. Uma ocasião tão triste como os funerais do grande Ard—Ri tinha representado, para eles, a primeira oportunidade de saborear a paz; momentos em que se encontraram sem raiva, sem suspeitas. E embora não murmurassem palavras de amor, também não tinham trocado palavras de ódio e ira. E Eric lhe tinha acariciado os seios com uma nova ternura, tinha apoiado brandamente a cabeça sobre o crescente inchaço do ventre.

«Meu Deus —pensou—, não permita que isto seja destruído agora. Por favor, faça saber que este é seu filho, faça com que ame este bebê, faça com que me ame .»

Jamais a amaria; ele mesmo tinha dito isso.

Uma segunda contração a transpassou, e se queixou, dirigindo um olhar de recriminação a Erin.



—Querida Rhiannon—disse sua sogra sorrindo—, lembre-se que passei por isso onze vezes, e asseguro que teremos que esperar bastante tempo ainda.

E assim foi. Erin levou Rhiannon ao seu quarto, e Daria e Megan se alternaram para acompanhá-la. Grenda apareceu com lençóis limpos para trocar quando rompesse a bolsa e empapasse tudo. As horas transcorriam, e a dor se intensificava.

Ao anoitecer estava desesperada e com intensas dores; as contrações aconteciam a intervalos de um minuto. Tentou reprimir o pranto, substituindo—o por maldições. Destrambelhou a falar contra Eric e jurou que desprezava a todos os vikings e desejava que todos eles fossem engolidos pelo mar. Então viu um brilho nos olhos de Erin e balbuciou uma desculpa.

—Querida minha —disse sua sogra sorrindo—, não me peça desculpas . Acredite, uma vez mais; onze vezes amaldiçoei a todos os vikings, desejando que o mar os engolisse.

Tranqüilizou—a com estas palavras, refrescou—lhe a fronte com um pano úmido e permaneceu ao seu lado, reconfortando—a quando não podia evitar os gritos.

Chegou a aurora. Quando Rhiannon acreditava que não seria capaz de resistir mais, que ia morrer de sofrimento, esgotamento e dor, Erin deu um grito de alegria.

—Apareceu a cabeça! Rhiannon, está vindo! Um pouquinho mais de esforço. Empurre agora.

Tentou, mas o esforço era muito grande.

—Não posso! Não posso! Ai, não posso!

—Sim, claro que pode! —animou—a Daria— Se foi capaz de ferir meu irmão com uma flecha, certamente pode dar a luz ao seu filho.

—Venha, agora, empurre! —insistiu Erin.

—Imagina que está empurrando Eric para dentro de um fiorde gelado.

—Daria! —repreendeu Erin.

—Somente estou tentando ajudar, mãe! Venha, Rhiannon. Ah, está vindo! Empurre mais forte.

Assim o fez, e o bebê saiu rapidamente. O alívio foi tremendo e maravilhoso. Caiu para trás, muito esgotada para perguntar pelo sexo do bebê. De qualquer modo, não foi necessário.

—Um menino! Ah, que feliz se sentirá meu arrogante irmão —disse Daria com carinho—. Oh, Rhiannon, um varão!



Um varão. Mergwin tinha anunciado que seria um menino, quando ela nem sequer acreditava que pudesse estar grávida. Um filho. Eric teria um filho. «Todos os homens se alegram de ter um filho varão. A menos que suspeitem que o filho não é dele...», pensou Rhiannon.

—Olhe, Rhiannon! Que lindo!

Lindo, envolto em um lençol de linho, choramingava, ainda molhado e enrugado. Agarrou—o e abraçou sorrindo, e de repente, sentiu uma enorme emoção. Estremeceu de amor e temor.

—Rhiannon, tem que empurrar de novo —disse Erin— Agora tem expulsar os restos. Daria, agarre de novo o bebê. Poderá entregá-lo a sua mãe em um momento.

Rhiannon obedeceu a sua sogra, sem pensar na dor. Queria tanto agarrar em seus braços o seu bebê que mudou a camisola, moveu—se para que lhe trocassem os lençóis e depois, feliz, estendeu os braços para receber seu filho. Erin aconselhou que o deixasse mamar. Assim o fez e, quando os pequenos lábios tomaram seu peito com incrível força, sentiu—se perdida para sempre. Amava seu bebê.

Amava—o tanto quanto seu pai, embora o negasse. Mas podia amar o bebê sem temor, enquanto que Eric...

Seu marido lhe oferecia sua paixão, seu amparo, as chamas de seu desejo na profunda escuridão da noite, mas a mantinha longe de seus pensamentos, seus segredos, seu coração.

«Deus, por favor, faça com que ame este filho», pensou, e logo adormeceu, esgotada.

A viagem para casa pareceu interminável, mas finalmente viram erguerem-se diante deles as elevadas muralhas de Dubhlain. Soaram as trombetas para anunciar sua volta, e os guerreiros entraram no pátio. Seu número tinha diminuído, porque Niall ficou em Tara com seus filhos e seus homens, e vários dos soldados tinham retornado aos seus lares.

Mesmo assim, o tumulto no pátio era enorme. Eric viu sua mãe descer os degraus para receber seu marido. Parecia uma menina, formosa, viçosa e jovem, esperando seu senhor, como tinha feito tantas vezes. Quando Erin se jogou nos braços de seu dourado marido, este a ergueu do chão. Eric observou que ela segurava, cuidadosamente, um pequeno embrulho nos braços.



Deixou o cavalo negro com as rédeas pendurandas para que fosse levado por um rapaz dos estábulos e se encaminhou para seus pais. Deteve—se ao chegar junto a Erin, que se voltou, com os olhos arregalados.

—Eric! —saudou sorrindo, rodeando—o com o braço livre e beijando—o na bochecha.

—Mãe, mãe, este é...?

—Sim, Eric, este é! —Rindo, Erin embalou o bebê e levantou um pedacinho do lençol para deixar a descoberto o rostinho do pequeno— Tem dez dias, e o batizamos de Garth, já que não sabíamos quando retornaria. Rhiannon não queria lhe pôr um nome, sem seu consentimento. Assim se chamava seu pai, e eu...

—Garth! É menino.

—Eric, segure-o. —Erin riu.

—Mergwin —murmurou ao agarrar o bebê— Esse velho druida predisse que seria um menino.

Tremeram—lhe os braços, contemplando o pequeno. Encaminhou—se, rapidamente, para a entrada da casa. Espalhou—se a notícia entre os homens recém chegados, quem lhe dedicaram uma grande ovação. Eric se voltou e levantou a mão sorridente, agradecendo aos seus homens. Olhou seu filho.

Tinha enormes olhos azuis e o cabelo dourado, muito abundante. Dez dias. Seu filho o olhava, com a mesma curiosidade. Seu filho. Deteve—se e olhou para trás, para Erin.

—Mãe, Rhiannon...

—Está muito bem. Agora está dormindo. Não quis despertá—la ao ouvir as trombetas, porque estava profundamente adormecida e se cansa com facilidade. Só faz dez dias, sabe? E o bebê não dorme toda a noite.

Ele sorriu e assentiu. Erin se aproximou e orgulhosamente, acariciou a bochecha do pequeno e depois insistiu para que seu filho entrasse na casa.

—Realmente, encontra—se bem. —Enquanto a mulher falava, o bebê olhou para Eric, moveu os punhos e lançou um forte berro. Erin pôs—se a rir— Não só se parece com ti, mas também grita como você. Leve-o para sua mãe. Está com fome.

—Sim? Bom, alegre—me de que não seja porque não gostou de mim.



Depois de beijar sua mãe na bochecha, entrou na casa e subiu pela escada. Abriu a porta de seu quarto no momento em que Rhiannon se levantava. Estava vestida de branco, e sua cabeleira formava uma espécie de labareda emaranhada. Olhou seu marido com os olhos entreabertos, docemente sensuais e inocentes.

—Eric! —sussurrou, surpresa.

Este se aproximou dela, deixou o bebê ao seu lado e lhe beijou a mão, antes de beber avidamente de seus lábios. Rhiannon o olhou com os olhos muito abertos e luminosos, e um sorriso triste e tímido apareceu em seus lábios.

—Você gostou? —perguntou nervosa.

—Se eu gostei? Adoro meu filho! Obrigado de todo coração.

Ela baixou o olhar para reter as lágrimas. Eric ergueu-lhe o queixo, olhando—a atentamente, interrogante.

—O que houve? O que esperava?

A mulher empalideceu e tentou voltar a cabeça para outro lado, mas ele impediu.

—Rhiannon, quero saber o que aconteceu.

—Tinha medo —balbuciou ela.

—Do que? De mim?

Ela baixou o olhar, apesar da exigência com que a fitava.

Então ele sorriu e contou os dias; provavelmente tinham transcorrido nove meses exatos desde a noite de bodas, e certamente tinha havido tensão a respeito.

Afundando os dedos nos cabelos da jovem, voltou—lhe o rosto para ele e se apoderou de seus lábios com tanta paixão que ela, surpresa, abriu os olhos.

—Minha querida esposa, sempre soube que naquela noite me deitei com uma donzela. O que a fez achar que eu seria tão idiota?

Ela ruborizou e se afastou um pouco para observar o bebê e sentiu que seu mau gênio retornava.

—Bom, nem sequer percebeu que o bebê estava crescendo dentro de mim.

Eric encolheu os ombros, e em seus lábios apareceu um sorriso que a comoveu e fez pulsar seu coração com excitação.



—Devo dizer, carinho, que eu era muito experiente em relações sexuais, mas desconhecia por completo sobre ser pai. Rhiannon, tivemos um filho, e é lindo.

—Eric! —exclamou uma voz da porta.

«Fizemos um filho! Ora, seu idiota, deveria estar aqui durante o parto. E segundo Rhiannon naquele momento, por ela, poderia ser engolido pelo mar, pela parte que teve nisso.

Eric se voltou e viu sua irmã Daria na porta, sorrindo. Levantou—se e a estreitou, quando ela se jogou em seus braços e o beijou.

—Oh, Eric —disse Daria com lágrimas nos olhos—, não sabe quanto agradeço e me alegro de que todos estejam em casa, vivos e bem.

—Eu agradeço por estar aqui —disse ele, abraçando—a. Depois olhou sua esposa—. Então, o mar poderia ter me engolido?

Rhiannon ruborizou, e Daria pôs—se a rir.

—Voltarei para pegar Garth, Rhiannon. Agora, vou sair, para que possam passar uns momentos sozinhos. Daria partiu, e o casal permaneceu em silêncio um momento. De repente, Garth começou a chorar. Ruborizando, Rhiannon explicou que o pequeno tinha fome. Puxou a camisola e pôs a ansiosa boquinha do bebê em seu peito. O menino começou a chupar com avidez, deixando escapar ruídos de satisfação. Eric riu. Vestido com as roupas sujas pela viagem e as armas, estendeu—se na cama junto a sua esposa e sentiu uma agradável preguiça. « Então, é assim — pensou—. Isto é paz e felicidade. Por fim, posso desfrutar delas.» Invadiram—no ternos sentimentos; o desejo de protegê—los contra toda adversidade, abraçar seu filho, abraçar sua mulher com paixão e ternura. Jamais em sua vida tinha presenciado uma cena mais bonita do que aquela de sua esposa amamentando seu filho.

Acariciou a bochecha de Rhiannon.

—Realmente desejou que o mar me engolisse? Poderia ter rezado para que uma maçã me partisse a cabeça.

Ela não afastou os olhos de seu filho.

—Não compreende, Eric; não sei muito bem o que disse nesses momentos.



—Foi muito doloroso? —perguntou, tenso.

—Foi espantoso! —exclamou ela e imediatamente sorriu e o olhou—. Mas vale a pena! Oh, Eric, vale... tudo! Tudo!

O príncipe acariciou o cabelo dourado de seu filho.

—Ama o neto de um viking da Casa Real de Vestfald —recordou.

Ela continuou olhando—o nos olhos, e seus lábios esboçaram um sorriso. Eric sentiu que lhe esquentava o sangue e se convenceu de que devia reprimir o desejo, pois tinha passado muito pouco tempo do parto.

—Gosto muito de seu pai —disse ela.

—Mesmo?

—De verdade.

Ele sorriu, agarrou—lhe a mão e a beijou. Olharam—se durante um longo momento.

—Oh! —exclamou Rhiannon, inquieta— Segure-o, Eric, já adormeceu e tem que arrotar.

Eric agarrou o bebê e apoiou com toda tranquilidade sua cabecinha sobre o ombro. A mulher arrumou a roupa e se acomodou na cama, feliz pela volta de seu marido e por sua alegria pelo nascimento de seu filho.

—Faz muito bem —comentou.

E de fato fazia bem. O esplêndido guerreiro e impressionante espadachim de cabeça dourada e capa real parecia sentir—se cômodo com o bebê no ombro.

—Fui tio muitas vezes —disse ele sorrindo.

Então o menino arrotou, e Rhiannon pôs—se a rir quando seu filho regurgitou na roupa de seu pai.

—Eric, tive medo tantas vezes —confessou ela, olhando—o.

—Medo?

—De que não retornasse. —Baixou os olhos e começou a arrumar as mantas. Não devia manifestar seus sentimentos; não se atrevia—. Ora, retornou, seu pai e seus irmãos estão bem, sua mãe se sente tão feliz, e eu estou muito contente... —acabou com um fio de voz. De repente Eric ficou imóvel. —Eric...?



—Garth adormeceu. Pedirei a Daria que cuide dele por um momento.

Dirigiu—se à porta e a abriu. Sua irmã estava no corredor conversando animadamente com Bryan, que olhou para Eric e por seu semblante, deduziu que tinha chegado o momento de comunicar a Rhiannon que seu compatriota tinha morrido.

—Pegue seu sobrinho —disse a Daria.

Eric o olhou e assentiu com um breve gesto. Daria franziu o cenho, mas se apressou a tomar o pequeno. O príncipe voltou a entrar no quarto e fechou a porta. Rhiannon estava sentada, olhando—o com profunda preocupação.

—Eric, o que houve?

Não valia a pena ficar com rodeios; pois isso não aliviaria o sentimento de culpa de Eric, nem a dor dela.

—Mataram Rowan. —Observou suas feições, enquanto ela assimilava as palavras, observou a tristeza e as lágrimas que apareceram em seus olhos— Jurei protegê—lo —acrescentou com voz rouca—, mas falhei. Enterraram—no e pedi que rezassem orações especiais. Não pude trazê—lo, pois as circunstâncias não permitiam. Eu... lamento.

Desejou acariciá—la, mas sabia que ela não queria. Tinha amado Rowan. Tinha sido um amor juvenil, inocente, com paixão, alegria e risadas. Sem dúvida, não desejaria que a consolasse o homem que tinha destruído esse amor.

—Lamento —repetiu. Logo, sentindo—se mal, acrescentou—: Deixarei você sozinha. Se precisar de mim, chame-me.

Saiu do quarto e fechou a porta. Do corredor, ouviu os suaves soluços de sua esposa. Com um gesto de dor se apressou a descer.

Não precisava dele, ao menos parecia. Pasaram as longas horas do dia e Rhiannon não o tinha mandado chamar.

Eric jantou com sua família e depois procurou distração junto a lareira, com uma taça de cerveja. Ninguém se aproximou para perturbar sua solidão. Quando já era bastante tarde, apareceu seu pai e se sentou junto a ele.



Ambos contemplaram o fogo.

—Deveria subir para vê—la —aconselhou Olaf.

—Ela não deseja minha companhia.

Olaf se inclinou, sem deixar de observar as chamas.

—Uma vez — disse—, ao voltar de uma batalha, tive que comunicar a sua mãe que um amigo muito querido, o rei irlandês com quem poderia ter se casado, e seu irmão, tinham morrido na batalha naquele mesmo dia. Depois de dizer isso, me afastei. Deixei—a sozinha para que chorasse.

—Então o que quer que eu faça? —perguntou Eric.

—Cometi um erro —admitiu Olaf—. Não quero que você cometa o mesmo engano. Vá até sua esposa, abrace—a, lhe dê todo o consolo que puder.

—E o que faço se ela se negar a me ver? —inquiriu Eric, com amargura.

—Não fará —respondeu uma doce voz. Erin saiu das sombras e se colocou atrás de seu marido, sorrindo para seu filho—. Sei que deseja ver você. Precisa de você, como eu precisava do seu pai. Suba ao quato, Eric.

Eric se levantou e, depois de olhar seus pais, afastou—se da lareira e subiu pelas escadas. Percorreu o corredor e se deteve diante da porta de seu quarto, antes de abri—la. Rhiannon estava na cama, ainda com os olhos empapados pelas lágrimas. Aproximou—se dela, levantou—a em braços e a levou até a lareira, onde a estreitou meigamente. Rhiannon lhe rodeou o pescoço com os braços, soluçando brandamente com a cabeça apoiada contra seu peito.

Eric ergueu-lhe o queixo e beijou brandamente o rosto úmido de lágrimas. Alisou—lhe o cabelo para trás e murmurou:

—Deixe que a abrace, meu amor.

A mulher o estreitou, trêmula, e seu marido perguntou o que acontecia.

—Tenho medo de que me abandone, de que se separe de mim —sussurrou ela.

Ele a olhou em silêncio, por um longo momento e depois respondeu:

— Jamais, meu amor.



Rhiannon voltou a reclinar a cabeça contra seu peito e suspirou. Então começou a fechar os olhos. E ambos dormiram, ela em seus braços, até as primeiras horas do amanhecer, quando despertou com a chegada de Daria com seu precioso, e sonoro, filho. Logo começaria outro dia. Haviam superado a tormenta, pensou Eric. Na verdade, talvez tivessem começado de novo.



Capítulo 17

Chegou o Natal e o celebraram com ardor cristão. Eric deu de presente a Rhiannon um precioso broche de desenho celta, com filigramas de ouro e pedras preciosas, lindamente engastadas. Ela lhe deu uma fina adaga que tinha comprado de um dos vendedores ambulantes que levavam tesouros vikings das terras bálticas e uma formosa túnica costurada com fio de ouro, que ela mesma tinha confeccionado durante os longos meses em que ele esteve ausente.

Foi uma festa feliz para Rhiannon. Tinha chegado a amar muito Dubhlain e à família de Eric; era difícil recordar que tinha detestado a idéia de viajar para lá.

Entretanto, dois fatos a perturbavam: em primeiro lugar, a morte de Rowan em terra estrangeira, embora de forma indireta, por causa dela; em segundo lugar, as longas e vazias horas que passava sozinha e dedicava-se a pensar na morte de Rowan, porque depois da noite em que Eric lhe ofereceu consolo, este tinha decidido mudar-se para o quarto em frente, assegurando que temia incomodar a ela e ao bebê.

Seu filho continuava sendo sua absoluta delícia, e quando se deixava arrastar pela tristeza que lhe produzia a perda de Rowan, Garth deixava de mamar e a olhava nos olhos, sábio e interrogativo, e então Rhiannon sorria e se tranquilizava.

Por sorte, contava com a companhia de Daria, de idade tão próxima à sua, tão boa amiga. E Olaf, rei de Dubhlain, que às vezes falava com voz de trovão, mas com mais freqüência com tom amável, e era categórica e indiscutivelmente o amo de sua casa. Conversava com Erin, que sempre tinha um sorriso nos lábios, formosa como qualquer juvenzinha, um torvelinho de energia e amável sabedoria. De fato, Rhiannon gostava de todas as pessoas da casa, todos os irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas de Eric.



Era uma casa cheia de risadas, e também de orações, como aquela noite em que Aed Finnlaith tinha partido para seu repouso celestial. Todos estavam muito unidos nas alegrias, e talvez aí residisse o encanto daquele lar.

Quando os ventos de janeiro começaram a açoitar as grandes muralhas de pedra da cidade, Eric começou a sair para cavalgar diariamente. Seus navios foram reparados para a viagem para o leste, para seu lar. Ele estava mais entusiasmado do que ela para partir.

Foi marcado o dia da partida para final do mês. Rhiannon visitou seu marido no quarto decorado com austeridade que ocupava, para protestar pela viagem.

—Quer levar seu filho pelo mar frio e agitado pelo vento. Eric, devemos esperar...

—Não posso —repôs ele, impaciente.

Sentado diante da lareira, afiava sua espada com uma pedra. Chamava de Vingança sua espada, pensou ela. Mesmo a morte que brandia tinha um nome. Eric ergueu os olhos para ela, seus olhos de um azul glacial, distantes. Na realidade, nada tinha mudado. Eric era o amo de seu destino e ela continuava sendo uma posse, mesmo que ele amasse seu filho.

—Não posso esperar! Prometi minha ajuda a Alfredo de Wessex. Abandonei—o para lutar por meus parentes, e isso Alfredo entende. Planeja atacar Guthrum na primavera e tenho que estar com ele.

—Eric...

—Minha senhora, trata—se de minha honra.

—Tão honrada é a morte, então? —perguntou, com lágrimas nos olhos.

—Sim, milady; é o único modo como um homem pode entrar nas salas de espera do Valhalla. Rhiannon saiu do quarto. Os dias transcorriam, e falavam muito pouco. A jovem observava o céu cinzento e severo. Chegou o dia marcado, e sentiu alívio ao ver que o vento se acalmava um pouco, embora o mar estivesse revoltado e espumoso.

Procurou seu sogro e lhe rogou que tentasse dissuadir Eric, mas Olaf sorriu amavelmente e não lhe ofereceu nenhuma ajuda.

—Deve retornar. Jurou apoiar Alfredo. Conquistou a terra, tomou você por esposa e tem um belo filho. Deve retornar.



—Mas...

—Rhiannon, tranquilize-se, verá como tudo sai bem. Mergwin prognosticou uma boa travessia e ele jamais se engana nestas coisas. Na realidade, tenho que admitir que o substimo algumas vezes.

—Mergwin nos acompanhará?

Olaf assentiu, rodeou—a com seus braços e lhe beijou a fronte.

—Já é hora. Eric fez o que deve fazer. Se algum dia desejar voltar, se algum dia precisar de nós, não hesite em vir. O mar não é uma distância tão grande entre nós.

Não havia nada para fazer. Partiam. Por sorte, Mergwin tinha dito que estariam a salvo. Entretanto, se estava tão certo de que nada mau ocorreria, por que os acompanhava, quando seu coração estava na Irlanda?

Todos foram se despedir, à margem do rio. Rhiannon se agarrou, fortemente a Erin, que lhe assegurou que os esperavam tempos melhores e que voltariam. Rhiannon agradeceu a hospitalidade e expressou, novamente, suas condolências pela perda de seu pai. A Rainha sorriu.

—Eu acredito que meu pai se limitou a esperar sua hora desde que faleceu minha mãe, há alguns anos —afirmou—. Agora estão juntos outra vez e protegerão a todos. Cuide de meu filho e meu neto.

Ela não podia cuidar de Eric, ninguém podia. Beijou sua sogra na bochecha e esta arrumou a gola de pele de sua capa, enquanto Megan se despedia dela e lhe entregava Garth. Então Rhiannon soube que Daria tinha decidido acompanhá—los, o que a alegrou muito.

Rhiannon já tinha subido a bordo do veleiro de seu marido, quando viu Mergwin despedir—se de Erin. Abraçou—a estreitamente, como uma filha, sussurrou—lhe algo no ouvido e voltou a abraçá—la. Depois, ele também embarcou. Poucos momentos depois, já tinha passado por entre os remadores e se sentou junto a ela na poupa do navio.

Rhiannon observou que Daria tinha subido no navio de Patrick.

Ouviram—se gritos e ordens, e nessa manhã contemplou como desaparecia lentamente na distância a magnífica cidade murada de Dubhlain. Voltou—se para Mergwin, que estava olhando—
a.



—Tudo sairá bem —assegurou o ancião.

Ela assentiu e lhe apertou a mão. Pensou em seus incontáveis anos e se perguntou de novo por que teria decidido empreender a viagem.

O mar estava muito agitado, e o vaivém do navio os lançava de um para outro lado. O vento açoitava o rosto e os cabelos de Rhiannon, que tiritava de frio.

Horas mais tarde, Eric abandonou, por seu fim, seu posto no navio dragão e se aproximou dela.

—Está passando melhor desta vez? —inquiriu Eric.

Rhiannon pensou que só perguntava por educação, pois o tom parecia distante.

—Passo muito bem, milord. Sou excelente marinheira, se não estiver grávida.

—Ah, bom, se tivesse me dito que estava grávida, milady, eu teria procurado tornar a viagem mais cômoda.

Voltou—se para sua vigilância na proa. Ela olhou para Mergwin e observou que este sorria. Também percebeu que seus olhos tinham uma expressão séria, o que a preocupou.

—Sente—se mal? —perguntou.

—Um pouco triste, nada mais.

—Por que?

—Não voltarei a ver a Irlanda —respondeu voz baixa.

—Não deve dizer isso! —exclamou ela, sentindo um calafrio— Por favor, não deve...

—Dizer a verdade? Sou muito velho, Rhiannon, muito velho.

—Eu preciso de você!

—E estarei com você, enquanto precisar. Depois mudou de assunto —. Tem um temperamento ruim, às vezes, já percebeu,não?

—Eric? —O ancião assentiu— O que o põe tão tenso, pergunto—me, rondando por seu navio como um enorme lobo enjaulado? O que acontece é que é um viking arrogante —respondeu em seguida.



—Um lobo rondando. Os lobos se amam por vida, sabe? E se um deles perder a seu par, vagueia pelos bosques, uivando sua dor e sua fúria.

—Ah, mas o lobo ama seu par?

O sorriso de Mergwin se acentuou, e seus olhos pareceram brilhar.

—Uma vez, vi este lobo apaixonado, há muito tempo, em uma costa muito longínqua. Mataram-na e o vi sofrer e vagar... até que apareceu você. Sem dúvida, então... foi diferente. Era outra época, outra vida. Duvido que ele compreendesse todo seu significado até agora. Tem o lobo em suas mãos, Rhiannon. Só falta se dar conta.

—Irà à guerra outra vez —murmurou ela— Sempre irá à guerra.

—A tempestade precede a calmaria. Esta será a última grande batalha de Alfredo; ele triunfará e passará à história como o único rei a quem os ingleses chamarão «o Grande».

—Mas sobreviverá à tempestade? —perguntou Rhiannon.

O druida demorou para responder. O vento agitou o cabelo e a barba. Garth, que estava choramingando, ficou calado, e deu a impressão de que até os gritos dos homens e o ruído das velas apaziguaram.

—Você deve sobreviver! - foi somente o que respondeu. Dizendo isto, Mergwin se levantou e se encaminhou para a proa. Rhiannon apertou Garth contra seu coração e tentou aplacar os estremecimentos que se produziram em seu interior.

Realizaram a travessia sem nenhum problema. Ao anoitecer, pisaram no chão de Wessex. Adela tinha saído para recebê-la. Já tinham preparado um banho quente no quarto, e uma jarra de aguamel com canela a esperava junto a lareira. Nessa noite, depois de se banhar e amamentar Garth, as mulheres levaram Garth para o quarto ao lado e Rhiannon se meteu na cama adormeceu, muito esgotada para sentir—se triste quando Eric não se deitou com ela, muito esgotada para fazer algo além de confiar que tivessem atendido Daria bem.

Passaram-se os dias. Nervosa, Rhiannon se perguntava o que Daria estava achando de sua casa, depois do esplendor de Dubhlain. A moça estava encantada, e Rhiannon se sentiu aliviada e agradecida.

Organizavam—se os preparativos para o combate. No pátio, os homens praticavam com suas armas. Os ferreiros estavam muito atarefados, forjando armas de aço.



De noite os guerreiros afiavam suas espadas. Tinham chegada mensagens. No começo da primavera Eric se reuniria com Alfredo e atacariam os dinamarqueses comandados por Guthrum.

Dentro da casa, se travava uma guerra fria, pensou Rhiannon. Não conseguia compreender por que Eric estava há tanto tempo afastado dela. Garth crescia, e muito bem, e Eric se mostrava carinhoso com o bebê e se sentia a vontade com ele. Apesar disso, continuava dormindo no outro quarto. A raiva se apoderava dela, e aquela violenta situação contribuía para atizar as chamas. Se seu marido a desejasse, estreitaria—a em seus braços e a possuiria. Ela tinha muito orgulho para solicitar sua presença. Em Dubhlain, tinha—a abraçado e prometido que jamais a abandonaria. E depois disso, nunca mais a havia tocado.

Fevereiro deu lugar a março. Aproximava—se o dia em que Eric partiria, e parecia que não poderia suportar. Mergwin estava nervoso e não dizia nada, de modo que Rhiannon tinha muito medo. Decidida a falar com Eric antes que partisse, dirigiu—se a seu quarto. Bateu na porta, e como estava entreaberta, esta se abriu sozinha. Eric estava submerso em um banho quente, e não havia nenhum rapaz assistindo—o, mas a donzela de olhos de gazela, Judith.

Eric não tinha ouvido a batida na porta e não a viu, porque tinha um pano quente no rosto. Rhiannon ergueu, orgulhosamente a cabeça e entrou. Os olhos de Judith se arregalaram ao vê—la. Rhiannon sorriu com muita doçura e indicou com um gesto que se retirasse para fechar a porta assim que saiu a donzela.

— Judith, lave—me isso costas, sim? —pediu ele. Rhiannon emitiu um som afogado de assentimento, aproximou—se dele e tirou o pano do rosto. Ele se inclinou, e a mulher esfregou-lhe as costas, mordendo os lábios para não bater nele. As seguintes palavras a sobressaltaram:

— Agora que lavou as costas, moça, se ocupe da parte da frente.

O tom rouco de sua voz não deixava dúvidas sobre o sentido de suas palavras.

—Ah, meu senhor, eu adoraria cuidar de sua parte frontal... permanentemente! —exclamou.

Antes que ele pudesse responder, já tinha jogado o pano encharcado em seu rosto.

Concluída sua tarefa, deu meia volta e saiu, com os olhos cheios de lágrimas, possesa de fúria.

—Rhiannon —chamou ele com tom imperativo.



Não deu importância e continuou correndo. Desceu pelas escadas, passou junto a Patrick, Rollo e outros homens que estavam na sala, passou junto à Adela e Daria, que estavam sentadas bordando uma tapeçaria.

—Rhiannon! —repetiu Eric.

Ela agarrou sua grossa capa na porta e se dirigiu correndo aos estábulos. Pôs as rédeas numa égua,, saltou em seu lombo nu e cruzou, galopando, os portões.

Não sabia para onde ia. Depois de cavalgar durante o que lhe pareceu um tempo interminável, decidiu dar um descanso à égua. Quando por fim tinha diminuído o ritmo, percebeu que estava nevando e que a noite era muito fria. Tudo ao redor era escuridão, e Rhiannon, que conhecia sua terra como a palma da mão, perdeu-se. Mas não se importou.

— Maldito seja! —exclamou.

E então começaram a rodar lágrimas pelas suas bochechas. Continuou, e a égua a pegou de surpresa ao empinar. Muito tarde, apertou as coxas e deslizou pelo lombo de seu cavalo, até cair de costas no chão, atônita.

Então a traidora égua partiu sozinha, para casa, para um estábulo com feno.

Levantou—se e limpou o pó de seu dolorido traseiro; sentiu uma pontada no coração e pôs—se a tremer. Garth!

Já estaria dormindo, mas pela manhã despertaria faminto e sozinho, choraria. Adela e Daria o atenderiam, claro, não permitiriam que sofresse. Havia leite de cabra para que bebesse...

Possivelmente, ela morreria ali. Não; não morreria. Conhecia o caminho, só devia começar a caminhar.

Ouviu ruído de cascos de cavalo e em poucos segundos, viu surgir Eric da escuridão, montado no garanhão branco. Em seguida, enxugou as lágrimas e tentou arrumar o cabelo e a roupa amassada. Seu marido se deteve diante dela, olhando—a. Rhiannon acreditou ver um brilho de diversão em seus olhos. Como se atrevia?

Começou a caminhar na direção de onde ele tinha vindo.

—Rhiannon! —Continuou andando. Eric não a deteve, mas a seguiu lentamente com o cavalo—. Pensei que podia precisar de ajuda.



—O que o fez pensar isso?

—A égua que passou correndo junto a mim, para começar.

—Ah, bom, acreditei que gostaria de cavalgar, mas depois percebi que preferia caminhar, de modo que a mandei para casa. Agradeceria muito que me deixasse sozinha.

—Ah, sim?

—Claro.

Não o tinha ouvido desmontar, nem seus passos na neve. De repente, Eric se aproximou por trás e a estreitou em seus braços. Rhiannon se debateu, mas seu marido não se importou com seus punhos.

—Está empapada! Vai adoecer.

Em segundos, a tinha montado no cavalo. A mulher continuou tentando libertar—se.

—E o que importa? Encontra diversão onde quer.

— Garth ficará de coração partido.

—Solte-me, viking!

De repente, o céu pareceu cair sobre eles. A escuridão se povoou de milhões e milhões de flocos de neve. Eric proferiu uma maldição e esporeou o cavalo. Enquanto avançavam, Rhiannon lamentou sua impetuosa fuga de casa. O tempo estava piorando. Jamais conseguiriam chegar. A neve caía sem piedade sobre eles.

Eric não tinha tomado o caminho para casa. Um momento depois, ela percebeu que se dirigia a um dos pequenos refúgios para caçadores que havia no bosque, diante dos escarpados. Conduziu o cavalo sob os penhascos, desmontou e a agarrou em braços. Teve que lutar contra o vento para levá—la para o interior da casinha e depois, para fechar a porta. Apoiou—se contra ela para observar Rhiannon com um brilho perigoso em seus olhos azuis.

—Bem, meu amor, aqui nos encontramos em uma noite em que poderíamos estar confortáveis e quentinhos junto a nossa lareira.

A mulher lhe deu as costas e sacudiu um pouco de água das saias. Ficou imóvel e rígida ao notar que seu marido se aproximava, mas ele passou ao seu lado, sem tocá—la, e ao chegar a lareira central amaldiçoou, enquanto reunia gravetos e lenha.



Depois tirou a pederneira e a pedra para esfregar e conseguiu acender o fogo. O calor a hipnotizou. Não desejava aproximar—se, embora estivesse tiritando.

Eric se ergueu e olhou ao redor. Nos cantos da pequena sala, haviam colchões de palha cobertos com peles, e à esquerda da lareira, uma mesa grande, decorada com simplicidade, sobre a qual descansavam várias taças. O homem foi para a mesa e provou a bebida de uma taça. Depois, voltou a olhar para Rhiannon e avançou para ela, que imediatamente retrocedeu. Ele se deteve e com um brilho demoníaco nos olhos, lhe tendeu a bebida.

—Aguamel. Beba. Quero que retorne para casa viva.

—Não...

—Disse para beber!

Rhiannon tomou um longo gole; estava morno e delicioso. Bebeu outro gole e lhe devolveu a taça.

—Já obedeci suas ordens, milord —disse, sarcástica— Algo mais?

—Sim. tire a roupa.

—Não! —exclamou furiosa.

Ele se afastou. Deixou cair a taça sobre a mesa e agarrou uma pele que cobria um dos colchões.

—Vejamos, como posso explicar isso, Milady? O tira a roupa por vontade própria ou farei eu. Na realidade, faz muito tempo que não faço. Eu gostarei muito da tarefa.

—Oh! —exclamou ela, possessa de raiva—. Maldito invasor! Bastardo viking!

Sorrindo, Eric lhe agarrou o braço para atrai—la para si. Rhiannon lutou para escapar, e lhe arrebatou a capa. Correu até um canto, mas ele a seguiu e a aprisionou. A moça lhe golpeou o peito, até que ele agarrou suas mãos e, levantando—as por cima da cabeça, imobilizou—a. Com a mão livre, rasgou o tecido de lã azul da túnica e da camisa de linho. Ela tentou dar-lhe um chute.

—Se não me engano, era Judith quem ia fazer-lhe a parte frontal, viking! —espetou com fúria renovada. Ouviu sua risada rouca, percebeu seu fôlego na bochecha, morno e doce com o aguamel, e seu corpo muito apertado contra o dela.

—Rhiannon...

Interrompeu—se porque ela conseguiu erguer o joelho e golpeá—lo, enquanto lhe informava:

—Milord, isto é a única coisa que tenho para sua parte frontal!



Um segundo, depois estava estendida sobre o colchão, derrotada, desesperada. Lutou com mãos e pés para conservar a pouca roupa que restava, mas Eric a arrancou com impressionante força. Tremendo, tentou rodear—se com os braços, e em seguida, caiu sobre ela uma pele, que a cobriu e abrigou. Ergueu—se surpresa e observou que seu marido tirava a roupa empapada e se envolvia em uma pele. Depois se voltou para ela, que tentou levantar—se. Eric a empurrou para trás e se deitou sobre ela. As lágrimas apareceram nos olhos da jovem. A pele só cobria os ombros do viking, deixando a descoberto seu torso, de músculos lisos, suaves e fascinantes; fazia tanto tempo que não o via assim... Ao sentir o membro viril sobre seu ventre se encheu de calor e desejo, sentiu correr por seu interior um líquido abrasador. Agora ela precisava dele com desespero, o desejava durante todas suas horas de vigília, desejava acariciá—lo com ternura, agora que o amava, ele a traía; desejava à prostituta Judith.

—Não me toque! —murmurou, temendo que as lágrimas rolassem por suas bochechas, que se quebrasse seu orgulho.

Eric agarrou as mãos dela e se inclinou sobre ela. Seu peito lhe roçou os seios. Rhiannon ansiou sentir suas mãos sobre eles, suas carícias. O homem aproximou sua boca de seus lábios e ali se deteve.

—Como vai fazer a parte frontal, se não tocou-la? —sussurrou—lhe com voz rouca.

—Maldito...

Silenciou—a com um beijo profundo, apaixonado, doce e ternoo. A coação se transformou em sedução. Roubou—lhe a vontade e o fôlego com seus beijos de mel e a atirou na tormenta. Eric retirou a boca e voltou a lhe roçar os lábios com os seus. Esforçando—se para reprimir o pranto, Rhiannon moveu a cabeça e suplicou:

—Eric, não!

—Rhiannon, eu sabia que era você.

Olhou—o com os olhos arregalados e incrédulos.

—Como iria...?

—Exala um aroma doce, cheira a rosas. É do sabão que usa e sempre a acompanha essa fragrância. Conheço esse aroma tanto quanto a cor de seu cabelo, o tom de seus olhos. Conheço porque me atormentou desde o dia que nos vimos pela primeira vez. Envolve-me em meus sonhos e me



persegue quando estou longe. Cobre—me como a suavidade de seus cabelos, quando estamos juntos. Nenhuma outra mulher possui essa fragrância.

—Ela estava em seu quarto enquanto se banhava.

—Levou as toalhas. Meu amor, é uma serva.

—Além disso há... —interrompeu—se para tomar ar— esteve tão afastado de mim.

—Não queria machucar nem a você nem ao bebê.

—Já passou muito tempo!

—Rhiannon, disse-me que o parto tinha sido muito doloroso. Pensei que era melhor me manter afastado, por algum tempo. E depois... bom, você não fez nenhuma sugestão de que voltasse.

Ela umedeceu os lábios, olhando—o fixamente nos olhos.

—Porque pensei que você não queria voltar!

—Quer que volte?

Rhiannon voltou a inspirar, rasgada, temerosa, desejando acreditar na ternura que via em seus olhos.

—Meu Deus! —suspirou—. Parece impossível que eu diga isto a um viking: sim, sim, desejo que volte. Desejo você... demais...

Interrompeu—se novamente, trêmula, e então ele a envolveu com seu calor; a firmeza de suas coxas, as fortes batidas de seu coração, a atormentadora excitação de seu corpo apertado contra o dela.

E seu rosto, belo e forte, com traços de duas culturas que tinham unido o melhor de si. Seus olhos... imensamente azuis, que a contemplavam com tanta doçura.

—Desejo você, Eric —atreveu—se a murmurar—. Desejo muito. Amo você.

Eric estremeceu ao ouvir as palavras sussurradas e a olhou com ternura, maravilhado e surpreso. Rhiannon tinha os olhos ligeiramente empapados, brilhantes à luz do lar, de uma cor azul prateada e belamente emolduradas por seus longos cílios escuros. Seus cabelos, sempre sua coroa de glória, caíam entre seus corpos nus e as peles, envolvendo—os em jubas cor de fogo. Seu rosto brandamente rosado e seu corpo mais formoso ainda que a lembrança que o tinha atormentado durante as longas noites. Seus seios ainda estavam muito cheios, seus mamilos de uma cor rosa



escuro, turgentes de desejo, e suas pernas suaves debaixo dele.

Tinha sussurrado que o amava.

—Meu Deus, tive tanto medo! —disse ele—. Temia ter perdido para sempre o pouco que tinha de você quando morreu Rowan. Eu podia vencer o homem, mas jamais seu fantasma. Pensei que ele se interporia entre nós, de modo que esperei, mas... —interrompeu—se, e Rhiannon o olhou nos olhos, confusa —. Tinha medo de amar você, Rhiannon. O amor torna vulnerável um homem; é uma arma muito perversa. Lutei contra ele, entretanto não sei em que momento perdi a batalha; só sei que a perdi. Talvez a tenha perdido no começo, desde o dia que a vi no alto da paliçada. Talvez tenha sido quando a tive debaixo de mim. Ou quando a vi se mover e dançar aquela noite em que tentou induzir os homens à violência; naquela vez, só me impulsionou o desespero de te possuir e logo, uma vez feito, fiquei perdido para sempre. Não sei quando ocorreu. Esposa minha, eu também te amo, com todo meu coração, com toda minha vida, com toda minha alma.

—Eric! —murmurou ela, enquanto as lágrimas rolavam por suas bochechas. Continuou falando, tão rápido que ele mal conseguiu entendê-la— Amava você antes que Rowan morresse. Ele era ainda muito querido para mim e chorei sua morte, mas preferia mil vezes que retornasse você. Era difícil compreender como podia amá-lo quando se mostrava tão arrogante e exigente, sempre dando ordens...

—Arrogante?

—Claro que sim. —A jovem riu—. Oh, Eric, pode ser verdade o que está acontecendo? —sussurrou.

—Sei que é minha vida e que a amo além de toda a razão —murmurou ele. Deixou escapar um gemido e lhe acariciou as bochechas—. Observava várias vezes meu filho contra seu peito, e ansiava estar em seu lugar.

Seus lábios roçaram os da mulher e logo desceram até seu seio, saboreando—o e acariciando—o. Rhiannon gemeu com a deliciosa sensação enquanto o apertava contra si. Então ele se colocou em cima dela, murmurando que amava seus olhos, sua sedosa juba emaranhada e a formosa redondez de seus seios. Caiu sobre ela, apoderando—se de todo seu corpo, excitando—a e sussurrando com palavras atrevidas, maliciosas, grosseiras e insinuantes tudo o que amava nela, enquanto lhe acariciava com os lábios e a língua a pele, as coxas, as partes mais íntimas e secretas.



Rhiannon se ergueu no ninho de peles para rodeá-lo com seus braços, e seus sussurros o envolveram juntamente com as suaves e perfumadas mechas de sua cabeleira. Ousadamente, deslizou as mãos sobre ele, explorando, e depois de lhe assegurar que era muito competente e estava muito ansiosa para cuidar da parte frontal, começou a demonstrar. Eric riu até ficar sem fôlego e a deitou debaixo dele. Diante do suave esplendor das chamas cumpriram as palavras e juramentos trocados nessa noite, esse envolvimento novo entre eles, a maravilha de seu mútuo amor.

Permaneceram abraçados ouvindo o crepitar do fogo da lareira. Voltaram a acariciar—se e a fazer amor. Quando finalmente Rhiannon expressou sua inquietação por seu filho, Eric lhe assegurou que estaria muito bem até amanhã e que ninguém se preocuparia, porque todos sabiam que ele tinha saído para procurá-la.

—E sabem que não haverá nenhum problema porque é invencível? —brincou ela.

—Sim, possivelmente. —Eric riu.

—É muito arrogante.

—Tem medo que sempre serei?

—Tentarei suportá-lo —suspirou ela, com fingida resignação.

—Sim? Tenha em conta que você, meu carinho, é orgulhosa, obstinada e impetuosa, e que levarei para sempre uma cicatriz de sua flecha.

—Você é exigente e tirano, além de arrogante —recordou—lhe com doçura, acariciando a cicatriz e assegurando que dedicaria muitas noites a tocá-la.

Abraçaram—se, amaram—se de novo e depois adormeceram, em um preguiçoso torpor.

Ao despontar a aurora Rhiannon se revolveu nos braços de seu marido e disse preocupada:

—Eric, nunca traí nem a você, nem a Alfredo. Juro. Ele é meu rei e meu protetor; gosto muito dele e jamais o teria desafiado. Eu não traí você.

Eric lhe agarrou a mão e a beijou.

—Chist, carinho; já sei.

Não acrescentou nada mais mas evocou as imagens de Rowan vivo em seu cavalo, depois de vencer os dinamarqueses e a de seu corpo inerte no chão.



E recordou a adaga.

Estreitou Rhiannon e a beijou na fronte.

—Sei, carinho, sei.

Depois de alguns minutos, se levantaram. Eric a vestiu com sua capa e a envolveu em peles. Depois saíram do refúgio. Tinha deixado de nevar e diante deles, se estendia um mundo belo e branco. Montaram o garanhão branco e o enorme cavalo os levou para casa.

Gozaram de um tempo de paz, tão maravilhoso que Rhiannon não podia suportar a idéia de que Eric partisse.

Abraçava—o de noite, desejando que o tempo parasse por obra de magia e o futuro não chegasse. Uma luminosa manhã de primavera, os homens se prepararam para partir. Rhiannon esperou no pátio, com Adela e Daria ao seu lado e Garth nos braços. Observou Eric, que se aproximava montado em seu cavalo branco, com o peito coberto pela malha e a capa adornada com suas insígnias arremessada sobre os ombros. Usava a viseira levantada, e viu o formoso azul de seus olhos.

Rhiannon estremeceu, pensando quanto o amava, apreciando sua imponência. Eric tirou o elmo e se aproximou. Beijou meigamente seu filho e depois passou o bebê para sua irmã, para estreitar Rhiannon entre seus braços e beijá-la até que ela acreditou que ia partir seu coração. A jovem sentiu uma pontada de temor quando ele se afastou. Era grande o perigo que corria. Mergwin não os teria acompanhado se não pensasse que algo ameaçava Eric. Não podia deixá-lo partir.

—Eric...

—Tudo acabará, e retornarei antes que perceba, meu amor.

—Não —sussurrou ela com tristeza.

—Voltarei. Estou dizendo.- assegurou ele, com um sorriso carinhoso.

—Se...

—O que?

Rhiannon negou com a cabeça e ergueu o queixo. Não podia permitir que fosse para a batalha aflito por seus temores.

—Que Deus o acompanhe, meu amor. Deus e todas as deidades da casa de Vestfald.



Eric a abraçou.

—Estará segura aqui. Patrick ficará para te proteger. Daria e Adela estão aqui. Cuide de nosso filho, senhora.

—Sim.

—E Mergwin também fica.

—Mergwin! —separou—se dele, sobressaltada— Mergwin fica? Não irá com você?

—Prefere ficar com você. É muito velho. Eu não gosto que insista em nos acompanhar à batalha.

A jovem assentiu, trêmula. Depois conseguiu sorrir.

Então, o druida não pressentia nenhum perigo para Eric. Pensava que o perigo cairia sobre ela. Voltou a beijar apaixonadamente seu marido, que sussurrou que tinha chegado a hora de partir. Separaram—se. Rhiannon o observou montar a cavalo, resplandecente com sua vestimenta. Esforçou—se para continuar sorrindo e permaneceu no pátio, contemplando—o até que o perdeu de vista.

Depois deixou escapar um rouco soluço. Entrou na casa e correu para seu quarto, o que ambos compartilhavam, e ali chorou até que não restaram mais lágrimas para derramar.

Rezou em silêncio: «Que Deus o proteja, que Deus o ajude, que Deus o acompanhe. E por favor, meu amado Senhor, me acompanhe também.»



Capítulo 18

O combate foi rápido, desumano e sangrento. Em questão de semanas, tinham obrigado os dinamarqueses a partir de Londres e nos dias seguintes combateram ferozmente dentro da antiga cidade romana. Alfredo parecia um homem possuído, decidido. Os acontecimentos ocorridos na ausência de Eric o tinham conduzido a esses amargos momentos.

Guthrum tinha assinado um tratado pelo qual aceitava instalar—se em East Anglia, mas ao saber da batalha em Rochester, tinha retomado a luta. Alfredo tinha marchado contra Guthrum, que se achava em Támesis, usando todos os navios disponíveis, entre eles os de Eric. Tinha ganhado a batalha e tomado os navios de Guthrum e todos os tesouros contidos neles. Mais tarde, quando Alfredo ordenou a seus homens que retornassem para casa, os dinamarqueses assaltaram os navios, recuperando mais do que tinham perdido.

As tropas do rei da Inglaterra os tinham seguido até Londres, semeando a morte em sua passagem. Alfredo tinha ordenado queimar inúmeras aldeias e cidades, e houve uma horrível matança. O rei exigia lealdade absoluta e não aceitava menos. Nesse momento Eric, no lombo de Alexander, contemplava as ruínas de Londres. A cidade tinha sido transformada em um lugar carbonizado, desolado, inadequado para ser habitado por seres humanos. Passavam homens que transportavam em carretas, cadáveres e membros soltos; pelos escombros começavam a aparecer mulheres e crianças, que procuravam, entre as ruínas, comida.

Ao menos tudo tinha acabado, pensou Eric enfasiado. E tinha sobrevivido, como Rollo e a grande maioria de seus homens.



Alfredo o tinha perdoado por ter viajado para a Irlanda, de modo que, com toda sua honra, ele tinha se sentido obrigado a marchar na frente de todas as batalhas, a lançar seu grito de guerra e ser o primeiro a entrar em combate. Era perito na arte de guerrear. Nesse dia, ao contemplar as ruínas da cidade, sentiu—se farto de tanta dor, morte e desolação e se consolou ao pensar que dentro de alguns dias, voltaria para sua casa. Sua casa...

Assinaria—se um novo tratado de paz. Os escribas já estavam trabalhando nele. Guthrum, o ardiloso dinamarquês, também tinha sobrevivido à batalha.

A Inglaterra seria dividida em duas partes. O limite seguiria o curso do Támesis até sua confluência com a Leoa, cujo curso continuaria até seu nascimento; dali em linha reta até Bedford e depois até Watling Street. Os dinamarqueses ficariam com Essex, East Anglia e a terra ao norte de Humber. Alfredo reinaria no sul, e ninguém voltaria a disputar sua soberania.

Haveria paz. Oxalá durasse essa paz...

Fez voltar o cavalo para afastar—se daquele desolado cenário e o conduziu para a multidão de tendas armadas nos subúrbios da cidade.

De repente, acelerou a marcha ao ouvir um grito, seguido pelo entrecostar de aço. Esporeou seu cavalo e o lançou a galope; junto a um bosque, onde encontrou um grupo de homens, seus e alguns dos mais fiéis do rei, encetados em feroz combate com o que pareciam ser dinamarqueses. Apressou—se a desembainhar sua espada. Rollo já estava ali. Eric saltou do cavalo e abriu caminho até seu amigo, e juntos combateram.

—Pelas salas do Valhalla! —rugiu Rollo —. O que é isto? No mesmo dia da assinatura do tratado?

—Não sei —replicou Eric.

Não podia permitir—se refletir sobre isso naquele momento. Os inimigos avançavam contra ele em pares, e precisava de toda sua enorme força para brandir a espada com suficiente rapidez para salvar a pele. Tropeçou com o cadáver de um adversário, o que foi sua salvação, já que assim esquivou-se da espada que ameaçava sua cabeça; em seguida se ergueu e matou seu atacante. Inspirou profundamente e avistou no alto de um monte, um cavaleiro que o observava. Entreabriu os olhos para distinguir os emblemas da capa do homem e então o viu erguer a mão e lhe lançar uma adaga prateada.

Resmungando uma maldição, elevou o escudo para parar a adaga que assobiava no ar. A arma se chocou contra o escudo com força.



O cavaleiro fugiu imediatamente a galope.

Eric se inclinou para recolher a adaga; era do mesmo desenho que a que tinha matado Rowan.

Provavelmente eram idênticas.

Os dinamarqueses que sobreviveram já haviam escapado por entre as árvores. Eric avisou Rollo que tentaria alcançar o cavaleiro e em seguida correu para procurar seu cavalo branco. Saiu a galope da clareira do bosque, mas o cavaleiro já tinha desaparecido, e ignorava em que direção tinha fugido. Proferindo uma maldição em voz baixa, voltou para o lugar onde Rollo e outros recolhiam os feridos.

O jovem Jon de Winchester, muito amigo do rei, estava inclinado junto ao cadáver de um dinamarquês. Ergueu—se aborrecido quando Eric se aproximou.

—Em que maldito tratado podemos confiar, quando os homens atacam assim?

Edward de Sussex, bom amigo de Jon e antigamente leal companheiro de Rowan, também se aproximou.

—Que me enforcem se entendo isto! É como se não se importassem em combater, nem ganhar, como se seu único propósito fosse assassinar, nada mais.

—Isso não é tão estranho nos dinamarqueses —disse Jon com amargura.

—Não sei —disse Eric movendo a cabeça—. Os homens combatem para vencer ou defender—se, mesmo os dinamarqueses. Por que outro motivo?

Nenhum deles encontrou a resposta. Reuniram os feridos e se dirigiram ao acampamento. Eric lavou o sangue do rosto e das mãos, trocou a túnica e se encaminhou para a tenda de Alfredo, que estava escutando um escriba enviado por Guthrum, que lia monótonamente os detalhes do tratado.

—Não há nenhuma só palavra de verdade nesse maldito tratado! —interrompeu Eric.

O rei o olhou.

—Já mandamos uma mensagem a Guthrum para acusá-lo de infâmia e traição. Ele negou e enviou uma filha dele como refém para comprovar sua palavra.

—Então —disse friamente Eric—, há um traidor entre nós, um traidor que deseja minha morte, desde que atraquei nestas costas.



A conspiração iniciou quando Rhiannon não recebeu sua mensagem e meus navios foram atacados. Depois, quando me dirigi para o sul para combater em seu nome, os dinamarqueses foram avisados. Além disso, tenho bons motivos para suspeitar que o jovem Rowan não morreu na batalha, mas foi assassinado para criar mais caos em minha casa.

Ouviu—se uma exclamação na entrada da tenda, e entrou Jon de Winchester.

—Por tudo que é sagrado, meu senhor de Dubhlain! Disse que Rowan foi assassinado?

Eric jogou sobre a mesa do rei a adaga que acabavam de lhe lançar. Alfredo e Jon se aproximaram para olhá—la. O rei examinou atentamente a adaga e seu desenho. Uma careta de dor apareceu em seu cansado rosto, e se deixou cair na poltrona.

—O que foi? —perguntou Jon.

Alfredo indicou com a mão que podia agarrar a adaga. Jon o fez.

—É de William —murmurou Jon, com um suspiro—. De William da Northumbria. Esta é sua adaga. Deve haver algum... engano.

William da Northumbria, pensou Eric. William, Allen, Jon e Edward estiveram em sua casa, na casa de Rhiannon, quando Alfredo enviou a ordem para cuidar dos dinamarqueses no sul. William não o tinha acompanhado a Irlanda, mas muitos homens de Wessex.

—Não há engano—disse—. Tenho duas adagas; uma extraída das costas de Rowan na Irlanda, e esta que me jogaram na clareira do bosque.

—Na Irlanda...

—Procure um homem chamado Harold da Mercia. Se tiver sobrevivido a esta última batalha, talvez possa esclarecer estes fatos —sugeriu Eric.

Alfredo se dirigiu à abertura da tenda e ordenou a um guarda que procurasse Harold. A seguir começou a andar pelo chão de terra, com as mãos entrelaçadas nas costas. Dentro de poucos minutos, se apresentou o homem mais velho que tinha falado com Eric na Irlanda, depois do falecimento de Rowan. Ajoelhou—se diante do rei.

—Meu senhor, me chamou.

—Levante-se! —ordenou Alfredo.

O homem obedeceu e então, ao ver Eric e Jon, empalideceu.



Olhou a mesa e ao reparar na adaga se voltou subitamente, apavorado, disposto a sair correndo da tenda.

Jon se adiantou para bloquear a entrada. Eric agarrou Harold pelo ombro e o empurrou para o rei.

—Estava a serviço de William da Northumbria quando foi a Irlanda?

—A serviço de William? Não, não, meu rei. Eu servia ao jovem Rowan.

—Servia? —perguntou Eric friamente—. Ou o matou em troca do ouro que te ofereceu William?

A palidez do homem decidiu seu destino.

Lançando um grito surdo e angustiado, Jon avançou, empunhando uma faca e a cravou na garganta do homem.

Alfredo se voltou para dar as costas à cena, revelando sua tristeza e cansaço nos ombros cansados.

—Por Deus, Jon, lutei para dar leis a esta terra! E você comete um assassinato aqui mesmo!

—Pelo amor de Deus, Alfredo, assassinou Rowan!

—Por ordem de William! —interrompeu Eric— Vou procurar William.

Saiu imediatamente e se dirigiu, rapidamente, para onde estavam acampados William e seus seguidores. Passou junto aos homens de William e afastou o tecido da abertura da tenda.

Não havia ninguém ali. Saiu e agarrou pela camisa o primeiro homem que encontrou. Perguntou—
Ihe onde se achava seu senhor.

Ninguém sabia. William tinha partido naquela mesma manhã, em companhia de Allen de Kent, e ninguém o tinha visto depois disso.

Enquanto Eric estava entre os homens de William Jon e Edward se aproximaram a galope.

—Há horas que ninguém viu William. Tampouco Allen. Certamente William soube que tinha a adaga, uma prova contra ele. Partiu para o sul.

—Devemos persegui—lo.

Jon olhou para Edward e começou a falar, atropeladamente:

—Sim, devemos persegui—lo. Já avisamos seu homem, Rollo, que foi pegar suas armas e preparar um cavalo para você. Temos partir para a costa, para sua casa, rapidamente.

—Minha casa? Por que? —perguntou com voz rouca, sentindo um calafrio, preso pelo temor que tinha acossado Mergwin desde que chegaram a essa terra.



—Porque acreditam... Jon interrompeu e inspirou profundamente.

—Acreditam que William da Northumbria deseja sua esposa —continuou Edward— há muito tempo ; concluímos por comentários que, às vezes, Rowan deixava escapar, além dos olhares que lançava a dama, por isso suspeitávamos dele. Estávamos acostumados a fazer brincadeiras a respeito. Ele sempre pensou que, se Rowan partisse ou morresse, ou se Rhiannon perdesse o favor do rei, ele ficaria com ela. E agora que foi descoberto... presumimos que queira descarregar seu ódio e sua raiva contra ela.

Eric fechou os punhos e os apertou contra os flancos. Jogou para trás a cabeça e lançou um grito de guerra cheio de angústia e fúria que fez tremer até a luz do sol; o grito de batalha da casa do Vestfald, o dilacerador e terrível uivo do lobo encurralado.

Rollo surgiu no lombo de um cavalo, conduzindo o garanhão branco. Eric montou com um salto em seu cavalo e empreendeu a marcha a galope, seguido por outros.



Os dias transcorriam lentamente para Rhiannon.

Era primavera e a terra estava revivendo. Os campos começavam a nascer com os cultivos, e se viam muitos animais, esquilos, coelhos e incontáveis cervos. Os cavalos se moviam inquietos nos estábulos. Daria estava nervosa, e também Rhiannon, apesar de sua felicidade e seu filho. Só Mergwin e Adela pareciam tranquilos. Rhiannon se perguntava se a idade traria consigo a paz ou a capacidade de compreender que o tempo transcorre, inexoravelmente, em seu ritmo.

Tinha recebido notícias da batalha. Eric enviava um mensageiro a cada semana, de modo que sabia onde combatiam e que tanto ele como o rei estavam bem; estava informada que a guerra seria ganha por eles. Sabia que tinham chegado a Londres e que haveria outro tratado de paz, que ainda não tinha sido assinado. Intuíva que apesar de sua aparente calma, Mergwin também estava esperando e que não só a observava, mas também também o céu, o vento e o mar. Às vezes, saía a caminhar sozinho, embora ela ignorasse para onde se dirigia e o que fazia durante suas longas ausências. Até Eric retornar, Rhiannon continuaria preocupada.

Sentia—se feliz e agradecida pela companhia de Daria, que relatava lendas nórdicas sobre os deuses Odín e Tor e contos irlandeses sobre são Patrício, as pessoas diminutas que habitavam nos bosques e as fadas agoureiras que avisavam de uma morte iminente. As duas jovens passavam as longas tardes primaveris sentadas junto ao bebê, rindo e fazendo brincadeiras sobre os homens. Daria descrevia o homem de seus sonhos, e assim entretinham os dias intermináveis.

Quando William da Northumbria apareceu, uma tarde, Rhiannon estava sozinha. Mergwin tinha saído para passear pelo bosque, e Daria tinha acompanhado Adela à praia, onde tinha atracado uma pequena embarcação carregada de presentes da parte de Olaf e Erin. Ao reconhecer as cores de William, os guardas não hesitaram em permitir sua entrada, e os criados foram avisar Rhiannon, que correu para a porta, certa de que se tratava de algo grave, já que tinham enviado William em lugar de um criado ou um vassalo.

Saiu para recebê—lo no pátio com o coração agitado. Parecia que o homem tinha cavalgado rapidamente, o que também a alarmou. Não o acompanhava ninguém além de Aliem, seu inseparável amigo.



Depois de saudá—los, ofereceu comida e cerveja. William desmontou e, agarrando-a pelos ombros, disse:

—Rhiannon, não temos tempo. Peça a um criado que nos traga cerveja para levar e um pouco de pão com queijo. Devemos nos apressar.

—Por que? Do que se trata? O que houve? —perguntou, sobressaltada.

—Eric está ferido e não pode mover—se. Quer ver você. Prometi que a levarei até ele.

—Oh! —exclamou, aterrada. De repente, se sentiu paralisada, incapaz de pensar— Devo... devo procurar Adela e minhas coisas...

—Não, deve vir imediatamente, agora mesmo. Ordene a um homem que vá procurar comida e bebida e venha comigo. Não temos tempo a perder.

—Tenho que procurar Garth...

—O que? —perguntou William.

—Meu filho. Não posso deixar meu filho.

William coçou o bigode, pensativo. Depois sorriu.

—Sim, é obvio, querida. Deve trazer seu filho. Depressa.

Trêmula e assustada, Rhiannon tratou de apressar—se, sentindo que fraquejavam os joelhos ao caminhar. Era isso, o terror que a tinha assaltado durante todo esse tempo. Eric tinha desafiado à morte muitas vezes. Era um grande guerreiro, talvez um dos melhores, capaz de brandir a espada como ninguém. Mas todo homem é mortal, e nesse momento, estava ferido, talvez moribundo, precisamente quando se transformou em tudo para ela. Não podia morrer! Fossem quais fossem os presságios, não podia morrer! Ela não permitiria!

Garth estava dormindo. Choramingou um pouco quando sua mãe o tomou em seus braços e o envolveu em uma grande manta de linho. Rhiannon agarrou uma capa para ela e desceu pelas escadas. Os criados já tinham levado bolsas com alimento e garrafas com bebida, e uma égua a aguardava no pátio.

Patrick tinha chegado. Com expressão tensa, escutava a história de William sobre as batalhas que tinham liderado.

—Acompanharei vocês —ofereceu—se Patrick.



—Não! —disse bruscamente William— Eric pediu que ficasse em casa com sua irmã e Adela. Precisa de você aqui.

—Ah, Patrick! —exclamou Rhiannon, trêmula.

Ele a abraçou, depois a ajudou a montar a égua e acomodou Garth em seus braços.

—Vai se recuperar, milady, vai se recuperar! Eric é feito de aço. Deve conservar a fé.

Ela assentiu, incapaz de falar, afogada em lágrimas.

—Milady, vamos! —urgiu William.

—Sim, devemos ir —murmurou ela— Sim, por favor, me leve para junto dele o mais rápido que possa —suplicou—. Patrick, Deus esteja contigo.

—E que Ele a acompanhe, milady.

William fez o cavalo se voltar e conduziu Rhiannon e Allen para os portões, num rápido galope, para logo avançar pelos escarpados. Com os olhos empapados pelas lágrimas, Rhiannon não percebeu que direção tomavam.

Mas Mergwin, que nesse momento saía do bosque, prestou atenção. Fechou os punhos e os olhos e depois correu para os estábulos. Ignorando o doloroso martelar de seu coração, saltou sobre um cavalo sem selar e, ignorando as advertências de Patrick, cavalgou atrás dos cavaleiros.

Estes já estavam longe da casa e se embrenhavam no pequeno bosque. Mergwin esporeou o cavalo e galopou atrás, alcançando—os quando passavam por um atalho sombreado pelas árvores.

—Rhiannon! —chamou. Ela deteve seu cavalo.

—Por que está nos atrasando?- perguntou exasperado William.

—Tenho que esperá—lo! —exclamou Rhiannon. Voltou a cabeça—. Mergwin, feriram Eric! Tenho que ir vê—lo.

Mergwin avançou lentamente até deter—se diante deles. Olhou para Rhiannon, depois para William e novamente para Rhiannon.

—Não o feriram —murmurou—. Eric de Dubhlain não foi ferido.

—O que sabe você, velho mentiroso? —espetou Allen, cortante—. Nós estávamos com ele. participamos da batalha. Ele nos pediu que buscássemos sua esposa.



Mergwin negou com a cabeça. Situou seu cavalo entre o de Rhiannon e William.

—Velho louco? —perguntou

—Se Eric estivesse perto da morte, eu saberia. Não vá com eles, Rhiannon. Volte para casa com seu bebê... agora mesmo!

Dizendo isto, golpeou à égua na anca. Rhiannon lançou um grito, quando sua montaria deu um salto para frente e esteve a ponto de atirá-la no chão. Apertou firmemente Garth contra seu peito, assustada, e obedeceu Mergwin. No momento em que dirigia à égua pelo estreito atalho, William deu uma ordem e Allen fechou seu caminho. Rhiannon não pôde evitá-lo, desesperada como estava segurando Garth para evitar que caísse. Ouviu um grito surdo e um ruído. Voltou à égua a tempo de ver como Mergwin caía do cavalo depois de ter sido golpeado por William.

Desmontou em seguida e correu para o ancião, segurando Garth. Olhou para William com ódio.

—Mergwin diz a verdade! O que quer?

Depositou cuidadosamente o bebê ao seu lado, agarrou a cabeça de Mergwin e a apoiou em seu colo. O druida abriu os olhos, cinzentos como a luz do crepúsculo, místicos, cheios de dor.

—Deixe-o! —ordenou William.

—Machucou-o!

—Minha intenção era matá-lo.

—Bastardo! Alfredo vai enforcá-lo!

—Alfredo, senhora, não voltará a me ver nunca mais.

—Mergwin —sussurrou ela, ignorando William. O ancião a olhou e fez um gesto de dor.

—Tenho que levá-lo para casa! —exclamou— Vai morrer aqui!

—Morrerá, senhora, e você não voltará para casa.

—Mergwin, agüente, eu imploro. Agarre-se à vida. Adela, Patrick ou Daria virão, sei...

—Rhiannon —sussurrou ele. Mal podia ouvi-lo, que se inclinou até pôr o ouvido junto a seus lábios— Não tema por mim, porque vivi muitos anos. Avisei você, e talvez não seja tarde, porque Eric já está a caminho e a cada momento está mais perto. Atrase a viagem o quanto puder, crie problemas para estes dois, e se conseguir frustrar os planos deste traidor, então cumpri meu propósito e é hora de que vá me reunir com os que amo, em uma vida melhor.



—Não! —exclamou ela, enquanto as lágrimas escorregavam por suas bochechas— Não, Mergwin, não! —Ficando de pé, olhou para William— Se não o ajudar, não sairei daqui.

—Sim, sairá. —Sorriu da sela, inclinando—se— Sairá e rápido, milady, ou Allen a tirará o menino e cavalgará com ele, com uma faca sobre seu pescoço. Expressei—me com clareza?

—Não se atreveria! —espetou furiosa.

—Allen...

—Não!

Agarrou Garth e o estreitou contra seu peito. Depois observou Mergwin, que tinha os olhos fechados, o rosto branco e sombrio; parecia a máscara da morte. Não podia abandoná—lo ali!

Mas tampouco podia arriscar a vida de Garth.

—Milady? —disse William. Rhiannon não se moveu.

—Monte na égua ou vou desmontar e entregar o menino a Allen. Não tente resistir, porque machucarei você ou o menino.

Sua única oportunidade era escapar a cavalo para voltar mais tarde para procurar Mergwin.

Devia fugir.

Mas quando montou na égua, William agarrou as rédeas; ele a conduziria.

—Temos que ser rápidos! —apressou Allen.

—Para onde vamos? —perguntou Rhiannon.

Vamos nos reunir com os dinamarqueses —respondeu William—. Ajudei Guthrum com avisos e informação. Prometeu um lugar em sua casa. Você vai compartilhá—lo comigo.

—Alfredo exigirá minha volta.

—Talvez, mas então, meu amor, estará muito triste e envergonhada para querer voltar para junto de seu marido. E ele não desejará à esposa que eu devolver, não é, Allen?

Este pôs—se a rir. Rhiannon aproximou mais a égua do cavalo de William, que segurava frouxamente as rédeas. Estreitando ainda mais Garth, golpeou com os estribos os flancos da égua, que disparou a galope, com tal força e velocidade que as rédeas se soltaram das mãos de William.

Desesperada e sem deixar de apertar o bebê contra seu peito, Rhiannon tentou agarrar as rédeas, enquanto a égua cavalgava através do bosque.



Os ramos se enganchavam em seu cabelo, arranhavam—lhe o rosto, mas ela não se atrevia a diminuir o galope. Cega pelos ramos, não conseguia agarrar as rédeas, e a égua escolhia seu caminho. De repente, o animal empinou, e com muita dificuldade Rhiannon conseguiu manter—se na sela. Quando a égua baixou as patas na terra, William estava diante dela, seu magro rosto tenso, seus olhos brilhantes de fúria.

—Outra travessura como esta e prometo que porei a cabeça do menino sob os cascos de meu cavalo. Está acostumado a esmagar cabeças maiores na batalha; uma cabecinha pequena não será nada para ele.

A jovem baixou os olhos, tremendo. Tinha que acreditar que Garth sobreviveria aquele horror em que tinha sido apanhada tão estupidamente. Olhou furiosa a William.

—Então, adiante, milord.

—Se dúvida que cumpra minha ameaça...

—Não, não, não duvido. Acredito que seria capaz de assassinar um bebê indefeso. Suponho que não se mostra tão valente no combate contra homens.

Ele avançou e deu-lhe uma forte bofetada. Rhiannon teve que apertar os dentes para não gritar de dor, enquanto tentava manter o equilíbrio sobre a égua. William a olhou e sorriu.

—Aprenderá cortesia e respeito, milady. Teremos longos dias e noites para que aprenda. Dias e noites...

Seu coração se apertou. Compreendeu que, na realidade, o pesadelo acabava de começar. E Eric? Estaria ainda com o rei? Mergwin a tinha avisado muito tarde. Seus olhos se encheram de lágrimas, perguntando—se se ainda estaria moribundo ou se já teria chegado ao grande Valhalla de homens como ele, se estaria abraçando aos seres queridos que tinha perdido. «Oh, Mergwin, não me abandone! —pensou—. Que alguém venha me ajudar, Meu Deus, por favor!»



Assim que chegou aos portões de sua casa compreendeu que William tinha se adiantado. Eric entrou e ordenou ao sentinela que fosse procurar Patrick.

O semblante preocupado de Patrick lhe indicou que algo ruim aconteceu. Sem desmontar do cavalo o interrogou:

— William da Northumbria veio? Esteve aqui?

— Sim, Eric. Disse que você estava ferido, e minha senhora Rhiannon partiu com ele.

— Quanto tempo? — perguntou Eric.

Não tinha dormido durante a noite em seu afã por salvar as horas de diferença entre suas respectivas partidas. Tinham cavalgado durante quase três dias, e entretanto William tinha ganhado.

— Uma hora... talvez duas. Graças a Deus está bem, milord. Então por que William...?

— Eric! — exclamou Daria, que ao saber de sua chegada, saiu correndo da casa—. Eric, está bem! Nos disseram que...

— Daria, depois explicarei tudo. Agora tenho que alcançar William e encontrar minha esposa.

— E o menino — disse sua irmã.

— O bebê? Levou o menino também?

— Sim, Eric. Tudo foi tão rápido... Nem Adela nem eu estávamos aqui. O Pai enviou navios, sabe? Oh, Eric!

— Onde está Mergwin?

— Com eles, talvez — respondeu Patrick—. Saiu atrás deles, montado em uma égua que voltou sozinha não faz muito tempo. Estávamos nos preparando para sair para buscá-lo, quando chegou.

— Eu o encontrarei — assegurou Eric.

Fez voltar seu cavalo branco e se dirigiu para os portões. Rollo, Jon e Edward o seguiram.

— Espere! — exclamou Daria—. Permita que eu os acompanhe! Talvez possa ajudar.

— Daria, volte para casa! — ordenou Eric, voltando a cabeça, sem deter-se—. Pelo amor de Deus, Daria, não quero que corra perigo também.

Mas quando se voltou, sua irmã já corria para os estábulos. Antes de tudo, era a filha de seu pai e sua mãe, pensou, recordando—os com admiração.



Eric já cavalgava pelo atalho. Tinha conseguido resgatar Rhiannon do dinamarquês Yorg com bastante facilidade, mas isto era diferente. William era um homem muito desesperado, culpado de muitos delitos, principalmente de traição ao rei. Para William já não importaria nada, nem mesmo sua vida; só desejava arrastar consigo Rhiannon para a escuridão da morte.

E o pequeno! Oxalá Rhiannon o tivesse deixado em casa! Mas sabia muito bem que ela não teria abandonado o bebê e estava certo de que ela faria tudo para proteger Garth. O suor cobriu sua fronte, e as mãos tremeram sobre as rédeas. Se encontrasse William, destroçaria—o com as mãos. Franziu o cenho ao ver um corpo no atalho, apoiado contra as árvores. Desmontou do cavalo e se inclinou sobre a figura caída. Era Mergwin, branco como a morte, com os olhos fechados sob as sombras da iminente noite.

—Meu Deus! —balbuciou Eric. Agarrou em seus maciços braços seu ancião mentor e o embalou— Só por isso, morrerá, juro, meu amigo, juro, pela honra de minha mãe.

Aproximou a orelha do peito do ancião e não percebeu nenhum batimento do coração. Deixaria Mergwin na clareira do bosque e, se não podia transportá-lo de volta a sua terra para que repousasse em chão irlandês, poria—o em um féretro com suas runas e suas cruzes celtas, levaria—o até o mar e o jogaria na água, em chamas, para que subisse até as salas do Valhalla. Renderiam-lhe todas as honras. E durante toda sua vida, o recordaria e teria saudades.

De repente, percebeu um rumor no frágil peito. Os sábios olhos cinzentos se abriram com grande esforço. O olhar do ancião se cravou em Eric.

—Não perca mais tempo comigo, príncipe de Dubhlain. Estou descansando comodamente aqui, no bosque. Ela sabe que William é um traidor e tentará atrasar a viagem. Agora vá, rápido. Para o norte, seguindo os escarpados e serras. Leva muita desvantagem, depressa.

—Não posso deixar você para morrer aqui.

Mergwin sorriu e lhe indicou, com um gesto, que se aproximasse mais. Sussurrou—lhe algo no ouvido e depois se recostou, esgotado.

—Rollo, venha, agarre Mergwin. Deixo-o a seus cuidados. Leve—o para casa com todo o cuidado com que levaria um bebê.

—Então, só restarão três —protestou Rollo.



—Lutei sozinho contra vinte —recordou—lhe secamente Eric—. Leve Mergwin. Jon e Edward devem vingar a morte de um amigo, e eu devo defender minha esposa e meu filho. Vá, rápido. Cilindro obedeceu. Eric voltou a montar o semental branco, e Jon, Edward e ele reataram a marcha pelo bosque.



Capítulo 19

Era muito tarde, e não se detiveram nenhum momento para descansar. Garth estava muito inquieto, e seu pranto era tão estridente que Rhiannon começou a temer a reação de William, se não o tranquilizasse logo. Viu—se obrigada a amamentá—lo diante de William, e seu olhar a gelou e a fez sentir—se incômoda e sobressaltada. Tentou ignorar sua presença e em seguida, descobriu que a única coisa que interessava para aquele traidor era avançar rápido, no menor tempo possível. Mergwin havia dito que Eric estava chegando. Oxalá estivesse certo! Tinham chegado a amar—se, somente para perder tudo com essa traição? Se havia um Deus nos céus, isso não podia acontecer. Tentava detê—los com frequência, dizendo que tinha necessidade de ir no bosque, pedindo uma bebida, queixando-se de fome e sede. Mas William fixou um destino e não se deteriam até alcançá—lo.

Por fim chegaram, quando a noite já ia alta. Era uma cova situada na escarpada montanha, com uma entrada estreita que conduzia a um caminho espaçoso. Rhiannon compreendeu, imediatamente, a escolha, porque ninguém podia aproximar—se deles sem ser visto. William desmontou e disse:

—Vejo que percebe as vantagens que oferece esta cova, milady. No instante em que ele se aproximar, se é que vem, saberei.

Rhiannon lançou um olhar furioso.

—E então? Verá quando vir, sim, e ele o matará, de qualquer forma. Como vai detê-lo? Mesmo que venha sozinho, matará Allen e depois você, muito lentamente.

—Acredito que não.

—E por que não?



—Porque saberá que, se se aproximar, primeiro o menino e depois a esposa serão jogados pelo escarpado. Agora desmonte, Rhiannon.

Estendeu a mão para ajudá-la a desmontar. A jovem apertou Garth contra seu peito, contente de vê-lo dormindo.

—Desmontarei sozinha.

Desmontou com bastante facilidade, mas não pôde evitar que ele a tocasse. Allen agarrou as rédeas da égua e a conduziu para dentro da cova. William contemplou Rhiannon, coçando o bigode e a longa barba. Depois reapareceu Allen.

—Acendi uma fogueira lá dentro —disse—. Preparei uma cama para o menino e Rhiannon.

—Perfeito —disse William, sem deixar de olhar para Rhiannon, ampliando seu sorriso— Então você fará o primeiro turno de vigília. Milady, você virá comigo.

—Não vou ...

William fez um gesto e Allen a agarrou pelos ombros. William arrebatou o bebê.

—Pode despencar pelo escarpado agora mesmo, milady —advertiu— Acompanhe-me e o deixarei sobre esta manta. Entre comigo.

Não tinha alternativa além de obedecer, pensou Rhiannon, rasgada, esgotada, temendo um ataque de histeria.

— Dê o bebê! Eu o deitarei.

William negou com a cabeça, e entrou na cova. Desesperada, seguiu-o.

—Por favor, deite-o, William!

Ele o fez, depositando o menino com mais suavidade do que ela teria esperado. Garth não despertou, mas estremeceu com um suspiro e levou o polegar à boca. Angustiada, olhou para seu filho e depois para o homem que tinha à sua frente.

—É hora de pagar, Rhiannon —anunciou ele, em voz baixa.

—Pagar o que?



—Ah, seu orgulho, arrogância e insolência. Deveria ter sido minha desde o começo, e a terra e a casa deveriam ter sido minhas. Eu era um homem de Alfredo, leal até a medula. Vi você crescer. Falei com o rei e o fiz saber que seria eu quem receberia você e a terra. Mas você estava apaixonada por Rowan, e o rei, como um idiota, respeitou seus desejos, até que entrou em cena esse maldito viking. Pensei que se desonraria diante do rei, ao obrigá-la a lutar contra o viking. Entretanto, o esquema se voltou contra mim. Supus que Ragwald enviaria Eric à Valhalla, que um invasor mataria o invasor, mas também falhou. Ordenei que matassem Rowan...

— O que? —exclamou ela, sentindo-se doente.

—Sim, senhora. É fácil contratar assassinos. Surpreenderia—se. Muitas vezes, a vida de um homem vale uma insignificante quantidade de ouro. E depois voltei a tentar matar seu marido para conseguí-la, mas seu marido parou minha adaga. Se ainda ignorar que fui eu quem o trai, saberá muito em breve. Então, já não resta nada, exceto você, e não a soltarei tão facilmente.

—Não —murmurou Rhiannon, retrocedendo—. Odeio você, desprezo-o. Adoece—me só pensar em você. Jamais permitirei...

Interrompeu—se, paralisada ao ver que ele tirava uma adaga que tinha atada na panturrilha. Acreditou que a lançaria e pensou que preferia a morte a que ele a tocasse. William se voltou, bruscamente, e jogou a arma em direção à manta onde dormia Garth. Soltando um grito, Rhiannon correu para o bebê. A adaga tinha sido bem lançada; não caiu sobre o menino, nem sequer o despertou. Cravou—se junto à dourada cabecinha do pequeno. A mulher compreendeu, claramente, a advertência.

Voltou—se. O homem já estava ao seu lado. A pôs de pé com um puxão e a abraçou.

—Senhora, vai me aceitar!

Beijou—a na boca, lhe apertando os lábios, machucando=a; ela sentiu o sabor do sangue. Debateu—se com pés e punhos, tentando livrar-se dele. Levantou o joelho e o golpeou. William proferiu uma maldição e a jogou no chão. Depois se aproximou com ódio nos olhos e antes que ela pudesse defender-se, esbofeteou-a e a pôs de pé com um puxão. Apalpou—lhe o sutiã, e Rhiannon ouviu o som do tecido ao rasgar—se. Então a empurrou para o canto da cova, e a jovem caiu no chão, assustada, pensando que já não poderia continuar lutando, quando caiu sobre ela uma densa escuridão.



«Meu Deus, não permita que isto ocorra!», rogou. E continuou sentindo o sabor do sangue.

A lua estava alta no céu quando Eric avistou a entrada da cova, na escuridão. Levantou a mão, e Edward e Jon, que cavalgavam atrás, pararam os cavalos.

Não se via nem Rhiannon, o bebê ou William da Northumbria; tampouco os cavalos.

Mas Allen estava ali, sentado diante da entrada da cova, vigilante.

Jon se aproximou de Eric.

—Conheço essa cova —disse— Na parte de trás há uma abertura que dá para o escarpado e leva a um enorme precipício. Se nos aproximarmos, William pode nos ameaçar e acabar com a vida de sua esposa e seu filho.

Eric assentiu. Tinha imaginado. Mas não podia esperar. William estava ali, com Garth e Rhiannon, que nunca permitiria que fizesse mal ao bebê.

E então William faria mal a ela.

Voltou—se com a mão nas costas ao ouvir ruído de cascos de cavalo atrás deles. Daria surgiu, e Eric proferiu uma maldição.

—Ordenei que ficasse em casa.

Daria desmontou e jogou para trás o capuz da capa.

—Pensei que poderia ajudar...

—Ajudar! —interrompeu Jon— Deveria lhe dar umas chicotadas, Eric.

Daria se dirigiu para as árvores.

—Sim, posso ajudar —sussurrou—. Eric, por favor, eu posso! Se você se aproximar desse homem, ele dará o alarme. Se eu me aproximar, ele baixará a guarda.

—Muito arriscado —objetou Eric.

Daria sorriu e passou junto deles a tal velocidade que não tiveram outra alternativa além de segui-la.



A moça avançou tranqüilamente para a cova e quando viu Allen na entrada o chamou:

—Senhor, por favor, poderia me ajudar?! Perdi-me no bosque e estou muito assustada.

Continuou falando e aproximando—se de Allen. Eles já não puderam ouvir o que dizia. Allen se ergueu e ficou olhando—a fascinado, talvez hipnotizado por sua beleza. A jovem falava e o enfeitiçava com seu movimento.

—Agora —murmurou Eric— Jon, se ocupe de que nada aconteça a minha irmã. Edward, se encarregue de meu filho.

Mal tinha começado a entrar no atalho que conduzia à cova, quando Allen pareceu compreender que algo estava errado.

—William! —exclamou— Temos companhia!

Eric se endireitou e avançou com a espada desembainhada. Allen o viu e abriu os olhos, alarmado. Agarrou Daria e se defendeu, colocando-se atrás dela.

—Matarei—a, viking! Estou avisando,vou matá-la!

Daria deu-lhe um pontapé, e ele a soltou, retrocedendo para a cova.

—Daria, saia daí! —ordenou Eric.

Jon agarrou Daria pelo braço e a pôs atrás deles. Depois, entraram na cova.

Algo tinha acontecido, algo que a salvaria, pensou Rhiannon.Justo no momento em que William se deitava sobre ela, justo no momento em que ela gritava aterrorizada, ao sentir os dedos do homem em sua pele nua, algo ocorreu. Tudo continuava girando ao redor dela, e não soube do que se tratava. Só percebeu que William se ergueu e começou a correr.

Aturdida, apertou contra si a roupa rasgada e pensou em ficar de pé para ir procurar Garth. No momento em que se ajoelhava para levantar—se, viu que William tinha tido a mesma idéia. Seus olhares se encontraram, quando ele se agachava para agarrar o menino.

—Fique atrás de mim, senhora. Estamos preparados para receber seu marido.

—Está aqui! —exclamou Allen, entrando precipitadamente com a espada na mão—. O viking está aqui!

—Deixe de gritar, imbecil! —ordenou, com brutalidade, William—. Que entre!



Eric estava na entrada da cova, imponente, gigantesco, empunhando sua espada Vingança; seus olhos, de um arrepiante fogo azul, brilhavam na escuridão.

—É homem morto, William —disse com voz muito tranqüila.

—Vamos, viking, não vê o evidente? Eu tenho seu filho em meus braços, e também uma adaga. E tenho sua esposa. Deixe-me sair, se quiser que não sofram nenhum dano.

Para assombro de Rhiannon, Eric retrocedeu ligeiramente e esfregou o queixo, como se estivesse pesando a oferta.

—Entregue-me o menino. Pode ficar com a mulher.

Rhiannon não pôde conter uma exclamação, que ninguém pareceu prestar atenção.

—Permitirá que eu leve Rhiannon, se entregar o menino?

—É mais fácil encontrar mulheres que conseguir herdeiros. Dê-me o menino.

William ficou em silêncio. Nesse momento, Daria passou como um furacão entre os homens e como um redemoinho, arrebatou Garth. Surpreso pela garota agir com tanta rapidez, William retrocedeu para Rhiannon, agarrou—a e pôs a adaga em sua garganta.

—Agora deixe-me passar, ou a matarei.

Obediente, Eric se afastou para um lado, e Allen foi procurar os cavalos. Daria tinha desaparecido com o bebê. Rhiannon sentiu fraquejaram as pernas de emoção, por saber que o menino estava a salvo. Mas não era possível que Eric falasse a sério, não podia abandoná—la nesse momento...

De repente, pareceu compreender o estratagema de seu marido.

—Viking bastardo! —espetou— Então, fica com minha terra e meu filho? — livrou-se de William com um violento puxão— Meu senhor, estou livre!

Mas não estava; não podia passar, só podia correr para trás e entrar nas profundidades da cova. Ouviu um forte entrechocar de aço e se voltou a tempo de ver como Allen atacava seu marido e depois caía morto no chão. William lançou um rouco grito de guerra e desafiou Eric.

—Então, o lobo vai deixar que outros combatam por ele? Vamos, milord viking, a briga é entre nós.

Eric avançou para o interior da cova. A espada de William se chocou contra a de Eric, e o ruído e o eco foram terríveis. Eric brandiu Vingança várias vezes, obrigando William a entrar mais na cova e cair no chão.



William jogou terra em seus olhos, cegando-o, e Rhiannon gritou para avisar seu marido do ataque de William. Eric rolou a tempo de evitar o golpe de seu inimigo. Rhiannon entrou ainda mais na caverna, até que notou uma rajada de ar frio e compreendeu que tinha chegado à entrada norte da cova. Permaneceu ali, apoiada contra uma das paredes, e olhou para trás na semipenumbra. A luta continuava. Ouviu outro choque de aço e um golpe, e de repente houve um assustador silêncio.

Apertou os punhos e os dentes, aguçando o ouvido. Fechou os olhos e ao abri-los, viu que William estava caído no chão e que Eric, de pé junto a ele, tinha a ponta da espada em seu pescoço.

—Levante-se, William. Não vou assassiná-lo aqui. Deve se apresentar diante do rei.

—Não! —exclamou violentamente William— Mate-me agora, viking!

Recordava muito pouco da longa cavalcada que os levou da escuridão da noite à luz do dia e depois de novo à escuridão de outra noite.

Garth realizou o trajeto nos braços de Daria, que movia seus cabelos longos de um lado pra outro, enquanto assegurava a Jon que era uma mulher independente, dona de seu destino, e que tinha sido tão útil quanto qualquer homem.

Rhiannon escutou Daria e depois pôs-se a rir, quando Eric disse que não duvidava que seu pai estaria mais do que disposto a considerar as propostas de casamento que fizessem a menor e voluntariosa de suas filhas. Jon aconselhou Daria que tomasse cuidado, pois talvez fizesse a oferta para ensiná-la qual era o lugar de uma mulher.

Logo Rhiannon e Eric não ouviram mais, porque ele incitou o cavalo branco a adiantar-se. Rhiannon conseguiu abrir os olhos para olhar para ele e perguntar:

—Então, é fácil encontrar mulheres, milord?

—Sim, meu amor, mas eu não me referia às mulheres como você. As mulheres valentes e belas são excepcionais. E a que tenho em meus braços é minha vida. — estreitou-a —.Meu amor, se fosse obrigada a se jogar deste penhasco, meu único desejo teria sido te seguir.

Rhiannon estremeceu e sentiu que ele a apertava ainda mais.

—Mergwin disse que haveria paz se conseguíssemos vencer a tempestade. Meu Deus, Eric! Deu sua vida para me salvar!



—Encontrei—o. Levaram—no para casa.

—Afirmou que não voltaria a ver a Irlanda —sussurrou Rhiannon, com os olhos cheios de lágrimas.

—Chist, carinho, calma. Prometeu—nos paz, então será paz que teremos.

Falaram pouco durante o resto da viagem. Quando finalmente chegaram em casa, Rhiannon tinha adormecido. Seu esgotamento era tão grande que não despertou quando Eric a levou para seu quarto, e continuou dormindo até a manhã do dia seguinte. Adela estava no quarto para lhe dizer que a aguardava um bom banho quente e que depois levaria Garth para ficar com ela.

Rhiannon se levantou e entrou na água. Perguntou—se se alguma vez conseguiria eliminar o asco que produziram as mãos de William ao tocá—la. Depois fechou os olhos, pensando em Mergwin e lamentando sua morte. O ancião tinha chegado a significar muito para ela. Por sorte, enfim estava em casa, viva, e seu filho também estava vivo. E Eric...

Tinham sobrevivido à tempestade...

Ergueu—se para sair da banheira. Estava envolvendo—se em uma toalha, quando Eric entrou. Também seu marido estava com um aspecto infinitamente melhor que o da noite anterior. Banhou—se e lavou a sujeira e o sangue e estava tão majestoso e magnífico como sempre.

Em seguida, se aproximou para estreitá—la em seus braços. Rhiannon se apertou contra ele. Eric a levantou e levou até a cama. Ela correspondeu ao seu beijo com paixão e desejo, mas quando ele tirou a toalha e seus ardentes lábios acariciaram seus seios, agarrou sua dourada cabeça entre suas mãos para afastá—lo.

—Eric, não devemos! —protestou—. Há muitas coisas para fazer esta manhã!

—Como o que?

—Garth, milord. Logo precisará de mim.

—Sim, sim, sem dúvida. Daria está com ele, e o pequeno gosta de beber leite de cabra de um odre de couro.

Rhiannon continuou negando com a cabeça, com os olhos empapados de lágrimas.

—Eric, não devemos! Lembre-se de Mergwin! Temos que rezar por ele, tem que organizar os preparativos para...

—Ah, sim, Mergwin. —Eric se estendeu ao seu lado. Olhou—a com um malicioso brilho azul nos olhos, desafiante— Não há nenhum preparativo para fazer.



—Mas...

—Mergwin está vivo e muito bem. Neste momento, descansa lá embaixo. O único problema que tem agora é que não predisse corretamente sua própria morte. Pediu que meus pais nos visitem, porque decidiu que não pode voltar a pisar em chão irlandês. Então, já que espero a chegada do rei de Dubhlain e sua formosa Rainha, minha mãe, sim teremos que fazer preparativos, mas não neste momento, meu amor.

—Mergwin está vivo? —perguntou ela, com a voz afogada pela emoção.

Eric assentiu. Seu sorriso se alargou, enquanto passava um dedo pelo ventre nu.

—Sim, está vivo —murmurou Eric—, e me ensinou muitas coisas da vida, assim como você me ensinou tudo sobre o amor. Nosso futuro esteve em grave perigo, anteontem à noite. Na realidade, nossa vida em comum esteve infestada de tormentas. Estivemos separados com muita frequência e entre nós chocaram-se espadas e flechas. Por sorte, agora desfrutamos deste tempo aprazível para estarmos juntos, e nossa relação é maravilhosa, como tem que ser a partir de agora por toda nossa vida.

—Sim, meu amor!

Rhiannon estremeceu, agarrou—lhe a mão e beijou os dedos com ternura.

Eric se ergueu, roçou—lhe brandamente os lábios com os seus, olhando—a com olhos sedutores.

—Quando eu nasci, o velho Mergwin assegurou que eu seria um viking, um lobo, como meu pai. E anunciou a Olaf que participaria de incursões vikings pelo mundo, mas que depois uma raposa domaria o lobo. E, quando chegasse esse momento, já não voltaria a procurar aventuras, mas encontraria a paz nos braços de minha selvagem e valente raposa.

Rhiannon assentiu, abriu os braços e o rodeou com eles.

—E eu sou essa raposa, milord?

—Claro que sim. Voluntariosa, impetuosa, fascinante e muito valente; exatamente a companheira que eu desejei. Para toda a vida, carinho, e mais à frente.

—Venha então, meu viking, meu lobo. Ponha seu doce desejo em meus lábios e eu procurarei domá-lo, se puder.



—Com todo meu coração —concordou ele, com uma rouca risada. Fez com que ela rolasse sobre o corpo dele para contemplar a prateada beleza de seus olhos— Sabe, amor, houve outra profecia.

—Sim? —perguntou ela, receosa.

—Mergwin informou que, se aproveitarmos o momento, logo serei pai de uma filha que rivalizará em beleza com os deuses e com sua mãe, é obvio.

Rhiannon pôs—se a rir, mas logo sua risada se desvaneceu quando os lábios dele desceram sobre os seus e afundou na feroz e terna paixão de seu beijo. Em seguida, se sentiu arrebatada pelas ardentes chamas do desejo e se entregou com ansia às infinitas profundidades de seu amor.

Mais tarde, muito mais tarde, estendida ao seu lado, sussurrou:

—Uma filha, meu amor?

—Uma filha.

Rhiannon suspirou satisfeita e se aconchegou na curva de seu braço.

Mergwin não se enganava jamais.

fim



Sobre os Vikings:

Vikings ou viquingues foram membros marítimos da Escandinávia, que também eram comerciantes, guerreiros e piratas. Entre finais do século VIII e do século XI pilharam, invadiram e colonizaram as costas da Escandinávia, Europa e ilhas Britânicas. O período de expansão desses povos é denominado *Era Viking*. Embora sejam conhecidos principalmente como um povo de terror e destruição, eles também fundaram povoados e fizeram comércio pacificamente. A imagem histórica dos vikings mudou um pouco ao longo dos tempos, e hoje já admite-se que eles tiveram uma enorme contribuição na tecnologia marítima e na construção de cidades.



Sobre a autora:

Shannon Drake é o pseudônimo que Heather Graham utiliza para escrever suas novelas históricas.

Heather cresceu em Dade County, Florida, e foi à Universidade de South Florida em Tampa, onde se especializou nas artes cênicas.

Ao acabar os estudos, atuou em teatros, pousou como modelo e trabalhou como garçoneiro. Depois de dar à luz a seu terceiro filho, decidiu concentrar seus esforços em escrever. Vendeu seu primeiro livro em 1982.

Hoje, é uma autora de êxito, como demonstram os mais de vinte milhões de exemplares vendidos, além de aparecer na lista de bestsellers do New York Times, suas novelas lhe têm feito ganhar numerosos prêmios de revistas como Romantic Times, Waldenbooks e BookRak, e várias distinções da crítica e do público. Heather apareceu em Entertainment Tonight, Romantically Speaking, um programa de televisão que é transmitido por todo o país no canal Romance Classics, e também na CBS Sunday News. Suas entrevistas aparecem na People e USA Today. Seus livros foram selecionados para o Doubleday Book Clube e o Literary Guild, e foram traduzidos em mais de quinze idiomas. Publicou mais de setenta títulos, incluindo várias antologias e relatos curtos. De algum modo, esta prolífica autora consegue conduzir tudo ao mesmo tempo: família, carreira, casamento.



Seu conselho para as leitoras românticas: “Ir devagar e procurar tempo para estar juntos”. Seu conselho para as futuras escritoras: “Ler, escrever, ir a conferências e saber para onde mandar o que se escreve”. Seu signo zodiacal: Peixes. Seus livros favoritos: História de duas cidades, de Charles Dickens. The Outsiders, de S.E. Hinton. The Killer Angels, de Michael Shaara, E o Vento Levou, de Margaret Mitchell. Sua canção favorita: Annie’s Song. Seu filme favorito: E o Vento Levou.



GRH

Grupo de Romances Históricos

Tradução e Pesquisa

GRH

Grupo de Romances Históricos

